II Congresso Internacional de Literatura Infantil/Juvenil
III Encontro Nacional de Literatura Infantil/Juvenil

II CILIJ / III ENLIJ

Complexidades Contemporâneas



CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E RESUMOS



Regina Michelli
Flavio García
Eveline Coelho Cardoso
(Orgs.)

II CILIJ / III ENLIJ

II Congresso Internacional de Literatura Infantil/Juvenil
III Encontro Nacional de Literatura Infantil/Juvenil

Complexidades Contemporâneas

CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E RESUMOS DO II CILIJ / III ENLIJ

REGINA MICHELLI
FLAVIO GARCÍA
EVELINE COELHO CARDOSO
(Orgs.)

NELIJ-UERJ
Núcleo de Estudos em Literatura Infantojuvenil da UERJ

2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Reitora: Gulnar Azevedo e Silva
Vice-Reitor: Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues

NELIJ-UERJ
Coordenação: Regina Michelli

Edição: Regina Michelli; Flavio García; Eveline Coelho Cardoso
Assistente editorial: Elisa da Silva Santana
Capa: Marcelo Marcus Perim e Daniela Amorim Cima
Imagem da capa: Felipe Campos
Diagramação: Marcelo Marcus Perim
Revisão Técnica: Elen Pereira de Lima e Regina Michelli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Congresso Internacional de Literatura Infantil/Juvenil (2. : 2025 : Rio de Janeiro)
Encontro Nacional de Literatura Infantil/Juvenil (3. : 2025 : Rio de Janeiro)
Complexidades contemporâneas

Caderno de Programação e Resumos do II CILIJ / III ENLIJ [livro eletrônico] / organização de Regina Michelli, Flavio García, Eveline Coelho Cardoso. — Rio de Janeiro : NELIJ-UERJ, 2025.
3,4 Mb ; PDF

Resumo dos trabalhos apresentados de 28 a 30 de maio de 2025
Disponível em : https://www.nelij.uerj.br/publicacoes
ISBN 978-65-01-48643-7 (e-book)

1. Literatura infantojuvenil – Congressos 2. Crítica literária - Congressos I. Título II. Michelli, Regina III. García, Flavio III. Cardoso, Eveline Coelho IV. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Núcleo de Estudos em Literatura Infantojuvenil

25-2440 CDD 809.89282

Angélica Ilacqua - Bibliotecária - CRB-8/7057

NELIJ-UERJ – Núcleo de Estudos em Literatura Infantojuvenil da UERJ
Rua São Francisco Xavier, 524, sala 11007 - Bloco D, Maracanã
Rio de Janeiro - RJ - CEP 20550-900

Coordenação Geral

Regina Michelli (ILe-UERJ)

Flavio García (ILe-UERJ)

Eveline Coelho Cardoso (ILe-UERJ)

Comissão Organizadora

Alexandre Xavier Lima (CAp-UERJ)

Anabel Medeiros Azerêdo de Paula (SEEDUC-RJ)

Ana Paula Oliveira Macri Rodrigues (PPGL-UERJ)

Angélica de Oliveira Castilho Pereira (CAp-UERJ)

Cassiana Lima Cardoso Vieira (FFP-UERJ)

Cláudia Suely Rosa Marapodi (NELIJ-UERJ)

Daniela Amorim de Cima (ART-UERJ)

Elen Pereira de Lima (PPGL-UERJ)

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira (UNESP-Assis)

Elisa da Silva Santana (PPGL-UERJ)

Eloisa Porto Corrêa Allevato Braem (FFP-UERJ)

Felipe Ribeiro Campos (UFF)

Fernanda da Silva Ferreira Ramos (PPGL-UERJ)

Gabriella Marinho da Silva (IC-UERJ)

Isabel Arco Verde Santos (ILe-UERJ)

Jefferson Evaristo do Nascimento Silva Alves (ILe-UERJ)

Juliana Félix Henrique de Almeida Rego (UFRJ)

Laryssa da Silva Santana (IC-UERJ)

Leila de Carvalho Mendes (FEBF-UERJ)

Marcelo Marcus Perim (PROATEC NELIJ-UERJ)

Márcia Cabral da Silva (Edu-UERJ)

Márcia Cristina Alves dos Santos (CAp-UERJ)

Maria Victória Chaves Herculano da Silva (IC-UERJ)

Mariana da Costa Valim (CAp-UERJ)

Phelipe de Lima Cerdeira (ILe-UERJ)

Pietro Jose Ferreira Mendes (Ext-UERJ)

Rafaelli de Miranda Pereira (Ext-UERJ

Raphael Ribeiro Fernandes (LABSEM-UERJ)

Rejane Mendes Duran Dirques Cavalcante (PPGL-UERJ)

Rosa Maria Cuba Riche (CAp-UERJ)

Severina Jardeleia de Amorim Silva Cima (PPGL-UERJ)

Tatiane Ludegards dos Santos Magalhaes (LABSEM-UERJ)

Thalita Carvalho de Lima (IC-UERJ)

Thayane Gaspar Jorge (UFRJ-UERJ)

Tuane da Silva de Mattos (NELIJ-UERJ)

Vitoria Carolina Reis da Silva (ID-UERJ)

Comitê Científico

Ana Crélia Penha Dias (UFRJ)

Alejandra Judith Josiowicz (ILe-UERJ)

Beatriz dos Santos Feres (UFF)

Cyntia Graziella Guizelim Simões Girotto (UNESP-Marília)

Edgar Roberto Kirchof (ULBRA)

Jane Fraga Tutikian (UFRGS)

Margareth Silva de Mattos (UFF)

Maria Carolina Zapiola (UNGS, Argentina)

Maria da Natividade Carvalho (IPCB, Portugal)

Maria Zilda da Cunha (USP)

Marta Neira Rodriguez (USC, Espanha)

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

Norma Sueli Rosa Lima (FFP-UERJ)

Patrícia Aparecida Beraldo Romano (UNIFESSPA)

Ramón Tena Fernández (UEx, Espanha)

Renata Junqueira de Souza (UNESP-Pres. Prudente)

Rita de Cássia Silva Dionísio Santos (UNIMONTES)

Sara Raquel Duarte Reis da Silva (UMinho, Portugal)

Shirley de Souza Gomes Carreira (FFP-UERJ)

Teresa Helena Vieira Cordato de Noronha (EPM-CELP, Moçambique)

Thiago Alves Valente (UENP)

Thyago Madeira França (UFTM)

Vera Teixeira de Aguiar (PUC-RS)

ÍNDICE

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO **23**

PROGRAMAÇÃO GERAL **25**

QUADRO GERAL DOS SIMPÓSIOS **28**

SIMPÓSIOS: SESSÕES E RESUMOS **30**

SIMPÓSIO 1 - LEITURA, LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, PROCESSOS DE MEDIAÇÃO E FORMAÇÃO DO LEITOR **31**

1.1. Mariana Fernandes Vasconcellos: A formação de leitores literários nos anos finais do Ensino Fundamental através de clube de leitura realizado em turno extraclasse 33

1.2. Patrícia Braga do Desterro, Giselle Macieira Paes, Daniel Kaíque Oliveira de Albuquerque e Luísa Gabriel Terra: O clube literário *Encontros* e as rodas de leitura com crianças no Museu Nacional da UFRJ 33

1.3. Giovana Cerqueira Lopes Nunes, Cláudia Fernandes de Amorim de Oliveira e Márcia Cabral da Silva: A mediação e a formação leitora nas rodas de leitura literária na EDU 34

1.4. Maria Laura Pozzobon Spengler e Desiree Leslie Silveira: Editais culturais e formação de leitores: experiências de mediação de leitura em SC 34

1.5. Leoneide Maria Brito Martins: O portfólio como ferramenta cultural multifacetada na formação de mediadores de leitura: ler, registrar, avaliar, ressignificar 35

1.6. Cilza Carla Bignotto: *As manhãs da avó* (1875), de Victoria Colonna: representação de mediações de leitura no primeiro livro infantil brasileiro 35

1.7. Alessandra Bezerra dos Santos Andrade e Kenia Adriana de Aquino: Mediações literárias com a obra *Os dengos na moringa de Voinha* 36

1.8. Maria Joaquina Silva Sousa e Patrícia Aparecida Beraldo Romano: Literatura infantil, ética, estética e análise do conto "A roupa nova do imperador", de Hans C. Andersen 36

1.9. Luiz Fernando da Costa Soares e Márcia Cabral da Silva: Práticas de mediação na formação de leitores: reflexões sobre a obra *Theatro infantil* (1904) de Olavo Bilac e Coelho Neto 37

1.10. Márcia Miranda Chagas Vale e Fabiane Verardi: Quando contamos e tecemos histórias transcendemos espaços e culturas: uma leitura de amizade, imaginação e liberdade em *Kafka e a Boneca viajante* 37

1.11. Daniel Weller: Literatura e empatia: pequenos giros de leituras triplas que ligam tudo e todos 38

1.12. Luiz Carlos Coelho de Oliveira, Jade Antunes Gonçalves Navarro de Britto e Victória Maria de Souza Soares: A chamada temática e o poema na mochila: duas experiências significativas 38

1.13. André Luís Mourão de Uzêda, Géssica Moreira Ramos e Esther Martins Monteiro: Ler à margem das convenções: mediação literária, leitura de poesia e formação docente inicial 39

1.14. Marcela Afonso Fernandez: Formação de professores-leitores: por uma escuta da presença 39

1.15. Nazareth Salutto: Literatura infantil e pedagogia: elementos para uma formação humana e responsável 40

1.16. Luiz Carlos Coelho de Oliveira, Maria Eduarda Pereira Costa e Polyanna Vitoria Brito do Nascimento: Oficina literária: o conto distópico 40

1.17. Paloma Rezende de Oliveira, Thaís Regina da Costa de Jesus e Lilyan Pereira Moreira: Construindo memórias com a literatura e temas fraturantes 41

1.18. Maria Eduarda Martins Rodrigues, Fabrícia Vellasquez Paiva, Brenda Cristina da Silva e Silva e Maria Eduarda Conceição da Silva: A contação de histórias infantojuvenis enquanto porta da literatura para adolescentes 41

1.19. Márcia Cabral da Silva: A formação literária do autor Elias Canetti no âmbito da família 42

1.20. Andrezza Gontijo e Cláudio Pires Viana: Literatura infantil e formação humana: por uma educação humanizadora desde a infância 42

SIMPÓSIO 2 - LIVRO-OBJETO E MATERIALIDADE NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL 43

2.1. Renan Luís Salermo: O audiolivro nas mãos: a experiência material de ouvir histórias com as Tonies 44

2.2. Diego Fernandes Coelho Nunes e Fernando Rodrigues de Oliveira: O clube da leitura e a promoção de leitura literária no contexto da deficiência visual 45

2.3. Raquel Donegá de Oliveira e Mara Sizino da Victória: Criação e uso do livro sensorial lúdico no processo de Avaliação Psicológica Infantil (API) 45

2.4. Dilaine de Oliveira Pereira e Andreia de Oliveira Alencar Iguma: A materialidade como articuladora de sentidos no livro *Zubair e os labirintos*: o leitor em ação 46

2.5. Diana Navas e Luara Teixeira de Almeida: O livro-objeto na literatura infantil: materialidade e inclusão 46

2.6. Anna Luiza Lima Guimarães e Vera Lucia Follain de Figueiredo: A literatura em miniatura: brincadeira de autor para leitor 47

2.7. Carmen Pimentel: Subvertendo a leitura em *Bibi*, de Gustavo Piqueira 47

2.8. Natália Bonadia da Silva Fulgencio e Catarina Moro: A representatividade racial na Literatura infantil do PNLD: uma análise crítica dos livros aprovados para a pré-escola 48

2.9. Henrique Magalhães dos Santos e Mônica de Menezes Santos: Saberes infantis e adultocentrismo: o livro-imagem como o lugar onde o subalterno pode falar 48

2.10. Cristiane do Couto de Moraes e Regina Michelli: A linguagem verbal e a ilustração na construção de significados: “Fita verde no cabelo” e *O guarda-chuva verde* 49

2.11. Vivian Maria Marcondes: Era uma vez, agora é só lama: a degradação ambiental e impactos causados, contados em imagens e palavras 49

2.12. Edgar Roberto Kirchof e Rosa Maria Hessel Silveira: Ficção sobre ficção: a metaficcionalidade em Richard Byrne e Andy Lee 50

2.13. Janaina Freire de Oliveira dos Santos: As dobras e desdobras na experiência de leitura com *O dia se desdobra*, de Juliana Storto 50

2.14. Andreia de Oliveira Alencar Iguma: *Um lugar chamado aqui*: encontros e desencontros na literatura juvenil premiada 50

2.15. Carla Sass Sampaio, Anna Carolina Cabral de Andrade da Matta Machado e Ana Beatriz Corrêa Mesquita da Silva: A literatura com e para crianças no 1º ano do CAp-UERJ 51

SIMPÓSIO 3 - LITERATURA INFANTIL/JUVENIL SOB ATAQUE: CENSURA, INTERFERÊNCIA E OS DESAFIOS PARA A LIBERDADE DE EXPRESSÃO LITERÁRIA 52

3.1. Lucecleia Francisco da Silva e Maria Amélia Dalvi: Leitura em contextos de adversidade: a formação de jovens leitores na periferia 54

3.2. Denise da Silva Lipinski Godoi e Rafael Ginane Bezerra: *O pato, a morte e a tulipa*: circuito narrativo com professoras das séries iniciais 54

3.3. Yasmin Queiroz Santos Sanches e Mônica de Menezes Santos: Do silêncio ao papel: o enfrentamento da violência sexual na infância através da literatura infantil 55

3.4. Anabel Medeiros Azerêdo de Paula: O silenciamento da homossexualidade nas bibliotecas escolares 55

3.5. Thyago Madeira França: Infância, neoliberalismo e autocuidado: discursos de ataque e censura na literatura 56

3.6. Jakeline Nascimento Sous e José Humberto Rodrigues dos Anjos: Mediação de leitura com temas fraturantes: a questão de gênero em *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga 56

3.7. Isabela Feliciano Moreira e Patricia Rodrigues Rezende: O (não) espaço da literatura negra no Material Rioeduca: desafios para a educação literária 56

3.8. Alessandra Rodrigues de Moraes e Maria Betânia Almeida Pereira: Literatura infantojuvenil e a Lei 10639/03: educação antirracista em turmas do Ensino Fundamental II 57

3.9. Regina Michelli: Felicidade nada instantânea e o percurso de enfrentamentos existenciais: *O coração de Corali*, de Eliane Ganem, e *Farol*, de Felipe Campos 57

3.10. Carla Patrícia Vasconcelos Seixas: Descolonizando a escola: a literatura infantil como ferramenta para o combate ao racismo e para a formação da identidade étnico-racial 58

3.11. Júlia das Neves Mateus, Chirley Domingues, Ângela Maria Franco Martins Coelho de Paiva Balça e Paulo Jaime Lampreia Costa: Temas polêmicos em obras literárias: datas marcantes de uma sociedade 58

3.12. Ludmila Magalhães Naves, Ângela Maria Franco Martins Coelho de Paiva Balça: Quando a literatura para a infância assinala a memória e a democracia em Portugal e no Brasil 59

3.13. Marianna Alberche Morigi, Elisa Henriques da Motta e Marília Forgearini Nunes: Literatura infantil, mediação de leitura e redes sociais: análise de perfis do Instagram 59

3.14. Cristiane Nascimento de Oliveira Sales, Ingrid Silva Rios Pereira e Ana Crelia Penha Dias: Autonomia e liberdade na formação do leitor literário 60

3.15. Érisson José Chagas de Carvalho e Regina Michelli: A censura em dois tempos: *Os Saltimbancos* e *O Menino Marrom* 60

3.16. Bárbara Santos Soeiro e André Figueiredo Brandão: A "ideologia de gênero" e a concepção neofascista da infância 61

3.17. Elen Pereira de Lima e Regina Michelli: O abuso sexual como tema fraturante em *O abraço*, de Lygia Bojunga 61

3.18. Mariane Del Carmen da Costa Diaz: Por uma literatura infantojuvenil enegrecida: experiências literárias numa escola de Ensino Fundamental no município do Rio de Janeiro 62

SIMPÓSIO 4 - LIVROS DE IMAGENS E LIVROS ILUSTRADOS: CORES, FORMAS E SENTIDOS ..63

4.1. Gabriel Dottling Dias: Travessia e sonho em *O beijo da palavrinha*, de Mia Couto 65

4.2. Luisa Setton: Aproximações e diferenças entre os livros-ilustrados e os livros-imagem: estudos de composição e narrativa 65

4.3. Karen Belarmino Lourenço da Silva e Ana Crélia Penha Dias: *O Menino Azul*: a concretização dos desejos do menino azul de Cecília Meireles por meio das ilustrações de Elma 66

4.4. Gerson Luís Pomari: Funções narrativas da imagem: a representação visual da voz narrativa e da focalização no livro ilustrado 66

4.5. Marivaldo Omena Batista e Renata Junqueira de Souza: Entre versos, imagens e paratextos: uma análise multissemiótica de *Escritos em Verbal de Ave* e *Poeminha em língua de brincar* 67

4.6. Fernando Teixeira Luiz: Do castigo à liberdade: o percurso da personagem-criança na ilustração do livro infantil brasileiro 67

4.7. Mariana Miranda Máximo e Saulo Gomes Thimoteo: *João por um fio*: a trama artística de Roger Mello 68

4.8. Sheila Bischoff Rocha, Gisele Federizzi e Marília Forgearini Nunes: O texto visual em dois livros literários voltados ao Ensino Fundamental II: essencial, potencializador ou acessório ao texto verbal? 68

4.9. Larissa Santos Cordeiro da Silva: *Talvez você consiga:* o encontro entre palavra, imagem e sensibilidade 69

4.10. Juan Victor Lisboa Primo, Isabel Ramiry Matos e Kenia Adriana de Aquino: Entre linhas e rabiscos: a construção de sentido em *Pode pegar!* de Janaína Tokitaka 69

4.11. Josiele Vita da Silva Tavares, Ilsa do Carmo Vieira Goulart e Renata Junqueira de Souza: Dimensões narrativas e estéticas nos livros de imagens: um estudo de *Cabo de Guerra,* de Ilan Brenman e Guilherme Karsten 70

4.12. Roberta Alves Silva Coimbra e Maria Betânia Almeida Pereira: Ilustração em obras literárias infantis/juvenis: um estudo sobre a coautoria do ilustrador 70

4.13. Anicézia Pereira Romanhol Bette: *A vaca que botou um ovo*: paratextos e mediação literária na Educação Infantil 71

4.14. Karynne de Araujo Silva, Cassiana Keila da Silva e Kenia Adriana de Aquino: Elementos paratextuais e compreensão leitora na Educação Infantil. Uma análise da obra: *Ramon Fellini: o ~~gato~~ cão detetive* 71

4.15. Tânia Márcia Tomaszewski, Marília Forgearini Nunes e Franciele Vanzella da Silva: Itinerários de leitura: planejamento e encantamento na mediação literária 72

4.16. Elena Stowell e Renata Junqueira de Souza: Os sentidos da metamorfose em livros infantis nacionais e estrangeiros 72

4.17. Luciana Carolina Santos Zatera e Gisele Thiel Della Cruz: Possibilidades de leitura para a obra *A extraordinária jornada de Edward Tulane*: reflexões sobre o livro ilustrado 73

4.18. Fernanda Rios de Melo: Viradas no livro-álbum: a construção de expectativas 73

4.19. Ester Ingrid Alves da Silva, Ana Júlia Figueirôa Alves e Robson Teles Gomes: *Atchim!*: o diálogo entre a poesia de Miró e as ilustrações de Cau Gomez na construção de sentidos 73

4.20. Jaqueline Oliveira dos Santos: Personagens literários em Eva Furnari, as crianças leitoras e a ilustração - algumas aproximações 74

4.21. Guilherme Corezola Vieira e Marília Forgearini Nunes: Literatura infantil e o olhar para o espaço urbano: análise das capas dos livros do PNLD objeto literário 2018 para os anos iniciais do Ensino Fundamental 74

4.22. Adriana Jesuino Francisco e Renata Junqueira de Souza: Para além das palavras: a importância da linguagem visual em *Sulwe* 75

4.23. Lauriana Fogaça Ferreira dos Santos, José Firmino de Oliveira Neto, Ronnan Raimere Cavalcante Mota e Maria Auxiliadora Fernandes Justiniano: Concepções de natureza na literatura infantil: em questão o livro ilustrado *Fio de rio*, de Anita Prades 75

4.24. Alberto Roiphe: Narrativas visuais e formação de professores 76

SIMPÓSIO 5 - LITERATURA INFANTIL E JUVENIL (LIJ): LEITURA E ENSINO 77

5.1. Lais de Almeida Cardoso: Literatura infantil na primeira infância: O papel da escola e do mediador de leitura 79

5.2. Hebe Duarte de Andrade, Maluf Resende e Aira Suzana Martins Ribeiro: Literatura infantil e alfabetização: fortalecendo vínculos e expandindo horizontes 80

5.3. Thaís Bernardi Fagundes e Catarina Moro: Pesquisas acadêmicas acerca do trabalho com a literatura literária em instituições de Educação Infantil 80

5.4. Lara Rakel Trindade da Cruz Silva e Jamilly Starling Santos de Jesus: Brincando com Fadas: uma experiência de mediação da leitura literária com bebês na Creche UFBA 81

5.5. Luiz Guilherme Ribeiro Barbosa: Chaves para o reino das palavras: uma abordagem do poema visual na Educação Básica 81

5.6. Priscila da Conceição Viégas: Conectando letras e sons: a prática *booktube* como ferramenta pedagógica 82

5.7. Tania Maria Nunes de Lima Camara: *Cachinhos de prata*: realidade com poesia 82

5.8. Mariana Nunes Marinho: Leitura literária e ensino de gramática no 6º ano: explorando ludicidade e sentidos no conto “Coisas de menino”, de João Anzanello Carrascoza 83

5.9. Alessandra Cristina Costa Mendes: Letramento literário: intertextualidade e formação do leitor 83

5.10. Denise Guilherme Viotto: Critérios de seleção de livros para crianças no Programa Minha Biblioteca: o “adulto escondido” nas escolhas de livros para infâncias 84

5.11. Márcia Sepúlvida do Vale e Ana Crelia Penha Dias: PNLD Literário 2024: novas temáticas, velhas desigualdades 84

5.12. Gabriela Mendes Morais e Rafaela Kelsen Dias: Estudos sobre formação leitora e a leitura escolarizada entre alunos do Ensino Médio: estado da arte 85

5.13. Juliana Felix Henrique de Almeida Rego: A educação literária no ensino médio 85

5.14. Larissa Paiva Seadi e Marília Forgearini Nunes: Estudo de materiais de apoio ao professor do PNLD 2018 Objeto Literário para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental: formação para a leitura literária 85

5.15. Giovanna Santos Coelho da Silva e Angélica de Oliveira Castilho Pereira: Por dentro da bolsa amarela, seus gêneros textuais 86

5.16. Lisleine Loss Lourenço Furriel e Tania Maria Nunes de Lima Camara: A leitura crítica em *O fantástico mistério de Feiurinha*: estratégias teatrais de ensino com alunos de 7º ano 86

5.17. Ana Paula Oliveira Macri Rodrigues: “Minha árvore tem mistérios que não consigo decifrar”: reflexões sobre níveis de leitura 87

5.18. Renata de Mello Santos Leviski: O estudo de mitologias como motivação para o letramento informacional 87

5.19. Gisele de Assis Carvalho Cabral, Ana Paula Munarim Ruz Lemos e Cyntia Graziella Guizelim Simões Girotto: A conversação literária de uma obra do PNLD literário 2018 no 5º ano do Ensino Fundamental 88

5.20. Juliene Kely Zanardi: Revisitando estórias: uma leitura comparada de "Fita verde no cabelo" e "Chapeuzinho Vermelho" 88

5.21. Luciana Vilaça da Silva: Uso de narrativas literárias no ensino de Ciências: alfabetização científica e representatividade nos anos iniciais do Ensino Fundamental 89

5.22. Solange Aparecida da Costa Cunha Cesario, Kelly Cristiane Henschel Pobbe de Carvalho: Letramento literário nas aulas de Língua Inglesa no Ensino Fundamental I: uma proposta de intervenção pedagógica 89

5.23. Marcílio Moreira Paes, Tatiane Garcia dos Santos Fernandes de Oliveira e Ana Crelia Penha Dias: A construção de itinerários de leitura literária como prática no planejamento do professor de Literatura/Língua Portuguesa 90

5.24. Ana Mabell Seixas Alves Santos e Sávio Rafael Araújo Pereira: Uma samaumeira, alguns bichos, um livro e um projeto bilíngue: uma experiência ecológico-literária no Ensino Fundamental 90

5.25. Vanessa Cordeiro França: Subjetividade leitora: onde habita a fruição dos jovens leitores? 91

5.26. Patricia Lapot Costa, Cláudio Pires Viana e Edione Marques da Silveira Passos: Leitura deleite no grupo *Ledeiras*: a literatura infantil na formação estética de professores 91

5.27. Beatriz da Cunha Duarte e Tania Maria Nunes de Lima Camara: *Torto arado*: análise e possibilidades 92

5.28. Rosana Carvalho Dias Valtão: Entre história da literatura, enredos e temas: a leitura de literatura nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Médio 92

5.29. Mariléia Zélia Teixeira, Chirley Domingues e Aracilba Aparecida Serafim Rodrigues: Literatura para todos: a literatura infantil e a formação de leitores jovens e adultos 92

SIMPÓSIO 6 - LITERATURA INFANTIL E JUVENIL BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA 94

6.1. Wanessa Rodovalho Melo Oliveira: A Turma da Mônica em *Amiguinhos da vida*, uma HQ inclusiva 96

6.2. Jenny Iglesias Polydoro Fernandez: A metaficção historiográfica em *Lampião na cabeça*, uma biografia romanceada por Luciana Sandroni 96

6.3. Adele Grostein: Humor e subversão na obra *Brincaliques quase travalínguas*, de Tatiana Belinky e Renata Vilanova 97

6.4. Sônia Maria Milone de Freitas Travassos e Liana Garcia Castro: Temas fraturantes na literatura infantil brasileira contemporânea 97

6.5. Cristina de Oliveira do Nascimento e Sandra Trabucco Valenzuela: O ressentimento em *Quase de Verdade* e *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector: uma chave de leitura por meio da metaficção. 98

6.6. Aroldo Jose Abreu Pinto: A plenitude da palavra e o silêncio no conto "Bituca", de Ricardo Ramos 98

6.7. Rafaela Stopa: *Na teia do morcego*, de Jorge Miguel Marinho: personagens e leitores entre luzes e sombras 98

6.8. José Firmino de Oliveira Neto e Raquel Pereira Soares: "Eu tenho o direito de ser criança": livros informativos e o direito das crianças 99

6.9. Aline Cesar Carvalho e Mônica de Menezes Santos: O protagonismo feminino no mercado editorial infantil brasileiro contemporâneo 99

6.10. Johny Paiva Freitas: A infância timbrada pelo trauma no romance *A menina que desenhava com amoras*, de Elinete Miller 100
6.11. Angelica de Oliveira Castilho Pereira: Onde a magia encontra o real: Pilar e seu diário 100
6.12. Alexandre Xavier Lima: *O coração às vezes para de bater* - na sala de aula 100
6.13. Elisa da Silva Santana e Regina Michelli: Quando o leitor se torna escritor e vice e versa - tecendo observações sobre *Intramuros*, de Lygia Bojunga 101
6.14. Flávio Martins Carneiro e Fellipe Alves Monteiro: A casa como signo: representações da família em Lygia Bojunga 102
6.15. Ismael Francisco Soares de Oliveira e Robson Teles Gomes: Abordagem da temática perda em obras infantojuvenis 102
6.16. Luane da Silva Mendonça de Jesus e Ana Crelia Penha Dias: Literatura juvenil ou literatura que o jovem lê?: A visão do mercado editorial 102
6.17. Mônica Virginia da Silva e Angélica de Oliveira Castilho Pereira: Entre pincéis e sombras: a ditadura e seus ecos em *O meu amigo pintor* 103
6.18. Renata Caroline Penzani: Tudo era uma vez: uma leitura das infâncias e da morte nos contos *Fita verde* no cabelo e *Mandí reko* 103
6.19. Laryssa da Silva Santana e Regina Michelli: O ogro no cenário do maravilhoso: a vilania e suas metamorfoses em narrativas tradicionais e contemporâneas 104
6.20. Rafaelli de Miranda Pereira e Regina Michelli: Fios da mitologia grego-romana em histórias de Cinderela 104
6.21. Luana Rodrigues Papalardo e Alexandre Xavier Lima: O letramento literário no Fundamental II 105

SIMPÓSIO 7 - LIJ E QUADRINHOS: HISTÓRIAS ORIGINAIS E ADAPTAÇÕES 106

7.1. Olga Cristina Carneiro de Andrade e Nataniel dos Santos Gomes: Literatura infantojuvenil e quadrinhos: Marvel e a convergência entre histórias originais e adaptações 108
7.2. Katia Teonia Costa de Azevedo: Antiguidade Clássica em quadrinhos: a adaptação de obras gregas e romanas para jovens 108
7.3. Renato César Alves da Silva e Nataniel dos Santos Gomes: Da sacralidade do texto bíblico à adaptação: uma análise linguística e imagética da *Bíblia em ação* 109
7.4. Bruno Ricardo de Souto Leite: Adaptação em quadrinhos e ironia: o caso *O beijo no asfalto* 109
7.5. Filipe Fraga de Aguiar: Shakespeare em quadrinhos: aproximando crianças e jovens de leituras profundas 110
7.6. Luciana de Castro Souza e Nataniel dos Santos Gomes: *Dois irmãos* em quadrinhos: uma nova saga em busca da construção da identidade amazônida 110
7.7. Deborah Covre Simão Martim e Nataniel dos Santos Gomes: O zodíaco chinês em mangá: mitologia, identidade e preservação cultural em *Fruits Basket* (1999) 111
7.8. Antônia Aparecida da Silva Lemes: O Homem Aranha e a leitura infantojuvenil: análise do arquétipo herói da Marvel 111
7.9. Marilda Covre Lino Simão Martim e Nataniel dos Santos Gomes: Vida, expectativa, esperança em *Morte* de Carlos Ruas 111
7.10. Nataniel dos Santos Gomes: Os valores materializados na graphic novel *SHAZAM! O poder da esperança*, de Paul Dini e Alex Ross 112
7.11. Carlos Roberto Antunes: Histórias em quadrinhos no ensino: educação fiscal, cidadania, leitura e ludicidade 112

7.12. Ana Carolina Recalde Gomes, Marina Duarte Ferreira Maidana e Nataniel dos Santos Gomes: Educação Fiscal no MS: dialogando com o público infanto-juvenil por intermédio dos quadrinhos 113

7.13. Rafael Guimarães Nogueira: Traços e vazios de um clube de leitura de HQs: um relato de experiência no Ensino Médio Técnico 113

7.14. Wagner Pavarine Assen e Nataniel dos Santos Gomes: *Persépolis* e os regimes autoritários em quadrinhos: uma análise sobre a narrativa autobiográfica de Marjane Satrapi 114

7.15. Katia Juliane Lopes de Oliveira e Nataniel dos Santos Gomes: Os personagens das histórias em quadrinhos na terceira idade: uma análise sobre a representatividade 114

7.16. Nobuyoshi Chinen: Tayó e Luana: meninas negras na transição entre livro ilustrado e quadrinhos ou vice-versa 114

7.17. Janayna Rocha da Silva e Ilana da Silva Rebello: A construção dos imaginários sociodiscursivos das empregadas domésticas em "Os santos: uma tira de humor ódio", de Leandro Assis e Triscila Oliveira 115

7.18. Bruno Aguinaldo Feitosa: *Asterix e Obelix*: multimodalidade, humor e cultura nos quadrinhos infantojuvenis 115

7.19. Carolina Barbosa Moura Salina e Nataniel dos Santos Gomes: Humor gráfico em *Bone*, de Jeff Smith 116

7.20. Tais Turaca Arantes: Histórias em quadrinhos e a formação do leitor: um relato de experiência 116

7.21. Eveline Coelho Cardoso: Humor entre palavra e imagem: *Persépolis* à luz da Semiolinguística 117

7.22. Carolina Hessel Silveira: Alcéia e Meméia; Madame Min e Maga Patalójika - as personagens bruxas nas histórias em quadrinhos 117

7.23. Felipe Ribeiro Campos: O dispositivo e o contrato de comunicação: análise de *O mundo assombroso* a partir do olhar de quem ilustra uma história em quadrinhos 117

SIMPÓSIO 8 - LITERATURA INFANTIL/JUVENIL E SUAS RELAÇÕES COM OUTRAS ARTES. ONTEM, HOJE E SEMPRE 119

8.1. Ingrid Balbino Reis e Sandra Trabucco Valenzuela: *A história sem fim*: a adaptação da literatura para as telas 121

8.2. Tarcísio de Souza Peres e Sandra Trabucco Valenzuela: O conto "The Minority Report" e sua adaptação para o cinema: Inteligência Artificial e Pós-Humanismo como elementos narrativos 122

8.3. Claudia Valença de Lira Santos e Simone Maria Bacellar Moreira: Entre páginas e telas: a intermidialidade em *O conto da Aia* e a formação crítica de jovens leitores 122

8.4. Sandra Trabucco Valenzuela: *A guerra*: arte, cinema e simbologia na obra de José Jorge Letria e André Letria 123

8.5. Simone Maria Bacellar Moreira, Rosângela Gomes Ferreira e Elaine Cristina Carvalho Duarte: Vozes e corpos femininos em resistência: a literatura juvenil de *O Conto da Aia e Persépolis* 123

8.6. Laura Rebouças Vasconcelos e Simone Maria Bacellar Moreira: Cantigas populares como manifestações de literatura infantil 124

8.7. Aline Maria Freitas Bussons: Literatura Infantil e Música Popular Brasileira na redemocratização do Brasil: uma proposta de análise da *Coleção Taba: histórias e músicas brasileiras* (1982) 124

8.8. Rosely Gonçalves Coutinho: Literatura e arte, experiências de narrativas da cultura popular no Museu do Pontal 125

8.9. Brenda Soares Cunha da Silva, Simone Maria Bacellar Moreira e Isabella Vasconcelos Silva: Raízes literárias: ancestralidade e letramento através das artes e da literatura 125

8.10. Flávia Maria Reis de Macedo: As marcas do surrealismo no livro de literatura juvenil brasileira: *As coisas de que não me lembro, sou*, de Jacques Fux e Raquel Matsushita 126

8.11. Sergio Manoel Rodrigues: Marginalidade no teatro para crianças de Plínio Marcos 126

8.12. Elena Fiorin e Sandra Trabucco Valenzuela: *Romieta e Julieu*: leitura e multimodalidade no discurso. A linguagem visual e a digital como pilares da narrativa contemporânea 126

8.13. Maria do Socorro Camelo Sousa: Diálogos entre literatura e teatro: os processos de criação das montagens cênicas do Projeto Teatral Canoeiros e Canoeiras das Palavras 127

8.14. Eloisa Porto Allevato Braem: Luta por direitos em *OS SALTIMBANCOS*: relações verbo-visuais 127

8.15. Laís Silva Alcântara de Oliveira e Simone Maria Bacellar Moreira: A representação do herói em *O caçador cibernético da rua 13*: uma proposta de letramento literário 128

8.16. Ana Luiza da Costa Pereira e Elaine Cristina Carvalho Duarte: Animes e Mangás nas escolas: o uso da cultura pop japonesa como valorização da literatura 128

8.17. Thalita Alves da Silva Costa e Simone Maria Bacellar Moreira: Círculos de Letramento: estímulo a leitura, criação e reflexão crítica no ensino público 129

8.18. Mylena de Souza Pires e Simone Maria Bacellar Moreira: Caminhos para a inclusão universitária: um relato de experiência na oficina de leitura do Projeto Saber Para Mudar 129

8.19. Amanda do Nascimento dos Santos Almeida: Relações cronotópicas e culturais em literatura infantil contemporânea 130

8.20. Suzana Lima Vargas do Prado, Livia Ferreira Coutinho Alonso e Larissa Carvalho Pinheiro: A colaboração entre bibliotecários e professores na dinamização da leitura: literatura, arte e práticas educativas 130

8.21. Cassiana Lima Cardoso Vieira: Alice no país das emoções: da literatura de Lewis Carroll às pinturas de Aline Klem 130

8.22. Renata Sant Anna de Godoy Pereira: Histórias da arte para crianças: entre livros e obras 131

8.23. Karen de Azevedo Acioli: A literatura infantil como ponte entre linguagens artísticas e as infâncias contemporâneas 131

8.24. Giselle de Araújo Coutinho,Tiago Costa de Souza e Simone Maria Bacellar Moreira: Preenchendo vidas e vazios: a literatura como caminho para o desenvolvimento emocional das crianças 132

8.25. Ligia Razera Gallo e Sandra Trabucco Valenzuela: Cinderela e Shrek: a fada madrinha e as complexidades contemporâneas 132

SIMPÓSIO 9 - LITERATURA INFANTIL/JUVENIL E DIVERSIDADE 134

9.1. Rejane Mendes Duran Dirques Cavalcante: Literatura negro afetiva no livro *Mesma nova história* 135

9.2. André Marques da Silva: A dimensão argumentativa do narrar em contos ilustrados: da representatividade negra ao antirracismo 135

9.3. Cristiane Vieira da Graça Cardaretti: Reencantando corpos, tecendo identidades: a literatura infantil afrodescendente como celebração da ancestralidade e da resistência 136

9.4. Luciana da Silva Gomes e Patricia Ferreira Neves Ribeiro: A (des)construção do estereótipo da mulher / mãe presidiária pela ética do amor no livro ilustrado *A melhor mãe do mundo* 137

9.5. Glauciene Batista de Barros e Beatriz dos Santos Feres: Katniss Everdeen: uma quebra da performance tradicionalista feminina no romance distópico J*ogos Vorazes* 137

9.6. Gabrielli Barros da Silveira e Sandra dos Santos Andrade: Deficiências invisíveis: representações em livros infantis 138

9.7. Viviana Talia Aprigio Amaro, Amanda Aparecida Lembeck Hermez e Mariana Cortez: Livros ilustrados como pontes: mediação literária em contextos transfronteiriços 138

9.8. Giovanni Codeça da Silva: Esse "Príncipe" não sou Eu - alteridades e identidades 139

9.9. Gisele Arruda Eckhardt: Transgressão feminina em *Minha vó ia ao cinema*: uma análise discursivo-literária 139

9.10. Liana Pereira Borba dos Santos e Débora Sabina da Silva Geraldo: Africanidades em um livro ilustrado e a criação de sentidos pelas crianças na Educação Infantil 139

9.11. Beatriz dos Santos Feres: Performance de gênero no discurso amoroso de *O jardim de algodão* 140

9.12. Ana Maria Prior Vieira e Beatriz dos Santos Feres: Leituras de resistência: caminhos de amor e multiletramentos no *Carrinho de Madame Miséria* 140

9.13. Alicia Antonia Teixeira Troian e Sandra dos Santos Andrade: Representações de gênero na literatura infantil do PNLD 2018 literário 141

9.14. Isabella Morelli Esteves: Recontando o gênero: o resgate de narrativas *queer* nas páginas de *Tales From Beyond the Rainbow* 141

9.15. Raquel Marina da Silva do Nascimento: Diversidade e literatura: um olhar *queer* para livros ilustrados 142

SIMPÓSIO 10 - LITERATURA INDÍGENA INFANTIL E JUVENIL: VOZES ENCANTADAS DA FLORESTA 143

10.1. Marisa Martins Gama-Khalil: Mães-da-mata, seres, "visajes" e encantados da literatura maraguá: figurações encantadas na literatura indígena 144

10.2. Lorenna Bolsanello de Carvalho e Camila Costa de Oliveira: Novas-Antigas simbologias: entrelaçando ensino de teatro e formação de leitores para repovoar o imaginário das infâncias a partir do livro *Contos Indígenas Brasileiros*, de Daniel Munduruku 145

10.3. José Humberto Rodrigues dos Anjos: "a arte é quase uma divindade": Eliane Potiguara e a literatura para crianças 145

11.4. Fabiane Alves da Silva e Aroldo Jose Abreu Pinto: Vozes ancestrais: a literatura indígena na formação de leitores críticos 146

10.5. Lilliân Alves Borges: Um futuro ancestral no conto "O caçador e o curupira: reconto do povo macuxi", de Trudrúa Dorrico 146

10.6. João Pedro da Silva Antelo e Marisa Martins Gama-Khalil: "O feitiço": memórias, encantarias e magias na narrativa de Trudruá Dorrico 147

10.7. Viviane de Souza Cardaço e Lilliân Alves Borges: Sementes de esperança: ecocrítica, resistência indígena e o protagonismo feminino em *A revolução da Catí: em busca da semente da vida* 147

10.8. Lílian Carine Madureira Vieira da Silva e Marília Forgearini Nunes: Pontos de vista para a cultura indígena a partir da literatura infantil 148

10.9. Gabriela Soares de Faria Lourenço e Lilliân Alves Borges: Narrativas indígenas para uma educação decolonial: relato de experiência 148

10.10. Patrícia Pimentel Marques Cêsca: Os seres da floresta: a desconstrução do Saci na Educação Infantil à luz da literatura de autoria indígena 149

10.11. Tamira Fernandes Pimenta e Marisa Martins Gama-Khalil: Encenações míticas dos povos Taínos de Borikén na literatura infantil 149

10.12. Eliane Jose Vieira, Millena Vansim Santana, Lilliân Alves Borges e Vitória Eduarda Lima de Souza: Memória indígena: estratégias de letramento para a sala de aula 150

10.13. Thalita Carvalho de Lima e Cristiane Madanêlo de Oliveira: *O segredo da chuva* (2003): saberes ancestrais para suspender o céu e adiar o fim da natureza 150

10.14. Roseane Serrão dos Santos e Zair Henrique Santos: A transformação pelo sonho: a iniciação de pajé no conto "O menino que não sabia sonhar", de Daniel Munduruku 151

SIMPÓSIO 11 - LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DE AUTORIA FEMININA: REFLEXÕES SOBRE A CONTEMPORANEIDADE E A FORMAÇÃO DO LEITOR 152

11.1. Raissa Nunes Pinto e Maria Madalena Dutra Prado: As vozes esquecidas: mulheres escritoras e a construção da Literatura infantil brasileira 153

11.2. Aila do Carmo SantAnna, Vitória Carolina Reis da Silva, Gabriella Marinho da Silva e Regina Michell: A donzela guerreira: vozes femininas na Literatura infantil/juvenil ontem e hoje 154

11.3. Thayane Gaspar Jorge: O corpo-mátria da Galícia: nacionalismo e literatura infantil e juvenil galega 154

11.4. Francisco Sidney da Silva Ferreira e Márcia Cabral da Silva: A *Ternura* de Gabriela Mistral: sensibilidade e mediação literária na formação do leitor infantil 155

11.5. Tatiane Rodrigues Lopes dos Santos e Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira: A construção das personagens femininas na obra *Emily de lua nova*, de Lucy Maud Montgomery 155

11.6. Pedro Afonso Barth: Memória e identidade na literatura juvenil de autoras negras brasileiras: o protagonismo necessário 156

11.7. Claudia S. Rosa Marapodi e Regina Michelli: As princesas e o protagonismo feminino em Basile, *O Conto dos Contos*, e Ana Maria Machado, *Uma, duas, três princesas* 156

11.8. Aline Barbosa de Almeida Cechinel e Renata Junqueira de Souza: A construção do humor em *Um nó na cabeça*, de Rosa Amanda Strausz 157

11.9. Laís dos Santos Lima e Angelica de Oliveira Castilho Pereira: Era uma vez Clarice para crianças 157

11.10. Deisily de Quadros e Danielle Fracaro da Cruz: A moça tecelã: a escrita feminina e a formação do leitor 157

11.11. Adriana Gonzaga Lima Corral: *Mudanças no galinheiro mudam as coisas por inteiro*: o humor como constructo da livre expressão e formação crítica na obra infantil de Sylvia Orthof 158

11.12. Rosa Maria Cuba Riche: Literatura infantil e Juvenil contemporânea de autoria feminina: um estudo de caso 158

11.13. Emanuelle da Silva Evangelista: O clube de leitura: "A vez e a voz das mulheres negras" e a formação do leitor literário na contemporaneidade 159

SIMPÓSIO 12 - LITERATURA JUVENIL DE GÊNERO: O *MASH-UP* ENTRE AS NARRATIVAS PARA JOVENS LEITORES E AS HISTÓRIAS ESPECULATIVAS, SOBRENATURAIS OU DE INVESTIGAÇÃO 160

12.1. Igraínne de Brito Marques e Regina Michelli: O monstro em "A Bela e a Fera": uma breve análise de reescrita 161

12.2. Maria Victória Ruela de Seixas: *Coraline*: a Alice nos tempos do País do Terror 161

12.3. Vanessa Cianconi: Fantasmagorias como memória em *Pluft, o Fantasminha*, de Maria Clara Machado 161

12.4. Leonardo Nahoum: A (mal falada) ficção policial seduzindo jovens e adultos nos anos 1930: o verdadeiro nome por detrás do pseudônimo "André Gand", cronista dos casos do detetive carioca Gil Pitta 162

12.5. Bruna Mourão Duarte e Flávia Vieira da Silva do Amparo: Ensino e literatura: práticas de leitura de fruição no Ensino Médio 162

12.6. Adriana Falcato Almeida Araldo: O Gato de Botas: artimanhas de uma personagem sedutora 163

12.7. Guilherme Medeiros Honorato e Chirley Domingues: Leitura por fruição na escola: contribuições do PNLD literário para educação estética 163

12.8. Maria Victória Chaves Herculano da Silva e Vanessa Cianconi: Do mistério maravilhoso à fantasia assustadora: trajetórias investigativas em *O orfanato da senhorita Peregrine para crianças peculiares*, de Ransom Riggs 164

SIMPÓSIO 13 - LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NA AMÉRICA LATINA: AS HISTÓRIAS QUE AJUDAM A (NOS) CONTAR 165

13.1. Walter de Oliveira Cavalcanti Alves e Ana Crelia Penha Dias: *Aquele mundo de Vasabarros* e as infâncias deixadas de lado pela crítica em José J. Veiga (1915-1999) 167

13.2. Amanda Campolin Feiden e Antonio Marcos Vieira Sanseverino: Contar histórias, contar a História: a narrativa e suas tensões na pedagogia lobatiana 167

13.3. Filipe Alves Bezerra Falcão e Phelipe de Lima Cerdeira: A arquitetura da narração em uma leitura de *La niña, el corazón y la casa* (2011), de María Teresa Andruetto 168

13.4. Gabrielle de Oliveira Sá e Alejandra Josiowicz: Cenas da infância Latino-Americana: as tensões na Literatura Infantil de Gabriela Mistral e Silvina Ocampo 168

13.5. Marcelo Bianchi Bustos: Hacia una identidad Latinoamericana en femenino: historizar un sueño de la Literatura Infantil desde una mirada comparada 169

13.6. Aira Suzana Ribeiro Martins: Dandara e Karaíba, construindo a História 169

13.7. Rebeca Alves Wanderley Braz e Alyere Silva Farias: Invencionices, encantos e malassombros: das narrativas orais às plataformas de *podcasts* 169

13.8. Daniele Rodrigues Ramos Kazan e Phelipe de Lima Cerdeira: De Juan y de otros más: deslocamentos, memórias e o contar do trauma na literatura infantil a partir de *El país de Juan* (2013), de María Teresa Andruetto 170

13.9. Michele Passos Rommel Silva e Alejandra Josiowicz: Narrativas transmidiáticas: culturas infantis entre os videogames, os quadrinhos e os livros 170

13.10. Maria Abreu da Silva Oliveira Lima, Maria Dalva de Souza Figueiredo e Gizelle Abreu Marques Soares Principe: Literatura de cordel: o despertar da criatividade e do conhecimento na Educação Infantil 171

13.11. Camila Angela Carvalho de Oliveira, Luana Carramillo Going e Amanda Marques de Oliveira Bargas: Mediação literária: o diálogo como recurso para o acesso aos aspectos implícitos e explícitos de obras literárias na Educação Básica 171

13.12. Ana Cristina Andrade dos Santos e Alejandra Josiowicz: Racismo e antirracismo na literatura infantil da América Latina 172

13.13. Caroline Azevedo Ferreira da Silva, Phelipe de Lima Cerdeira: Por poéticas que cantem as vozes e identidades negras na e para a infância: uma leitura de dois poemas da escritora afro-colombiana Mary Grueso Romero 172

13.14. Déborah Amorim Pontes da Silva e Ana Crelia Penha Dias: O fio da narrativa e a mulher que tece: a metáfora do bordado em *Outroso*, de Graciela Montes, e em *A costura*, de Isol, como travessia entre o real e o fantástico 173

13.15. Ana Paula Campos: Quando começamos a ler o mundo? 173

13.16. Maria Carolina Zapiola: Negros e indios en *Las Aventuras de Tarzán*. Discursos raciales en las revistas infantiles argentinas de los años 50 174

13.17. Bárbara Inés Raiter: Historias para niños y niñas en el primer lustro de P.B.T.. Entretener y moldear a las infancias 175

13.18. Agustina Martinenco e Maria Carolina Zapiola: Leer en cuadritos, historietas para la infancia argentina en la revista *Anteojito* (1964-1970) 175

13.19. Mayra Eliana Juarez e Maria Carolina Zapiola: Sobre héroes y bufones: El lenguaje republicano y los estereotipos raciales en la revista infantil *Billiken*. Argentina, 1919-1946 176

SIMPÓSIO 14 - LITERATURA INFANTOJUVENIL, EXPERIÊNCIA E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES 177

14.1. Elisangela Silva Heringer: Entre bicicletas e pirilampos: o infanciar do texto e dos sujeitos 178

14.2. Isabela de Souza Oliveira: Lições do desconhecido: A experiência ética da jornada ao impossível em *Alice no País das Maravilhas* 178

14.3. Fernanda Caetano da Silva Ferreira e Leila de Carvalho Mendes: Das falas aos silêncios: Conversas literárias e a multiplicidade dos processos de subjetivação 179

14.4. Nathalia Silva de Lazari, Érica Cayres Rodrigues e Maria Helena Ferrari: Ler e conversar: a literatura como espaço de humanização de si e do outro a partir de projeto de extensão 179

14.5. Ana Carolina da Silva Coelho e Leila de Carvalho Mendes: Arte, leitura literária e experiência estética: Uma cartografia dos processos de singularização nas narrativas de futuros professores da Baixada Fluminense 180

14.6. Vanessa Soares Matos: Dialógos sobre as icamiabas na sala de aula: o despertar de feminilidades outras 180

14.7. Luiza Carvalho Santos Brandão: A princesa e o espartilho: considerações sobre os contos maravilhosos e a feminilidade capitalista 181

14.8. Olívia Leandro Sá Motta e Myriam Côrrea de Araújo Ávila: Alice, Rainha de Copas e a Rosa: uma análise acerca da representação de personagens femininas em obras infantis canônicas escritas por homens 181

14.9. Simone Oliveira Vieira Peres e Patrícia Aparecida Beraldo Romano: Do imaginário amazônico às múltiplas linguagens: experimentações literárias e artísticas no 4º FLACC 182

14.10. Kamilla Cristina Salgado Bilinski e Rafael Ginane Bezerra: Desnaturalizando estereótipos na escola: método recepcional e literatura infantil 182

SIMPÓSIO 15 - LITERATURA INFANTIL E JUVENIL E TEMPOS DE GUERRA 184

15.1. Paulo César Ribeiro Filho: Romance de formação, crianças órfãs e a estruturação de culturas infantis 185

15.2. Wagner Gonzaga Lemos: A Guerra de Canudos e *Os Sertões* em *O sertão vai virar mar*, obra de literatura infanto-juvenil de Moacyr Scliar 185

15.3. Jalmir Jesus de Souza Ribeiro e Miriam de Paiva Vieira: Ecos de um lar perdido: infância, identidade e diáspora em *The red pencil* 186

15.4. Lígia Regina Máximo Cavalari Menna: Crianças em fuga e suas jornadas migratórias em tempos de guerra sob diferentes perspectivas 186

15.5. Rita de Cássia Silva Dionísio Santos: A literatura infantil no início do século XX e o (não) narrar a guerra: dos modos de ensejar os conflitos em Alexina de Magalhães Pinto 187

15.6. Márcia de Assis Ferreira: Dores, cores e sabores: uma proposta de mediação de leitura literária do livro *Layla, a menina síria* 187

15.7. Francisco Camêlo: Quando a criança leva a guerra na mala 18

15.8. Estela Aparecida de Souza dos Santos, Silvana Ferreira de Souza e Renata Junqueira de Souza: Entre linhas e batalhas: ações e estratégias para leitura de livros literários infantis sobre o tema da guerra no Ensino Fundamental 188

15.9. Cristiano Camilo Lopes: Modernidade e guerra na obra *Crônicas de Nárnia - o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, de C. S. Lewis 189

15.10. Érica Rodrigues Fontes: Imagens de esperança: elementos visuais em diários juvenis sobre guerras 189

15.11. Dayse Oliveira Barbosa: Parvana e Bakhtai: meninas vivendo sob o regime talibã no Afeganistão 189

15.12. Maria Auxiliadora Fontana Baseio e Maria Zilda da Cunha: A guerra nos labirintos do texto: a literatura para crianças como entrelugar para pensar complexidades 190

15.13. Vivian Bezerra da Silva: A infância sobrevive à guerra: representações da criança em situações de risco na literatura infantil e juvenil contemporânea 190

SIMPÓSIO 16 - AS EXPERIMENTAÇÕES BRINCANTES DAS MÚLTIPLAS LINGUAGENS DA E NA LITERATURA INFANTIL/JUVENIL: DA CRIAÇÃO À RECEPÇÃO 190

16.1. Fernanda Silva Ferreira Ramos e Regina Michelli: Entre jogos e brincadeiras poéticas na obra *Língua de sobra* do poeta Leo Cunha 193

16.2. Letícia Victória Alves Borba e Patrícia Aparecida Beraldo Romano: Narrativa saltitante: explorando as materialidades brincantes na literatura infantil do século XXI 194

16.3. Elizangela Carvalho e Rafael Ginane Bezerra: Estratégias de leitura e gamificação: a prática docente e a formação do leitor literário 194

16.4. Verônica Maria de Araújo Pontes e Vanessa Maria da Silva Clemente: Um click na tela, uma leitura possível: as pontecialidades da literatura infantil e juvenil no mundo digital 195

16.5. Patrícia Aparecida Beraldo Romano: Entre metamorfoses do vir-a-ser: experiências significativas de leitura e mediação da obra *Constância* (2024), de Ana Fonseca e Juliana Pádua, com ilustrações de Márcia Cattoi 195

16.6. Luana Camila dos Santos Gomes e Patrícia Aparecida Beraldo Romano: Encantarias e o universo mágico: curupiras de Lobato a Adão Almeida 196

16.7. Seane Oliveira Xavier Bezerra e Lusinete Bezerra da Silva: Cordel do Bico Doce: experiências lúdicas com mediação de leitura 196

16.8. Letícia Vitória de Oliveira e Marina Cajaíba da Silva Horta: O Carro-Biblioteca da ECI/UFMG como agente formador de leitores nas periferias de Belo Horizonte 197
16.9. Eunícia Barros Barcelos Fernandes: "Digávamos": brincar, imaginar e agência social para ler o mundo na obra *PAPAI, Ó* de Marcelo Tolentino 197
16.10. Luciane Fernandes Ribeiro e Patrícia Aparecida Beraldo Romano: Mediação da leitura: caminhos para o encantamento com as narrativas de origem e com a literatura de cordel no contexto amazônico 198
16.11. Joana Marques Ribeiro: Pelos caminhos da Terra do Nunca: a mediação da leitura literária enquanto jogo lúdico 198
16.12. Rafael da Cruz Freitas e Fabiane Verardi: O Mapa das Aventuras: caminho para uma experiência leitora 199
16.13. Caroline Valada Becker e Artur da Conceição Camargo: O livro é um convite, o registro é uma estratégia - reflexões sobre mediação de leitura na Educação Básica 199
16.14. Syndel dos Santos Fernandes e Patrícia Aparecida Beraldo Romano: Amazônia brincante: um passeio por *Manaus*, de Irena Freitas 200
16.15. Juliana Pádua Silva Medeiros: A poética da objetualidade e o convite à leitura brincante 200
16.16. Ana Carolina da Costa e Fonseca: Direito aos livros-brincantes: acesso a conteúdos e formas bibliodiversas 201
16.17. Edileide Patrícia Câmara Lima e Jessica Ibiapino Freire: Encantos brincantes: histórias que pulam das páginas 201

SIMPÓSIO 17 - ECOFICÇÃO E ECOCRÍTICA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL: VISÕES E CAMINHOS 202

17.1. Demétrio Alves Paz: Ecoficção em sala de aula: práticas de estágio supervisionado em Língua Portuguesa III 203
17.2. Suélio da Silva Araújo: Educação ambiental no 8º ano do Ensino Fundamental II em escola de período integral: análise e práticas 203
17.3. Andréia Martins da Silva e Norma Sueli Rosa Lima: Educação literária: estratégias para a aplicabilidade da Lei 10.639/23, a partir de um conto oral cabo-verdiano 204
17.4. Suênio Stevenson Tomaz da Silva: A ecoficção fantástica juvenil de Angela Carter: reflexões ecoliterárias e implicações para o ensino 204
17.5. Flávia Amazonas de Azevedo e Norma Sueli Rosa Lima: As estações da vida em livro 205
17.6. Flavio García: O "quintal dos sonhos" em *O camaleão que tinha desaprendido de mudar de cor*, do escritor moçambicano Pedro Pereira Lopes 205
17.7. Giselle Autran Pinheiro Viana e Norma Sueli Rosa Lima: Temas fraturantes na ecoficção de Rita Lee: um estudo sobre *Amiga Ursa* 206
17.8. Norma Sueli Rosa Lima: *Dr. Alex na Amazônia*: a ecoliteratura de Rita Lee 206
17.9. Katia Aily Franco de Camargo: Uma Amazônia québecoise 206
17.10. Enilde Camelo Nunes e Norma Sueli Rosa Lima: Eco-literatura e eco-crítica na obra *O meu pé de laranja lima* 207
17.11. Renata Corrêa Anná: Simbioses possíveis na ecopoética de Manoel de Barros 207

SIMPÓSIO 18 - AS REPRESENTAÇÕES DE CORPOS DISSIDENTES EM NARRATIVAS INFANTIS E JUVENIS CONTEMPORÂNEAS: QUESTÕES DE IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL, DE GÊNERO E DE CLASSE SOCIAL 209

18.1. Mônica de Menezes Santos: Cartografias da infância: leituras a contrapelo da literatura infantil e juvenil 211

18.2. Clarice Maria Silva Campos: Literatura Infantil e juvenil para crianças plurais 211

18.3. Maria Carolina de Godoy: Protagonismo negro: vozes (trans)bordam infâncias na literatura 212

18.4. Larissa de Menezes Costa e Rayron Lennon Costa Sousa: Criança negra pode ser babá em casa de gente rica? O confinamento infantil de Irene no espaço doméstico em *Solitária*, de Eliana Alves Cruz 212

18.5. Renan Fagundes de Souza: Laroyé: encruzilhadas na literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira 213

18.6. Luciana Barrozo da Silva: Para além do laço de fita: meninas negras na literatura para crianças 213

18.7. Zahir Sousa Cruz Matos Cardoso e Renato Gonçalves Peruzzo: Do clássico à paródia: a transformação das representações de gênero e sexualidade nas ilustrações de "Cinderela" 214

18.8. Leonardo Santos Cruz e Renato Gonçalves Peruzzo: Trans(re)formando Cinderela: subversões e estereótipos em *Transderella* 214

18.9. Pedro Henrique Ribeiro Santos Messias-Marinho, Erik Sales de Jesus e Renato Gonçalves Peruzzo: Sobre a criança negra na literatura infantil: uma análise discursiva-literária de *Amoras* 215

18.10. Helen Katrine Pereira Luz e Rayron Lennon Costa Sousa: Qual o meu lugar no mundo? A crise da sexualidade no best-seller *Eu beijei Shara Wheeler*, de Casey McQuiston, sob a perspectiva de gênero e teoria *queer* 215

18.11. Camila Pereira de Sousa e Paulo Narley Pereira Cardoso: Amadurecimento, resistência e subjetividade em tempos de repressão: uma leitura de *O amor dos homens avulsos* (2016), de Victor Heringer 216

18.12. Natacha dos Santos Esteves: Racismo sistêmico e resistência discursiva no romance juvenil *O ódio que você semeia* (2019), de Angie Thomas 216

18.13. Geovani Augusto Nunes: Representações de corpos dissidentes em *Amoras*, de Emicida: identidade étnico-racial e projeto gráfico na Literatura Infantil contemporânea 217

18.14. Luzileide de Jesus Santos e Santos: Oficinas literárias como possibilidade de promoção do reconhecimento identitário de crianças no Ensino Fundamental 217

18.15. Gabriel Camargo Onesko e Katrym Aline Bordinhão dos Santos: Diálogos com a Ancestralidade: proposta de leitura de Conceição Evaristo como ferramenta de Letramento aplicada ao público juvenil 218

18.16. Lethycia Andrade Ferreira de Souza e Robson Teles Gomes: Dramaturgia Negrofeminina na Escola: reflexões a partir de *Uma boneca no lixo*, de Cristiane Sobral 218

18.17. Samira dos Santos Ramos: Um sapato que me cabe: masculinidades plurais na literatura juvenil 219

18.18. Fabiane Verardi: Performatividade de gênero e corpos que importam: invisibilidade, silenciamento e resistência em "Olhos de Cacimba", "Voz" e "Gilete para Peito", de Jarid Arraes 219

18.19. Simone Souza de Assumpção: Cenas de aconchego numa perspectiva feminina: *Os dengos na moringa de voinha*, de Ana Fátima 220

18.20. Jéssica Mineiro Alves, Diógenes Buenos Aires de Carvalho: Violência de gênero na narrativa juvenil *Sapato de salto* (2006), de Lygia Bojunga 220

18.21. Rayron Lennon Costa Sousa e Marcos Gabriel da Silva França: A releitura de *A hora da estrela* (1977), de Carice Lispector, em *Macabéa* (2003), de Conceição Evaristo, a partir da subversão a dor e ao sofrimento na literatura juvenil negro-brasileira 221

18.22. Helen Vanessa Couto Silva e Andreia de Oliveira Alencar Iguma: Afrobetização Amorosa em *BLACKOUT*: trajetórias de afeto na literatura juvenil negra 221

SIMPÓSIO 19 - LITERATURA INFANTIL/JUVENIL: PORTUGAL E ÁFRICA 222

19.1. Erick Douglas Nascimento da Silva e Eduardo da Cruz: A construção do imaginário nacional português no *Tesouro Poético da Infância* 223

19.2. Bianca Gomes Borges Macedo: Literatura infantil e representação da personagem feminina em "A quem Deus promete", de Maria O'Neill 223

19.3. Marina Otero Lemos Silva e Eduardo da Cruz: "consta-me que tu és bruxa": a visão da mulher em "Os três encontros", de Irene Lisboa 224

19.4. Luís Antônio Contatori Romano: O brinquedo e as concepções de brasilidade e portugalidade, em Cecília Meireles e Olavo D'Eça Leal 224

19.5. Viviane da Silva Vasconcelos: A infância na obra de Agustina Bessa-Luís 224

19.6. Karina de Fátima Gomes: A obra de Marilene Pereira: identidade cultural e narrativas infantojuvenis em Cabo Verde na obra *O Mistério da Cidade Velha* 225

19.7. Cristiane Madanêlo de Oliveira: O escuro como potência: um passeio por um bosque possível em *Uma escuridão bonita* (2013) de Ondjaki 225

19.8. Severina Jardeleia de Amorim Silva Cima e Andreia Alves Monteiro de Castro: A África n'*O pátio das sombras* de Mia Couto 226

19.9. Luciana Soares da Silva e Vanessa Ribeiro Teixeira: "O rei mocho" e as tradições moçambicanas 226

19.10. Débora Santos Ximenes de Melo e Cristiane Madanêlo de Oliveira: Paulina Chiziane e os conflitos em *Niketche: uma história de poligamia* (2002) 226

SIMPÓSIO 20 - LITERATURA INFANTIL E JUVENIL ACESSÍVEL PARA ESTUDANTES SURDOS, COM DEFICIÊNCIA VISUAL E/OU OUTRAS NECESSIDADES ESPECÍFICAS 228

20.1. Morgana Ribeiro dos Santos: Literatura de cordel para estudantes de 9º ano com deficiência visual: a condição da cegueira em debate 229

20.2. Marcia de Oliveira Gomes: Audiodescrição Poética: palavras brincantes na acessibilidade de livros-imagem 229

20.3. Debora Lembi Neves: A criação de uma obra literária acessível na complexidade contemporânea 230

20.4. Laís Sauerbronn Silva Mendes: A audiodescrição poética na adaptação do audiolivro *O menino e o mar*, de Lulu Lima 230

20.5. Bruna da Silva Branco: Os quadrinhos em aulas de Libras 230

20.6. Thayssa Fernanda de Oliveira Nunes e Fabiano Souto Rosa: Literatura surda: iniciando a tradução de histórias pretas para Libras 231

20.7. Fabiano Souto Rosa e Bruna da Silva Branco: Alfabetização em Libras por meio da Literatura Infantil com temática de pássaros 231

20.8. João Paulo da Silva Nascimento: Adaptações literárias infantis para comunidades surdas: debates sobre línguas, culturas e letramentos 232

20.9. Sandro Portella: O livro infantil como ferramenta educacional acessível: o empoderamento de crianças surdas por meio do letramento racial 232

SIMPÓSIO 21 - LEITURA, LEITOR E MULTILETRAMENTOS - QUESTÕES PARA O ENSINO E A FORMAÇÃO 236

21.1. Izandra Alves e Patricia Wonglon Marques: *O avesso da pele* e a (cos) postura antirracista na escola 235

21.2. Giselly Lima de Moraes e Eliana Kefalás Oliveira: Multimodalidade na obra transmídia *Poemas de brinquedos*: a ampliação dos sentidos entre o impresso e o digital 236

21.3. Aline de Azevedo Gaignoux, Mariana Morais e Oliveira e Guilherme de Sousa Bezerra Gonçalves: O texto teatral na sala de aula 236

21.4. Bruno Rego Diniz, Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira e Daniel Alves Muniz: Ensino de gramática, ensino de Literatura: caminhos a partir do debate racial em *Pretinha, eu?*, de Júlio Emílio Braz 237

21.5. Raphael Lourenço de Oliveira, Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira, Camila de Oliveira Correa e Julia Guimarães dos Reis: *Crianças na escuridão*, de Júlio Emílio Braz e a pertinência da temática do abandono infantil para fomentação da escrita 237

21.6. Sandra de Melo Silva: Bibliodiversidade literária: as possibilidades de intermediar a leitura na formação do leitor literário 238

21.7. Ranya da Silva Souza, Edcarla Corrêa do Nascimento, Fabrícia Vellasquez Paiva e Kaio da Silva Oliveira: Construindo respeito por meio da contação de histórias 238

21.8. Kelly Lima e Catarina Moro: Formação e autoformação em literatura infantil: relato de experiência sobre a construção do eu e do nós leitores 239

21.9. Leonardo José Freire Cabó Martins, Mariely Silva Rosa de Lucena e Karoline Araújo Pereira: A organização do trabalho com leitura literária com crianças em comunidades em situação de vulnerabilidade social: limites, resistências e narrativas em tempos de transição entre idades 239

21.10. Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza: As histórias em quadrinhos na revista *Vida juvenil* (1949-1959): uma relação conflituosa 240

21.11. Caroline Valada Becker e Julia Lanzarini Bitelo: A literatura infantojuvenil no currículo da Letras UFRGS: uma reflexão sobre a educação literária na licenciatura 240

21.12. Luiz Felipe de Araújo Pereira e Ana Caroline de Almeida: Qualidade literária na infância: um estudo comparativo sobre acervos de bibliotecas em escolas de distintos contextos socioeconômicos de São João Del Rei 241

21.13. Alessandra Garrido Sotero da Silva, Sarah Emanuelle Domingues de Oliveira, Pedro Arthur Araújo Santana e Alana de Lima Araújo: Afetividade e autoconhecimento nas relações educacionais pela Literatura Infantil e Juvenil 241

21.14. Bernardo da Silva Vieira, Ingrid Araujo da Silva e Isabel Melo Iannarella Martins: Quadrinhos como ferramenta política 242

21.15. Bruno Silva de Oliveira: O perfil de leitura dos alunos ingressantes e dos concluintes nos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio do IF Goiano Campus Iporá: uma análise comparativa 242

APRESENTAÇÃO

II CILIJ - II Congresso Internacional de Literatura Infantil/Juvenil
III ENLIJ - III Encontro Nacional de Literatura Infantil/Juvenil
Complexidades Contemporâneas

28 a 30 de maio de 2025
https://www.nelij.uerj.br/congresso/

O **II Congresso Internacional de Literatura Infantil/Juvenil e o III Encontro Nacional de Literatura Infantil/Juvenil – II CILIJ e III ENLIJ –**, focalizando **"Complexidades Contemporâneas"**, tem por objetivo congregar pesquisadores em torno de questões que promovam variadas reflexões sobre textos teóricos e/ou ficcionais, articulando teorias e práticas em torno da Literatura Infantil/Juvenil.

A temática central do evento, "Complexidades Contemporâneas", revela o interesse em abordar múltiplas questões do momento, buscando entender o papel e o lugar da literatura infantil/juvenil e os sujeitos envolvidos em uma sociedade atravessada por questões que ora se embatem. Refletir sobre as tendências contemporâneas na LIJ implica um olhar atento às diversidades, em seus diferentes aspectos; aos temas delicados ou fraturantes, expostos por vezes à censura; à poeticidade e às estratégias narrativas presentes nos textos verbal e imagéticos, à materialidade configuradora do objeto-livro; à formação do leitor literário, no âmbito da mediação da leitura, do ensino e da formação de docentes envolvidos com o estímulo à leitura literária no espaço escolar. Mais do que uma abertura a vozes mais diversas, o evento busca estabelecer com elas uma bagagem de conhecimentos e debates que se vinculem e fortaleçam ações de ordens teórica e prática em torno da Literatura Infantil/Juvenil.



PROGRAMAÇÃO GERAL

DIA 28 DE MAIO DE 2025

8h / 9h – Credenciamento

9h / 9h30 – Abertura solene

9h30 / 10h30 – Conferência de Abertura
Homenagem ao Prof. Dr. José Nicolau Gregorin Filho, um pensador de LIJ
Apresentadoras: Maria Zilda da Cunha (USP), Regina Michelli (UERJ), Flávia Reis (UNESP) e Samira Ramos (USP, IFMG)
Mediador: Flavio García (UERJ)

10h30 / 12h30 – Simpósios

12h30 / 13h30 – Almoço

13h30 / 15h – Simpósios

15h / 16h – Conferência: Multifaces do Livro-Objeto em contexto de Complexidades Contemporâneas
Apresentadora: Cláudia de Sousa Pereira (Universidade de Évora)
Mediadora: Diana Navas (PUC-SP)

16h / 16h30 – Lançamento de livros

16h30 / 17h – Intervalo

17h / 18h30 – Mesa-redonda: Literatura Indígena Brasileira
Apresentadores: Cristino Wapichana e Melissa Xakriabá
Mediadora: Marisa Gama-Khalil (UNEMAT/ UFU)

18h30 / 20h – Mesa-redonda: Literatura Negro-Brasileira
Apresentadores: Sonia Rosa e Rogerio Andrade Barbosa
Mediador: Henrique Marques Samyn (UERJ)

DIA 29 DE MAIO DE 2025

8h30 / 9h30 – Simpósios

9h30 / 10h30 – Conferência: Complexidades Contemporâneas
Apresentador: Fanuel Hanán Díaz (pesquisador independente)
Mediadores: Alejandra Josiowicz (UERJ) e Phelipe Cerdeira (UERJ)

10h30 / 12h30 – Simpósios

12h30 / 13h30 – Almoço

13h30 / 15h – Simpósios

15h / 16h – Conferência: Imagens da Moçambicanidade na Literatura Infantil/Juvenil
Apresentador: Pedro Manuel Napido (Universidade Licungo)
Mediador: Demétrio Alves Paz (UFFS)

16h / 16h30 - Lançamento de livros

16:30 / 17h – Intervalo

17h / 18h30 – Mesa-redonda: Os livros ilustrados e o papel do ilustrador
Apresentadores: Graça Lima (UFRJ) e Salmo Dansa (UFRJ)
Mediador: Felipe Campos (UFF)

18h30 / 20h – Mesa-redonda: Literatura Inclusiva
Apresentadores(as): Morgana Ribeiro dos Santos (IBC) e João Paulo da Silva Nascimento (UFRJ)
Mediadora: Angélica de Oliveira Castilho Pereira (UERJ)

DIA 30 DE MAIO DE 2025

8h / 9h30 – Simpósios

9h30 / 11h – Mesa-redonda: Entidades representativas da Literatura Infantil/ juvenil
• Academia de Literatura Infantil y Juvenil (Argentina): Marcelo Emilio Bianchi Bustos (Presidente)
• Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEILIJ): Andrea Viviana Taubman (Presidente)
• Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ): Júlio César da Silva (Presidente)
Mediadora: Rosa Maria Cuba Riche (UERJ)

11h / 12h30 – Simpósios

12h30 / 13h30 – Almoço

13h30 / 15h – Simpósios

15h / 16h – Conferência: Tendencias da Literatura infantil e juvenil en Galicia
Apresentadora: Blanca-Ana Roig Rechou (Universidade de Santiago de Compostela)
Mediadora: Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira (UNESP)

16h / 16h30 – Lançamento de livros

16h30 / 17h – Intervalo

17h / 18h30 – Mesa-redonda: Histórias em Cena
Apresentadoras: Norma Sueli Rosa Lima (UERJ), Homenagem a Celso Sisto, e KarenAcioly (UFF)
Mediadora: Rejane Dirques (UERJ)

18h30 / 20h – Mesa-redonda: Formação do Leitor Literário
Apresentadoras: Angélica de Oliveira Castilho Pereira (CAp-UERJ) e Daniela Maria Segabinazi (UFPB)
Mediador: Diogenes Buenos Aires (UESPI/ UFPI)

20h – Encerramento

SIMPÓSIOS:
QUADRO GERAL

II CILIJ / III ENLIJ	28 DE MAIO		29 DE MAIO			30 DE MAIO		
Simpósios	10h30 / 12h30	13h30 / 15h	8h / 9h30	10h30 / 12h30	13h30 / 15h	8h / 9h30	11h / 12h30	13h30 / 15h
S.1. Leitura, LIJ, processos de mediação e formação do leitor	LIDIL Lab. 3	LIDIL Lab. 3	LIDIL Lab. 3	LIDIL Lab. 3				
S.2. Livro-objeto e materialidade na LIJ	Audit. bloco D	Audit. bloco D	Audit. bloco D					
S.3. LIJ sob ataque: censura, interferência e os desafios...					RAV 11.114	RAV 11.114	LIDIL Lab. 2	RAV 11.114
S.4. Livros de imagens e livros ilustrados: cores, formas			11.010F sala A	11.010F sala A	11.010F sala A		11.010F sala A	11.010F sala A
S.5. LIJ: leitura e ensino	Salão Nobre	Salão Nobre	Salão Nobre	Salão Nobre	Salão Nobre	Salão Nobre		
S.6. LIJ brasileira contemporânea	LIDIL Lab. 4	LIDIL Lab. 4	LIDIL Lab. 4	LIDIL Lab. 4				
S.7. LIJ e quadrinhos: histórias originais, adaptações				Audit. bloco D	Audit. bloco D	Audit. bloco D	Audit. bloco D	Audit. bloco D
S.8. LIJ e suas relações com outras artes. ontem, hoje...	RAV 112	RAV 112	RAV 112	RAV 112	RAV 112			
S.9. LIJ e diversidade	RAV 114	RAV 114	RAV 114					
S.10. Lit. indígena infantil e juvenil: vozes encantadas...	LIDIL Lab. 2	LIDIL Lab. 2		RAV 114				
S.11. LIJ de autoria feminina: reflexões ...						RAV 112	RAV 112	RAV 112
S.12. Lit. Juv. de gênero: o mash-up entre as narrativas...	LIDIL Lab. 1	11.010F Sala B						
S.13. LIJ na América Latina: as histórias que ajudam...			LIDIL Lab. 2	LIDIL Lab. 2	LIDIL Lab. 2			LIDIL Lab. 2
S.14. LIJ, experiência e produção de subjetividades							Salão Nobre	Salão Nobre
S.15. LIJ e tempos de guerra	Audit. 113F	Audit. 113F	Audit. 113F					
S.16. As experimentações brincantes das múltiplas...					LIDIL Lab. 4	LIDIL Lab. 4	LIDIL Lab. 4	LIDIL Lab. 4
S.17. Ecoficção e ecocrítica na LIJ: visões e caminhos			Sala 11.122F		LIDIL Lab. 1			
S.18. As representações de corpos dissidentes em LIJ...				Sala 11.122F	LIDIL Lab. 3		LIDIL Lab. 3	LIDIL Lab. 3
S.19. LIJ: Portugal e África							LIDIL Lab. 1	Sala 11092F
S.20. LIJ para estudantes surdos, com deficiência visual				Audit. 113	Audit. 113			
S.21. Leitura, Leitor e Multiletramentos...						Audit. 113	Audit. 113	Audit. 113

SIMPÓSIOS:
SESSÕES E RESUMOS

SIMPÓSIO 1

Leitura, Literatura Infantil e Juvenil, processos de mediação e formação do leitor

Coordenador(es): Márcia Cabral da Silva (UERJ) e Lorenna Bolsanello de Carvalho (CAp UFRJ, UERJ)

SESSÕES

Primeira Sessão: 28 de maio - 10h30 às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
10h30	Mariana Fernandes Vasconcellos	A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL ATRAVÉS DE CLUBE DE LEITURA REALIZADO EM TURNO EXTRACLASSE
10h45	Patrícia Braga do Desterro Giselle Macieira Paes Daniel Kaíque Oliveira de Albuquerque Luísa Gabriel Terra	O CLUBE LITERÁRIO ENCONTROS E AS RODAS DE LEITURA COM CRIANÇAS NO MUSEU NACIONAL DA UFRJ
11h	Giovana Cerqueira Lopes Nunes Cláudia Fernandes de Amorim de Oliveira Márcia Cabral da Silva	A MEDIAÇÃO E A FORMAÇÃO LEITORA NAS RODAS DE LEITURA LITERÁRIA NA EDU
11h15	Maria Laura Pozzobon Spengler Desiree Leslie Silveira	EDITAIS CULTURAIS E FORMAÇÃO DE LEITORES: EXPERIÊNCIAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA EM SC
11h30	Leoneide Maria Brito Martins	O PORTFÓLIO COMO FERRAMENTA CULTURAL MULTIFACETADA NA FORMAÇÃO DE MEDIADORES DE LEITURA: LER, REGISTRAR, AVALIAR, RESSIGNIFICAR
11h45	Debate	

Segunda Sessão: 28 de maio - 13h30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Cilza Carla Bignotto	AS MANHÃS DA AVÓ (1875), DE VICTORIA COLONNA: REPRESENTAÇÃO DE MEDIAÇÕES DE LEITURA NO PRIMEIRO LIVRO INFANTIL BRASILEIRO
13h45	Alessandra Bezerra dos Santos Andrade Kenia Adriana de Aquino	MEDIAÇÕES LITERÁRIAS COM A OBRA OS DENGOS NA MORINGA DE VOINHA
14h	Maria Joaquina Silva Sousa Patrícia Aparecida Beraldo Romano	LITERATURA INFANTIL, ÉTICA, ESTÉTICA E ANÁLISE DO CONTO "A ROUPA NOVA DO IMPERADOR", DE HANS C. ANDERSEN
14h15	Luiz Fernando da Costa Soares Márcia Cabral da Silva	PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO NA FORMAÇÃO DE LEITORES: REFLEXÕES SOBRE A OBRA THEATRO INFANTIL (1904) DE OLAVO BILAC E COELHO NETO

14h30	Márcia Miranda Chagas Vale Fabiane Verardi	QUANDO CONTAMOS E TECEMOS HISTÓRIAS TRANSCENDEMOS ESPAÇOS E CULTURAS: UMA LEITURA DE AMIZADE, IMAGINAÇÃO E LIBERDADE EM KAFKA E A BONECA VIAJANTE
14h45	Debate	

Terceira Sessão: 29 de maio - 8h às 9h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
8h	Daniel Weller	LITERATURA E EMPATIA: PEQUENOS GIROS DE LEITURAS TRIPLAS QUE LIGAM TUDO E TODOS
8h15	Luiz Carlos Coelho de Oliveira Jade Antunes Gonçalves Navarro de Britto Victória Maria de Souza Soares	A CHAMADA TEMÁTICA E O POEMA NA MOCHILA: DUAS EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS
8h30	André Luís Mourão de Uzêda Géssica Moreira Ramos Esther Martins Monteiro	LER À MARGEM DAS CONVENÇÕES: MEDIAÇÃO LITERÁRIA, LEITURA DE POESIA E FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL
8h45	Marcela Afonso Fernandez	FORMAÇÃO DE PROFESSORES-LEITORES: POR UMA ESCUTA DA PRESENÇA
9h	Nazareth Salutto	LITERATURA INFANTIL E PEDAGOGIA: ELEMENTOS PARA UMA FORMAÇÃO HUMANA E RESPONSÁVEL
9h15	Debate	

Quarta Sessão: 29 de maio - 10h30 às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
10h30	Luiz Carlos Coelho de Oliveira Maria Eduarda Pereira Costa Polyanna Vitoria Brito do Nascimento	OFICINA LITERÁRIA: O CONTO DISTÓPICO
10h45	Paloma Rezende de Oliveira Thaís Regina da Costa de Jesus Lilyan Pereira Moreira	CONSTRUINDO MEMÓRIAS COM A LITERATURA E TEMAS FRATURANTES
11h	Maria Eduarda Martins Rodrigues Fabrícia Vellasquez Paiva Brenda Cristina da Silva e Silva Maria Eduarda Conceição da Silva	A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS INFANTOJUVENIS ENQUANTO PORTA DA LITERATURA PARA ADOLESCENTE
11h15	Márcia Cabral da Silva	A FORMAÇÃO LITERÁRIA DO AUTOR ELIAS CANETTI NO ÂMBITO DA FAMÍLIA
11h30	Andrezza Gontijo Cláudio Pires Viana	LITERATURA INFANTIL E FORMAÇÃO HUMANA: POR UMA EDUCAÇÃO HUMANIZADORA DESDE A INFÂNCIA
11h45	Debate	

RESUMOS

1.1. A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL ATRAVÉS DE CLUBE DE LEITURA REALIZADO EM TURNO EXTRACLASSE

Mariana Fernandes Vasconcellos

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa-ação produzida no curso de Mestrado Profissional em Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa, campus Bagé/RS. Trata-se de um projeto de leitura literária estruturado através de um clube de leitura em turno extraclasse,desenvolvido com estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental de uma escola rural do município de Uruguaiana/RS. O objetivo principal do trabalho foi a formação de leitores literários a partir de um clube de leitura. A ação empreendida foi motivada pela constatação feita a partir do meu contexto de atuação como professora da educação básica de que a leitura de textos literários era pouco promovida, por vários motivos, dentre eles a falta de estratégias diferenciadas para a inserção dessas práticas no cotidiano dos estudantes. Como fundamentação teórica, baseei-me na Base Nacional Comum Curricular (2018), em Colomer (2007), Rösing (2009) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) para pensar sobre a leitura literária na escola. Apurei reflexões sobre a escolarização da literatura em Soares (2011) e Walty (2011). Já para a caracterização dos clubes de leitura, recorri a Cosson (2018), Maria (2016) e Yunes (2009). Para discutir a mediação de leitura, utilizei Gomes (2017), Petit (2010) e Reys (2012). O projeto compreendeu quatorze encontros do clube de leitura e são os resultados dele que apresento e discuto neste trabalho. Como resultado final, pude perceber que é plausível mobilizar os estudantes dos anos finais para a leitura literária, sendo assim, posso afirmar que formar leitores de literatura na escola é possível.

Palavras-chave: Formação de leitores. Leitura literária. Clube de leitura

1.2. O CLUBE LITERÁRIO *ENCONTROS* E AS RODAS DE LEITURA COM CRIANÇAS NO MUSEU NACIONAL DA UFRJ

Patrícia Braga do Desterro
Giselle Macieira Paes
Daniel Kaíque Oliveira de Albuquerque
Luísa Gabriel Terra

Em 2022, teve início no Museu Nacional o Clube Literário Encontros, um projeto de extensão idealizado por duas educadoras do setor educativo da instituição. Com o propósito de estabelecer uma ponte entre o conhecimento científico produzido no museu e a literatura, o projeto reúne estudantes de diversos cursos de graduação da UFRJ, que atuam como extensionistas. Desde sua criação, o Clube Literário Encontros busca engajar diferentes públicos, como adultos, jovens do ensino fundamental e crianças de 7 a 11 anos. O projeto tem como base teórica os pensamentos do educador Paulo Freire e do crítico literário e cientista social Antonio Candido. A leitura das obras desses e de outros autores inspira a equipe a valorizar a literatura como uma poderosa ferramenta de humanização e conscientização, com grande potencial transformador. Esse potencial não está restrito ao ganho de novos conhecimentos, mas também ao desenvolvimento pessoal e crítico dos indivíduos, ampliando sua visão de mundo e sua autonomia na busca por saberes. A literatura oferece uma forma de narrar e refletir sobre o mundo, ajudando a enfrentar as questões que nos afetam. Ao explorar as interseções entre ciência e literatura, o projeto incentiva o confronto com a realidade e a busca de soluções imaginativas e científicas para problemas sociais. Em 2024, as atividades voltadas ao público infantil incluíram rodas de leitura, oficinas de arte, a construção de uma biblioteca infantil no Museu Nacional e diálogos com cientistas, estimulando as crianças a explorar diferentes perspectivas sobre o mundo, relacionando as descobertas científicas à imaginação literária.

Palavras-chave: Clube de leitura. Museu. Ciência. Mediação de leitura. Literatura infantil

1.3. A MEDIAÇÃO E A FORMAÇÃO LEITORA NAS RODAS DE LEITURA LITERÁRIA NA EDU

Giovana Cerqueira Lopes Nunes
Cláudia Fernandes de Amorim de Oliveira
Márcia Cabral da Silva

Este estudo discorre sobre o Projeto de Extensão Rodas de Leitura Literária na EDU-UERJ. Entre as diversas rodas, foi selecionada a roda desenvolvida pela escritora Fernanda Paraguassu. Na ocasião, a jornalista e escritora destacou seus livros Possibilidades e A menina que abraçava o vento; ambos tratam do tema inclusão e foram aprovados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) de 2023. Fernanda possibilita a formação do leitor crítico, visto que em seus livros evoca a perspectiva inclusiva e o resgate de assuntos relevantes para as discussões sociais por meio da literatura no espaço do projeto. O objetivo principal do trabalho consiste em apresentar a literatura e as Rodas de Leitura Literária como formas de contribuir para formação leitora crítica dos participantes. A experiência com a literatura envolve a mediação leitora, conforme aponta Silva (2009). Entre os principais objetivos do projeto em consonância com a temática da inclusão, observam-se: I) formar leitores a partir da leitura compartilhada de obras literárias desenvolvidas por escritores, ilustradores e mediadores proficientes, ao facilitar o acesso a elas e a participação de todos os grupos sociais, o que pode promover uma aproximação entre literatura e sociedade, na perspectiva de Candido (2019); e II) relacionar o conteúdo das obras lidas com a realidade e a leitura do mundo dos participantes, como defende Freire (2009). Sendo assim, o projeto em exame contribui para práticas sociais que visam à diversidade e favorece o acesso à literatura no âmbito da universidade e da vida social.

Palavras-chave: Rodas de leitura. Mediação leitora. Leitor crítico. Literatura. Projeto de extensão

1.4. EDITAIS CULTURAIS E FORMAÇÃO DE LEITORES: EXPERIÊNCIAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA EM SC

Maria Laura Pozzobon Spengler
Desiree Leslie Silveira

A literatura promove encontros, entre sujeitos, entre o leitor, o autor e o livro, entre a escrita e a leitura, encontros que possibilitam repertórios alargados pelas experiências compartilhadas.Para as crianças, especialmente, a literatura é caminho para falar sobre si, para encontrar-se com o outro e para perceber-se pertencente ao mundo. Muitas vezes, o encontro com o livro e com a literatura se dá na escola, através de ações de mediação literária. Compreendendo a importância desse encontro, o objetivo desse trabalho é socializar experiências de mediação literária em municípios de Santa Catarina, realizadas através de editais de fomento à cultura. Os projetos apresentados aconteceram entre os anos 2023 e 2024, com ações de mediação literária para crianças de diferentes níveis de ensino. Para tanto foram selecionados livros de autores catarinenses, como Guilherme Karsten e Caroline Carvalho, cuja escolha buscou atender a perspectiva sobre livro ilustrado (Spengler, 2017; Van der Linden, 2012) e as mediações propostas contemplaram aspectos teóricos do letramento literário (Cosson, 2012) e mediação literária (Reyes, 2010; 2012). Os projetos também possibilitaram ações de formação de professores, agentes de biblioteca e bibliotecários com o intuito de fomentar ações de formação do leitor em diferentes espaços de leitura, especialmente em escolas de periferia. Com a realização dessas ações pudemos perceber que a mediação literária propicia um alargamento das experiências leitoras de crianças e adultos, pois ao conhecer obras literárias diversas, apropriam-se de pontos de vista diversos, ampliando assim, seu repertório cultural e de mundo.

Palavras-chave: Mediação literária. Livro ilustrado. Editais culturais

1.5. O PORTFÓLIO COMO FERRAMENTA CULTURAL MULTIFACETADA NA FORMAÇÃO DE MEDIADORES DE LEITURA: LER, REGISTRAR, AVALIAR, RESSIGNIFICAR

Leoneide Maria Brito Martins

A formação de mediadores de leitura no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão envolve um conjunto de atividades que orienta os discentes para uma aprendizagem significativa, que integra oralidade, leitura, escrita, planejamento, práticas de atividades literárias e avaliação dialógica do processo de ensino e aprendizagem. Esta pesquisa objetiva descrever e analisar a produção de portfólios na disciplina "Leitura e Formação de Leitores", como instrumento de registro, memória e avaliação da aprendizagem. Tem como base teórica os estudos de Chartier (1990, 1996, 1998), ao considerar as materialidades dos textos e as trajetórias "da palavra proferida ao texto escrito, da escrita lida aos gestos feitos, do livro impresso à palavra leitora" (1990, p.136). Também buscou-se base teórica em estudos sobre documentação pedagógica, em Warschauer (2001), Sá-Chaves (2004), Mello, Barbosa e Faria (2017). Foram analisados 08 (oito) portfólios, com vistas a identificar os registros da trajetória de aprendizagem dos sujeitos envolvidos no processo formativo. Considera-se que o portfólio constitui uma ferramenta qualitativa para a consecução de uma avaliação formativa, pois possibilita: o acompanhamento progressivo na apropriação dos conhecimentos teóricos e práticos pelos discentes, proporcionando uma apreciação mais abrangente de suas conquistas; fornece indicadores que facilitam o redirecionamento da prática pedagógica; documenta e registra, por meio de diferentes tipos de textos, os caminhos percorridos pelos discentes durante o processo formativo, seja nas (con)vivências no contexto universitário, assim como em outros espaços plurais de mediação de leitura.

Palavras-chave: Formação de mediadores de leitura. Portfólio cultural. Formação de Leitores. Curso de Biblioteconomia. Universidade Federal do Maranhão.

1.6. *AS MANHÃS DA AVÓ* (1875), DE VICTORIA COLONNA: REPRESENTAÇÃO DE MEDIAÇÕES DE LEITURA NO PRIMEIRO LIVRO INFANTIL BRASILEIRO

Cilza Carla Bignotto

O livro "As manhãs da avó: leitura para a infância" foi publicado em 1875, no Rio de Janeiro, por B. L. Garnier. Uma segunda edição revista da obra saiu em 1877. O nome da autora, Victoria Colonna, era pseudônimo de uma "distintíssima escritora brasileira", segundo Sacramento Blake, da qual não se "podia dar a devida notícia". Victoria Colonna era colaboradora do Jornal das famílias e tradutora de "Francinet: livre de lecture courante", escrito por Augustine Fouillé sob o pseudônimo G. Bruno. Sua tradução, intitulada "Chiquinho: enciclopédia da infância", foi publicada em 1873, com segunda edição em 1881. "As manhãs da avó" talvez seja o primeiro livro infantil brasileiro. A narrativa se articula em torno da personagem Dona Rita, senhora maranhense que instrui os netos, no Rio de Janeiro, por meio de narrativas e diálogos, que parecem ter como modelo "Le magasin des enfants" (1758), de Jeanne Marie Leprince de Beaumont, obra traduzida como "Tesouro de Meninas", de grande circulação no Brasil. Esta comunicação pretende apresentar análise da representação das práticas de leitura representadas em "As manhãs da avó", especialmente das mediações de leitura da personagem dona Rita. Essa representação ficcional se propunha a servir de exemplo para mães de família, segundo a autora do livro. A análise é fundamentada, principalmente, pelos trabalhos de Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansen (Intelectuais mediadores, 2016), Marisa Lajolo e Regina Zilberman (Literatura infantil brasileira, 2022), M. O. Greenby (Children's literature, 2014).

Palavras-chave: As manhãs da avó. Victoria Colonna. mediação de leitura. século XIX. representação de leitura

1.7. MEDIAÇÕES LITERÁRIAS COM A OBRA *OS DENGOS NA MORINGA DE VOINHA*

Alessandra Bezerra dos Santos Andrade
Kenia Adriana de Aquino

Este trabalho associa-se a uma pesquisa de mestrado em andamento, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) e ao projeto de pesquisa "Elementos paratextuais e estratégias de compreensão leitora na Educação Infantil e nos Anos Iniciais", ambos vinculados ao Grupo de Pesquisa Alfabetização e Letramento (Alfale) da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR). Tem como título: Mediações literárias da obra "Os dengos na moringa de voinha", da autora Ana Fátima (2023), com ilustrações de Fernanda Rodrigues, publicada pela Brinque-Book, e tem como objetivos analisar a obra e propor mediações de leitura e atividades literárias que favoreçam a formação leitora das crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental. São suporte para análise e criação das mediações as seguintes temáticas e autores: letramento literário, Cosson (2006); educação literária, Goulart (2023); compreensão leitora e mediação de leitura, Chambers (2023) e Bajour (2023); paratextos, Hunt (2010) e Nikolajeva e Scott (2011); estratégias de leitura, Solé (1998) e Girotto e Souza (2010), dentre outros. Analisar a obra e propor a leitura literária com mediações planejadas proporcionam o reconhecimento das articulações entre os textos verbal e visual, explorando estratégias de leitura e contribuindo para a construção de sentidos. Além disso, a mediação literária contribui para que o leitor se conecte ao texto, dialogando sobre ele e compreendendo suas pistas paratextuais.

Palavras-chave: Letramento literário. Educação Literária. Literatura infantil. Estratégias de leitura. Paratextos.

1.8. LITERATURA INFANTIL, ÉTICA, ESTÉTICA E ANÁLISE DO CONTO "A ROUPA NOVA DO IMPERADOR", DE HANS C. ANDERSEN

Maria Joaquina Silva Sousa
Patrícia Aparecida Beraldo Romano

Esta comunicação apresenta uma breve trajetória da literatura infantil com foco nos contos de fadas como conjunto de obras que, além de proporcionar deleite, oferece ao leitor conhecimento e formação para atuar no contexto social e cultural de forma ativa. Para isso, aborda reflexões sobre práticas da leitura na infância, seja na vida cotidiana ou na escola, ambientes favoráveis para mediação da formação leitora, seja feita por pais, parentes ou pelo professor no ambiente escolar e de forma lúdica. Além disso, aborda a relação entre os elementos constitutivos da literatura infantil, como a ética, a estética, o tratamento pedagógico e a mediação realizada pela escola e pela sociedade, que contribui para adquirir ou não o desenvolvimento das habilidades e gosto pela leitura. Neste estudo, será realizada ainda uma análise do conto "A roupa nova do Imperador", de Hans Christian Andersen, buscando estabelecer uma relação com o objeto de pesquisa, a percepção e a importância da ética e da estética como características presentes na narrativa e suas contribuições para o desenvolvimento intelectual, social e cultural das crianças. Para isso, estabelece-se um diálogo com os autores Machado (2002), Lajolo (2018), Vygotsky (2003), Sandroni (2019), Medeiros e Ribeiro (2022), entre outros que enfatizam a importância das obras literárias no processo de formação das crianças, bem como ressalta-se o papel da mediação da leitura literária nas escolas. O foco está na literatura em sua integridade, explorando seus aspectos éticos e estéticos.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Ética. Estética. Andersen. Mediação.

1.9. PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO NA FORMAÇÃO DE LEITORES: REFLEXÕES SOBRE A OBRA *THEATRO INFANTIL* (1904) DE OLAVO BILAC E COELHO NETO

Luiz Fernando da Costa Soares
Márcia Cabral da Silva

No Brasil da Primeira República (1889-1930), o acesso à educação e à leitura era limitado, reforçando a necessidade de iniciativas que formassem novos leitores. O livro Theatro Infantil, de Olavo Bilac (1865-1918) e Coelho Neto (1864-1934), é composto por 12 peças, sendo metade de cada autor, e emerge como uma obra que une literatura e moralidade, apresentando peças teatrais destinadas a crianças, com o objetivo de educar e entreter. A obra reflete os valores cívicos e culturais do período, utilizando o teatro como uma ferramenta pedagógica que dialoga com o imaginário infantil e promove práticas de leitura mediadas. Chartier (1994) enfatiza que a leitura é sempre mediada por práticas sociais e culturais específicas, enquanto Bourdieu (1996) destaca a relevância do capital cultural na formação de sujeitos. Em Theatro Infantil, essas ideias são evidenciadas pela presença de narrativas moralizantes e referências a obras clássicas, que serviam como ferramentas para introduzir a criança ao universo literário e formar leitores engajados e cidadãos. No entanto, o processo de mediação não se limita a um período histórico. Como aponta Silva (2019), a formação do leitor exige um mediador ativo, que seleciona, orienta e compartilha a leitura. Nesse sentido, Theatro Infantil se configura como um exemplo pioneiro dessa prática, demonstrando que, tanto no passado quanto no presente, o mediador é essencial para transformar o ato de ler em uma experiência significativa e formadora de uma nação brasileira e intelectualizada, seguindo os conceitos acerca dos temas relevantes à época da produção da obra.

Palavras-chave: Mediação Cultural. Literatura Infantil. Formação do Leitor. Primeira República.

1.10. QUANDO CONTAMOS E TECEMOS HISTÓRIAS TRANSCENDEMOS ESPAÇOS E CULTURAS: UMA LEITURA DE AMIZADE, IMAGINAÇÃO E LIBERDADE EM *KAFKA E A BONECA VIAJANTE*

Márcia Miranda Chagas Vale
Fabiane Verardi

O presente artigo é fruto das aulas ofertadas na disciplina de Leitura e movimentação cultural do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). Propõe- se, desta experiência, uma discussão transcultural a partir da obra juvenil Kafka e a boneca viajante (2009) do autor espanhol Sierra i Fabra e, através dela, traça-se uma viagem literária em que se incentiva a leitura de narrativas que alcancem lugares e memórias para além de uma cultura local, trazendo um enredo que leva os jovens leitores a perceberem que a amizade verdadeira nunca morre e que o amor evoca liberdade. Liberdade esta, que a personagem Elsi compreende a partir da perda de sua boneca Brígida que, sem chances de revê-la, tem de superar sua ausência; o carteiro viajante, Franz Kafka, a ajuda, produzindo cartas imaginárias como se fossem escritas pela boneca. Enriquem as discussões os diálogos imaginários e transgressores criados pelo autor com base na possível vivência de amizade entre o renomado escritor Franz Kafka e uma pequena garota, no ano de 1923, em Berlim na Alemanha. Portanto, é sob essa tessitura que lançamos mãos de referenciais teóricos como Bordieu e Chartier (2011), Chartier (2009), Petit (2006,2009), Fabre (2011), Darnton (1990), Ordine (2016), entre outros, para fundamentarmos os laços de sobrevivência e resistência que se alcança através do poder da leitura literária, da contação de histórias em culturas diversas que resistem ao tempo e atravessam espaços familiares e escolares, ajudando-nos a formar pessoas necessariamente livres para superarem tempos incertos.

Palavras-chave: Formação do leitor literário. Espaços leitores. Literatura juvenil. Kafka e a boneca viajante.

1.11. LITERATURA E EMPATIA: PEQUENOS GIROS DE LEITURAS TRIPLAS QUE LIGAM TUDO E TODOS

Daniel Weller

O presente trabalho apresenta o processo e os resultados de proposta para formação de alunos leitores de turmas de sexto ano do Município do Rio de Janeiro. O projeto tem como pano de fundo a implementação da metodologia Ler Liga Tudo e Todos (LLTT), que articula literatura e empatia para criação de "jornadas empáticas e ondas de empatia coletiva", como antídoto ao individualismo, propostas por Roman Krznaric (2015). A partir da arte de colocar-se no lugar do outro e por meio de práticas de leitura que privilegiam a intimidade, a confiança, o pequeno, o livre e o informal - "small is beautiful" (Geneviève Patte, 2012), três livros foram trabalhados: Extraordinário (R. J. Palacio), Diário de Anne Frank em Quadrinhos (Mirella Spinella) e Talvez Você Consiga (Imogen Foxell). Consciente de que ignoramos mais do que sabemos sobre "como fazer" (Colomer, 2007), as escolhas foram feitas no recorte temático "Protagonismo Jovem" e no eixo "Empatia", e o percurso na sala de aula consistiu destas oito etapas: estímulo inicial e criação de motivação, divisão da turma em três grupos para trabalho diversificado, primeira apresentação sobre os livros lidos, rodízio dos livros (giro 1), segunda apresentação, rodízio dos livros (giro 2), apresentação final e definição com a turma dos três novos livros relacionados ao mesmo eixo, a fim de enfatizar que a leitura é um primeiro passo na direção da liberdade (Zilberman, 2009), um direito e um meio para melhorar as condições de vida e as possibilidades de atuar no mundo (Silvia Castrillón, 2011).

Palavras-chave: Formação de Leitores. Leitura. Literatura. Empatia. Educação.

1.12. A CHAMADA TEMÁTICA E O POEMA NA MOCHILA: DUAS EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS

Luiz Carlos Coelho de Oliveira
Jade Antunes Gonçalves Navarro de Britto
Victória Maria de Souza Soares

Este trabalho apresenta e pensa dois experimentos pedagógicos com língua e literatura: o primeiro, de familiarização com o registro literário, chamado "um poema na mochila", e o segundo, de exercício de fabulação por meio da oralidade, a "chamada temática". Os experimentos foram levados a termo durante o ano letivo de 2024, no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, unidade acadêmica da UERJ, com quatro turmas de 3º ano do Ensino Médio no curso de Literatura. Os experimentos contaram com a participação de duas turmas de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Quanto ao primeiro experimento, estudantes receberam a orientação no começo ano letivo de que deveriam ter um poema à mão, de qualquer autoria, caso fossem sorteadas/os. No começo da aula, a/o estudante sorteada/o deveria ler um poema para a turma e desdobrar em diálogo com colegas as implicações de sua escolha etc. Quanto ao segundo, estudantes, ao invés de responderem convencionalmente a chamada para verificação de presença, deveriam quando chamadas/os responder a uma pergunta-gatilho catalisadora de reflexão, incursão analítica, fabulação, entre outras habilidades cognitivas, afetivas, expressivas etc. Finalmente, este ensaio se debruça sobre os processos de formação de leitoras/es, sensibilização ao registro literário, utilização da leitura, oralidade e escuta como instrumentos terapêuticos e úteis à criação de ambiência para a experiência sensível, a prática da liberdade e o exercício da invenção, procedimentos familiares à materialidade poética e literária.

Palavras-chave: Formação de leitores, chamada temática, poema na mochila

1.13. LER À MARGEM DAS CONVENÇÕES: MEDIAÇÃO LITERÁRIA, LEITURA DE POESIA E FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL

André Luís Mourão de Uzêda
Géssica Moreira Ramos
Esther Martins Monteiro

Apresentamos experiência desenvolvida com o reendereçamento (cf. Aguiar; Ceccantini, 2012) de poemas da geração mimeógrafo para o público juvenil com adoção da antologia Destino: poesia (Moriconi, 2012) como leitura curricular no 8° ano do CAp-UFRJ. Comprometida com a mediação literária em contexto formal de ensino e a leitura de poesia em sala de aula (Pinheiro, 2018), a experiência didática contou com o envolvimento de duas licenciandas em Letras, cujas aulas centraram-se na referida antologia. Nas regências, apostou-se na experiência com o texto poético como meio de se desconstruir determinados estigmas pré-estabelecidos sobre o gênero, mapeados previamente entre os estudantes, referentes a: 1. Tema – superação das noções de que poesia é "difícil de se compreender", "chato de ler" ou que "falam de amor e sentimentos"; 2. Forma – ampliação dos sentidos de "poesia", predominando entre eles a compreensão de poema como texto em que necessariamente se emprega rima, métrica fixa e versificação padronizada. Visando superar tais paradigmas, contrapomos visões estereotipadas com a poesia mimeógrafo, ressaltando-se a temática revolucionária e combativa à ditatura civil-militar, a postura anti-heroica do poeta marginal e a palavra poética como expressão de uma "cultura de resistência" (Hollanda, 2004) à repressão. Ademais, exploramos modelos não-convencionais de poesia, como o poema em prosa e o hibridismo entre gêneros textuais, manifestos em diferentes suportes de difusão da palavra poética, em especial o uso do mimeógrafo (levado para sala de aula). Ao final, compartilhamos escritas criativas dos estudantes que, inspirados pela poesia "marginal", redigiram poemas também "à margem" das convenções.

Palavras-chave: Formação docente inicial. Formação do leitor literário. Geração mimeógrafo. Leitura de poesia em sala de aula. Mediação literária.

1.14. FORMAÇÃO DE PROFESSORES-LEITORES: POR UMA ESCUTA DA PRESENÇA

Marcela Afonso Fernandez

Tendo como foco investigativo a formação de professores-leitores realizada com estudantes dos componentes curriculares Literatura na Formação do Leitor e Literatura na Escola a partir da experiência Leituras Compartilhadas, Ampliando Miradas, no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), nesta tessitura textual pretendo trazer à tona as principais reflexões acerca de um tema que vem emergindo dessa pesquisa e prática leitora: o valor da escuta da presença nas rodas de leitura literária, antessala e cerne das conversas literárias. Com base em uma articulação entre as referências teóricas que instigam o movimento de se pensar com o vivido, principalmente Carlos Skliar (2019, 2020), Cecilia Bajour (2012), Francisco Gregório Filho (2018, 2022) Yolanda Reyes (2021) e Michèle Petit (2009, 2024), o objetivo deste trabalho é tecer uma possível trama entre a escuta-presença, a leitura-partilha e a formação-mediação de professores-leitores, com vistas à fomentar e viabilizar a abertura de caminhos possíveis para a criação de novas comunidades de leitores, em diferentes contextos formativos. O gesto-ato pedagógico de oferecer a cada encontro-ritual em roda um acervo diversificado de livros de literatura infantil e juvenil e, de maneira hospitaleira, ler junto, vem revelando o seu potencial mobilizador de uma escuta sensível capaz de suspender o tempo acelerado que nos atravessa para se tecer, pelas conversas literárias, as linhas e as entrelinhas da palavravida, bem como interrogá-la e reverberá-la, com liberdade de voo.

Palavras-chave: professores-leitores. escuta. conversa literária. mediação de leitura

1.15. LITERATURA INFANTIL E PEDAGOGIA: ELEMENTOS PARA UMA FORMAÇÃO HUMANA E RESPONSÁVEL

Nazareth Salutto

“A leitura literária é um direito de todos que ainda não está escrito”. Bartolomeu Campos de Queirós escreveu essa afirmação no texto do Manifesto por um Brasil literário. Recentemente, dados de pesquisa publicada pelo projeto Retratos da Leitura no Brasil (Pró-Livro, 2024), revelam que o Brasil perdeu aproximadamente sete milhões de leitores/ras nos últimos anos. Combinação de diferentes fatores e condições socioeconômicas, os dados da referida pesquisa alarmam e apontam a distância em que ainda estamos de legitimar o direito humano à leitura literária em nosso país. Em diálogo com essas e outras orientações teórico-metodológicas, o presente trabalho tem por objetivo compartilhar elementos de projeto que vem sendo desenvolvimento com graduandas/os do curso de Pedagogia de uma universidade pública federal, considerando os preceitos preconizados na LDBEM 9394/96, nas DCNEI/2010 e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (Resolução, n. 2/2015), em cotejo à prática da leitura de literatura infantil na formação em Pedagogia. O trabalho desenvolvido tem por objetivo incentivar o acesso à leitura literária e estimular os processos de escolha, composição e organização de acervo de livros, problematizando a formação do/da leitor/ra na vida adulta e seus efeitos ético, estético e político na formulação de currículos, propostas pedagógicas e práticas na Educação Infantil. Ao fomentar a prática da leitura literária como exercício estético, crítico e sensível junto aos estudantes, por meio rodas de leitura literária, análise e elaboração de resenhas críticas de livros de literatura infantil, os estudantes são convidados a ler e problematizar seus próprios percursos como (não) leitores, bem como o papel da leitura literária na trajetória acadêmica no curso de Pedagogia, ressaltando o caráter humanizador, responsável e responsivo de tal prática.

Palavras-chave: Leitura literária. Literatura Infantil. Pedagogia. Formação Humana. Estética.

1.16. OFICINA LITERÁRIA: O CONTO DISTÓPICO

Luiz Carlos Coelho de Oliveira
Maria Eduarda Pereira Costa
Polyanna Vitoria Brito do Nascimento

A afirmação de T. S. Eliot: “nenhum verso é livre para quem quer fazer um bom trabalho” expressa a importância de parâmetros para a elaboração textual em oficinas criativas na educação básica. De forma sensível a esta orientação, em 2024, no contexto do estudo do romance O Conto da Aia, de Margaret Atwood (1984), aplicou-se uma oficina literária, com duas turmas de terceiro ano do Ensino Médio. A oficina propôs a produção, em atividade curricular para obtenção de grau, de textos ficcionais distópicos, a fim de que estudantes se familiarizassem com a ficção especulativa social, conceito utilizado pela autora para definir os procedimentos literários que definem o romance. A pesquisadora Regina Dalcastagnè (2023) aborda o recurso à distopia na literatura contemporânea como uma ”resposta” tanto à extrema direita quanto à pandemia de COVID-19, fatores que também podem ser observados nas produções dos estudantes. Assim, este trabalho trata tanto de um estudo de caso desta prática quanto uma reflexão sobre as potencialidades da produção textual criativa para a formação de leitores e escritores, conforme orientação de Geraldi (org.), em O texto na sala de aula (1984), segundo a qual o contato de estudantes com texto de seus colegas em sala de aula dá sentido social ao texto, aumenta seu rol de leitores, e privilegia a familiaridade com o texto, à medida em que o oferece em um nível de elaboração à altura da proficiência de mesmo nível daquele exercitado por estudantes, pois é produzido por elas/es mesmas/os.

Palavras-chave: Formação de leitores, formação de escritores, distopia, O Conto da Aia, Margaret Atwood

1.17. CONSTRUINDO MEMÓRIAS COM A LITERATURA E TEMAS FRATURANTES

Paloma Rezende de Oliveira
Thaís Regina da Costa de Jesus
Lilyan Pereira Moreira

O presente trabalho busca trazer alguns apontamentos sobre a prática de mediação de leitura literária realizada pelas monitoras do projeto de ensino da disciplina de Educação e Economia Política da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), em articulação com o projeto de extensão: Memoriando histórias no Colégio Pedro II. A mediação se deu a partir da leitura do livro O sonho de Lu Shzu, em oficina realizada na Semana de Integração Acadêmica da Unirio, na disciplina ofertada para o curso de Pedagogia e no ciclo de debates realizado com estudantes do ensino médio no Proeja do Colégio Pedro II Campus centro, onde foram exploradas discussões sobre temas fraturantes como: a exploração do trabalho, trabalho infantil, direitos e desigualdades sociais, gênero e economia do cuidado e o papel social da escola. Para subsidiar a mediação da leitura, baseamo-nos em Cecília Bajour (2012), que trata da necessidade de escutar e relacionar as falas e expressões dos ouvintes, valorizando a produção de sentido entre a temática trazida pelo livro e as vivências que as pessoas envolvidas nesse "momento literário" carregam; e Silva e Bertoletti (2017), que contribuem para o debate sobre a função da literatura e a formação de professores mediadores. Da união desta prática literária e do princípio freireano (1967) de pensar uma educação através das realidades e conhecimentos dos ouvintes, os temas fraturantes geraram reflexões sobre o que já foi vivido e experienciado pelos participantes e ajudaram a construir memórias e registros sobre esta prática de ensino.

Palavras-chave: Mediação literária. Temas fraturantes. Economia Política. Ensino. Extensão.

1.18. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS INFANTOJUVENIS ENQUANTO PORTA DA LITERATURA PARA ADOLESCENTES

Maria Eduarda Martins Rodrigues
Fabrícia Vellasquez Paiva
Brenda Cristina da Silva e Silva
Maria Eduarda Conceição da Silva

O Projeto de extensão "Narrativas sociais em outras histórias e novas memórias", da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, se iniciou com uma nova versão em maio de 2024, e tem por objetivo trazer a contação de histórias infantojuvenis, promovendo reflexão e estética como uma forma mais profunda de arte (Barthes, 1987; 1996). O projeto foi colocado em prática em um colégio Estadual de Seropédica, na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, e conta com duas turmas participantes, ambas do primeiro ano do ensino médio normal. A metodologia proposta foi a de primeiramente escutar os alunos para escolher histórias que se adequassem à realidade deles. Logo após, pelos fundamentos da contação de Sisto (2012), sobretudo pela concepção da arte de escutar histórias como prática libertadora para quem conta e para quem escuta, a proposta foi a de fazer da contação um momento lúdico, trazendo a realidade deles nas conversas sobre os livros, mas não se esquecendo de apresentar a contação como um local de acolhimento e de compreensão. O projeto leva até os alunos livros sempre com temas que os façam refletir sobre si próprios e suas realidades. Como resultado, ambas as turmas começaram a participar em maior quantidade do projeto, além contribuírem com suas reflexões e passarem a escutar mais uns aos outros, na dimensão do que Cândido (2004; 1988) discute quanto à literatura em seu potencial desenvolvimento de um lado mais humano, compreensivo e aberto ao outro em sociedade.

Palavras-chave: Contação de histórias. Literatura infantojuvenil. Escola. Reflexão. Compreensão.

1.19. A FORMAÇÃO LITERÁRIA DO AUTOR ELIAS CANETTI NO ÂMBITO DA FAMÍLIA

Márcia Cabral da Silva

Elias Canetti (1905-1994) é um autor bastante conhecido nas malhas literárias. Laureado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1981 pelo vasto conjunto de sua obra, nela destacam-se ensaios, romances e biografias. Neste estudo, examinam-se as primeiras experiências com a leitura literária rememoradas por Elias Canetti no primeiro volume de sua autobiografia A Língua Absolvida: História da uma Juventude (1987). A formação do leitor decorre de vários fatores, entre os quais se destacam os processos de mediação, como bem demonstrou Vygotsky em seus estudos ancorados na abordagem histórico-cultural (1991, 1998). Importa sublinhar o domínio da linguagem e, no recorte aqui adotado, a proficiência na compreensão de elementos composicionais que conformam a literatura. Necessário acentuar a mediação de outros seres humanos nesse processo, sejam os próprios autores, sejam outros leitores, em geral mais proficientes, que podem incentivar o interesse pela leitura e, não menos relevante, as condições de letramento com vistas à plena compreensão dos textos literários. Elias Canetti lembra de início, quando ainda muito pequeno, dos lugares (Nora, 1979) e das primeiras intervenções paternas. O rito de passagem ocorreu quando o pai, em um lugar sossegado da casa, contou-lhe a história de Aladim e a Lâmpada Maravilhosa, acentuando como era lindo e emocionante o ato de ler. A outra determinante mediação rememorada diz respeito às leituras maternas. A mãe era uma leitora contumaz de literatura geral, narrada em fragmentos ao filho em serões noturnos. O leitor nutriu-se dessa experiência inicial no âmbito da família, dimensão que, posteriormente, assumiu formas autônomas e mais curiosas à medida que Canetti crescia.

Palavras-chave: Elias Canetti. Mediação paterna. Mediação materna. Formação do leitor

1.20. LITERATURA INFANTIL E FORMAÇÃO HUMANA: POR UMA EDUCAÇÃO HUMANIZADORA DESDE A INFÂNCIA

Andrezza Gontijo
Cláudio Pires Viana

Este artigo reflete sobre a educação humanizadora defendida por Paulo Freire (1921-1997), considerando a importância da literatura infantil e suas contribuições para a práxis educativa e a formação humana desde a infância. Baseado em um estudo teórico de cunho qualitativo e bibliográfico do tipo hermenêutico fenomenológico, utiliza como referências teóricas, além de Freire (2011), Candido (1995), Andruetto (2017), Azevedo (2004), Hunt (2010) e Snyders (1993). O objetivo do trabalho é discutir os conceitos de literatura infantil, formação humana e educação humanizadora, evidenciando a importância da formação de leitores críticos desde a educação básica. Para tanto, busca-se investigar o sentido da práxis educativa como elemento essencial para mediar e consolidar essa concepção de formação emancipadora, que constitui sujeitos leitores da "palavramundo" (Freire, 2011), entendendo que, como fenômeno social, a educação permeia a vida do homem desde o nascimento e se realiza num processo dialético de criação e recriação de sentidos, a partir da sua práxis estabelecida na relação consciência e mundo. O artigo discute, a partir desses princípios do pensamento freiriano, os fundamentos de uma concepção de educação que possa contribuir para a formação dos educandos numa perspectiva crítica e humanizadora, pois, compreende-se a literatura infantil como agente formador e a escola como tempo-espaço potencial de dialogicidade entre educador e educando, de modo a contribuir para a formação de leitores autônomos capazes de interagir de forma significativa com o mundo ao seu redor.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Práxis Educativa. Formação Humana. Formação de Leitores.

SIMPÓSIO 2

Livro-objeto e Materialidade na Literatura Infantil e Juvenil

Coordenador(es): Diana Navas (PUC-SP), Janaina Freire de Oliveira dos Santos (PUC-SP) e Andreia de Oliveira Alencar Iguma (Proleli)

SESSÕES

Primeira Sessão: 28 de maio - 10h30 às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
10h30	Renan Luís Salermo	O AUDIOLIVRO NAS MÃOS: A EXPERIÊNCIA MATERIAL DE OUVIR HISTÓRIAS COM AS TONIES
10h45	Diego Fernandes Coelho Nunes Fernando Rodrigues de Oliveira	O CLUBE DA LEITURA E A PROMOÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA NO CONTEXTO DA DEFICIÊNCIA VISUAL
11h	Raquel Donegá de Oliveira Mara Sizino da Victória	CRIAÇÃO E USO DO LIVRO SENSORIAL LÚDICO NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA INFANTIL(API)
11h15	Dilaine de Oliveira Pereira Andreia de Oliveira Alencar Iguma	A MATERIALIDADE COMO ARTICULADORA DE SENTIDOS NO LIVRO “ZUBAIR E OS LABIRINTOS”: O LEITOR EM AÇÃO
11h30	Diana Navas Luara Teixeira de Almeida	O LIVRO-OBJETO NA LITERATURA INFANTIL: MATERIALIDADE E INCLUSÃO
11h45	Debate	

Segunda Sessão: 28 de maio - 13h30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Anna Luiza Lima Guimarães Vera Lucia Follain de Figueiredo	A LITERATURA EM MINIATURA: BRINCADEIRA DE AUTOR PARA LEITOR
13h45	Carmen Pimentel	SUBVERTENDO A LEITURA EM BIBI, DE GUSTAVO PIQUEIRA
14h	Natália Bonadia da Silva Fulgencio Catarina Moro	A REPRESENTATIVIDADE RACIAL NA LITERATURA INFANTIL DO PNLD: UMA ANÁLISE CRÍTICA DOS LIVROS APROVADOS PARA A PRÉ-ESCOLA
14h15	Henrique Magalhães dos Santos Mônica de Menezes Santos	SABERES INFANTIS E ADULTOCENTRISMO: O LIVRO-IMAGEM COMO O LUGAR ONDE O SUBALTERNO PODE FALAR
14h30	Cristiane do Couto de Moraes Regina Michelli	A LINGUAGEM VERBAL E A ILUSTRAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS: FITA VERDE NO CABELO E O GUARDA-CHUVA VERDE
14h45	Debate	

Terceira Sessão: 29 de maio - 8h às 9h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
8h	Vivian Maria Marcondes	ERA UMA VEZ, AGORA É SÓ LAMA: A DEGRADAÇÃO AMBIENTAL E IMPACTOS CAUSADOS, CONTADOS EM IMAGENS E PALAVRAS
8h15	Edgar Roberto Kirchof Rosa Maria Hessel Silveira	FICÇÃO SOBRE FICÇÃO: A METAFICCIONALIDADE EM RICHARD BYRNE E ANDY LEE
8h30	Janaina Freire de Oliveira dos Santos	AS DOBRAS E DESDOBRAS NA EXPERIÊNCIA DE LEITURA COM O DIA SE DESDOBRA, DE JULIANA STORTO
8h45	Andreia de Oliveira Alencar Iguma	UM LUGAR CHAMADO AQUI: ENCONTROS E DESENCONTROS NA LITERATURA JUVENIL PREMIADA
9h	Carla Sass Sampaio Anna Carolina Cabral de Andrade da Matta Machado Ana Beatriz Corrêa Mesquita da Silva	A LITERATURA COM E PARA CRIANÇAS NO 1º ANO DO CAP-UERJ
9h15	Debate	

RESUMOS

2.1. O AUDIOLIVRO NAS MÃOS: A EXPERIÊNCIA MATERIAL DE OUVIR HISTÓRIAS COM AS TONIES

Renan Luís Salermo

O som é tradicionalmente conhecido como uma linguagem intangível, sendo representado como uma fumaça no campo da invisibilidade (Wisnik, 1989; Santaella, 2005). Nessa direção, o audiolivro enquanto materialidade também é compreendido como um formato que se realiza a partir da propagação de ondas sonoras (Rubery, 2016). A partir desse lugar, neste trabalho, temos o objetivo de explorar os limiares entre o som e as suas materialidades, utilizando como objeto de análise os audiolivros para as infâncias reproduzidos por meio das Tonies, um sistema interativo de narração que é acionado quando a criança posiciona o brinquedo no tocador de som. Ao trazer o audiolivro para um formato interativo, as Tonies inserem as crianças em uma experiência literária que confere concretude para o audiolivro a partir da interação do boneco com o tocador de sons. Voltado para a construção material do audiolivro, este estudo investiga como a dimensão sensorial desse formato é capaz de oferecer uma experiência literária que expande os limites da escuta do audiolivro e ressignifica a relação com as narrativas por meio da materialidade. Para isso, partimos de uma perspectiva teórica que considera as materialidades na literatura infantil e seu potencial narrativo (Navas, 2022), com o intuito de compreender como a interface físico-digital influencia a recepção e interpretação dos audiolivros. Assim, temos o propósito de evidenciar como a interação direta com os bonecos estimula uma renovada imersão estética no campo do audiolivro, reforçando a importância dos estudos da materialidade literária para as infâncias em diálogo com as novas tecnologias.

Palavras-chave: Audiolivro; Interação; Materialidades.

2.2. O CLUBE DA LEITURA E A PROMOÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA NO CONTEXTO DA DEFICIÊNCIA VISUAL

Diego Fernandes Coelho Nunes
Fernando Rodrigues de Oliveira

O projeto de ensino e de pesquisa 'Clube da leitura' surgiu com base em experiências de leitura literária no Acervo Infantojuvenil da Biblioteca Louis Braille do Instituto Benjamin Constant (IBC), no Rio de Janeiro, onde atuo como professor de língua inglesa. No mês de outubro do ano de 2022, de modo a construir entendimentos sobre o período de Halloween, ao longo das aulas que ministro, foram propostas diferentes atividades de leitura literária de textos de horror, suspense e mistério com turmas de 6º e 7º ano. Além de despertar o interesse dos estudantes pela leitura, os momentos vivenciados nesta atividade renderam diferentes produções como, por exemplo, desenhos e pinturas, as quais foram transformadas em um belo mural, assim como um texto de horror construído coletivamente e que está para ser publicado. A partir dessa experiência, temos buscado compreender de modo mais sistematizado o papel dos clubes de leitura na promoção de práticas de leitura literária e na formação de leitores no contexto da deficiência visual. Além disso, conforme apontam diferentes estudos no campo da leitura e dos estudos literários (LAJOLO, 1993; ZAPPONE, 2007; CANDIDO, 2011, DALVI, 2013), o ensino da literatura/letramento e educação literária é parte essencial do processo de escolarização e da formação desses sujeitos. Nessa linha, também a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no campo Artístico-literário, reafirma a importância de os estudantes participarem de atividades como clubes da leitura, mostras artístico-culturais, entre outras. Assim, por meio desta apresentação, compartilhamos um pouco do que tem sido produzido no Clube da Leitura do IBC.

Palavras-chave: Leitura Literária. Biblioteca. Deficiência Visual. Clube da Leitura. Letramento Literário.

2.3. CRIAÇÃO E USO DO LIVRO SENSORIAL LÚDICO NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA INFANTIL (API)

Raquel Donegá de Oliveira
Mara Sizino da Victória

O processo de avaliação psicológica infantil (API) é complexo e envolve várias etapas que pressupõem considerar aspectos intersubjetivos concernentes à criança. Assim, deve-se atentar ao setting avaliativo, à relação psicólogo-paciente e aos padrões de desenvolvimento do avaliando. Partindo das premissas de que atividades lúdicas - incluindo histórias - proporcionam fluidez na comunicação de forma significativa e prazerosa, propõe-se o uso de um livro sensorial como recurso complementar para enriquecer e aprofundar o processo de API. Nesse sentido, apresentamos um livro sensorial concebido para a API de crianças de 3 a 6 anos, ressaltando a possibilidade de personalizá-lo individualmente, uma vez que se trata de um produto artesanal. A API pode ser proporcionada por meio da interação com o livro, que é composto por uma diversidade de texturas, cores, formas e materiais. O tema "ciclo da água" serve como base para a construção de um percurso a ser explorado, e as páginas funcionam como o cenário de uma narrativa a ser enunciada pelo avaliando. Além disso, o livro apresenta uma variedade de personagens que podem ser escolhidos durante o uso. Como resultado, notou-se a possibilidade de observar dificuldades e habilidades motoras, cognitivas, comportamentais e comunicativas, potencializando a investigação da percepção espacial, visual e sensorial infantil. Desse modo, o livro sensorial pode contribuir na API como um recurso complementar de maneira eficaz e lúdica, já que promove a ampliação do setting terapêutico, por meio do engajamento infantil e possibilita investigar aspectos subjetivos ocultos por meio do brincar.

Palavras-chave: Infância. Livro sensorial; Psicologia. Avaliação Psicológica.

2.4. A MATERIALIDADE COMO ARTICULADORA DE SENTIDOS NO LIVRO *ZUBAIR E OS LABIRINTOS*: O LEITOR EM AÇÃO

Dilaine de Oliveira Pereira
Andreia de Oliveira Alencar Iguma

Grande parte dos livros destinados ao público infantil e juvenil tem apresentado, nos últimos tempos, características que os retiram da categoria de meros suportes de textos verbal e imagético. Nos livros ilustrados, as relações entre palavra, imagem e design gráfico, combinados na construção da narrativa, produzem novas concepções de livro e de leitura, bem como convidam a uma maior participação do leitor literário. É assim em "Zubair e os labirintos", com texto verbal, ilustrações e projeto gráfico do escritor, ilustrador e dramaturgo Roger Mello. Partindo de um fato real, a Guerra do Iraque, em 2003, que ocasionou a morte de civis, bem como a destruição e pilhagem de objetos, relíquias da Antiguidade, o que torna esse livro um livro ilustrado e a sua leitura uma experiência nada automatizada é o que procuro apresentar neste trabalho. A partir das reflexões de Sophie Van der Linden (2018) sobre o livro ilustrado, e de Lúcia Pimentel Góes (2009) sobre a leitura de múltiplas linguagens, podemos reconhecer que, em "Zubair", o design é articulador de sentidos, à medida que permite ao leitor se surpreender com um livro dentro do livro, que passará a ler juntamente com o personagem Zubair. Personagem e leitor são envolvidos em movimentos, jogos, trocadilhos, desafios, numa verdadeira aventura leitora. E não seria assim também a leitura literária, uma experiência que pode nos levar a lugares que não imaginamos de antemão e de onde sairemos sem ter todas as respostas?

Palavras-chave: Materialidade. Design. Linguagens. Leitor. Leitura.

2.5. O LIVRO-OBJETO NA LITERATURA INFANTIL: MATERIALIDADE E INCLUSÃO

Diana Navas
Luara Teixeira de Almeida

A presente comunicação propõe discutir o papel do livro-objeto como recurso narrativo e sua contribuição para uma literatura infantil inclusiva e sensorial. Partindo da relação entre materialidade e narrativa, analisaremos como livros-objeto, especialmente aqueles voltados para crianças com deficiência visual, ampliam os horizontes da literatura infantil ao incorporar elementos táteis e sonoros que enriquecem a experiência de leitura de todos os leitores, independentemente de suas condições físicas. Com base no design inclusivo e no conceito de tato ativo, abordaremos os desafios e potencialidades de criar livros acessíveis que não apenas transponham barreiras físicas, mas que também enriqueçam a narrativa literária. Serão apresentados exemplos de práticas editoriais como as da editora Les Doigts Qui Rêvent, que explora narrativas hápticas e mecanismos interativos como parte essencial da experiência de leitura. A fundamentação teórica apoia-se em estudos sobre literatura infantil, psicologia da percepção e design inclusivo, além da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, destacando a necessidade de promover acesso equitativo à literatura para crianças cegas e videntes. Por meio desta abordagem, argumentaremos que os livros-objeto não apenas democratizam o acesso à literatura, mas também incentivam a inovação na criação de narrativas que dialogam com diferentes sentidos e expandem o conceito de leitura no contexto contemporâneo da literatura infantil e juvenil.

Palavras-chave: Livro-objeto. Inclusão. Literatura infantil. Design inclusivo. Narrativa sensorial.

2.6. A LITERATURA EM MINIATURA: BRINCADEIRA DE AUTOR PARA LEITOR

Anna Luiza Lima Guimarães
Vera Lucia Follain de Figueiredo

Este artigo pretende trazer à luz um trabalho realizado durante os processos criativos da autora argentina de livros para a infância Yael Frankel: seus mini fanzines. Yael tem diversos livros traduzidos e premiados pelo mundo, mas não são esses que vamos olhar aqui. Aqui iremos olhar narrativas que nascem como brincadeira da autora, mas que ganharam uma edição especial e limitada pela editora chilena independente Dudo Ediciones. Uma caixinha com 3 mini fanzines, cobertas com uma luva de papel vegetal, e o miolo com bolsos de onde retira-se as imagens das histórias. A caixinha foi vendida em feira de livros independentes no Chile. Além dessa edição comercializada, Yael mostra na sua página no instagram diversos outros mini fanzines criados ao longo dos anos. Podemos chamar os mini fanzines da autora de minilivros? Como é essa literatura que nasce apenas das explorações materiais em meio aos outros processos criativos? E qual é a relação dos leitores com essas publicações que, por sua miniaturização, não parecem livros "de verdade", mas "de brinquedo"? Amparada por Walter Benjamin, que foi um colecionador de miniaturas, e Gandhy Piorski, que analisa a importância das artesanias na infância, trago a reflexão sobre como o processo da autora conversa com a infância e coloca em nossas mãos a possibilidade e potência de colocar literatura, brincadeira e criação artística lado a lado.

Palavras-chave: literatura. infância. miniaturas. materialidade.

2.7. SUBVERTENDO A LEITURA EM *BIBI*, DE GUSTAVO PIQUEIRA

Carmen Pimentel

Analisa-se a obra Bibi, de Gustavo Piqueira, publicada em 2019, pela editora Lote 42, como 'metanarrativa', pois o texto é construído em torno de um dos elementos da narrativa: a criação do personagem principal. A ideia de metanarrativa baseia-se no conceito de metalinguagem, cunhado pelo pensador russo Roman Jakobson (2008). Também referencia-se Baldi (2019), em relação a este conceito, que diz ser a metalinguagem uma espécie de 'espelho'. O narrador é o protagonista da história e revela-se como um narrador intruso, de acordo com Friedman (2002). Há na obra, também, o experimento de diferentes gêneros textuais: começa como um livro infantil, transforma-se em imagens risográficas, passa à fotonovela, em seguida a somente texto escrito, texto visual, entre outros. O projeto gráfico de Bibi complementa o texto, constituindo a materialidade narrativa do livro, ou seja, a história do personagem se constrói junto e ao mesmo tempo em que os recursos gráficos vão compondo a progressão do texto escrito: tipografia, gramaturas do papel, recursos visuais. O objetivo da obra é colocar o leitor numa posição de desconforto e reconsideração de conceitos tradicionais de leitura, levando-o a uma experiência estética que somente a Arte e a Literatura são capazes de proporcionar (Santaella, 2005). Apesar de Bibi ser um livro de leitura sequencial, sua constituição nada convencional quebra com as expectativas passivas do leitor. Considera-se, assim, que a obra se enquadra na definição de livro de artista (Plaza, 1982), por ser uma montagem de espaços que leva a novas configurações e formas de leitura, mistura e junção de elementos de estruturas estéticas diversas.

Palavras-chave: Narrador intruso. Transgressão na literatura. Metanarrativa. Gêneros textuais. Materialidades.

2.8. A REPRESENTATIVIDADE RACIAL NA LITERATURA INFANTIL DO PNLD: UMA ANÁLISE CRÍTICA DOS LIVROS APROVADOS PARA A PRÉ-ESCOLA

Natália Bonadia da Silva Fulgencio
Catarina Moro

A literatura infantil desempenha um papel crucial na formação das crianças, influenciando sua visão de mundo e sua identidade. Assim, é importante questionar se as obras literárias adotadas nas instituições de educação infantil refletem a diversidade étnico-racial brasileira e promovem a inclusão ou se reforçam estereótipos prejudiciais. A revisão bibliográfica realizada destaca a importância da representatividade racial na literatura infantil, seu impacto no desenvolvimento das crianças e na luta contra a desigualdade racial, apresentando um contexto histórico das representações de personagens negras nos livros infantis e das políticas de distribuição de livros infantis, com foco no PNBE e no PNLD. O objetivo deste estudo foi analisar a representatividade étnico-racial nas obras, de literatura infantil, aprovadas no PNLD Literário 2022 - pré-escola. Encontrou-se 270 obras, fez-se seleção de uma amostra, levando como critério a presença de personagens negros humanos na capa. Com base nas capas pesquisadas e nas editoras identificadas, levantou-se um total de 56 livros de 46 editoras; foram escolhidos 18 livros de 10 editoras distintas para a análise final, utilizando como critério de exclusão dois ou mais livros por editora ou autor(a). Considerou-se as ilustrações, abordagens relacionadas à temática racial, a representatividade dos personagens negros e seus papéis nas narrativas e, também um mapeamento autoral, para avaliar a etnia dos artistas incluídos na amostra. A maioria das obras analisadas promoveu o pertencimento e a autoestima, retratando personagens negros de forma positiva. Entretanto, restam como desafios em algumas obras, a falta de protagonismo negro e o embranquecimento das personagens.

Palavras-chave: Pré-Escola. Diversidade Étnico-Racial. PNLD 2022. Literatura Infantil. Representatividade Racial

2.9. SABERES INFANTIS E ADULTOCENTRISMO: O LIVRO-IMAGEM COMO O LUGAR ONDE O SUBALTERNO PODE FALAR

Henrique Magalhães dos Santos
Mônica de Menezes Santos

O adultocentrismo, enquanto estrutura de poder, marginaliza práticas e saberes infantis, perpetuando dinâmicas de exclusão que permanecem pouco exploradas nas teorias críticas literárias, assim como nas teorias acerca da subalternidade, do feminismo, de classe e de raça. Assim, a presente pesquisa busca evidenciar como o adultocentrismo inviabilizou o surgimento de epistemologias críticas e analíticas oriundas das práticas infantis, bem como flagrar nos quadros conceituais contemporâneos lógicas que já estavam presentes na infância, mas que foram deslegitimadas ao longo da história. Tal investimento se justifica na medida em que se nota a marginalização da noção de infância nas pesquisas e reflexões acerca das formas de opressão históricas (Said, 1988; Spivak, 1985; Babbah, 1994), especialmente no âmbito das abordagens sobre literatura, onde ela permanece quase inteiramente ausente como categoria analítica. Portanto, pretende-se cartografar um percurso que possibilite uma compreensão das bases de sustentação do adultocentrismo no Ocidente, entendendo-o como uma instância de organização social com critérios geracionais, cujas implicações reverberam profundamente nas subjetividades e atravessam diversas linhas dos dispositivos (Deleuze, 2005; Foucault, 2000) que configuram o tecido social. Na esteira dessas considerações, elege-se como objeto de análise o livro-imagem Espelho (2006), da book artist sul-coreana Suzy Lee, que explora a fisicalidade do livro subvertendo seu status tradicional de mero suporte. A pesquisa propõe, por um lado, sistematizar epistemologias baseadas em práticas próprias à infância — frequentemente desaconselhadas ou deslegitimadas na idade adulta — e, por outro, evidenciar como muitas das noções presentes em teorias contemporâneas já podiam ser flagradas nas práticas infantis.

Palavras-chave: Infância. Adultocentrismo. Literatura infantil e juvenil. Livro-imagem. Suzy Lee.

2.10. A LINGUAGEM VERBAL E A ILUSTRAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS: "FITA VERDE NO CABELO" E O *GUARDA-CHUVA VERDE*

Cristiane do Couto de Moraes
Regina Michelli

O trabalho com as narrativas literárias realizado com alunos se mostra bem proveitoso, pois é uma oportunidade de mesclar o conhecimento prévio sobre as diversas histórias ouvidas em suas vidas seculares, junto aos familiares, comunidade e mídias, com as histórias lidas na escola. A leitura das narrativas coloca o leitor diante de situações de reflexão, sensibilização, pois a leitura de uma história elenca situações pertencentes ao mundo real, porém, o contato com tais histórias não precisa ter um objetivo pedagógico. O ato de ler não necessita identificar questões da vida humana. Das narrativas se esperam também o estranhamento, o deslumbramento, a diversão e o despertar da imaginação. Este trabalho tem como objetivo a análise de dois contos da literatura infantil e juvenil - Fita verde no cabelo: nova velha estória (1992), de José Guimarães Rosa, e O guarda-chuva verde (2010), do escritor coreano Yun Dong-jae, pensando a construção artística dos dois contos sob os aspectos da narratividade de suas ilustrações, que, em conjunto com a linguagem verbal, constroem a história, atentando para a escolha da cor verde na elaboração dos significados nas narrativas. A pesquisa propõe um olhar aguçado nas simbologias das duas obras e suas implicações na formação do leitor literário infantojuvenil. A base teórica deste trabalho fundamenta-se nas principais teorias e conceitos sobre narratividade apresentados por Carlos Reis, Marie-Laure Ryan, Rolland Barthes; a formação do leitor literário, em Regina Zilberman; as ilustrações serão analisadas segundo Roger Mello e a representatividade das cores, com apoio em Chevalier e Gheerbrant.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Narratividade. Ilustração. Texto verbal.

2.11. ERA UMA VEZ, AGORA É SÓ LAMA: A DEGRADAÇÃO AMBIENTAL E IMPACTOS CAUSADOS, CONTADOS EM IMAGENS E PALAVRAS

Vivian Maria Marcondes

Muitos são os contos para infância iniciados pelo clássico "Era uma vez", e, usualmente, finalizados pelo aguardado "foram felizes para sempre". No entanto, para algumas crianças (e adultos) de municípios brasileiros — entre eles, Brumadinho, Mariana, São Sebastião" —, ao "era uma vez" seguiu-se, resultante de ações de degradação ambiental, o "agora é só lama". Transpostas para livros-ilustrados, essas histórias reais possibilitam, conforme explicita Britto (2024) "conhecer, pela arte e pela criação intelectual humana (...) a vida que se faz humana pela ação humana, tensa, complexa, difícil". O presente estudo visa, dessa forma, apresentar a análise dois livros ilustrados (Nikolajeva, Scott, 2011; Van der Linden, 2011) sobre degradação ambiental e a invasão de municípios pela lama, em que os/as autores se valem das arte da palavra e da arte da imagem, em uma proposição em que não há indissociação entre ambas, para contar-denunciar histórias reais. Nos livros "Sagatrissuinorana" (Guimarães, Cruz, 2020) e "Sebastião" (Fragata, Figueiredo, Mafra, 2023) os/as autores/as abordam um tema fraturante extremamente relevante e passível de se tornar objeto de leitura e estudos por crianças e jovens. Na análise, são apresentados os elementos dos quais se valeram os/as autores/as — tais como multimodalidade (cores, traços, disposição das imagens e de textos), ambientação, distribuição e categorização das informações em planos para observação — de forma a possibilitar uma experiência estética de construção de sentidos (Montes, 2020; Bajour, 2012, 2023; Reyes, 2012, 2021), experiência vital para o fortalecimento da humanização (Candido, 2017) e da criticidade a partir da literatura.

Palavras-chave: Literatura para infância. livro-álbum; temas fraturantes. degradação ambiental. formação de leitores/as.

2.12. FICÇÃO SOBRE FICÇÃO: A METAFICCIONALIDADE EM RICHARD BYRNE E ANDY LEE

Edgar Roberto Kirchof
Rosa Maria Hessel Silveira

Este trabalho analisa a metaficcionalidade como estratégia discursiva na literatura infantojuvenil contemporânea, focando em autores estrangeiros traduzidos para o português e publicados no Brasil: Richard Byrne e Andy Lee. Byrne é autor de obras como 'Este livro comeu o meu cão', 'Estamos no livro errado' e 'Este livro está fora do controle', enquanto Lee escreveu 'Não abra este livro' e suas continuações. A metaficção, entendida como "a ficção sobre a ficção" segundo Linda Hutcheon (1981), é um conceito que, embora historicamente associado à literatura adulta desde o século XVI, tem ganhado destaque na literatura infantojuvenil contemporânea. Autores como Navas (2015) e Colomer (2003) destacam que essa característica enriquece a experiência de leitura infantil, ao mesmo tempo em que a torna desafiadora e envolvente. Na análise das obras de Byrne e Lee, nota-se que uma estratégia recorrente é transformar o livro em personagem. Além disso, os narradores frequentemente interagem com o leitor, chamando atenção para a materialidade do livro, como em comandos para virar ou não a página (presente nos livros de Andy Lee) ou em convites para observar elementos gráficos, como a dobra da página, característica marcante em Byrne. Além disso, os autores incorporam elementos interativos na estrutura física dos livros, reforçando o caráter metaficcional das obras ao priorizar o uso do objeto-livro sobre o conteúdo narrativo.

Palavras-chave: Metaficção. Literatura infantil. Richard Byrne. Andy Lee

2.13. AS DOBRAS E DESDOBRAS NA EXPERIÊNCIA DE LEITURA COM *O DIA SE DESDOBRA*, DE JULIANA STORTO

Janaina Freire de Oliveira dos Santos

Refletir sobre a materialidade de um livro-objeto é considerar o quão esta pode interagir e até mesmo determinar a forma como o leitor irá realizar sua leitura, criando interações e influenciando na sua interpretação e assimilação, numa experiência extremamente significativa para o leitor. Assim, com esta comunicação, pretende-se refletir sobre a forma como leitores experienciam e interagem com a obra O dia de (des)dobra, de Juliana Storto, premiada com o FNLIJ 2023 na categoria ilustradora revelação. Destinados a leitores de 0 a 100 anos, a obra apresenta sua narrativa a partir de imagens confeccionadas a grafite e aquarela, no formato sanfonado, fazendo com que o leitor, ao desdobrar cada uma de suas 56 páginas, construa sua própria narrativa/percepção sobre uma (ou duas) garotinha(s) com seu(s) cachorro(s). Para tal, serão utilizadas as concepções de Barthes (2020), considerando como a materialidade convida o leitor a "escrever" sua própria narrativa, explorando as possibilidades abertas pelas narrativas do livro; Eco (2015), na qual oferece uma base teórica para discutir a interatividade e múltiplas interpretações no livro de Storto, e a fenomenologia de Merleau-Ponty (2018 e 2013) para entender a interação tátil e visual com "O dia se desdobra" como um processo de descoberta corporal e sensorial, na qual o leitor não apenas lê o conteúdo, mas também o sente, interagindo fisicamente com as dobras e formas do livro.

Palavras-chave: Livro-objeto. Materialidade. Experiência de leitura. Juliana Storto

2.14. *UM LUGAR CHAMADO AQUI*: ENCONTROS E DESENCONTROS NA LITERATURA JUVENIL PREMIADA

Andreia de Oliveira Alencar Iguma

Esta comunicação tem como objetivo analisar o obra "Um lugar chamado aqui" (2016), escrita por Felipe Machado e ilustrada por Daniel Kondo e editada pela SESI-SP; foi premiada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ, na categoria "melhor para jovem". Aqui, o interesse se

desdobra em dois, sendo eles: olhar a materialidade da obra como parte estruturante da narrativa, posto que é impossível desassociá-la da leitura; e, ainda, problematizar acerca dos conceitos de juventudes. Sobre o livro é importante registrar que a sua construção textual e imagética contém marcas explícitas sobre a era virtual na qual estamos inseridos, uma vez que a relação apresentada tem como enredo duas personagens que vivem um amor à distância, porque não conseguem habitar o mesmo espaço e tempo. Dessa forma, a virtualidade ocupa lugar de prestígio, pois a conexão se dá a partir do uso de um smartphone. Seriam eles os "nascidos em tempos líquidos", parafraseando o sociólogo Zygmunt Bauman (2018)? E quais noções de espaço e tempo são possível de encontrar na obra que dialogam com a sociedade contemporânea? Espera-se que essas provocações contribuam com o simpósio Livro-objeto e materialidade na literatura infantil e juvenil.

Palavras-chave: Juventudes. Literatura juvenil premiada. Materialidade

2.15. A LITERATURA COM E PARA CRIANÇAS NO 1º ANO DO CAP-UERJ

Carla Sass Sampaio
Anna Carolina Cabral de Andrade da Matta Machado
Ana Beatriz Corrêa Mesquita da Silvaa

O presente trabalho busca apresentar os impactos da literatura infantil , sob a ótica de uma literatura emancipatória, em turmas do 1º ano do Ensino Fundamental do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), unidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Através do componente curricular Oficina de Leitura, semanalmente os estudantes de três turmas do 1º ano vivenciam um trabalho específico com a literatura em pequenos grupos e com a mediação de uma bolsista de Iniciação à Docência do curso de Pedagogia e duas docentes do Departamento de Ensino Fundamental . As vivências são voltadas para um trabalho de formação de leitores, tendo como principal objetivo adentrar o mundo da leitura por meio das relações construídas pelas crianças com o objeto livro. A valorização da escuta bem como da materialidade, do toque, do cheiro, do barulho das páginas viradas, entendido por nós como tão importantes quanto o texto em si. Compreender a literatura também nas relações estabelecidas entre texto e imagem, um olhar aprofundado sobre as construções de personagens, com base na compreensão leitora das crianças, bem como a escolha de obras que também estão encoradas num projeto de educação antirracista e de defesa dos direitos humanos. O trabalho está em diálogo com as contribuições de Cecilia Bajour, Silvia Castrillón, Yolanda Reys, Marisa Lajolo e Paulo Freire.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Formação do leitor. Oficina de leitura.

SIMPÓSIO 3

Literatura Infantil/Juvenil sob ataque: censura, interferência e os desafios para a liberdade de expressão literária

Coordenador(es): Thyago Madeira França (UFTM) e Anabel Medeiros Azerêdo de Paula (SEEDUC-RJ)

SESSÕES

Primeira Sessão: 29 de maio - 13h30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Lucecleia Francisco da Silva Maria Amélia Dalvi	LEITURA EM CONTEXTOS DE ADVERSIDADE: A FORMAÇÃO DE JOVENS LEITORES NA PERIFERIA
13h45	Denise da Silva Lipinski Godoi Rafael Ginane Bezerra	O PATO, A MORTE E A TULIPA: CIRCUITO NARRATIVO COM PROFESSORAS DAS SÉRIES INICIAIS
14h	Yasmin Queiroz Santos Sanches Mônica de Menezes Santos	DO SILÊNCIO AO PAPEL: O ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL NA INFÂNCIA ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTIL
14h15	Anabel Medeiros Azerêdo de Paula	O SILENCIAMENTO DA HOMOSSEXUALIDADE NAS BIBLIOTECAS ESCOLARES
14h30	Thyago Madeira França	INFÂNCIA, NEOLIBERALISMO E AUTOCUIDADO: DISCURSOS DE ATAQUE E CENSURA NA LITERATURA
14h45	Debate	

Segunda Sessão: 30 de maio - 8h às 9h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
8h	Jakeline Nascimento Sousa José Humberto Rodrigues dos Anjos	MEDIAÇÃO DE LEITURA COM TEMAS FRATURANTES: A QUESTÃO DE GÊNERO EM A BOLSA AMARELA, DE LYGIA BOJUNGA
8h15	Isabela Feliciano Moreira Patricia Rodrigues Rezende	O (NÃO) ESPAÇO DA LITERATURA NEGRA NO MATERIAL RIOEDUCA: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO LITERÁRIA
8h30	Alessandra Rodrigues de Moraes Maria Betânia Almeida Pereira	LITERATURA INFANTOJUVENIL E A LEI 10639/03: EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA EM TURMAS DO ENSINO FUNDAMENTAL II
8h45	Regina Michelli	FELICIDADE NADA INSTANTÂNEA E O PERCURSO DE ENFRENTAMENTOS EXISTENCIAIS: O CORAÇÃO DE CORALI, DE ELIANE GANEM, E FAROL, DE FELIPE CAMPOS

9h	Carla Patrícia Vasconcelos Seixas	DESCOLONIZANDO A ESCOLA: A LITERATURA INFANTIL COMO FERRAMENTA PARA O COMBATE AO RACISMO E PARA A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL
9h15	Debate	

Terceira Sessão: 30 de maio - 11h às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
11h	Júlia das Neves Mateus Chirley Domingues Ângela Maria Franco Martins Coelho de Paiva Balça Paulo Jaime Lampreia Costa	TEMAS POLÊMICOS EM OBRAS LITERÁRIAS: DATAS MARCANTES DE UMA SOCIEDADE
11h15	Ludmila Magalhães Naves Ângela Maria Franco Martins Coelho de Paiva Balça	QUANDO A LITERATURA PARA A INFÂNCIA ASSINALA A MEMÓRIA E A DEMOCRACIA EM PORTUGAL E NO BRASIL
11h30	Marianna Alberche Morigi Elisa Henriques da Motta Marília Forgearini Nunes	LITERATURA INFANTIL, MEDIAÇÃO DE LEITURA E REDES SOCIAIS: ANÁLISE DE PERFIS DO INSTAGRAM
11h45	Cristiane Nascimento de Oliveira Sales Ingrid Silva Rios Pereira Ana Crelia Penha Dias	AUTONOMIA E LIBERDADE NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO
12h	Debate	

Quarta Sessão: 30 de maio - 13h30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Érisson José Chagas de Carvalho Regina Michelli	A CENSURA EM DOIS TEMPOS: OS SALTIMBANCOS E O MENINO MARROM
13h45	Bárbara Santos Soeiro André Figueiredo Brandão	A "IDEOLOGIA DE GÊNERO" E A CONCEPÇÃO NEOFASCISTA DA INFÂNCIA
14h	Elen Pereira de Lima Regina Michelli	O ABUSO SEXUAL COMO TEMA FRATURANTE EM O ABRAÇO, DE LYGIA BOJUNGA
14h15	Mariane Del Carmen da Costa Diaz	POR UMA LITERATURA INFANTOJUVENIL ENEGRECIDA: EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS NUMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO
14h30	Debate	

3.1. LEITURA EM CONTEXTOS DE ADVERSIDADE: A FORMAÇÃO DE JOVENS LEITORES NA PERIFERIA

Lucecleia Francisco da Silva
Maria Amélia Dalvi

Como adolescentes em contextos de adversidade se tornam leitores? Que papel a literatura desempenha na formação desses sujeitos, e quais mediadores influenciam suas trajetórias leitoras? Este trabalho, baseado em uma pesquisa de mestrado, investiga a formação de leitores em uma escola pública de periferia no município da Serra, ES. Centrado em estudantes do 9º ano que, apesar de condições culturais, sociais e econômicas desfavoráveis, se consideram leitores, a pesquisa utilizou questionários e entrevistas para identificar práticas de leitura e a influência de mediadores, como família, amigos e igreja, no desenvolvimento da leitura. Fundamentada nas teorias de Michèle Petit (2009a, 2009b e 2013), que afirma que "a leitura pode ajudar os jovens a se construírem, a imaginar outras possibilidades, a sonhar" (Petit, 2009, p. 19), a pesquisa destaca que "por meio da leitura, mesmo esporádica, [os jovens] podem estar mais preparados para resistir aos processos de marginalização (...), a encontrar mobilidade no tabuleiro social" (Petit, 2009, p. 19). Observa-se que, embora os adolescentes leiam, nem sempre leem o que é valorizado pela escola, sendo grande a influência das práticas religiosas, da cultura de massa e das indicações entre pares na definição de seus repertórios. Nota-se também que nem tudo o que eles leem é considerado relevante esteticamente e, assim, reconhecido como artístico ou literário, no ambiente escolar. Os dados apontam, ainda, uma mediação limitada da escola no processo de formação de leitores literários.

Palavras-chave: Mediação de leitura. Formação de leitores. Contextos adversos. Michèle Petit.

3.2. *O PATO, A MORTE E A TULIPA*: CIRCUITO NARRATIVO COM PROFESSORAS DAS SÉRIES INICIAIS

Denise da Silva Lipinski Godoi
Rafael Ginane Bezerra

Neste trabalho, apresentamos um recorte da pesquisa de mestrado, em andamento no âmbito do PPGETPEN/UFPR, intitulada "A formação do leitor literário: narrativas (auto)biográficas de professoras que atuam nas séries iniciais". Buscando compreender como as professoras de uma escola da Rede Municipal de Curitiba relacionam suas trajetórias formativas ao trabalho com a formação do leitor literário, durante a coleta de dados, nos deparamos com uma situação interveniente: por determinação da administração das bibliotecas da cidade, o livro O Pato, a Morte e a Tulipa, de Wolf Erlbruch, foi retirado da lista de obras disponíveis para leitura autônoma dos estudantes; na decisão proferida, destaca-se a necessidade de que o professor medeie "temáticas que ajudam a superar estereótipos e a lidar com emoções". Diante dessa situação, propusemos um circuito narrativo para que as professoras participantes da pesquisa, em diálogo com a obra de Erlbruch, exercitassem, socializassem e refletissem sobre suas experiências narrativas a respeito do trabalho pedagógico com temas fraturantes. Para o trabalho com as narrativas (auto)biográficas, nos baseamos nas contribuições de Abrahão (2004) e Nóvoa (2010), ao passo que os temas fraturantes foram explorados a partir das contribuições de Gama-Khalil, Alves Borges e Oliveira-Iguma (2022). Como resultados, salientamos o descompasso entre a percepção, por parte das professoras participantes, da necessidade de que os temas fraturantes sejam abordados em sala de aula e a avaliação de que o preparo pedagógico para o fazer a partir de obras literárias é insuficiente.

Palavras-chave: Temas fraturantes. Formação docente. Narrativas (auto)biográficas. O Pato, a Morte e a Tulipa.

3.3. DO SILÊNCIO AO PAPEL: O ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL NA INFÂNCIA ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTIL

Yasmin Queiroz Santos Sanches
Mônica de Menezes Santos

As crianças, expostas à precariedade comum a todo ser humano, estão ainda mais passíveis de serem vitimizadas pelas ações do outro. Logo, educá-las de modo a incuti-lhes a visão de que é necessário confiar e obedecer aos adultos, bem como aceitar tudo o que eles querem, favorece a manutenção do cenário violento que muitas crianças enfrentam diariamente. O "Anuário Brasileiro de Segurança Pública" mais recente expõe a realidade devastadora que atinge milhões de crianças no país, contrapondo-se ao silenciamento que a violência sexual na infância costumeiramente recebe. Assim, analisar criticamente produções de literatura infantil sobre a temática consiste em, por um lado, expandir as discussões acadêmicas sobre o gênero e o tema e, por outro, reconhecer a importância de tais obras, bem como seus valores ético, estético e político para compreensão e intervenção do/no mundo. Sendo assim, pretende-se nesta comunicação, a partir da perspectiva de Karl Erik Schollammer (2013) acerca da "fome de realidade", refletir sobre publicações que plasmam tais violências, de maneira a visibilizá-las no campo literário. Estudar-se-á, para tanto, os livros "Antônio" (2012), de Hugo Monteiro Ferreira, e "Pipo e Fifi" (2014), de Caroline Arcari, os quais apresentam diferentes abordagens sobre o tema. Além disso, buscar-se-á evidenciar, nas obras, práticas inespecíficas (Garramuño, 2014), expondo-se a instabilidade entre as fronteiras artísticas e o embricamento entre literatura e vida, ficção e realidade.

Palavras-chave: Literatura infantil contemporânea. Violência sexual na infância. Infâncias silenciadas. Literatura e a vida

3.4. O SILENCIAMENTO DA HOMOSSEXUALIDADE NAS BIBLIOTECAS ESCOLARES

Anabel Medeiros Azerêdo de Paula

A literatura destinada a crianças e jovens, refletindo as mudanças que ocorrem na sociedade, não se furta a abordar temas considerados fraturantes (RAMOS, 2009), como a morte, o suicídio, a separação dos pais, o bullying, o racismo, a desigualdade social, e também traz à luz obras que retratam a homoafetividade e a homoparentalidade. Embora a produção editorial brasileira de temas LGBTQIAPN+ não seja grande, já há obras literárias que abordam a homossexualidade destinadas a adolescentes e, inclusive, a crianças bem pequenas. No entanto, parece que esses livros ainda não têm lugar nas prateleiras das bibliotecas das redes públicas de ensino. A partir da perspectiva da análise do discurso semiolinguística (Charaudeau, 2017), com a finalidade de investigar os imaginários discursivos acerca da homossexualidade no acervo oferecido pelo Governo Federal a essas bibliotecas, serão analisadas duas das poucas obras que integram o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD Literário) e apresentam temáticas relacionadas ao segmento LGBTQIAPN+, a saber: Drufs (Furnari, 2016) e Exercícios de amor (Murray, 2014). Há mais de dez anos, o Brasil lidera o ranking dos países onde há mais mortes de pessoas que se suicidam ou são assassinadas por razões homofóbicas. Embora a luta por dignidade liderada por organizações LGBTQIAPN+ tenha conquistado direitos civis importantes e venha ocupando espaços sociais, é preciso combater o preconceito e fomentar o respeito à diversidade de gêneros. E a escola e a Literatura podem contribuir muito para que isso seja feito desde cedo.

Palavras-chave: Homossexualidade. PNLD literário. Semiolinguística.

3.5. INFÂNCIA, NEOLIBERALISMO E AUTOCUIDADO: DISCURSOS DE ATAQUE E CENSURA NA LITERATURA

Thyago Madeira França

O presente trabalho tem como objetivo analisar as formações discursivas que alicerçam os ataques e as tentativas de censura a obras e autores da literatura infantil e juvenil contemporânea. A partir de dizeres alicerçados nos valores do individualismo, do autocuidado e da psicologia positiva, defendemos que essa tendência impõe uma visão limitada de infância, além de incidir sobre a recepção e a criação de obras literárias voltadas para crianças e jovens. Assim, ao analisarmos alguns dos recentes casos de tentativa de censura, buscamos demonstrar como discursos sobre a pureza da criança, a busca pela felicidade e o bem-estar individual desconsideram o papel formativo, coletivo e crítico da literatura. Além de incentivar um viés neoliberal de entendimento da infância, essas tentativas de censura podem instaurar um modelo fragilizado de produção, publicação e distribuição de autores e obras com potencial de fomentar o pensamento crítico e inspirar práticas de resistência a um modelo de sociedade marcado pelo imperativo da felicidade e do sucesso pessoal.

Palavras-chave: Censura. Neoliberalismo. Infancia.

3.6. MEDIAÇÃO DE LEITURA COM TEMAS FRATURANTES: A QUESTÃO DE GÊNERO EM *A BOLSA AMARELA*, DE LYGIA BOJUNGA

Jakeline Nascimento Sousa
José Humberto Rodrigues dos Anjos

O presente trabalho é o desdobramento de uma pesquisa em andamento e tem como objetivo apresentar a mediação de leitura com temas fraturantes a partir da Literatura Infanto-juvenil brasileira. Tem como categoria de análises a questão de gênero em A bolsa amarela, de Lygia Bojunga (1993), que retrata as desigualdades de gênero a partir das relações familiares narradas pela protagonista Raquel. Tais desigualdades podem ser evidenciadas por meio da narrativa de uma menina que tem, entre outros desejos, o de ter nascido menino, visto que, mesmo para uma criança, as diferenças impostas ao gênero feminino são gritantes e evidentes. Nesse prisma, ao tratar sobre os assuntos que permeiam a desigualdade de gênero, Bojunga (1993) evidencia o patriarcalismo predominante na sociedade e que afeta de forma direta até mesmo o público infantil. Dessa forma, mesmo sendo uma criança, Raquel já é capaz de perceber essas diferenciações que as mulheres sofrem no decorrer de suas vidas, e questiona, ao longo da narrativa, as discriminações a que é submetida. Como embasamento teórico ancoramos o estudo em Iguma (2023) e suas discussões sobre as figurações dos temas fraturantes na literatura infanto-juvenil; Ariés (1986) e Cohn (2005) para discutir as infâncias e Saffioti (1987), Moreno (1999), Butler (2002) e Del Prori (2004) para as discussões que atravessam as relações de gênero e poder.

Palavras-chave: Temas fraturantes. Gênero. Literatura infanto juvenil. Mediação de leitura

3.7. O (NÃO) ESPAÇO DA LITERATURA NEGRA NO MATERIAL RIOEDUCA: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO LITERÁRIA

Isabela Feliciano Moreira
Patricia Rodrigues Rezende

Este trabalho tem como objetivo sinalizar a interferência governamental velada por parte da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro por meio da abordagem do tema literatura negra no Material Rioeduca de 2024. A partir da análise de atividades com um poema e um conto de Geni Guimarães, importante escritora negra brasileira contemporânea, presentes no material de apoio didático de Língua Portuguesa do 9º ano, bem como das orientações do material do professor, verifica-se um direcionamento pedagógico que prioriza aspectos linguísticos e textuais, embora a instituição invista em material extra e divulgações que aparentemente buscam cumprir o que orienta a lei 10.639/03.

Compreendendo a educação das relações étnico-raciais com base nas discussões expostas por Abdias Nascimento (1978), Cuti (2010), Eduardo de Assis Duarte et. al. (2019) e Eliane Debus (2018), nota-se a necessidade de um trabalho crítico com esse tema em sala de aula (SANTANA, 2023; REZENDE, 2021). Isso se dá especialmente quando se vislumbra uma possível tendência a esse tipo de trabalho com a literatura africana e afro/negro-brasileira na rede municipal de ensino (MOREIRA, 2023). Conclui-se que o estudo do texto literário não voltado apenas para questões linguísticas apresenta-se como desafio para a educação literária na escola, sobretudo ao tocar em temas fraturantes, como no caso da literatura negra. Dessa forma, importa que os aspectos não só linguísticos, mas também artísticos e histórico-culturais (AMORIM et al., 2022) sejam devida e criticamente abordados.

Palavras-chave: Literatura Negra. Material Rioeduca. Interferência Governamental. Relações Étnico-Raciais

3.8. LITERATURA INFANTOJUVENIL E A LEI 10639/03: EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA EM TURMAS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Alessandra Rodrigues de Moraes
Maria Betânia Almeida Pereira

Este trabalho é baseado na Lei 10.639/2003 e faz um recorte da dissertação de mestrado, intitulada Literatura de autoria negra: caminhos para uma educação antirracista em turmas do Ensino Fundamental II. O objetivo é refletir sobre afro-brasilidade com os discentes dos anos finais do ensino fundamental, a partir de práticas focadas na literatura infantojuvenil. Nesse sentido, o enfoque é dado à produção literária de escritores afro-brasileiros, a fim de oportunizar o debate sobre a relevante contribuição dos povos africanos na história do povo brasileiro. Como aporte teórico, a pesquisa se sustenta no conceito de literatura afro-brasileira de Assis Duarte (2014); na discussão tecida pela socióloga e mestre em Linguística, Neide Almeida (2017), a respeito do termo "letramento racial", a fim de contribuir na desconstrução de pensamentos, atitudes, posturas normalizadas em relação aos negros. Também nos apoiamos na perspectiva bakhtiniana da linguagem enquanto fenômeno social, que compreende o processo dialógico da comunicação, pois as ideias se entrelaçam e produzem sentidos, para possibilitar esse diálogo. Dessa forma, serão descritas algumas oficinas baseadas na obra Letramento Literário, de Rildo Cosson (2007), considerando a adaptação da sequência expandida. Buscamos com essas atividades ampliar a competência linguística dos discentes; estimular o senso crítico, por meio da produção literária de autoria negra; contribuir para uma educação antirracista para além dos muros da escola.

Palavras-chave: Educação antirracista. Afro-brasilidade. Racismo. Literatura

3.9. FELICIDADE NADA INSTANTÂNEA E O PERCURSO DE ENFRENTAMENTOS EXISTENCIAIS: *O CORAÇÃO DE CORALI*, DE ELIANE GANEM, E *FAROL*, DE FELIPE CAMPOS

Regina Michelli

É interessante observar como, há algum tempo, foi se forjando uma espécie de ideologia de felicidade suprema que repudia a tristeza e a dor, emoções que fazem parte da vivência e do amadurecimento humanos. Todos precisam ser felizes e bem sucedidos, marcas irrefutáveis de superioridade e, se não o são, precisam aparentar em fotos instagramáveis. Temas que tangenciam a depressão na literatura potencialmente destinada a crianças são, via de regra, considerados difíceis e capazes de melindrar "mentes sensíveis" ou desencadear tais processos em seus leitores, o que evidencia a tentativa de um controle ligado à recepção. Uma forma de censura, por vezes bastante sutil, é também impedir o acesso a narrativas que possam causar algum desconforto aos leitores, levando professores a deixarem de ler essas obras com seus alunos, por mais que eles estejam expostos a situações semelhantes, quer em sua vida pessoal, quer nas telas de televisão ou celular. Nesse sentido, a proposta do trabalho é analisar as obras ficcionais O coração de Corali, de Eliane Ganem,

e Farol, de Felipe Campos, evidenciando as estratégias narrativas encontradas para abordar esses temas considerados delicados e as soluções para os conflitos vivenciados, soluções que apontam para um desfecho esperançoso, distante da autoajuda ou do otimismo superficial. A fundamentação teórica da pesquisa apoia-se, dentre outros pesquisadores, em Zygmunt Bauman (2009), Greg Lukianoff e Jonathan Haidt (2015), Edgard Cabanas e Eva Illouz (2022), Ana Crélia Dias (2020).

Palavras-chave: Censura. Temas fraturantes. O coração de Corali. Farol

3.10. DESCOLONIZANDO A ESCOLA: A LITERATURA INFANTIL COMO FERRAMENTA PARA O COMBATE AO RACISMO E PARA A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL

Carla Patrícia Vasconcelos Seixas

Em sociedades em que um grupo dominante mantém estruturas de poder institucionais sobre grupos subalternizados, é essencial que os mecanismos discriminatórios sofram alterações mediante a ação dos poderes institucionais, como a escola, a fim de desarticular a institucionalização do racismo. Sendo assim, com vistas a fomentar uma educação para as relações étnico-raciais e antirracista, observou-se a potencialidade do trabalho literário para o desenvolvimento de um espaço escolar que levasse em consideração a diversidade étnico-racial e discutisse o racismo estrutural. Nesse sentido, desenvolve-se um projeto de leitura anualmente em uma escola municipal de Teresópolis, RJ, com turmas de 6º ano, com o livro "Pretinha, eu?", do autor Júlio Emílio Braz, que propõe um (re) conhecimento da identidade racial negra e a desconstrução da visão racista, favorecendo a formação de possíveis agentes de transformação social. Para tanto, realizam-se leitura coletiva da obra, rodas de conversas e produção de trabalhos que proponham reflexões sobre os temas. Esse projeto baseia-se em Debus (2017) e Gomes (2017), de que a literatura infantil é um importante suporte de reflexão e debate sobre questões diversas, inclusive étnico-raciais; em Quijano (2005), na sua abordagem acerca dos conceitos de Colonialidade e Decolonialidade; em Almeida (2022), acerca da Colonialidade e as diversas faces do racismo; em Ribeiro (2019), quanto aos conceitos de negritude e branquitude, à violência racial e à necessidade de políticas educacionais afirmativas antirracistas; em Pinheiro (2023), a respeito de práticas pedagógicas antirracistas; e na Lei 10.639/2003.

Palavras-chave: Educação antirracista. Relações étnico-raciais. Literatura infantil. Projeto literário

3.11. TEMAS POLÊMICOS EM OBRAS LITERÁRIAS: DATAS MARCANTES DE UMA SOCIEDADE

Júlia das Neves Mateus
Chirley Domingues
Ângela Maria Franco Martins Coelho de Paiva Balça
Paulo Jaime Lampreia Costa

A comunicação apresenta uma pesquisa em andamento realizada pelo GEDIC – Grupo de Educação, infância e Cultura, linha de pesquisa Linguagem, Cultura e Estética em Contextos Formais e Não Formais de Ensino, em diálogo com reflexões realizadas no estágio doutoral na Universidade de Évora, Portugal. O objetivo é refletir sobre a importância da mediação para a formação de leitores literários na Educação Básica. Para tanto, analisamos o Manual do Professor disponibilizado pelo PNLD Literário (2021) do livro O avesso da pele (2020), de Jeferson Tenório. A obra faz parte de um corpus que analisou livros de literatura distribuídos pelo PNLD Literário destinados aos alunos dos Anos Finais e abordam temas polêmicos e tabus sendo, portanto, passíveis de censura na escola, como ocorreu com a obra em análise. A necessária atenção à censura que a literatura vem sofrendo há alguns anos, quando se comemoram duas datas tão significativas para a democracia no mundo, como os 50 anos da Revolução dos Cravos, em Portugal, e 40 anos da Ditadura Militar no Brasil, nos leva a entender que o estudo é necessário, pois analisa o material que se apresenta como apoio para a mediação da leitura literária na escola. O estudo é qualitativo, de caráter documental, ancorado em referencial teórico que apresentam reflexões sobre o papel do professor como mediador, abordados

por Cosson (2021), Dalvi (2021) e Rezende (2013); a leitura literária na sala de aula, Zilberman (2009; 2021) e Todorov (2010), e à censura à literatura, Ceccantini, Galvão e Valente (2024).

Palavras-chave: Mediação literária. Professor de Literatura. Temas polêmicos

3.12. QUANDO A LITERATURA PARA A INFÂNCIA ASSINALA A MEMÓRIA E A DEMOCRACIA EM PORTUGAL E NO BRASIL

Ludmila Magalhães Naves
Ângela Maria Franco Martins Coelho de Paiva Balça

A educação literária visa contribuir para a formação de leitores literários, crianças capazes de ler, compreender, interpretar, apreciar a literatura. O texto literário encerra em si uma função estético-literária, lúdica, mas também formativa. Quando se comemorou, em 2024, em Portugal, 50 anos da Revolução de 25 de abril de 1974, e quando se comemora no Brasil, em 2025, os 40 anos de Democracia, numa altura em que vemos avançar, por todo o mundo, governos e instituições que colocam em causa a Democracia e os Direitos Humanos, torna-se cada vez mais premente um trabalho que dê corpo, não só à formação estético-literária dos mais novos, mas que apele também à educação para a cidadania. Sendo assim, tendo como teóricos Balça e Azevedo (2016), Colomer (2015) e Patrício (1991), esta comunicação centra-se em três obras de literatura para a infância, duas portuguesas e uma brasileira – Rua 25 de Abril, Vamos regar os cravos e Era uma vez um quintal. Os objetivos deste estudo darão a conhecer obras de literatura para a infância que se debrucem sobre questões como Democracia, Liberdade de Expressão, Direitos Humanos; compreender o referencial axiológico presente nestas obras; e compreender que recursos foram utilizados pelos escritores/ilustradores para a apresentação da sua mensagem às crianças. A metodologia centrou-se numa análise hermenêutica, desenvolvendo-se uma leitura crítica e reflexiva dos textos. Os resultados desta análise mostram que texto e ilustrações, numa simbiose, partilham estes valores com as crianças, não só em objetos estético-culturais de grande beleza, como também claros e eficazes.

Palavras-chave: Literatura para a infância. Valores. Cidadania. Sociedade. Formação

3.13. LITERATURA INFANTIL, MEDIAÇÃO DE LEITURA E REDES SOCIAIS: ANÁLISE DE PERFIS DO INSTAGRAM

Marianna Alberche Morigi
Elisa Henriques da Motta
Marília Forgearini Nunes

As redes sociais se tornaram fonte de acesso a todo tipo de informação que é compartilhada por qualquer usuário. No Brasil, 70% dos brasileiros utilizam a Internet como fonte de informação (Kaspersky, 2021). Esse fenômeno alcança a formação de novos mediadores literários e leitores de literatura infantil. Considerando essa perspectiva e a pergunta “De que modo a literatura infantil e a sua leitura são apresentadas em redes sociais e se colocam à serviço de uma educação literária por meio da difusão de textos, leituras e práticas de mediação?” analisam–se perfis da rede social Instagram encontrados ao utilizar a ferramenta de busca da rede social usando a expressão “literatura infantil” e selecionando os perfis que têm a expressão no nome de usuário da conta. A metodologia de análise é do tipo qualitativa documental, organizada em três ações: busca de perfis; seleção das contas a serem analisadas com base em Melo (2022); análise qualitativa das postagens no feed das contas selecionadas e categorização das postagens com inspiração em Silva(2024). A análise identifica que discursos e conceitos de literatura infantil podem ser inferidos a partir das postagens, como se contrastam, se aproximam e podem definir o que é literatura infantil, influenciando também as práticas de mediação de leitura. Identificaram-se um total de 58 perfis, sendo que 11 foram analisados demonstrando que os conteúdos compartilhados em redes sociais podem ser fonte para

ampliar repertórios literários, mas é necessária atenção à qualidade do que se compartilha a partir do rótulo literatura infantil.

Palavras-chave: Literatura infantil. Redes sociais. Mediação de leitura

3.14. AUTONOMIA E LIBERDADE NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Cristiane Nascimento de Oliveira Sales
Ingrid Silva Rios Pereira
Ana Crelia Penha Dias

A literatura é um direito inalienável. Sendo assim, uma sociedade justa deve garantir às crianças o direito à educação literária nas escolas e assegurar autonomia e liberdade ao professor para conduzir essa aprendizagem. O Art. 206, II, da Constituição Federal garante "liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber", contudo vivemos um contexto de opressão e ameaça a essa liberdade. A proibição de obras como "O menino que espiava pra dentro", de Machado (2008) ou "O avesso da pele", de Tenório (2020) configura uma modalidade de censura que compromete a liberdade de cátedra, princípio básico do ensino. Sabemos que uma educação literária libertária passa pela construção de repertório voltado para a formação crítica e enfrentamento de adversidades sociais e individuais, e cabe ao professor especializado selecionar as obras que irão compor esse itinerário formativo, que deve lidar com o múltiplo, o divergente e o diverso. O objetivo dessa comunicação é discutir os princípios teóricos que balizam a sustentação da literatura infantil e juvenil na escola e problematizar as diferentes censuras pelas quais esses livros têm passado. Para tanto, buscaremos como repertório teórico Ceccantini (2024), que discute os interesses escondidos por trás do pânico de grupos desprovidos de informação básica sobre educação, leitura e literatura, além de Dias (2020), Colomer (2007) e Cândido (2011). A análise baseia-se na liberdade de cátedra, fundamental para a garantia da pluralidade de ideias e no direito do educador literário de elaborar suas atividades pedagógicas sem interferências ideológicas de ordem política, religiosa ou familiar.

Palavras-chave: Educação literária. Direito. Autonomia. Liberdade. Censura

3.15. A CENSURA EM DOIS TEMPOS: *OS SALTIMBANCOS* E O *MENINO MARROM*

Érisson José Chagas de Carvalho
Regina Michelli

Este trabalho destaca a presença de mecanismos de censura em obras literárias produzidas para crianças no Brasil durante o regime da ditadura militar (1964-1985) em comparação com o recente governo de direita (2016-2022). Como corpus de análise, ressaltam-se as estratégias de linguagem para a implicitude das ideias utilizadas pela censura política em Os Saltimbancos (1977), de Chico Buarque, e os elementos utilizados, recentemente, para uma tentativa de censura social em O Menino Marrom (1986), de Ziraldo. Tem por objetivos comparar as formas diferentes de censura, refletir e combatê-las no âmbito da literatura infantojuvenil. O tema é relevante, pois, atualmente, a censura é revestida por demandas ideológicas, superficiais, criadas a partir de discursos indignados e prejudiciais, que se disseminam nas redes sociais. Sua temática consiste em comparar os diferentes tipos de censura em dois momentos distintos da História. Urge a necessidade de questionar, identificar, combater e eliminar os fatores que favorecem o aparecimento de atos para censuras de obras literárias. Ademais, deve-se investigar como agir para estimular a leitura e a produção de livros e obras que favoreçam o desenvolvimento do espírito crítico dos leitores, bem como reagir contra os ataques voltados para a literatura infantojuvenil. Observa-se que, enquanto na ditadura militar a censura cultural partia de decisões do Estado, ainda que os livros infantis não fossem alvos habituais, no século XXI, é a cultura do cancelamento uma das grandes ameaças à literatura infantojuvenil, que considera a possibilidade de modificar obras antigas para eliminar passagens que possam

ser consideradas preconceituosas ou pelas pautas de costumes, que contestam a abordagem de assuntos como educação sexual ou diversidade.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. ditadura. censura estatal. censura ideológica

3.16. A "IDEOLOGIA DE GÊNERO" E A CONCEPÇÃO NEOFASCISTA DA INFÂNCIA

Bárbara Santos Soeiro
André Figueiredo Brandão

O discurso ultraconservador e neofascista que acusa a existência de uma "ideologia de gênero" nas escolas tem sido empregado como ferramenta para restringir debates cruciais sobre gênero e sexualidade na educação, com foco particular no uso de determinados títulos da literatura infantil que abordam essas temáticas. Através de ferramentas da filosofia social, como aquelas presentes na teoria crítica, será discutido o modo como correntes de extrema-direita canalizam humores e preconceitos já contidos na experiência contemporânea para instaurar o tipo de pânico moral que permite a mobilização de grupos sociais em favor do seu projeto político, esmiuçando a sua organização na forma de vida corrente e os seus fatores de radicalização funcionais à alternativa neofascista. A partir desse contexto, este trabalho propõe analisar criticamente duas obras da literatura infantil, quais sejam, "A Lagartixa Verde" (2006), premiada com o Prêmio Nacional de Literatura FUNCEB e, posteriormente, retirada de circulação, e "Aparelho Reprodutor e Cia" (2007), usado como símbolo de ataques ideológicos durante as eleições presidenciais de 2018 no Brasil. De tal sorte, pretende-se contribuir não só com formas de inteligir com maior precisão as razões e os artifícios ideológicos do obscurantismo do nosso tempo, mas também com propostas de novos horizontes para a educação sexual na infância, considerando o papel fundamental da literatura infantil nesse processo.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Sexualidade. Teoria Crítica. Educação. Neofascismo

3.17. O ABUSO SEXUAL COMO TEMA FRATURANTE EM *O ABRAÇO*, DE LYGIA BOJUNGA

Elen Pereira de Lima
Regina Michelli

Este trabalho tem como objetivo analisar a construção narrativa da temática do abuso sexual na obra de literatura contemporânea, potencialmente destinada ao público infantojuvenil, O abraço (1995), de Lygia Bojunga, capa e vinhetas de Rubem Grilo. A narrativa tem como personagem principal Cristina, uma jovem que, aos 8 anos, foi vítima de um estupro, e narra as reverberações que tal crime teve em sua vida adulta. O presente trabalho, portanto, nasce de um desejo de, ainda que de maneira singela, trazer visibilidade a crianças e jovens vítimas de abuso sexual ao analisar teoricamente obras literárias que versam sobre essa questão. A metodologia de pesquisa baseia-se na análise qualitativa dos textos; para isso, partiremos dos estudos sobre temas fraturantes, com base nos escritos de Ana Margarida Ramos (2011) e Fanuel Hanán Díaz (2020), este último também contribuindo para a análise da questão da censura, juntamente a Waldomiro de Castro Santos Vergueiro (2011). Intenta-se observar ainda a recepção de obras que tratam dessas temáticas e sua relação com a censura que muitas narrativas direcionadas a crianças e jovens têm recebido nos últimos anos, à luz das conceituações de Coelho (2000), Vergueiro (2011) e Lukianoff e Haidt (2018). Assim, objetiva-se contribuir para os estudos literários sobre censura e recepção de obras potencialmente destinadas ao público infantojuvenil.

Palavras-chave: Abuso sexual. Censura. Literatura infantojuvenil. Lygia Bojunga

3.18. POR UMA LITERATURA INFANTOJUVENIL ENEGRECIDA: EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS NUMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

Mariane Del Carmen da Costa Diaz

O presente trabalho tem por objetivo buscar diálogos e reflexões a partir da importância da produção literária infantojuvenil de autoria negra no contexto brasileiro. Para “puxar essa conversa” ilustro com alguns relatos de experiências enquanto professora de crianças pequenas e embaso a urgência de uma literatura infantojuvenil enegrecida em diálogo com intelectuais e críticos literários negros que nos auxiliam compreender a necessidade de enegrecer narrativas. Para a escrita deste trabalho, busco um “assentamento teórico” composto por intelectuais negras como Aza Njeri, Miriam Alves, Conceição Evaristo, Azoilda Loretto Trindade e Luiz Maurício Azevedo que contribuem com olhares e enviesamentos para problematizar a urgência de uma literatura enegrecida em contraponto a uma “Literatura sem adjetivos” (ANDRUETTO). Compreendendo a escrevivência (EVARISTO) como o exercício e o ato de escrevermos as nossas histórias, com base em nossas vivências que, apesar de escritas a partir de um olhar e uma perspectiva pessoal, abarcam também o pensamento coletivo, uma vez que, abrange questões que são múltiplas e mútuas. Enquanto professora atuante em espaços periféricos na cidade do Rio de Janeiro, constei como a escola é um espaço institucional eurocêntrico e racista, e como as marcas dessa estrutura impactam as crianças - que mesmo tão pequenas - já trazem narrativas de dor e distorção de seus corpos negros no mundo, dos modos de ser e estar em convivência coletiva. No entanto, compreendi também como a Literatura Infantojuvenil Negra tem contribuído positivamente para que crianças negras (e não-negras) construam novas relações com as estéticas e experiências da negritude.

Palavras-chave: Literatura Infantojuvenil Negra. Anos Inciais do Ensino Fundamental. Escrevivência

SIMPÓSIO 4

Livros de imagens e livros ilustrados: cores, formas e sentidos

Coordenador(es): Daniela Maria Segabinazi (UFPB), Renata Junqueira de Souza (Unesp – Presidente Prudente) e Cyntia Graziella Guizelim Simões Girotto (Unesp – Marília)

SESSÕES

Primeira Sessão: 29 de maio - 8h às 9h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
8h	Gabriel Dottling Dias	TRAVESSIA E SONHO EM O BEIJO DA PALAVRINHA, DE MIA COUTO
8h15	Luisa Setton	APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS ENTRE OS LIVROS-ILUSTRADOS E OS LIVROS-IMAGEM: ESTUDOS DE COMPOSIÇÃO E NARRATIVA
8h30	Karen Belarmino Lourenço da Silva Ana Crélia Penha Dias	O MENINO AZUL: A CONCRETIZAÇÃO DOS DESEJOS DO MENINO AZUL DE CECÍLIA MEIRELES POR MEIO DAS ILUSTRAÇÕES DE ELMA
8h45	Gerson Luís Pomari	FUNÇÕES NARRATIVAS DA IMAGEM: A REPRESENTAÇÃO VISUAL DA VOZ NARRATIVA E DA FOCALIZAÇÃO NO LIVRO ILUSTRADO
9h	Marivaldo Omena Batista Renata Junqueira de Souza	ENTRE VERSOS, IMAGENS E PARATEXTOS: UMA ANÁLISE MULTISSEMIÓTICA DE ESCRITOS EM VERBAL DE AVE E POEMINHA EM LÍNGUA DE BRINCAR
9h15	Debate	

Segunda Sessão: 29 de maio - 10h30 às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
10h30	Fernando Teixeira Luiz	DO CASTIGO À LIBERDADE: O PERCURSO DA PERSONAGEM-CRIANÇA NA ILUSTRAÇÃO DO LIVRO INFANTIL BRASILEIRO
10h45	Mariana Miranda Máximo Saulo Gomes Thimoteo	JOÃO POR UM FIO: A TRAMA ARTÍSTICA DE ROGER MELLO
11h	Sheila Bischoff Rocha Gisele Federizzi Marília Forgearini Nunes	O TEXTO VISUAL EM DOIS LIVROS LITERÁRIOS VOLTADOS AO ENSINO FUNDAMENTAL II: ESSENCIAL, POTENCIALIZADOR OU ACESSÓRIO AO TEXTO VERBAL?
11h15	Larissa Santos Cordeiro da Silva	TALVEZ VOCÊ CONSIGA: O ENCONTRO ENTRE PALAVRA, IMAGEM E SENSIBILIDADE
11h30	Juan Victor Lisboa Primo Isabel Ramiry Matos Kenia Adriana de Aquino	ENTRE LINHAS E RABISCOS: A CONTRUÇÃO DE SENTIDO EM “PODE PEGAR!” DE JANAÍNA TOKITAKA

11h45	Josiele Vita da Silva Tavares Ilsa do Carmo Vieira Goulart Renata Junqueira de Souza	DIMENSÕES NARRATIVAS E ESTÉTICAS NOS LIVROS DE IMAGENS: UM ESTUDO DE "CABO DE GUERRA" DE ILAN BRENMAN E GUILHERME KARSTEN
12h	Debate	

Terceira Sessão: 29 de maio - 13h30 a 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Roberta Alves Silva Coimbra Maria Betânia Almeida Pereira	ILUSTRAÇÃO EM OBRAS LITERÁRIAS INFANTIS/ JUVENIS: UM ESTUDO SOBRE A COAUTORIA DO ILUSTRADOR
13h45	Anicézia Pereira Romanhol Bette	A VACA QUE BOTOU UM OVO: PARATEXTOS E MEDIAÇÃO LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
14h	Karynne de Araujo Silva Cassiana Keila da Silva Kenia Adriana de Aquino	ELEMENTOS PARATEXTUAIS E COMPREENSÃO LEITORA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. UMA ANÁLISE DA OBRA: RAMON FELLINI: O ~~GATO~~ CÃO DETETIVE
14h15	Tânia Márcia Tomaszewski Marília Forgearini Nunes Franciele Vanzella da Silva	ITINERÁRIOS DE LEITURA: PLANEJAMENTO E ENCANTAMENTO NA MEDIAÇÃO LITERÁRIA
14h30	Elena Stowell Renata Junqueira de Souza	OS SENTIDOS DA METAMORFOSE EM LIVROS INFANTIS NACIONAIS E ESTRANGEIROS
14h45	Luciana Carolina Santos Zatera Gisele Thiel Della Cruz	POSSIBILIDADES DE LEITURA PARA A OBRA A EXTRAORDINÁRIA JORNADA DE EDWARD TULANE: REFLEXÕES SOBRE O LIVRO ILUSTRADO
15h00	Debate	

Quarta Sessão: 30 de maio - 11h a 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
11h	Fernanda Rios de Melo	VIRADAS NO LIVRO-ÁLBUM: A CONSTRUÇÃO DE EXPECTATIVAS
11h15	Ester Ingrid Alves da Silva Ana Júlia Figueirôa Alves Robson Teles Gomes	ATCHIM!: O DIÁLOGO ENTRE A POESIA DE MIRÓ E AS ILUSTRAÇÕES DE CAU GOMEZ NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS.
11h30	Jaqueline Oliveira dos Santos	PERSONAGENS LITERÁRIOS EM EVA FURNARI, AS CRIANÇAS LEITORAS E A ILUSTRAÇÃO - ALGUMAS APROXIMAÇÕES
11h45	Guilherme Corezola Vieira Marília Forgearini Nunes	LITERATURA INFANTIL E O OLHAR PARA O ESPAÇO URBANO: ANÁLISE DAS CAPAS DOS LIVROS DO PNLD OBJETO LITERÁRIO 2018 PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

12h	Adriana Jesuino Francisco Renata Junqueira de Souza	PARA ALÉM DAS PALAVRAS: A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM VISUAL EM SULWE
12h15	Debate	

Quinta Sessão: 30 de maio - 13h30 a 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Lauriana Fogaça Ferreira dos Santos José Firmino de Oliveira Neto Ronnan Raimere Cavalcante Mota Maria Auxiliadora Fernandes Justiniano	CONCEPÇÕES DE NATUREZA NA LITERATURA INFANTIL: EM QUESTÃO O LIVRO ILUSTRADO "FIO DE RIO", DE ANITA PRADES
13h45	Alberto Roiphe	NARRATIVAS VISUAIS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES
14h	Debate	

RESUMOS

4.1. TRAVESSIA E SONHO EM *O BEIJO DA PALAVRINHA*, DE MIA COUTO

Gabriel Dottling Dias

Essa comunicação analisará como o livro, O beijo da palavrinha, de Mia Couto e ilustrado pelo pintor Malangatana Valente, compreende a atmosfera onírica, por meio das suas telas e texto, e as múltiplas travessias (seja das personagens, seja do leitor). Para entender as múltiplas travessias do texto, pretendemos observar como a um gesto em narrar uma história a partir da comunhão entre obra literária e obra visual produzindo assim uma nova subjetividade tanto para o leitor quanto para as personagens presentes na travessia d'O Beijo da Palavrinha. Para entender como se dá a travessia de Maria Poeirinha e sua transformação poética, analisaremos algumas pinturas e passagens do livro infantojuvenil, pois como analisou a pesquisadora Carmen Tindó: "O beijo da palavrinha reflete, desse modo, lírica e filosoficamente, acerca da existência humana, da importância dos sonhos e do poder revitalizador da linguagem" (2003, p. 294). Desse modo, poderemos compreender como texto e ilustração analisados em conjunto podem enriquecer a leitura tanto da quanto possibilitar outras interpretações.

Palavras-chave: Travessia. diálogo interartes. Literatura infantojuvenil moçambicana. Mia Couto. Malangatana Valente

4.2. APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS ENTRE OS LIVROS-ILUSTRADOS E OS LIVROS-IMAGEM: ESTUDOS DE COMPOSIÇÃO E NARRATIVA

Luisa Setton

O livro-ilustrado e o estudo sobre as imagens nos livros infantis têm ganhado cada vez mais espaço no âmbito da pesquisa e da crítica literária. Seguindo esta esteira, os estudos sobre os livros-imagem aos poucos ocupam mais espaço e ganham destaque também em cuidadosas e recentes publicações, a exemplo de: Migrantes, de Issa Watanabe, publicado pelas editoras Solisluna, Selo Emília e Livros da Raposa Vermelha (2023) e Concerto de Piscina, de Renato Moriconi, editora Gato Leitor (2021). Esta comunicação pretende levantar pontos de aproximação e de diferenças nas estratégias narrativas do livro ilustrado e do livro-imagem e suas consequentes decorrências do ponto de vista da leitura e fruição. Tais análises serão feitas principalmente com base em exemplos extraídos de diferentes

livros. Além disso, pretende-se traçar alguns aspectos específicos da composição do livro-imagem, buscando aprofundar os estudos sobre este livro em especial. Por fim, retomar as definições e nomenclaturas sobre estes livros com base nos estudos da pesquisadora espanhola Emma Bosch publicados em artigos e na sua tese de doutorado intitulada: Estudio del álbum sin palabras (2015). Para fundamentar as reflexões serão também utilizadas como referência bibliográfica as obras das pesquisadoras: Ana G. Lartitegui (2023) em Páginas mudas, livros eloquentes; Maria Nikolajeva e Carole Scott (2011), em Livro ilustrado: palavras e imagens; Sophie Van der Linden (2011) em Para ler o livro ilustrado, Suzy Lee (2012), na Trilogia da Margem e Graça Ramos (2020) em A imagem nos livros infantis – caminhos para ler o texto visual.

Palavras-chave: livro-imagem. livro-ilustrado. composição. narrativa

4.3. *O MENINO AZUL*: A CONCRETIZAÇÃO DOS DESEJOS DO MENINO AZUL DE CECÍLIA MEIRELES POR MEIO DAS ILUSTRAÇÕES DE ELMA

Karen Belarmino Lourenço da Silva
Ana Crélia Penha Dias

O presente trabalho busca uma interpretação possível do poema *O menino azul*, de Cecília Meireles, que leve em conta as ilustrações de Elma presentes na edição publicada pela Editora Global no ano de 2013. As ilustrações de Elma transformam o texto em outro que não o poema presente no livro Ou isto ou aquilo. O corpo de imagens, no entanto, não existe da mesma forma se estanque do texto escrito. As duas obras, portanto, unidas, formam uma terceira, que se distingue da primeira e da segunda. Ela se torna independente das duas, criando novas possibilidades de leituras. O poema se adequa perfeitamente à realidade de 2013, como a de 2024, porque apesar dos tempos, a poesia de Cecília Meireles estabelece um ponto de encontro entre o poeta e a criança que "ocorre ou pela tematização do cotidiano infantil ou pela adoção, por parte do autor, de um ponto de vista que compartilha com seus pequenos leitores a anticonvencionalidade, quer da linguagem, quer do recorte de realidade..." (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984, p. 148). Elma, que é ilustradora, torna-se também poeta e ilustra a poesia ao passo que entende que os desejos do menino, o infinito e a imaginação podem ser ilustrados bem como puderam ser escritos, contribuindo, assim, para que haja o vislumbre da concretização dos desejos do menino, um dos pontos de identificação entre o poema e seu público leitor.

Palavras-chave: Cecília Meireles. Elma. O menino azul. Imaginação. Desejos

4.4. FUNÇÕES NARRATIVAS DA IMAGEM: A REPRESENTAÇÃO VISUAL DA VOZ NARRATIVA E DA FOCALIZAÇÃO NO LIVRO ILUSTRADO

Gerson Luís Pomari

O presente trabalho tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre possíveis funções narrativas que as imagens podem assumir na estrutura textual do livro ilustrado. A abordagem aqui realizada tem como base teórica conceitos da Narratologia encontrados nos estudos de Gérard Genette e de Mieke Bal, especialmente aqueles relacionados ao narrador (bem como á voz narrativa) e à focalização das ações narradas. Além desses, para a compreensão geral das imagens e do projeto gráfico das obras abordadas, também lançamos mão de conceitos da Teoria da Gestalt, como os desenvolvidos nos estudos de Rudolf Arnheim e de Donis Dondis. Este estudo faz parte da proposição de uma nova metodologia de análise do livro ilustrado, pela qual a compreensão das imagens se dá a partir da compreensão dos diferentes papéis que os elementos da linguagem visual podem desempenhar na estrutura narrativa da obra, observando também sua relação com o projeto gráfico realizado e a expressividade do conjunto geral da combinação de linguagens que dada obra encerra em si. No caso específico desta comunicação, o que se pretende é demonstrar como as cores, as linhas, as texturas, assim como os demais elementos que configuram a linguagem visual,

podem, em conjunto ou individualmente, desempenhar a função de uma voz narrativa visual ou do elemento focalizador, os quais assumem a tarefa de transmitir ao leitor as informações da história que está sendo contada.

Palavras-chave: Livro ilustrado. Narratologia visual. voz narrativa. focalização

4.5. ENTRE VERSOS, IMAGENS E PARATEXTOS: UMA ANÁLISE MULTISSEMIÓTICA DE *ESCRITOS EM VERBAL DE AVE* E *POEMINHA EM LÍNGUA DE BRINCAR*

Marivaldo Omena Batista
Renata Junqueira de Souza

Dada a recorrência das discussões sobre ilustração e a relação entre texto e imagem em obras destinadas ao público infantil e juvenil, propomos abordar as interações entre texto verbal, imagens, recursos gráficos e elementos paratextuais a partir de uma leitura analítica de duas obras de Manoel de Barros: Escritos em Verbal de Ave (2011) e Poeminha em língua de brincar (2019), ilustrado por Kammal João. A obra Escritos em Verbal de Ave é composta por quatorze páginas dobradas em cruz, formando um mosaico, e apresenta uma linguagem poética breve, próxima ao haicai. Já em Poeminha em língua de brincar, os versos, ao se articularem com as ilustrações, criam interações expressivas, intensificadas pelos aspectos gráficos. O jogo entre palavras, sua disposição nas páginas, as imagens, as cores e as formas ressoam os traços característicos da poética de Manoel de Barros, configurando uma ciranda multissemiótica de produção de sentidos. Para a análise das obras, autores como Pfeiffer (1966), Cohen (1974), e Paz (1986) contribuem para a compreensão da linguagem poética. A relação entre texto verbal e imagem baseia-se em Linden (2011) e Nikolajeva & Scott (2011), enquanto aspectos relativos à materialidade do livro e seus elementos paratextuais, especialmente a "zona indecisa" entre interior e exterior da obra, são discutidos a partir de Genette (2009). Os diferentes recursos e elementos presentes em ambas as obras possibilitam múltiplos jogos de sentidos, abrindo diferentes caminhos para a participação do leitor em cada experiência literária.

Palavras-chave: Manoel de Barros. Multissemiótica. Ilustração

4.6. DO CASTIGO À LIBERDADE: O PERCURSO DA PERSONAGEM-CRIANÇA NA ILUSTRAÇÃO DO LIVRO INFANTIL BRASILEIRO

Fernando Teixeira Luiz

O presente estudo, centrado nos princípios da intermidialidade, pretende problematizar o processo de representação da infância na ilustração de quatro títulos emblemáticos que integram a literatura destinada a crianças e jovens no Brasil: "Poesias infantis" (1904), de Olavo Bilac, "Reinações de Narizinho" (1931), de Monteiro Lobato, "A ilha perdida" (1944), de Maria José Dupré, e "Bárbaro" (2013), de Renato Moriconi. A rigor, para o desenvolvimento da investigação científica a respeito da articulação entre as formas visuais e o texto verbal, como também a concepção de infância e de literatura inscrita no corpus explicitado acima, partimos de uma abordagem de enfoque qualitativo fundamentada, prioritariamente, nas diretrizes teóricas que abordam a escritura artística verbovisual não apenas em sua imanência, mas também em sua dimensão pragmática, analisando-a, prioritariamente, em sua historicidade, em sua horizontalidade e em sua verticalidade. Nessa linha, filia-se a presente pesquisa aos pressupostos da transposição intersemiótica (CLÜVER, 2006), aos estudos sobre infância (ARIÈS, 1978), aos apontamentos em torno da ilustração e do livro de imagem presentificados por Camargo (1998), Coelho (2000) e Zilberman (2006) e, principalmente, às reflexões sobre formação de leitores propostas por Citelli (1998), Trevizan (1998), Cosson (2020) e, sobretudo, Candido (1995). No geral, o estudo sinalizou para a dialogia entre os livros infantis e as ilustrações, ancorados aos ideários pedagógicos e aos paradigmas de literatura de suas respectivas épocas. Tais aspectos se articulavam com os modos de representação da infância, repercutindo, a

princípio, em imagens que sublinhavam a submissão, e estendendo-se, gradativamente, a criações visuais que assinalavam o processo de emancipação da criança.

Palavras-chave: Imagem. Literatura. Infância.

4.7. *JOÃO POR UM FIO*: A TRAMA ARTÍSTICA DE ROGER MELLO

Mariana Miranda Máximo
Saulo Gomes Thimoteo

O estudo analisa a obra João por um fio, de Roger Mello, destacando como narrativa e ilustrações se entrelaçam e dialogam entre si, compondo o universo desta obra literária. Tomando como teorias o entrelaçar de palavras e imagens, de Nikolajeva e Scott, e as concepções de memória coletiva e identidade cultural de Halbwachs e Nora, esta análise investiga como o fio simbólico, que o protagonista João utiliza para criar uma colcha, metaforiza suas conexões ancestrais e seu processo de autoconhecimento. A metodologia combina análise dialógica entre os textos verbal e não-verbal, observando como a estética do bordado e da costura, inspirada na tradição cultural das ilhas Uros e de várias regiões brasileiras, revela uma narrativa múltipla. As ilustrações, em cores expressivas (vermelho, branco e preto) são essenciais para a construção da atmosfera e simbolizam a continuidade e transformação da identidade. Além disso, o fio se torna um elemento central, refletindo a ligação do personagem com suas raízes e a dinâmica de sua subjetividade, que se desenrola conforme ele lida com medos e questionamentos em uma jornada de autoconhecimento. Os resultados revelam que a obra transcende os limites tradicionais da literatura infantil e juvenil, oferecendo uma experiência estética e reflexiva sobre a construção da identidade e a preservação da memória cultural.

Palavras-chave: Literatura infantil e juvenil. Memória. Diálogo. Imagem. Artes Plásticas

4.8. O TEXTO VISUAL EM DOIS LIVROS LITERÁRIOS VOLTADOS AO ENSINO FUNDAMENTAL II: ESSENCIAL, POTENCIALIZADOR OU ACESSÓRIO AO TEXTO VERBAL?

Sheila Bischoff Rocha
Gisele Federizzi
Marília Forgearini Nunes

Em uma sociedade em que as imagens são disseminadas e consumidas rápida e instantaneamente, a educação que visa abordar o sincretismo de linguagens, característico da literatura infantil e juvenil, torna-se imprescindível para o exercício da leitura crítica. Este estudo propõe um olhar mais apurado sobre como se constrói a relação entre texto visual e texto verbal em dois excertos de livros que têm como público pretendido o estudante do Ensino Fundamental II, trazendo à tona o seguinte questionamento: como dois livros literários voltados a esse público oferecem e instigam a leitura de imagens levando em consideração a formação do leitor literário com vistas ao letramento visual? A partir de Linden (2011), foram conceituadas as possíveis relações na interação entre texto visual e texto verbal. Tendo como aporte teórico-metodológico a semiótica discursiva (Greimas, 1973) e a semiótica plástica (Floch, 1985), procedeu-se à leitura de dois excertos dos livros Os Marvels (Selznick, 2016) e O barco das crianças (Llosa, 2016), observando como as diferentes linguagens interagem na construção do sentido e como a leitura desses textos pode auxiliar na formação do leitor literário. Com o estudo, concluiu-se que a leitura sensível de textos verbo-visuais exige do leitor habilidade para transitar entre as diferentes formas de expressão e, a partir da articulação de seus elementos, traçar um percurso gerativo de sentido. Tal ação oportuniza ao leitor experiência para que ele interprete com mais propriedade não só os textos verbo-visuais que lhe cercam, mas o seu entorno.

Palavras-chave: Leitura literária. Semiótica discursiva. Ensino Fundamental II. Sincretismo

4.9. *TALVEZ VOCÊ CONSIGA*: O ENCONTRO ENTRE PALAVRA, IMAGEM E SENSIBILIDADE

Larissa Santos Cordeiro da Silva

"O poema não é uma forma literária, mas o lugar de encontro entre a poesia e o homem. O Poema é um organismo verbal que contém, suscita ou emite poesia[...]" (Paz, 2013). Nessa direção, ao afirmar esse lugar de encontro, Paz aproxima uma das definições de poema, com o primeiro livro ilustrado de Imogen Foxell e as ilustrações mais expressivas de Ana Cunha no livro Talvez você consiga. Assim, neste trabalho, pretende-se através do critério sensibilidade de leitura da obra torná-la também critério de conhecimento sistemático (Candido,2006). Para isso, a análise foi dividida em três partes sendo a primeira intitulada "Tessitura Estrutural do Poema: A Semente que Renasce no Leito do Livro" em que me debruço nos aspectos formais do poema, buscando compreender como esses elementos estruturais criam o terreno fértil para o florescimento da sensibilidade e do sentido na obra. E a segunda intitulada "Ilustrações que Cultivam Vida e Esperança" em que o foco passa a ser nas ilustrações do livro.Por fim a terceira parte "O Diálogo entre Palavra e Imagem na Construção do Sentido" em que se conclui como a interação entre o texto poético e as ilustrações, cria um diálogo que potencializa o impacto narrativo e emocional do livro. Partindo da ideia de que poesia e imagem são linguagens complementares, será explorada a maneira como os elementos visuais e verbais se entrelaçam para construir uma experiência estética e interpretativa única.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Livro Ilustrado. Literatura Infantil Contemporânea. Poemas Narrativos.

4.10. ENTRE LINHAS E RABISCOS: A CONTRUÇÃO DE SENTIDO EM *PODE PEGAR!* DE JANAÍNA TOKITAKA

Juan Victor Lisboa Primo
Isabel Ramiry Matos
Kenia Adriana de Aquino

Um bom livro ilustrado pode apresentar múltiplas camadas dentro da sua narrativa por meio da articulação entre os textos verbal e visual, que só podem ser compreendidas através de uma leitura sensível por parte do próprio leitor. O que torna essas camadas interessantes de serem exploradas vem, sobretudo, da intencionalidade do autor para com sua obra, uma vez que é a partir do seu olhar que refletimos as ramificações de suas palavras e pistas paratextuais. Este trabalho tem como objetivos estudar a articulação entre narrativa textual e visual, além de analisar a importância não só da ilustração, mas dos demais paratextos que podem contribuir para a construção de sentidos do enredo e propor possíveis mediações com a obra analisada. O livro selecionado para o estudo é "Pode pegar!" de Janaína Tokitaka (2017), que aborda de maneira sutil e divertida uma questão contemporânea e de grande importância e que ainda pode gerar fraturas: a construção de gênero. "Pode pegar!" apresenta em sua narrativa dois protagonistas que frequentemente utilizam da imaginação para criar um universo de brincadeiras, sem se preocupar com restrições ou limites estabelecidos socialmente sobre coisas de meninas e de meninos. O estudo é integrado ao projeto de pesquisa "Elementos paratextuais e estratégias de compreensão leitora na educação infantil e anos iniciais" (PIBIC/UFR). Autores como Abramovich (2006), Faria (2007), Hunt (2010), Nikolajeva e Scott (2011), Solé (1998), Girotto e Souza (2010) fundamentam as análises e as propostas de atividades.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Livro ilustrado. Paratextos. Fraturas.

4.11. DIMENSÕES NARRATIVAS E ESTÉTICAS NOS LIVROS DE IMAGENS: UM ESTUDO DE *CABO DE GUERRA* DE ILAN BRENMAN E GUILHERME KARSTEN

Josiele Vita da Silva Tavares
Ilsa do Carmo Vieira Goulart
Renata Junqueira de Souza

As imagens nos livros de literatura infantil configuram-se como textos que ampliam as possibilidades de leitura ao estabelecer uma relação dinâmica entre o leitor e a narrativa visual. A construção de sentidos nos livros de imagens de literatura infantil decorre das diferentes percepções geradas pelo jogo de negociação entre cores, formas, texturas e imagens, elementos que favorecem a produção de sentidos e a experiência estética. Assim, este estudo investiga na obra "Cabo de Guerra," de Ilan Brenman e Guilherme Karsten, a composição da narrativa visual, abarcando as dimensões estética e literária na produção de sentidos, a fim de identificar efeitos na compreensão leitora. A pesquisa adota uma abordagem descritiva e qualitativa, fundamentada nos estudos de Goulart (2011, 2016), de Naves e Goulart (2023), Belmiro (2014) Ramos (2013) , Cosson (2012) e Petit (2019). Além da análise da obra o livro de imagem foi apresentado a dois grupos de crianças: uma turma de Educação Infantil, de uma rede municipal na região sul de Minas Gerais, e um grupo composto por 9 alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública na mesma região. A interação de ambos os grupos com o livro demonstrou que as crianças atuam como protagonistas no processo de leitura, construindo diferentes interpretações e ressignificando a narrativa de acordo com suas vivências, interesses e experiências. Os resultados revelam que os elementos da narrativa visual, como cores, formas e texturas, ampliam as possibilidades de leitura, favorecendo a produção de sentidos e ampliando a compreensão textual dos leitores.

Palavras-chave: Livro de imagens. Literatura infantil. Compreensão leitora. Produção de sentidos.

4.12. ILUSTRAÇÃO EM OBRAS LITERÁRIAS INFANTIS/JUVENIS: UM ESTUDO SOBRE A COAUTORIA DO ILUSTRADOR

Roberta Alves Silva Coimbra
Maria Betânia Almeida Pereira

As imagens são importantes elementos usados para a comunicação humana. O mundo das imagens é fasciante, sobretudo para as crianças e adolescentes. A combinação das cores, formas e texturas transmitem informações, expressam emoções, despertam a curiosidade e aguçam a criatividade. As imagens desempenham papel significativo no desenvolvimento cognitivo, emocional e criativo das crianças. Nos livros infantojuvenis, a relação da ilustração com o texto é essencial. Embora a linguagem visual seja tão importante quanto a textual, historicamente, percebe-se que esta é negligenciada nas escolas. Pretende-se compreender o lugar das ilustrações nas obras literárias destinadas aos jovens, fortalecendo a discussão sobre coautoria do ilustrador. A partir de pesquisas bibliográficas e de análise de livros ilustrados, procura-se compreender a sintaxe e a leitura das imagens e o papel do ilustrador enquanto coautor do livro. Embasaram esta pesquisa Rui de Oliveira, que fortalece a discussão acerca da importância da ilustração e do ilustrador; Lucia Santaella em "Leitura de imagens" (2012), que enfatiza a importância de compreensão da linguagem visual; Graça Ramos em "A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual" (2020), que discute o lugar da ilustração nos livros infantojuvenis; e outros como Renato Alarcão, Ciça Fittipaldi, Cristina Biazetto, Graça Lima, Odilon Morais e Alberto Manguel. Espera-se que esse trabalho contribua para o fortalecimento da discussão sobre a importância da ilustração em obras literárias destinadas aos jovens, mostrando que o ilustrador tem uma função de parceria, de coautoria com o autor do texto.

Palavras-chave: Literatura Infantojuvenil. Ilustração. Ilustrador. Leitura de imagens.

4.13. *A VACA QUE BOTOU UM OVO*: PARATEXTOS E MEDIAÇÃO LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Anicézia Pereira Romanhol Bette

O gosto pelos livros e pela leitura se aprende e essa ensinagem intencional e sistematizada cabe à escola que, deve iniciá-la junto às crianças, desde à Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica. O livro infantil de qualidade literária transita pelo universo mágico e é tecido por linguagem lúdica, com ilustrações e projeto gráfico criativos. Se bem mediado pelas professoras e pelos professores, favorecerá ao educando não só o encantamento por esse objeto cultural, mas também ao desenvolvimento do ato de ler, mesmo antes de saber decodificar os signos linguísticos. Nessa perspectiva, este estudo tem como objetivo abordar a presença dos paratextos na obra A vaca que botou um ovo, de Andy Cutbill, ilustrado por Russel Ayto. Também propõe uma estratégia de mediação de leitura, explorando os paratextos, para as crianças da pré-escola. A pesquisa é bibliográfica e apoia-se em autores que discorrem sobre a formação do pequeno leitor na Educação Infantil (Arena, 2010); elementos gráfico-editoriais dos livros literários (Genette, 1987; Almeida, Belmiro, 2016; Corrêa, Pinheiro, e, Souza, 2019); e, os paratextos como recursos relevantes a serem explorados nas mediações literárias (Souza, Girotto, 2010; Silva, Souza, 2016). Além da introdução e das considerações finais, o texto se organiza em três seções: Os elementos gráfico-editoriais e a compreensão leitora; Os elementos paratextuais na obra A vaca que botou um ovo; e, Proposta estratégica de mediação literária. A partir da pesquisa, observou-se a importância dos paratextos nas mediações literárias na pré-escola, para ampliar as habilidades leitoras do educando.

Palavras-chave: Paratextos. Livro literário infantil. Mediação literária. Educação Infantil

4.14. ELEMENTOS PARATEXTUAIS E COMPREENSÃO LEITORA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. UMA ANÁLISE DA OBRA: *RAMON FELLINI: O ~~GATO~~ CÃO DETETIVE*

Karynne de Araujo Silva
Cassiana Keila da Silva
Kenia Adriana de Aquino

O presente estudo faz parte do programa de iniciação científica da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), no âmbito do projeto de pesquisa "Elementos Paratextuais e Estratégias de Compreensão Leitora na Educação Infantil e nos Anos Iniciais". Seu objetivo é analisar a obra literária "Ramon Fellini: o gato Cão Detetive" e propor uma mediação de leitura utilizando as estratégias orientadas por Solé (2014) e Girotto e Souza (2010). Dessa forma, busca-se, a partir das discussões e dos referenciais teóricos de Girotto e Souza (2017), Solé (1998), Abramovich (2006) Hunt (2010) e Nikolajeva e Scott (2011), analisar como os elementos visuais e paratextuais auxiliam o leitor na elaboração de sentidos para a história, abordando temas, personagens, eventos e articulando texto escrito e paratextos. Pretende-se investigar como esses elementos contribuem para a formação de previsões e expectativas em relação à narrativa, o que facilita a identificação de tais elementos tanto pelo mediador quanto pelas crianças, contribuindo para a compreensão e a formação leitora. Conclui-se que os paratextos e as ilustrações, assim como todos os componentes de um livro literário, são ferramentas essenciais para atribuir sentido à leitura, promovendo o engajamento com a obra e proporcionando uma experiência literária mais rica, carregada de sentidos e significados.

Palavras-chave: Paratextos. Estratégias de leitura. Mediação de leitura. Formação leitora. Experiência literária.

4.15. ITINERÁRIOS DE LEITURA: PLANEJAMENTO E ENCANTAMENTO NA MEDIAÇÃO LITERÁRIA

Tânia Márcia Tomaszewski
Marília Forgearini Nunes
Franciele Vanzella da Silva

O pesquisador chileno Felipe Munita ressalta, em livro recentemente publicado no Brasil, que a finalidade principal da mediação é estabelecer conexões, tanto com livros e outros suportes impressos ou digitais quanto com indivíduos através dos vínculos estabelecidos entre texto e leitores. Acreditamos que a mediação da leitura literária é fundamental para estabelecer esses elos, sendo essencial o planejamento de itinerários de leitura bem estruturados de modo a potencializar o encontro entre livros e leitores. Nesse contexto, nos questionamos sobre como garantir o sucesso na mediação e despertar o encantamento das crianças por leituras literárias por meio desses itinerários, com a questão central: O que são itinerários de leitura e como organizá-los? Para responder a essa questão, realizamos uma pesquisa documental e apresentamos algumas ideias fundamentadas em análises de referenciais teóricos relacionados, especialmente com os trabalhos de Bajour (2012), Chambers (2023) e Munita (2024), que nos ajudam a construir uma proposta de ação mediadora. Além disso, exemplificamos um itinerário possível com base em três livros ilustrados, de um mesmo autor - Tino Freitas -, voltados às infâncias, que se entrelaçam de modo a constituir um itinerário de leitura, cujos critérios de escolha das obras, e argumentos que justificam a progressão entre elas, serão detalhados ao longo do trabalho. A título de considerações finais, mas não conclusivas destacamos que o percurso da mediação deve ser cuidadosamente planejado o que não significa fechado, pois o inesperado também é relevante para a produção de sentido que, por fim, decorre da leitura em si.

Palavras-chave: Literatura infantil. Mediação de leitura. Itinerário de leitura

4.16. OS SENTIDOS DA METAMORFOSE EM LIVROS INFANTIS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Elena Stowell
Renata Junqueira de Souza

Diversos livros infantis da literatura mundial (Carl, 1994; Ferrada, 2023; Oliveira Filho, 2007; Ziraldo, 2009, Rocha, 2011) abordam esteticamente questões ambientais e temas da divulgação científica. Neste resumo, utilizamos o processo da metamorfose da lagarta até sua transformação em borboleta. Propomos uma comparação entre três clássicos infantis: “A primavera da lagarta” de Ruth Rocha escrito inicialmente em 1976 e “A lagarta que tomou chá de sumiço” de Milton Célio de Oliveira Filho (2007) e “A lagarta comilona” de Eric Carle, 1994. O objetivo é estabelecer uma relação entre as três obras para verificar se através da linguagem verbal e visual a literatura tem condições de transmitir elementos da divulgação científica. No caso da lagarta, ressaltando as etapas do ovo até a fase adulta, passando por quatro etapas distintas: ovo, larva, pupa e adulto, sem macular sua função estética. Em Rocha (1976) uma lagarta é caçada por insetos e animais que querem entender a sua voracidade por folhas. E, em Filho (2007), uma narrativa de suspense onde vários animais são investigados por causa do sumiço da lagarta, o conhecimento prévio de animais e insetos é fundamental para que o leitor infantil compreenda o texto, em Carl (1994) há um jogo de cores e numerais que ajudam o leitor no entendimento da comilança. As três obras promovem respeito à natureza e ressaltam as interações estabelecidas entre os textos literário e de divulgação científica. Além disso, buscamos demonstrar, por meio de estratégias metacognitivas de compreensão leitora, como integrar ciência e literatura para uma razão maior – ampliação de conhecimentos do leitor e cuidado com a Natureza.

Palavras-chave: natureza. metacognição. metamorfose. ciência e literatura

4.17. POSSIBILIDADES DE LEITURA PARA A OBRA *A EXTRAORDINÁRIA JORNADA DE EDWARD TULANE*: REFLEXÕES SOBRE O LIVRO ILUSTRADO

Luciana Carolina Santos Zatera
Gisele Thiel Della Cruz

Este trabalho pesquisa recursos para a leitura do livro A extraordinária jornada de Edward Tulane, da autora Kate DiCamilo, voltado para o público infantojuvenil. A proposta é sugerir possibilidades de leitura a partir das ilustrações e do texto verbal, tendo como ponto de reflexão a composição imagética. Nesse sentido, servirão de referência de leitura as imagens que compõem a entrada de cada um dos capítulos da obra, bem como as ilustrações que estão dispostas nas estruturas paratextuais, tais como: capa, quarta capa, título, folha de rosto, entre outros e que, individualmente ou em conjunto, suscitam possibilidades de leitura de cenas e pontos da narrativa, dando sentido e ritmo à leitura. Para uma abordagem que diz respeito à leitura visual, utilizamos como referências Liden (2011) e Colomer (2017) e, a partir de suas propostas teóricas e metodológicas, levantamos as camadas, quase que de forma arqueológica de cada um dos elementos que compõem o livro. Ainda, como livro ilustrado, a obra exige do leitor o uso de estratégias de leitura (Harvey; Goudvis, 2017; Souza, 2019), que o auxiliem a compreender a relação entre texto verbal e visual. Por isso, em última instância, é preciso também entender o papel e a atuação do mediador de leitura, capaz de contribuir para a atribuição de sentidos por parte do leitor. Nesse sentido, é importante percorrer discussões relacionadas aos estudos da semiótica e às estratégias de leitura como pontos importantes para o desenvolvimento da compreensão leitora.

Palavras-chave: Livro ilustrado. Leitura de imagem. Estratégias de leitura.

4.18. VIRADAS NO LIVRO-ÁLBUM: A CONSTRUÇÃO DE EXPECTATIVAS

Fernanda Rios de Melo

Observando-se a forte tendência da produção de autores-únicos, aqueles responsáveis por palavra, imagem e muitas vezes pelo projeto gráfico, selecionamos como recorte duas obras que trabalham com o inesperado em suas construções. O que tem aí? (2019), de Rosinha, publicado pela Jujuba Editora e A caçada (2020) de Guilherme Karsten, publicado no Brasil pela Editora Harpers Collins são construídos por meio de viradas. A primeira delas, apontada como a constituinte mínima unidade de sentido dos livros-álbuns por Barbara Bader (1976), é a virada da página. A segunda é a expectativa criada pela leitura da imagens (Hánan Diaz, 2007) e por fim, tentaremos compreender de que modo a sinergia palavra-imagem-projeto gráfico opera nas duas obras. Recuperamos como aparato teórico, além dos já citados, os conceitos de Early Concept Books e Concept Books (2018) de Bettina Kümmerling Meibauer e Jörg Meibauer. Como metodologia de análise, apresentaremos uma comunicação bibliográfica qualitativa, recorrendo ao método hipotético-dedutivo. O objetivo desta comunicação é identificar as estratégias verbovisuais utilizadas pelos autores-ilustradores. Como resultados, enxergaremos juntos as diversas camadas de leitura que podem auxiliar no processo de mediação de leitura.

Palavras-chave: Livro-álbum brasileiro. Verbovisualidade. Literacia. Mediação

4.19. *ATCHIM!*: O DIÁLOGO ENTRE A POESIA DE MIRÓ E AS ILUSTRAÇÕES DE CAU GOMEZ NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Ester Ingrid Alves da Silva
Ana Júlia Figueirôa Alves
Robson Teles Gomes

Este artigo investiga o diálogo entre a linguagem verbal e a não verbal na obra poética Atchim!, de Miró da Muribeca (2019), em busca de construção de sentidos na literatura infantojuvenil contemporânea. A poesia de Miró, marcada pela oralidade e pela simplicidade do cotidiano, encontra nas ilustrações

de Cau Gomez um diálogo que amplia significados e possibilita ao leitor experiências imagéticas, potencializando leituras por meio de uma imersão em cores, sons e em memórias suscitadas pela obra. Utilizando a abordagem da Semiótica Aplicada, discutida sobretudo por Lucia Santaella (2016), esta pesquisa busca analisar o modo que o texto verbal e as ilustrações presentes em Atchim! atuam representando signos capazes de evocar ritmos, sons e movimentos na narrativa. Exemplos como o uso da onomatopeia "Atchim!" — um signo verbal que imita o som de um espirro e se expande visualmente na tipografia cinética — e as linhas dinâmicas das ilustrações, que sugerem movimento, serão explorados para demonstrar a maneira que a obra combina linguagem escrita e imagem em um processo de significação interativa. Ao destacar a obra de Miró da Muribeca, visamos enfatizar a importância de uma produção de literatura infantojuvenil pernambucana, ampliando o campo de pesquisa sobre a relação entre texto, ilustração e materialidade em livros ilustrados.

Palavras-chave: Atchim!. Semiótica Aplicada. Texto e Ilustração. Literatura Infantojuvenil.

4.20. PERSONAGENS LITERÁRIOS EM EVA FURNARI, AS CRIANÇAS LEITORAS E A ILUSTRAÇÃO - ALGUMAS APROXIMAÇÕES

Jaqueline Oliveira dos Santos

A comunicação irá abordar a construção da personagem literária na obra de Eva Furnari, autora e ilustradora de mais de 60 títulos ao longo de seus 40 anos de carreira. Em Furnari, aspectos relacionados às personagens são fundamentais para sua narrativa e particularmente para sua relação com as crianças leitoras. Para essa discussão, importa ressaltar a dimensão imagética de seu texto visto que diversas nuances da trajetória e personalidade das suas personagens são comunicadas, e aprofundadas, por meio da ilustração. São questões importantes na criação artística de Eva Furnari o destaque, por vezes exagerado, aos traços de cada personagem; as cores vibrantes em sua composição; o jogo com as proporções; o uso de elementos que compõem ou mesmo ampliam a narrativa na construção imagética das personagens; entre outros. A obra que será retomada para análise e discussão dos pontos elencados anteriormente será Drufs, publicada originalmente em 2016, cuja ilustração foi realizada a partir de uma série de fotografias dos dedos da autora. Conclui-se que uma dimensão fundamental do diálogo estabelecido entre Furnari e crianças leitoras ocorre por meio dos vínculos possíveis com as personagens, e suas trajetórias – e a ilustração é base para esse movimento. De maneira a encaminhar a discussão, algumas referências teóricas importantes são Anatol Rosenfeld (2014), Antonio Candido (2014), Affonso Romano de Sant´Anna (2000), Angela Lago (2008), Graça Ramos (2011) e Roger Chartier (1988; 1991).

Palavras-chave: Personagem literário. Crianças Leitoras. Ilustração. Humor

4.21. LITERATURA INFANTIL E O OLHAR PARA O ESPAÇO URBANO: ANÁLISE DAS CAPAS DOS LIVROS DO PNLD OBJETO LITERÁRIO 2018 PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Guilherme Corezola Vieira
Marília Forgearini Nunes

Este trabalho apresenta uma pesquisa que analisa a representação de cidades e espaços urbanos nas capas dos livros do acervo do PNLD-2018 objeto Literário direcionados aos anos iniciais do Ensino Fundamental. Teve como objetivo identificar e refletir os modos de representação do espaço na literatura para infância, e caracterizar as qualidades atribuídas pelos autores/ilustradores do acervo às cidades/espaços urbanos. A análise partiu de uma revisão bibliográfica integrativa sobre recortes do acervo e teve como inspiração a análise de capa de Nunes (2022, 2023). A pesquisa também utilizou-se dos conceitos de espaço enquanto narrativa de Lopes (2020), de espaço urbano de Bordini (2012), e de literatura de Reyes (2012), para embasar e fundamentar a análise teórica sobre a importância da representação simbólica dos espaços nos livros destinados à infância, que,

a partir das suas capas, podem ser convites para ver o mundo e seus espaços em destaque. Nas capas do livro do acervo foi possível identificar três ordens com que os espaços urbanos aparecem organizados, como elementos narrativos espaciais, como elementos centrais no enredo, ou através de objetos que convidam o leitor a construir os sentidos relacionados às cidades. Por fim, buscou-se contextualizar a importância de uma política de fomento à leitura na Educação Básica, fundamentada por um debate acerca do mundo representado, do imaginário infantil e do repertório de sentidos e significados que partem dos livros para os sujeitos leitores.

Palavras-chave: Literatura Infantil. PNLD. Espaço Urbano. Capas. Anos Iniciais.

4.22. PARA ALÉM DAS PALAVRAS: A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM VISUAL EM *SULWE*

Adriana Jesuino Francisco
Renata Junqueira de Souza

Os livros destinados ao público infantil sempre incorporaram signos visuais como parte essencial de sua composição, especialmente as ilustrações e projeto gráfico. Com o passar do tempo a narrativa visual vai ganhando espaço e se consolidando. O livro Sulwe escrito pela queniana Lupita Nyong´o, ilustrado por Vashti Harrison e traduzido por Rane Souza, publicado pela editora Rocquinho (2021), deixa evidente o poder da literatura infantil de transcender barreiras ao abordar a história da protagonista Sulwe, que, através de sonhos vívidos e encontros mágicos convida o leitor a refletir sobre determinados padrões de beleza impostos pela sociedade. Assim, esta comunicação objetiva apresentar como o design gráfico, a materialidade e os elementos paratextuais em Sulwe se entrelaçam de maneira harmoniosa, estética e poética, entre o texto verbal e o visual possibilitando ao leitor identificar traços culturais, histórias, signos e códigos que vão muito além do texto escrito que, neste contexto, assume papel secundário. Para esta análise nos pautamos em alguns teóricos como Nicolajeva e Scott (2011), Ramos (2011), Ferreira e Tavares (2021). Podemos dizer que Sulwe não é apenas uma história para ser lida, é uma obra que convida o leitor à contemplação e reflexão, visto que a narrativa visual juntamente com a materialidade do livro ampliam as possibilidades interpretativas enriquecendo assim a experiência do leitor e reafirmando a importância do livro como objeto cultural e simbólico.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Texto escrito e visual. Paratextos. Construção de sentidos. Lupita Nyong´o

4.23. CONCEPÇÕES DE NATUREZA NA LITERATURA INFANTIL: EM QUESTÃO O LIVRO ILUSTRADO *FIO DE RIO*, DE ANITA PRADES

Lauriana Fogaça Ferreira dos Santos
José Firmino de Oliveira Neto
Ronnan Raimere Cavalcante Mota
Maria Auxiliadora Fernandes Justiniano

O livro ilustrado de literatura infantil é um objeto bimodal em que a narrativa é constituída combinando linguagem verbal e linguagem visual. A relação texto e ilustração expõe o ideário social de escritores/ilustradores. Nesse sentido, o trabalho objetiva apreender a concepção de natureza apresentada pelas ilustrações da obra “Fio de Rio”, de Anita Prades. A metodologia alinhada à pesquisa de natureza qualitativa constituiu-se baseada na análise literária. Para tal, realizamos uma incursão da obra em duas etapas: 1) leitura exploratória da linguagem escrita e visual e 2) leitura de aprofundamento da linguagem visual. A obra, primeiro livro-solo da autora, foi lançada em 2020 pelo Selo Emília. Mediante uma narrativa predominantemente visual, apresenta a história de uma menina que vive em uma metrópole em tempos de seca e estiagem. Pelo viés da imaginação a menina apreende a formação de um rio entre as calçadas após uma chuva, transformando seu cotidiano e oferecendo aos leitores uma reflexão crítica, ética, política e estética da relação humano-natureza.

As imagens, alinhadas a uma concepção crítica de Educação Ambiental, apresentam o ser humano imbricado à teia de relações sociais, naturais e culturais, reconhece conflitos ambientais e permite a problematização da distribuição desigual dos recursos naturais e dos riscos ambientais, o que exige mediação cuidadosa para garantir uma compreensão ampla do contexto apresentado. Dado o exposto, a obra evidencia o potencial da literatura infantil em promover a imaginação, abrindo frestas para a problematização científica-ambiental significativa, ao relacionar conceitos/fenômenos científicos com uma narrativa sensível e envolvente.

Palavras-chave: Literatura infantil. Livro ilustrado. Linguagem visual. Natureza

4.24. NARRATIVAS VISUAIS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Alberto Roiphe

Trata-se de uma pesquisa que tem como objetivo investigar maneiras como as narrativas visuais se caracterizam em livros de imagens, descrevendo diferentes categorias que as compõem, tais como temas, personagens, sequências de acontecimentos inter-relacionados, expressões do tempo e do espaço, perspectiva de quem narra, dentre outros elementos. Para tanto, é realizado um estudo sobre a leitura da imagem para, em seguida, partir especificamente para a análises de livros de imagens brasileiros de variadas autorias, produzidos entre 2004 e 2024, como parte significativa da literatura infantil, e que circulem entre alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, observando de que forma o conceito de narrativa visual pode contribuir para a formação de professores, considerando-se a ampliação de seus processos de criação e, consequentemente, de suas práticas em sala de aula, quando levados em conta a diversidade de temas, de estruturas composicionais e de estilos de diferentes autores, conforme os objetivos traçados para as atividades didático-pedagógicas a serem desenvolvidas no ambiente escolar, não somente nas aula de língua portuguesa, mas das demais disciplinas da matriz curricular. Fundamentam, teoricamente, para a pesquisa estudos de Minchillo e Cabral, 1989; Bearzoti Filho, 1991; Siqueira, 1992; Moraes, Hanning, Paraguassu, 2012; Liden, 2011; Burke, 2017; dentre outros.

Palavras-chave: Narrativa Visual. Livros de Imagens. Formação de Professores

SIMPÓSIO 5

Literatura infantil e juvenil (LIJ): leitura e ensino

Coordenador(es): Tania Maria Nunes de Lima Camara (UERJ), Ana Paula Oliveira Macri Rodrigues (PPGLILP-UERJ) e Juliene Kely Zanardi (Colégio Militar do Rio de Janeiro)

SESSÕES

Primeira Sessão: 28 de maio - 10h30 às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
10h30	Lais de Almeida Cardoso	LITERATURA INFANTIL NA PRIMEIRA INFÂNCIA: O PAPEL DA ESCOLA E DO MEDIADOR DE LEITURA
10h45	Hebe Duarte de Andrade Maluf Resende Aira Suzana Martins Ribeiro	LITERATURA INFANTIL E ALFABETIZAÇÃO: FORTALECENDO VÍNCULOS E EXPANDINDO HORIZONTES
11h	Thaís Bernardi Fagundes Catarina Moro	PESQUISAS ACADÊMICAS ACERCA DO TRABALHO COM A LITERATURA LITERÁRIA EM INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL
11h15	Lara Rakel Trindade da Cruz Silva Jamilly Starling Santos de Jesus	BRINCANDO COM FADAS: UMA EXPERIÊNCIA DE MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA COM BEBÊS NA CRECHE UFBA
11h30	Debate	

Segunda Sessão: 28 de maio - 13h30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Luiz Guilherme Ribeiro Barbosa	CHAVES PARA O REINO DAS PALAVRAS: UMA ABORDAGEM DO POEMA VISUAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA
13h45	Priscila da Conceição Viégas	CONECTANDO LETRAS E SONS: A PRÁTICA BOOKTUBE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA
14h	Tania Maria Nunes de Lima Camara	CACHINHOS DE PRATA: REALIDADE COM POESIA
14h15	Mariana Nunes Marinho	LEITURA LITERÁRIA E ENSINO DE GRAMÁTICA NO 6º ANO: EXPLORANDO LUDICIDADE E SENTIDOS NO CONTO "COISAS DE MENINO", DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA
14h30	Alessandra Cristina Costa Mendes	LETRAMENTO LITERÁRIO: INTERTEXTUALIDADE E FORMAÇÃO DO LEITOR
14h45	Debate	

Terceira Sessão: 29 de maio - 8h às 9h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
8h	Denise Guilherme Viotto	CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE LIVROS PARA CRIANÇAS NO PROGRAMA MINHA BIBLIOTECA: O "ADULTO ESCONDIDO" NAS ESCOLHAS DE LIVROS PARA INFÂNCIAS
8h15	Márcia Sepúlvida do Vale Ana Crelia Penha Dias	PNLD LITERÁRIO 2024: NOVAS TEMÁTICAS, VELHAS DESIGUALDADES
8h30	Gabriela Mendes Morais Rafaela Kelsen Dias	ESTUDOS SOBRE FORMAÇÃO LEITORA E A LEITURA ESCOLARIZADA ENTRE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: ESTADO DA ARTE
8h45	Juliana Felix Henrique de Almeida Rego	A EDUCAÇÃO LITERÁRIA NO ENSINO MÉDIO
9h	Larissa Paiva Seadi Marília Forgearini Nunes	ESTUDO DE MATERIAIS DE APOIO AO PROFESSOR DO PNLD 2018 OBJETO LITERÁRIO PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: FORMAÇÃO PARA A LEITURA LITERÁRIA
9h15	Debate	

Quarta Sessão: 29 de maio - 10h30 às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
10h30	Giovanna Santos Coelho da Silva Angélica de Oliveira Castilho Pereira	POR DENTRO DA BOLSA AMARELA, SEUS GÊNEROS TEXTUAIS
10h45	Lisleine Loss Lourenço Furriel Tania Maria Nunes de Lima Camara	A LEITURA CRÍTICA EM O FANTÁSTICO MISTÉRIO DE FEIURINHA: ESTRATÉGIAS TEATRAIS DE ENSINO COM ALUNOS DE 7º ANO
11h	Ana Paula Oliveira Macri Rodrigues	"MINHA ÁRVORE TEM MISTÉRIOS QUE NÃO CONSIGO DECIFRAR": REFLEXÕES SOBRE NÍVEIS DE LEITURA
11h15	Renata de Mello Santos Leviski	O ESTUDO DE MITOLOGIAS COMO MOTIVAÇÃO PARA O LETRAMENTO INFORMACIONAL
11h30	Gisele de Assis Carvalho Cabral Ana Paula Munarim Ruz Lemos Cyntia Graziella Guizelim Simões Girotto	A CONVERSAÇÃO LITERÁRIA DE UMA OBRA DO PNLD LITERÁRIO 2018 NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL
11h45	Debate	

Quinta Sessão: 29 de maio - 13h30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Juliene Kely Zanardi	REVISITANDO ESTÓRIAS: UMA LEITURA COMPARADA DE "FITA VERDE NO CABELO" E "CHAPEUZINHO VERMELHO"

13h45	Luciana Vilaça da Silva	USO DE NARRATIVAS LITERÁRIAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS: ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA E REPRESENTATIVIDADE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
14h	Solange Aparecida da Costa Cunha Cesario Kelly Cristiane Henschel Pobbe de Carvalho	LETRAMENTO LITERÁRIO NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL I: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA
14h15	Marcílio Moreira Paes Tatiane Garcia dos Santos Fernandes de Oliveira Ana Crelia Penha Dias	A CONSTRUÇÃO DE ITINERÁRIOS DE LEITURA LITERÁRIA COMO PRÁTICA NO PLANEJAMENTO DO PROFESSOR DE LITERATURA/LÍNGUA PORTUGUESA
14h30	Ana Mabell Seixas Alves Santos Sávio Rafael Araújo Pereira	UMA SAMAUMEIRA, ALGUNS BICHOS, UM LIVRO E UM PROJETO BILÍNGUE: UMA EXPERIÊNCIA ECOLÓGICO-LITERÁRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL
14h45	Debate	

Sexta Sessão: 30 de maio - 8h às 9h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
8h	Vanessa Cordeiro França	SUBJETIVIDADE LEITORA: ONDE HABITA A FRUIÇÃO DOS JOVENS LEITORES?
8h15	Patricia Lapot Costa Cláudio Pires Viana Edione Marques da Silveira Passos	LEITURA DELEITE NO GRUPO LEDEIRAS: A LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO ESTÉTICA DE PROFESSORES
8h30	Beatriz da Cunha Duarte Tania Maria Nunes de Lima Camara	TORTO ARADO: ANÁLISE E POSSIBILIDADES
8h45	Rosana Carvalho Dias Valtão	ENTRE HISTÓRIA DA LITERATURA, ENREDOS E TEMAS: A LEITURA DE LITERATURA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO
9h	Mariléia Zélia Teixeira Chirley Domingues Aracilba Aparecida Serafim Rodrigues	LITERATURA PARA TODOS: A LITERATURA INFANTIL E A FORMAÇÃO DE LEITORES JOVENS E ADULTOS
9h15	Debate	

RESUMOS

5.1. LITERATURA INFANTIL NA PRIMEIRA INFÂNCIA: O PAPEL DA ESCOLA E DO MEDIADOR DE LEITURA

Lais de Almeida Cardoso

Neste século, a leitura na primeira infância vem perdendo gradativamente seu espaço na rotina infantil. Nos lares brasileiros, a prática de ler um livro em família muitas vezes tem ficado em segundo plano, sendo substituída por outras formas diferentes de se entreter uma criança, especialmente por meio de telas. Por outro lado, nunca se publicou tanto para a infância. Grandes editoras têm selos

exclusivos para os pequenos leitores, e algumas casas editoriais têm se especializado na chamada "literatura de colo". Em meio a essas contradições da vida moderna, se existe um lugar em que o livro infantil ainda tem espaço garantido, esse lugar é a escola. Além da prática de leitura em sala de aula e nas bibliotecas escolares, eventos literários, como feiras de livros e saraus, além de projetos de leitura bem realizados mostram que depende muito do planejamento escolar e, sobretudo, do professor proporcionar engajamento nesse encontro entre a criança e a literatura infantil. Esta pesquisa tem por objetivo investigar como tem sido essa relação entre livro e leitor na escola, em especial na Educação Infantil e no 1º ano do Ensino Fundamental, e o importante papel do professor como mediador nesse processo. Para isso analisamos por meio de um questionário as respostas de um grupo de educadores da rede particular de ensino sobre seu trabalho com o livro infantil em sala de aula. Como fundamentação teórica, utilizamos a Base Nacional Comum Curricular e textos acadêmicos que abordam esse vínculo entre literatura infantil e escola.

Palavras-chave: Literatura infantil. Leitura. Educação Infantil. Professor. Escola

5.2. LITERATURA INFANTIL E ALFABETIZAÇÃO: FORTALECENDO VÍNCULOS E EXPANDINDO HORIZONTES

Hebe Duarte de Andrade
Maluf Resende
Aira Suzana Martins Ribeiro

Este texto tece considerações sobre uma prática pedagógica implementada em uma turma do 1º ano do ensino fundamental de uma instituição pública no Rio de Janeiro, com o objetivo de integrar a literatura infantil ao processo de alfabetização. A proposta foi motivada pela necessidade de conferir maior ludicidade e significado ao processo de alfabetização, utilizando elementos literários e práticas de dramatização. A personagem Vovó Bareta, criada pela docente e inspirada nas obras "Marcelo, Marmelo, Martelo" (2011), de Ana Maria Machado, e "A Velhinha que dava nome às coisas" (2002), de Cynthia Rylant, foi concebida em virtude da presença marcante de avós como principais cuidadores das crianças da turma. O objetivo principal consistiu em fomentar o enriquecimento do vocabulário e incentivar a invenção de novas palavras, aproximando as crianças da leitura e da escrita de maneira interativa e significativa. A fundamentação teórica apoia-se nas perspectivas de Smolka (2008) e Goulart (2017), que abordam a alfabetização como um processo discursivo, além das contribuições de Candido (1995), que defende a literatura como um direito humano fundamental, e Abramovich (1995), que destaca o papel da leitura compartilhada no fortalecimento dos vínculos afetivos. O corpus de análise abrange as interações e produções dos alunos durante as atividades mediadas pela personagem, revelando o impacto positivo na participação e na criatividade dos estudantes. Os resultados indicam que a prática contribuiu para a integração escola-família, ampliou o repertório cultural e promoveu o desenvolvimento cognitivo e social, estabelecendo bases para o desenvolvimento do pensamento crítico na infância.

Palavras-chave: Alfabetização. Literatura infantil. Ludicidade

5.3. PESQUISAS ACADÊMICAS ACERCA DO TRABALHO COM A LITERATURA LITERÁRIA EM INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Thaís Bernardi Fagundes
Catarina Moro

A investigação em foco faz parte do projeto de pesquisa "Literatura(s) e Infância(s): Políticas e Práticas na Educação Infantil" e teve como objetivo levantar e analisar a produção acadêmica acerca do trabalho com a literatura literária em instituições de Educação Infantil. Com esse intuito foram selecionadas teses, dissertações e artigos de periódicos, por meio das plataformas Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, periódicos CAPES e Scielo. O material de análise foi selecionado

considerando o período de publicação entre os anos 1996 e 2023. A delimitação do conteúdo ocorreu por meio da seleção a partir de palavras-chaves e de critérios de exclusão. Foram apurados ao final 72 trabalhos ao total, sendo 8 teses, 30 dissertações e 34 artigos. Por meio da análise realizada até o momento foi possível identificar crescimento, desafios e lacunas em relação às pesquisas que tratam das vivências literárias das crianças de 0 a 6 anos nas instituições educativas. A escassez de pesquisas com enfoque na diversidade étnico racial, apenas 2 trabalhos dos 72 analisados; e a produção majoritariamente da região Sudeste despertam indagações e interesse em aprofundar as hipóteses acerca dos resultados levantados. Além disso, o quantitativo de 16,66% dos trabalhos com foco na creche, em relação ao montante total de trabalhos por segmento, bem como, as temáticas versadas nestes, também provocam questionamentos. Como por exemplo, o trabalho profissional na creche ser associada a ação materna e ao espaço oferecido nos cursos superiores para discussão das particularidades de cada segmento da Educação Infantil.

Palavras-chave: Literatura infantil.Educação Infantil.Revisão sistemática de literatura

5.4. BRINCANDO COM FADAS: UMA EXPERIÊNCIA DE MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA COM BEBÊS NA CRECHE UFBA

Lara Rakel Trindade da Cruz Silva
Jamilly Starling Santos de Jesus

De clássicos infantis a obras censuradas, os contos de fadas continuam ocupando um lugar de destaque nas discussões sobre literatura e infâncias. Nosso trabalho busca refletir sobre uma experiência de mediação de leitura de contos de fadas com bebês do Grupo 1 da Creche da Universidade Federal da Bahia, realizada no contexto do projeto coletivo “Memórias: tesouro das infâncias da Creche UFBA”. Durante o período do projeto, lemos com os bebês três adaptações da série Clássicos Animados da VR Editora: Branca de Neve, A Pequena Sereia e Cinderela. No planejamento das atividades e escolha das obras, nos guiamos por reflexões teóricas de autores como Ana Maria Machado, Robert Darnton e Nelly Novaes Coelho. A seleção das obras considerou tanto o texto verbal quanto as ilustrações, dialogando com estudos de Sophie Van Der Linden, Maria Nikolajeva, Carole Scott e Peter Hunt. Quanto à mediação da leitura literária, nossas reflexões alinharam-se às produções de Yolanda Reyes, Aidan Chambers e Felipe Munita. Em nosso planejamento, destacamos, além da leitura dos contos, atividades brincantes que permitiram aos bebês a continuidade do diálogo com o universo narrativo dos contos lidos. Durante as leituras, os bebês demonstraram atenção e interação, explorando tanto o texto verbal quanto os recursos gráficos dos livros escolhidos. Essa experiência ratificou nossa defesa pela leitura dos clássicos desde a primeira infância e contribuiu para aprimorar nosso olhar crítico em relação a adaptações e projetos gráficos voltados ao público infantil.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Creche. Leitura com bebês

5.5. CHAVES PARA O REINO DAS PALAVRAS: UMA ABORDAGEM DO POEMA VISUAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Luiz Guilherme Ribeiro Barbosa

A escola, instituição social de letramento por excelência, é lugar de encontros entre saberes e experiências. Ao ensinar morfologia gramatical das palavras do português brasileiro, venho buscando pesquisar em sala de aula, em comparação com a perspectiva científica, a dimensão poética da forma das palavras, dialogando com a tradição da poesia visual. Nessa experimentação pedagógica já realizada em diversos segmentos da educação básica (Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental, e Ensino Médio), as turmas de crianças e adolescentes de diversas idades são desafiadas a compor poemas visuais usando uma única palavra, como fizeram diversos poetas brasileiros, desde, especialmente, o poema “VELOCIDADE” (1956), de Ronaldo Azeredo (1937-2006). Assim, a sala de aula se transforma num espaço de recepção da poesia, e poemas criados por estudantes podem ser

lidos como a elaboração criativa de leitores diante da obra literária. Essa comunicação propõe relatar as etapas e os percalços dessa experiência, e refletir sobre o papel da visualidade das palavras na consolidação da alfabetização e o papel da autoria literária na consolidação do letramento. A leitura comparada de poemas da tradição brasileira com poemas compostos por crianças e adolescentes, fundamentada na Base Nacional Comum Curricular (2018), na teoria do poema visual de Philadelpho Menezes ('Roteiro de Leitura: Poesia Concreta e Visual', 1998), e na antropologia da leitura de Michèle Petit ("Ler, escrever, desenhar, dançar", 2010), orientará a reflexão sobre autoria nesses poemas visuais compostos por uma única palavra, que nomeio, inspirado pela pergunta no poema de Drummond ("Trouxeste a chave?"), como "palavras-chave".

Palavras-chave: Educação Literária. Letramentos Literários. Literatura Estudantil. Poesia Visual

5.6. CONECTANDO LETRAS E SONS: A PRÁTICA BOOKTUBE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Priscila da Conceição Viégas

Este estudo aborda um segmento do Projeto de Extensão Universitária "NAVEGANDO NA POESIA EM CANÇÕES: um encontro entre Literatura e Música Popular Brasileira", desenvolvido com acadêmicos do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí, Campus Possidônio Queiroz - Oeiras/PI, realizado em 2020. Como ponto de partida, obras da Música Popular Brasileira foram apreciadas, juntamente com colaboradores que apresentaram conexões pré-existentes entre poesia e canção. A proposta envolveu a realização de conferências temáticas e a criação de resenhas e booktubes, ampliando a circulação literária e conectando a leitura à prática do letramento digital. A metodologia foi baseada em oficinas pedagógicas que contextualizaram práticas de leitura e estimularam a criação de booktubes, ampliando as discussões sobre as obras analisadas, na práxis "Literatura e cAnÇÃO: as novas leituras de mundo e a prática booktube". As bases teóricas, com contribuições de autores como Caldeira e Zaidan (2013), Carvalho e Viégas (2017, 2019, 2021), dentre outros, ressaltam a importância dessas práticas na formação inicial e continuada de docentes, visto que ao integrar o letramento digital à mediação de leitura há uma aproximação ao universo juvenil, contribuindo para o desenvolvimento de competências leitoras e o enriquecimento de experiências literárias. Logo, essa abordagem visa proporcionar novas formas de entendimento das múltiplas linguagens e, ainda, um aprendizado significativo diante dos desafios de ensinar os jovens na contemporaneidade.

Palavras-chave: Circulação literária. Letramento digital. Prática booktube

5.7. *CACHINHOS DE PRATA*: REALIDADE COM POESIA

Tania Maria Nunes de Lima Camara

O encontro da criança com o texto literário deve ocorrer desde a mais tenra idade, muito antes de sua chegada à escola. A realidade brasileira, porém, exibe um quadro social que, muitas vezes, impossibilita às famílias promover esse momento tão rico e prazeroso. Assim, já na Educação Infantil, o espaço escolar acaba por constituir-se o único local favorável a essa aproximação, situação que, com frequência, se mantém até o final do Ensino Médio. Tal problemática é, sem dúvida, um dos entraves que o professor busca solucionar tanto em relação às escolhas que realiza, quanto ao seu papel de mediador. Sabe-se quão importante é a literatura no desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo acerca do que efetivamente vem a ser o estar-no-mundo, o enxergar-se, o enxergar o outro, a construção da realidade por meio da linguagem. A todos esses aspectos a obra do escritor contemporâneo Leo Cunha responde afirmativamente e, por isso, torna-se referência. O estudo aqui submetido constitui parte de uma pesquisa em andamento, intitulada Na trilha poética de Leo Cunha, e tem como objetivo principal manter/resgatar o espaço da poesia, em seu sentido pleno, na sala de aula. A obra escolhida – Cachinhos de Prata – traz em si a intertextualidade como um dos instrumentos expressivos utilizados pelo autor, e, para esse recurso, volta-se o olhar da

pesquisadora. Entre os referenciais teóricos em que o recorte em pauta se apoia, citam-se Nelly Novaes Coelho (1981), Vincent Jouve (2002), Rildo Cosson (2006), Eliane Debus (2006), Regina Michelli (2016), Beatriz Feres (2020).

Palavras-chave: Leitura literária. Ensino Fundamental. Leo Cunha. Temas fraturantes

5.8. LEITURA LITERÁRIA E ENSINO DE GRAMÁTICA NO 6º ANO: EXPLORANDO LUDICIDADE E SENTIDOS NO CONTO "COISAS DE MENINO", DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

Mariana Nunes Marinho

A leitura, fonte de prazer e entretenimento, tem permitido, há séculos, à humanidade explorar mundos pela imaginação. Contudo, no Brasil, a realidade é alarmante: os brasileiros leem menos de três livros inteiros ao ano, conforme último resultado da pesquisa "Retratos de Leitura no Brasil" (Instituto Pró-Livro, 2020), refletindo uma preocupante falta de proficiência leitora. Diante disso, esta comunicação busca aproximar alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da leitura literária e do ensino de Língua Portuguesa, relacionando interpretação textual ao uso gramatical e expressivo de elementos extralinguísticos e linguísticos, como os efeitos de sentido atribuídos pelos substantivos no conto "Coisas de Menino", da obra Vendedor de Sustos (Carrascoza, 2014). Nesse contexto, serão pensadas atividades pedagógicas que abranjam a análise linguística aos momentos antes, durante e após a leitura (Solé, 1998), evitando que o texto seja utilizado apenas como um pretexto para o estudo da gramática. As análises do conto se pautarão na perspectiva da estilística (Martins, 2012), uma vez que a intenção enunciativa de caráter afetivo ou de juízo de valor é responsável pela relação de sentido entre o léxico da língua, algo que os textos literários evidenciam de maneira mais acentuada. Dessa forma, pensa-se ser possível traçar uma estratégia didático-pedagógica que conduza o alunado a uma leitura mais autônoma e, consequentemente, proficiente, além de diminuir o distanciamento entre ele e o ensino de língua materna. Tal estratégia pode contribuir para o desenvolvimento do prazer pela leitura e da competência leitora, fundamentais para o aprendizado e para a formação cidadã.

Palavras-chave: Ensino. Língua Portuguesa. Leitura. Substantivo. Atividades

5.9. LETRAMENTO LITERÁRIO: INTERTEXTUALIDADE E FORMAÇÃO DO LEITOR

Alessandra Cristina Costa Mendes

Este estudo investiga o papel da intertextualidade no desenvolvimento do letramento literário de crianças e jovens, destacando a importância de práticas educativas que estimulem conexões entre textos. A pesquisa fundamenta-se em teorias do letramento e da intertextualidade, articuladas a estudos sobre a formação de leitores em contextos escolares. O objetivo central é ressaltar a relevância da construção de uma relação profunda entre o leitor infantil e juvenil e a literatura desde o ensino fundamental, ampliando o repertório cultural e contribuindo para a formação de leitores críticos e reflexivos. Nosso corpus apresenta charges, tirinhas e histórias em quadrinhos que dialogam com obras literárias como a poesia "No Meio do Caminho", de Carlos Drummond de Andrade e "O bicho" de Manuel Bandeira. Para tanto, para as reflexões sobre leitura e letramento, debruçamo-nos no arcabouço teórico de Roxane Rojo (2015, 2019); sobre letramento literário, Rildo Cosson (2006); e, sobre a construção de sentidos do texto, Ingedore Koch (2003). Com isso, observamos que a mediação do professor é apontada como essencial, sendo necessário planejamento pedagógico para a seleção de textos e estímulo de discussões que promovam o pensamento crítico. Concluímos, também, que o letramento literário, potencializado pela intertextualidade, é um recurso valioso para a formação de leitores autônomos e criativos, capazes de transitar entre diferentes textos e contextos com sensibilidade estética e cultural. O estudo reforça a necessidade de integrar práticas intertextuais no currículo escolar para fomentar o gosto pela leitura e a capacidade crítica desde a infância.

Palavras-chave: Letramento literário. Formação de leitor. Intertextualidade. Literatura. Ensino de língua portuguesa

5.10. CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE LIVROS PARA CRIANÇAS NO PROGRAMA MINHA BIBLIOTECA: O "ADULTO ESCONDIDO" NAS ESCOLHAS DE LIVROS PARA INFÂNCIAS

Denise Guilherme Viotto

Os livros para crianças são mediados por muitos adultos: somos nós que escrevemos, ilustramos, editamos, publicamos, vendemos e, em muitos casos, decidimos a compra deste objeto para as crianças. E são diversos os critérios que utilizamos para essas escolhas, especialmente aqueles que estão relacionados ao que chamamos de qualidade estética e literária ou adequação à faixa etária. E quando pensamos em políticas públicas como importantes instâncias mediadoras e promotoras do acesso aos livros, sabemos que esses critérios impactam a formação leitora de muitas crianças. É partindo desse pressuposto que apresentamos essa pesquisa com a seguinte pergunta: Afinal, o que torna um livro para crianças e jovens melhor do que outro? Como escolhemos as obras, pensando na formação do leitor literário? Partindo dos conceitos de "adulto escondido" e "o texto na sombra" de Perry Nodelman, esse trabalho apresenta parte de um percurso de pesquisa de doutorado dentro do Programa Literatura e Crítica Literária, sob orientação da Professora Doutora Diana Navas. A pesquisa tem como um dos objetivos analisar os critérios do edital do Programa Minha Biblioteca da Prefeitura de São Paulo (2023), como instrumento mediador do acesso à literatura para as crianças. Também se propõe a analisar algumas das obras selecionadas para a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental dentro do programa que impacta milhares de crianças de uma das maiores cidades do país. Com base neste corpus, busca-se discutir as representações de infância e a projeção adulta que mediam a escolha dos livros para a infância.

Palavras-chave: Programa Minha Biblioteca. Formação de leitores. Seleção de livros. Literatura para crianças

5.11. PNLD LITERÁRIO 2024: NOVAS TEMÁTICAS, VELHAS DESIGUALDADES

Márcia Sepúlvida do Vale
Ana Crelia Penha Dias

O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD obras literárias), integra uma política pública brasileira reconhecida internacionalmente pela distribuição em larga escala de materiais educacionais à educação básica. Ao longo dos últimos anos, o programa passou a incluir não apenas livros didáticos, mas também obras literárias e outros recursos, passando a atender também às demandas de formação do leitor nas escolas públicas. No edital do PNLD Literário 2024, publicado durante a pandemia de COVID-19, verifica-se a incorporação de materiais digitais interativos e a expansão dos temas sugeridos, abrangendo questões como cultura tecnológica e migração. O objetivo deste estudo é examinar essas mudanças, avaliando o impacto na seleção de obras literárias para estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. O corpus de análise compreende o edital de 2024, seu antecessor de 2020, bem como reflexões de autores como Flores (2021), que discute o papel das políticas educacionais na manutenção de desigualdades sociais, e de Andrueto (2012), Bajour (2012) e Cândido (2012). A análise fundamenta-se nas diretrizes do próprio edital, refletindo sobre a tensão entre a orientação temática relacionada à natureza plural da experiência literária. Além disso, considera-se a inclusão de recursos digitais e a ausência de condições adequadas de acesso, infraestrutura e apoio docente para o uso desses materiais. Desse modo, observa-se que, ao tentar integrar literatura, temáticas contemporâneas e tecnologias, a política corre o risco de acentuar desigualdades, limitando as possibilidades interpretativas e formativas que a literatura pode oferecer aos estudantes.

Palavras-chave: PNLD Literário. Obras digitais. Seleção temática. Formação do leitor

5.12. ESTUDOS SOBRE FORMAÇÃO LEITORA E A LEITURA ESCOLARIZADA ENTRE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: ESTADO DA ARTE

Gabriela Mendes Morais
Rafaela Kelsen Dias

A presente pesquisa se propôs a analisar estudos que revelassem aspectos sobre o processo de formação leitora de alunos do Ensino Médio, com enfoque na formação literária na escola. A fim de compreender os fenômenos do ensino de literatura e propor soluções para problemas ainda persistentes, com um olhar voltado para o que já foi publicado dentro da temática, foi utilizado o método de pesquisa definido como Estado da Arte (VOSGERAU & ROMANOWSKI, 2014). Como objetivo central estabeleceu-se a busca de textos científicos que abordem práticas de ensino de literatura na etapa do Ensino Médio. Como objetivos específicos foram elencados a seleção de trabalhos acadêmicos que revelassem diferentes perspectivas sobre o este campo e a análise do material selecionado para mapear o atual cenário do ensino de literatura no Ensino Médio brasileiro. No decorrer da pesquisa foram identificadas quatro categorias principais, presentes no quantitativo de estudos e que se manifestaram de maneira intercalada, mas que, em alguns casos, de forma integrada: análise d fatores que influenciam o desenvolvimento da leitura entre alunos do Ensino Médio (C1); desafios e obstáculos enfrentados no processo de formação leitora (C2); pressupostos sobre a importância de uma formação profissional adequada para os professores de Literatura (C3); intervenções e programas implementados nas escolas para promover a formação leitora (C4). Portanto, a revisão realizada se mostrou importante para propor novas discussões e contribuir para o avanço do ensino de literatura, considerando estudos anteriores e a necessidade de novos enfoques.

Palavras-chave: Ensino de Literatura. Formação de leitores. Práticas de leitura

5.13. A EDUCAÇÃO LITERÁRIA NO ENSINO MÉDIO

Juliana Felix Henrique de Almeida Rego

A presença da disciplina Literatura no Ensino Médio encontra-se em discussão. O advento da Base Nacional Comum Curricular (2018) vem suscitando debates sobre a pertinência desta disciplina, seus objetivos e fins. Tais debates foram apenas intensificados com este documento. Do início dos anos 2000 até hoje, como se pode ver nos Parâmetros Curriculares (1997; 2000) e nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006), discute-se que o objetivo maior do ensino de literatura, especialmente no Ensino Médio, é formar o leitor literário. Então, busca-se como fazer isso em aula. Autores como Rildo Cosson, Regina Zilberman e Teresa Colomer têm apresentado grandes contribuições, com propostas que partem de reflexões sobre as práticas nas aulas. Em diálogo com esses autores, este trabalho apresenta uma reflexão sobre a presença da teoria literária e a ideia de letramentos na construção de uma educação literária, para além do ensino de literatura. As teorias literárias já estão em sala de aula, contudo vale refletir o quanto contribuem ou não para a formação do leitor literário. Da mesma forma, letramentos como o étnico-racial, de gênero e midiático se mostram pertinentes como parte desta educação e meios de desenvolver a competência leitora, da mesma forma que atuam como chaves de leitura em consonância com a teoria literária.

Palavras-chave: Formação do leitor literário. Educação Literária. Ensino de Literatura.

5.14. ESTUDO DE MATERIAIS DE APOIO AO PROFESSOR DO PNLD 2018 OBJETO LITERÁRIO PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: FORMAÇÃO PARA A LEITURA LITERÁRIA

Larissa Paiva Seadi
Marília Forgearini Nunes

Este trabalho analisa os materiais de apoio ao professor disponibilizados no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) Literário 2018, focando especificamente nos livros de literatura infantil

destinados aos anos iniciais do Ensino Fundamental. O objetivo geral é identificar o tipo de leitura proporcionada por esses materiais, questionando se eles promovem uma leitura literária estética ou predominantemente linguística e utilitária. A literatura infantil, reconhecida por seu potencial de desenvolvimento do senso crítico, precisa ser melhor explorada nas escolas públicas brasileiras para estimular a reflexão e a fruição estética nos estudantes. Para tanto, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com uma metodologia documental e bibliográfica, incluindo análise dos materiais de apoio ao professor e do edital do PNLD Literário 2018. Os resultados indicam que, embora o PNLD 2018 inclua livros de literatura infantil diversos, a maioria dos materiais de apoio ao professor analisados oferece propostas pedagógicas com foco linguístico, em vez de priorizar a leitura literária. As atividades sugeridas enfatizam aspectos técnicos e interdisciplinares, como o ensino da ortografia e a aplicação de conhecimentos de outras disciplinas, em detrimento da interpretação literária e do desenvolvimento do gosto pela leitura. Esses achados reforçam a necessidade de uma reformulação dos editais do PNLD Literário, para que se privilegie de maneira mais efetiva a leitura literária nas escolas públicas, contribuindo assim para o fortalecimento do senso crítico e da formação de leitores literários.

Palavras-chave: Literatura infantil. PNLD 2018. leitura literária. mediação de leitura. Ensino Fundamental

5.15. POR DENTRO DA BOLSA AMARELA, SEUS GÊNEROS TEXTUAIS

Giovanna Santos Coelho da Silva
Angélica de Oliveira Castilho Pereira

O presente trabalho intitulado: Por dentro da bolsa amarela, seus gêneros textuais, está atrelado ao tema: Literatura infantil e juvenil (LIJ): leitura e ensino. Para abordar esse tema, o livro A bolsa amarela (2023), de Lygia Bojunga, será usado para discutir, a partir das formas que a personagem Raquel manifesta suas três vontades- a de crescer, ser menino e escrever, como gêneros textuais dialogam dentro do texto e como é possível relacionar leitura literária e produção escrita na Educação Básica como final de um processo de trabalho que possui o texto como seu centro e não somente um pretexto. Afinal, a partir desse contato com textos literários é possível desenvolver tanto a interpretação como a produção dos alunos em sala de aula, até mesmo, para além dela. A partir disso, trarei autores como Abramovich (1989), Marcuschi (2010), Orlandi (2005), Solé (1998), para tratar do ensino de gênero literário e não literário na escola e como os docentes podem evidenciar os gêneros textuais como parte do cotidiano, mostrando que os reconhecemos involuntariamente em situações sociocomunicativas. A fim de tornar mais palpável, exemplos de materiais pedagógicos serão incorporados nessa reflexão como possibilidades de materialização de atividades de leitura, interpretação e produção textual.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Gêneros textuais. A bolsa amarela. Ensino de leitura e produção textual

5.16. A LEITURA CRÍTICA EM *O FANTÁSTICO MISTÉRIO DE FEIURINHA*: ESTRATÉGIAS TEATRAIS DE ENSINO COM ALUNOS DE 7º ANO

Lisleine Loss Lourenço Furriel
Tania Maria Nunes de Lima Camara

Este trabalho busca inserir-se nos estudos sobre Literatura Infantil/Juvenil reunindo dois temas indispensáveis nessa área: leitura e interpretação de texto. A formação do leitor crítico, como recomenda os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (BRASIL, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), torna-se possível com obras literárias contextualizadas a atividades escolares a fim de que o aluno desenvolva suas habilidades de leitura por meio de recursos teatrais que valorizem os personagens e o enredo da obra. Entretanto, nem sempre essas propostas sociais e culturais são encontradas nos livros didáticos, por isso observa-se a necessidade de produzir materiais para compartilhá-los com outros professores. Assim, esta pesquisa pretende apresentar atividades pré-textuais, textuais e pós-textuais de leitura e interpretação do livro O

fantástico mistério de Feiurinha (Bandeira, 2009) realizadas com duas turmas de 7º ano do Ensino Fundamental. Para isso, esta pesquisa será fundamentada em autores, como Antunes (2017), Geraldi (2011), Kleiman (2016), Koch e Elias (2006), Marcuschi (2008; 2012) e Santos et al. (2012), que partilham da concepção de que os livros didáticos costumam tratar o gênero textual de modo superficial, ou seja, com ausência de reflexão crítica e de atividades que estimulem o interesse dos alunos pelo texto, além de Koudela (2010) e Pupo (2010), que utilizam propostas teatrais para unir jogo e texto. Logo, esta pesquisa deseja promover estratégias de leitura atreladas ao teatro para um trabalho mais produtivo com o livro paradidático.

Palavras-chave: leitura. interpretação. teatro. livro paradidático. ensino fundamental

5.17. "MINHA ÁRVORE TEM MISTÉRIOS QUE NÃO CONSIGO DECIFRAR": REFLEXÕES SOBRE NÍVEIS DE LEITURA

Ana Paula Oliveira Macri Rodrigues

O título da presente proposta traz uma citação da obra literária intitulada A árvore (2018), de autoria de Bartolomeu Campos de Queirós (1944-2012) e classificada como infantojuvenil. O breve trecho permite inúmeras hipóteses e inferências. Por exemplo, colocar em relevo o processo metafórico ou ressaltar a iconicidade expressa pelos travessões são indícios de uma determinada leitura – provavelmente a do professor –, mas pretende-se ir além. A partir da comparação das visões de diferentes teóricos sobre modos de ler um texto, propõe-se, em relação a textos literários, três níveis leitura: i) compreensão de crianças de qualquer idade e/ou compreensão do adulto leitor sobre texto que tenha afetado suas emoções ou sentidos; ii) leitura mais provável à criança ou jovem escolarizados e/ou ao adulto buscando identificar elementos que resultam na expressividade do texto no plano linguístico, compreender a importância da obra e do seu autor bem como reviver uma determinada experiência de leitura; iii) sucessivas leituras, mais prováveis ao adulto, com vistas a acessar as entranhas do texto, conhecer outras leituras empreendidas ou outras possibilidades de leitura, tudo isso para, em última análise, prolongar a sensação de prazer oriunda do texto e construir um objeto artístico – sua leitura particular. Por fim, não se está negando a possibilidade de a criança também empreender uma leitura que possa ser entendida como sensível ou artística, ao contrário, justamente isso que se pretende fomentar.

Palavras-chave: Literatura Infantojuvenil. Leitura. Formação de leitores. Bartolomeu Campos de Queirós. A árvore

5.18. O ESTUDO DE MITOLOGIAS COMO MOTIVAÇÃO PARA O LETRAMENTO INFORMACIONAL

Renata de Mello Santos Leviski

Os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental demonstram significativa curiosidade pelas histórias mitológicas, evidenciando o potencial dessas narrativas para estimular o interesse por atividades de pesquisa e promover reflexões acerca de questões contemporâneas. Este trabalho faz o relato de um estudo desenvolvido com alunos do 5º ano de uma escola pública do Rio de Janeiro, durante as aulas de Literatura Infantil, em que se procurou desenvolver habilidades de busca, seleção e uso da informação nos alunos, por meio do Letramento Informacional (LI). Utilizando o tema Mitologia de diferentes culturas como ponto de partida, o objetivo foi criar estratégias pedagógicas que unissem a pesquisa escolar, a literatura e a produção criativa, resultando na construção de um jogo de cartas. O referencial teórico abrange autores como Bagno (2005) e Demo (1992), que discutem a pesquisa escolar como ferramenta para a autonomia e o pensamento crítico; Gasque (2010), que conceitua o LI como processo essencial para o uso ético e eficiente da informação; Kishimoto (2011), que apresenta o jogo como estratégia lúdica de aprendizagem e Cosson (2014),

que fundamenta o letramento literário na escola. A análise do trabalho desenvolvido evidenciou que o uso de mitologias como motivação pode despertar o interesse dos alunos e contribuir para o desenvolvimento de habilidades de leitura crítica e, escrita. A abordagem reforça o papel do professor como mediador no processo de construção de conhecimento, promovendo o engajamento dos alunos de forma interdisciplinar e significativa.

Palavras-chave: Letramento Informacional; Mitologia; Pesquisa; Leitura; Escrita

5.19. A CONVERSAÇÃO LITERÁRIA DE UMA OBRA DO PNLD LITERÁRIO 2018 NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Gisele de Assis Carvalho Cabral
Ana Paula Munarim Ruz Lemos
Cyntia Graziella Guizelim Simões Girotto

Trata-se de um recorte de uma pesquisa de Doutorado, em desenvolvimento, junto à linha de pesquisa Teoria e Práticas Pedagógicas do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Marília, intitulada "A Conversação Literária e a formação da criança leitora: entre imagens, escrita e estética nos anos iniciais do Ensino Fundamental", cujo objetivo geral é compreender as contribuições geradas pela aprendizagem do ato humano de ler o livro literário a partir da Conversação Literária estabelecida entre criança-obra, criança-criança e criança-professora no processo de constituição da criança leitora. Neste recorte, o objetivo foi analisar o modo como uma turma de 5º ano de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) de Marília leu a obra "Robin Hood", de Pedro Bandeira e Weberson Santiago, do PNLD Literário 2018, em duas situações propostas: primeiramente, a leitura individual, silenciosamente, e, em um segundo momento, a Conversação Literária. A metodologia consistiu na observação, registro e análise dos enunciados orais e escritos produzidos pelas crianças durante a Conversação Literária sobre a obra. As análises foram realizadas conforme a perspectiva da Filosofia da Linguagem, sobre Leitura, Literatura Infantil, Conversação Literária e Ilustração. Como resultado, foi verificado que a Conversação Literária é fundamental para a formação da criança leitora, uma vez que, quando a leitura é partilhada em grupo, os sentidos/significados atribuídos se ampliam pela troca de informações e conhecimento entre crianças e professora, possibilitando a compreensão mais aprofundada da obra, a experiência cultural, estética e literária.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Leitura. Conversação Literária. Formação leitora. PNLD Literário 2018

5.20. REVISITANDO ESTÓRIAS: UMA LEITURA COMPARADA DE "FITA VERDE NO CABELO" E "CHAPEUZINHO VERMELHO"

Juliene Kely Zanardi

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o relato de uma experiência de leitura do conto "Fita verde no cabelo", de Guimarães Rosa, realizada com alunos do Ensino Médio no contexto do Clube de Letras do Colégio Militar do Rio de Janeiro. O projeto visa ao desenvolvimento do letramento literário dos estudantes, não só por meio do estímulo à fruição do texto literário, mas também por meio de uma iniciação científica na área de Letras, apresentando, de forma simplificada, teorias que circulam no meio acadêmico. No estudo da obra em pauta, os participantes observaram, em suas leituras iniciais, uma clara relação com o conto maravilhoso "Chapeuzinho Vermelho", o que motivou um estudo mais aprofundado sobre o conceito de intertextualidade. A partir disso, tendo como referência estudos de teóricos como Gérard Genette (1982) e Tiphaine Samoyault (2008), alunos e professora produziram coletivamente um artigo, buscando evidenciar aspectos do conto rosiano que retomam a narrativa de "Chapeuzinho Vermelho", assim como a presença de novos elementos que conferem sentidos especiais ao texto.

Palavras-chave: Letramento literário. Práticas de leitura. Intertextualidade

5.21. USO DE NARRATIVAS LITERÁRIAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS: ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA E REPRESENTATIVIDADE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Luciana Vilaça da Silva

Este trabalho busca relatar experiência conduzida na disciplina de Ciências no 4º ano do Ensino Fundamental do Colégio Pedro II, em que, para construir o conhecimento científico, partiu-se de uma obra literária infanto-juvenil. Esta obra foi a biografia da bióloga e Nobel da Paz Wangari Maathai, "Plantando árvores no Quênia", que permeou as atividades de pesquisa, experimentação e ensino-aprendizagem sobre degradação do solo. Espera-se que este relato possa contribuir para a discussão das possibilidades do uso de narrativas literárias no ensino de Ciências nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A prática desenvolvida foi baseada em três principais referenciais: a relação entre textos e afetos; a alfabetização cientifica; e a importância da representatividade negra. A relação entre textos e afetos foi baseada em Sonia Rosa, que entende a literatura como oportunidade para as crianças viverem novas experiências com infinitas possibilidades. Isso auxilia na construção de um alicerce forte para diversas aprendizagens na vida e faz com que desde pequenos se tornem pessoas críticas e participativas. Sobre a alfabetização científica, Leonir Lorenzetti afirma que ela põe em relação o conteúdo científico com situações cotidianas. Sendo assim, é um processo em que o estudante toma consciência da aplicabilidade desses conhecimentos na vida diária e no espaço-tempo em que está inserido. Por sua vez, a representatividade pode ser ressaltada pelo uso de biografias de pessoas negras como figuras centrais na construção do conhecimento científico. Isso possibilita que as crianças possam se inspirar nessas personalidades, desenvolvendo autoestima e incentivando futuros grandiosos, como afirma Ale Santos.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil. Ensino de ciências. Alfabetização científica. Representatividade negra. Leitura e ensino

5.22. LETRAMENTO LITERÁRIO NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL I: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICAL

Solange Aparecida da Costa Cunha Cesario
Kelly Cristiane Henschel Pobbe de Carvalho

Este trabalho apresenta pesquisa de mestrado em desenvolvimento, a qual tem como objeto de estudo investigar o processo de letramento literário nas aulas de língua inglesa, em uma escola da rede pública de ensino do interior paulista, com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I, e objetiva elucidar a relevância do trabalho com a literatura em língua adicional com discentes dessa faixa etária, bem como atuar como agente de transformação para a comunidade de leitores na qual se desenvolve. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo e interventivo, constituída, inicialmente, de uma revisão da literatura com base nos principais teóricos que dissertam acerca do letramento literário e do letramento crítico, tanto no que se refere ao ensino de língua materna quanto no de línguas adicionais, entre eles Cosson (2014), Kleiman (1995), Magda Soares (2003) e Street (1984), seguida de uma proposta de intervenção pedagógica, com base no modelo de sequência básica (Cosson,2014), por meio da obra The true story of the three little pigs, de Jon Scieszka (1996), clássico da literatura infantil estadunidense. Para a análise dos dados coletados ao longo da experiência da leitura proporcionada, consideram-se os seguintes instrumentos: observação participante, diários reflexivos e questionários aplicados ao grupo de alunos participantes, um anterior e outro posterior à proposta interventiva. Assim, pretende-se compreender, de maneira mais aprofundada, os conceitos e práticas de letramento literário, valorizando a literatura infantil em língua inglesa na escola e dando-lhe a ênfase necessária para um trabalho significativo e humanizador nas aulas de língua adicional.

Palavras-chave: Letramento literário. Literatura em língua inglesa. Proposta de intervenção pedagógica. Ensino Fundamental I

5.23. A CONSTRUÇÃO DE ITINERÁRIOS DE LEITURA LITERÁRIA COMO PRÁTICA NO PLANEJAMENTO DO PROFESSOR DE LITERATURA/LÍNGUA PORTUGUESA

Tatiane Garcia dos Santos Fernandes de Oliveira
Marcílio Moreira Paes
Ana Crelia Penha Dias

A prática do professor necessita de planejamento e gestão do tempo didático, especialmente no que se refere ao resgate da leitura literária em sala de aula, espaço privilegiado e muitas vezes o único, para promover a formação do leitor. O objetivo deste trabalho é mostrar a importância de se construir um planejamento que tenha a Literatura como condutora do processo de ensino-aprendizagem, levando em consideração gêneros literários diversos, com autoria diversificada e que contribua positivamente para a formação do leitor. Para cumprir essa tarefa, apresentamos como sugestão uma proposta de itinerário de leituras literárias para suporte às aulas de Literatura/Língua Portuguesa, sem a pretensão de que ele sirva de receita infalível ou de engessamento. O corpus de análise inclui o itinerário de leituras literárias teorizado por Colomer (2007), com potencial de responder a essa necessidade de se planejar e de se recuperar a leitura dentro da escola; os estudos de Cândido (2023), apresentando-nos a Literatura como direito, por isso a importância em garantir que esse momento seja proporcionado na rotina escolar; a relevância do trabalho sistemático e pedagogicamente fundamentado com o texto literário defendido por Souza (2018). Desse modo, ao tentar levantar algumas diretrizes para a construção de um itinerário de leituras literárias como processo significativo, utilizando nossa proposta como exemplo e prevendo uma intencionalidade e continuidade para que se consiga promover uma cultura literária, acreditamos contribuir significativamente para a universalização da formação leitora.

Palavras-chave: Itinerário de leituras. Educação literária. Formação do leitor literário. Planejamento

5.24. UMA SAMAUMEIRA, ALGUNS BICHOS, UM LIVRO E UM PROJETO BILÍNGUE: UMA EXPERIÊNCIA ECOLÓGICO-LITERÁRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Ana Mabell Seixas Alves Santos
Sávio Rafael Araújo Pereira

Este artigo apresenta o relato de experiência de dois professores de Língua Inglesa que desenvolveram um projeto bilíngue a partir da obra literária The Great Kapok Tree: A Tale of the Amazon Rain Forest – ou “A Grande Sumaumeira: Um Conto da Floresta Amazônica”, em tradução livre – de autoria de Lynne Cherry (1990). O projeto foi desenvolvido com turmas do Ensino Fundamental I e II, explorando diversos aspectos da obra e considerando as particularidades de cada faixa etária. Para tanto, foram desenvolvidas aulas direcionadas à apresentação da obra e do conceito de ecossistema, rodas de leitura, debates sobre a narrativa literária e catalogação de dados científicos sobre as espécies animais mencionadas no texto, além de incentivo à produção visual dos alunos relacionada à temática. As atividades incluíram ainda uma visita ao Laboratório de Zoologia da Universidade Federal do Pará (LabZoo-UFPA). A culminância, ocorrida em uma Feira de Projetos escolar, trouxe uma exposição de ilustrações e fichas informativas produzidas pelos alunos e itens do acervo móvel do LabZoo-UFPA, tais como animais empalhados e conservados em frascos, em parceria com a Universidade. Esta experiência é relatada junto a reflexões sobre a relação entre literatura e meio ambiente (Buell; Heise; Thornber, 2011), sobre educação ambiental (Marcatto, 2002), sobre implicações da interdisciplinaridade e das multimodalidades (Rojo; Moura, 2012) no letramento literário (Cosson, 2006) e sobre a importância dos elementos visuais do texto (Lajolo; Zilberman, 2017), ressaltando o potencial da literatura infantojuvenil na promoção de discussões ecológicas (Baratz; Hazeira, 2012) e na sensibilização da comunidade escolar sobre a preservação ambiental.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Letramento literário. Multimodalidades. Língua inglesa. Educação ambiental.

5.25. SUBJETIVIDADE LEITORA: ONDE HABITA A FRUIÇÃO DOS JOVENS LEITORES?

Vanessa Cordeiro França

Existe uma histórica concepção de que os jovens não leem, contudo é necessário verificar o que se considera leitura. Os jovens leem, sim, porém, à revelia da escola, uma vez que suas preferências são desconectadas da leitura escolar. Pretende-se com este estudo exppanar como se dão as práticas de leitura dos jovens leitores e quais são suas preferências literárias. Dentro da temática de jovens e leitura, este estudo investigativo, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras/UPF, inserido na linha de pesquisa Leitura e Formação do Leitor, consiste em uma análise da relação dos jovens com a leitura. Dessa forma, o objetivo central é pesquisar o que os jovens leem e por que leem o que leem, partindo de uma pergunta que dá título ao estudo: onde habita a fruição dos jovens leitores? Nesse contexto, serão entrevistados estudantes do 2° ano do EM, de cinco escolas, para entender suas escolhas literárias e desmistificar as afirmativas sobre adolescentes não gostarem de ler. Para tanto, o aporte teórico será de Michèle Petit (2008; 2009; 2013; 2019; 2020), Teresa Colomer (2003; 2007; 2017), Jorge Larrosa (2017), Regina Zilberman (2009; 2012; 2019; 2022) e João Luís Ceccantini (2008; 2022) sobre leitura e subjetividade leitora; Pedro Cerrillo (2016) e Sara Bertrand (2021) no que tange à leitura e aos jovens; e Bardin (2007) para criação das categorias de análise dos questionários e entrevistas. Trata-se de uma pesquisa-ação que pretende contribuir para um ensino de literatura mais conectado com a juventude do século XXI.

Palavras-chave: Literatura. Jovens. Subjetividade leitora. Fruição

5.26. LEITURA DELEITE NO GRUPO LEDEIRAS: A LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO ESTÉTICA DE PROFESSORES

Patricia Lapot Costa
Cláudio Pires Viana
Edione Marques da Silveira Passos

Desde sua criação em 2015, o grupo de estudos Ledeiras, atualmente é formado por aproximadamente sessenta professoras de Educação Infantil de diferentes lugares do Brasil, que buscam aprender em companhia (Oliveira-Formosinho, 2009). O grupo se reúne quinzenalmente, em encontros on-line, para estudar obras teóricas previamente escolhidas, nutrindo o prazer e a alegria no exercício da docência (hoolks, 2017), marcada pela boniteza (Freire, 2021). A dimensão estética também tem sido contemplada nesse processo formativo, especialmente por meio da literatura, entendida como dimensão constitutiva da formação humana, um bem incompreensível, ou seja, algo que não se pode viver sem (Candido, 2012). Em observância a Educação Infantil e a necessidade de composição de repertório (Ostetto, 2007), optou-se pela literatura infantil para as leituras deleite, realizadas como acolhida a cada encontro de estudo. Desde de 2022, as obras são sempre escolhidas a partir de um fio condutor, um tema, presente em cada livro compartilhado com as Ledeiras. Já foram fios condutores: crianças e infâncias, professoras, memórias, cultura afro-brasileira e africana e tempo. Além disso, semestralmente acontece um encontro presencial, dedicado a partilha de leituras literárias, o que oportuniza que cada Ledeira entre em contato com diferentes livros, apreciando seus projetos gráficos, as texturas das capas e das páginas, o cheiro das obras, ampliando repertórios e quem sabe seu acervos, que poderão chegar às crianças com as quais trabalham, alargando, por meio da literatura infantil, sua compreensão de si e seu olhar de maravilhamento para o mundo.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Leitura. Deleite. Formação. Estética

5.27. *TORTO ARADO*: ANÁLISE E POSSIBILIDADES

Beatriz da Cunha Duarte
Tania Maria Nunes de Lima Camara

Pretendo, por meio deste, elaborar algumas propostas didáticas utilizando como recurso possíveis análises do livro Torto Arado, de Itamar Vieira Júnior, com o objetivo de proporcionar reflexões fundamentais para formação de leitores. Pensar o romance de 2019, vencedor de prêmios como Jabuti e Oceanos de forma crítica e levá-lo para sala de aula a fim de discutir e tratar de diversos temas relevantes para a nossa sociedade, como neocolonialismo e suas diversas formas, racismo, sincretismo religioso, violência doméstica, trabalho análogo à escravidão, disputa de terras, silenciamento e outros.

Palavras-chave: Torto arado. Proposta didática. Formação leitora

5.28. ENTRE HISTÓRIA DA LITERATURA, ENREDOS E TEMAS: A LEITURA DE LITERATURA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO

Rosana Carvalho Dias Valtão

O texto literário nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio, muitas vezes, se dá em uma presença rarefeita, seja pela apresentação de fragmentos para exemplificar uma escola literária ou caracterizar a obra de algum autor, seja para ensinar regras da língua, em atividades de análise linguística. Nesse contexto, o caráter humanizador da literatura (CANDIDO, 2004) – imputar ao ser humano aqueles traços que reputamos essenciais no homem – e a capacidade de trazer em si a captação do meio sócio-histórico do qual emerge, passado pelo filtro da subjetividade de quem a produz são negligenciados. Reivindicando, dessa maneira, um trabalho com a literatura nesse nível de ensino que seja capaz de garantir o acesso à potência existente na literatura, por via da educação literária, da mediação do professor, dos conhecimentos formais e estilísticos e, principalmente, tornando o texto literário "acessável" e acessível aos leitores, como destacou Dalvi (2013). Dito isso, pautado nos pressupostos teóricos da Pedagogia Histórico-Crítica e da Psicologia Histórico-Cultural, propomos para turmas de cursos técnicos integrados ao ensino médio um trabalho com obras literárias organizadas por meio de temas capazes de oportunizar o desenvolvimento e a emancipação do ser humano como tal, e, ao mesmo tempo, de refletir sobre a realidade em que esses alunos estão inseridos. Com isso, buscamos não só "formar" leitores capazes de ler o texto literário, mas como aqueles que são (trans)formados pelo texto e preparados para intervir em uma sociedade marcada pelas desigualdades de modo ativo, consciente, intencional, responsável e crítico.

Palavras-chave: Leitura de literatura no Ensino Médio. Literatura temática. Aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio

5.29. LITERATURA PARA TODOS: A LITERATURA INFANTIL E A FORMAÇÃO DE LEITORES JOVENS E ADULTOS

Mariléia Zélia Teixeira
Chirley Domingues
Aracilba Aparecida Serafim Rodrigues

A comunicação emerge de uma pesquisa em andamento realizada pelo GEDIC – Grupo de Educação, infância e Cultura, do Programa de Pós-graduação em Educação da Unisul. O objetivo é analisar a contribuição do projeto de leitura "Literatura para Todos" para a formação de leitores literários na EJA, cujas atividades contemplam a leitura de livros de literatura infantil de autores, temas e gêneros diversos, com o propósito de inserir a leitura literária no cotidiano dos alunos da Educação de Jovens e Adultos. Candido (2004), Freire (2005) e Petit (2009) são as referências que pautam as reflexões dos pesquisadorese que os levam a entender que a leitura literária, em espaços de ensino marcados pela desigualdade como a EJA, precisa ser vista como um ato político de acesso à

cultura, ao conhecimento e à formação estética. Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória que inclui observação das atividades realizadas com os alunos da EJA nos espaços de leitura, análise do material utilizados pelos mediadores e dos registros das atividades mediadas, incluindo fotos, produção escrita dos alunos, vídeos, entre outros. Até o momento, a pesquisa tem destacado a importância indiscitível do contato efetivo do leitor com a materialidade do livro; a necessária atuação de um leitor mais experiente como mediador entre o livro e o leitor; a inclusão de tempos e espaços de leitura na escola, pois para os alunos da EJA esse é, por certo, o único espaço de encontro com a literatura.

Palavras-chave: Formação de leitores. Leitura literária. Leitura infantil na EJA

SIMPÓSIO 6

Literatura Infantil e Juvenil Brasileira Contemporânea

Coordenador(es): Alexandre Xavier Lima (CAp-UERJ), Angélica de Oliveira Castilho Pereira (UERJ) e Jenny Iglesias Polydoro Fernandez (SME-RJ, PPGL-UERJ)

SESSÕES

Primeira Sessão: 28 de maio - 10h30 às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
10h30	Wanessa Rodovalho Melo Oliveira	A TURMA DA MÔNICA EM AMIGUINHOS DA VIDA, UMA HQ INCLUSIVA
10h45	Jenny Iglesias Polydoro Fernandez	A METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA EM LAMPIÃO NA CABEÇA, UMA BIOGRAFIA ROMANCEADA POR LUCIANA SANDRONI
11h	Adele Grostein	HUMOR E SUBVERSÃO NA OBRA BRINCALIQUES QUASE TRAVALÍNGUAS, DE TATIANA BELINKY E RENATA VILANOVA
11h15	Sônia Maria Milone de Freitas Travassos Liana Garcia Castro	TEMAS FRATURANTES NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA
11h30	Cristina de Oliveira do Nascimento Sandra Trabucco Valenzuela	O RESSENTIMENTO EM QUASE DE VERDADE E "FELICIDADE CLANDESTINA", DE CLARICE LISPECTOR: UMA CHAVE DE LEITURA POR MEIO DA METAFICÇÃO
11h45	Aroldo Jose Abreu Pinto	A PLENITUDE DA PALAVRA E O SILÊNCIO NO CONTO "BITUCA", DE RICARDO RAMOS
12h	Debate	

Segunda Sessão: 28 de maio - 13h30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Rafaela Stopa	NA TEIA DO MORCEGO, DE JORGE MIGUEL MARINHO: PERSONAGENS E LEITORES ENTRE LUZES E SOMBRAS
13h45	José Firmino de Oliveira Neto Raquel Pereira Soares	“EU TENHO O DIREITO DE SER CRIANÇA”: LIVROS INFORMATIVOS E O DIREITO DAS CRIANÇAS
14h	Aline Cesar Carvalho Mônica de Menezes Santos	O PROTAGONISMO FEMININO NO MERCADO EDITORIAL INFANTIL BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO
14h15	Johny Paiva Freitas	A INFÂNCIA TIMBRADA PELO TRAUMA NO ROMANCE A MENINA QUE DESENHAVA COM AMORAS, DE ELINETE MILLER

14h30	Angelica de Oliveira Castilho Pereira	ONDE A MAGIA ENCONTRA O REAL: PILAR E SEU DIÁRIO
14h45	Debate	

Terceira Sessão: 29 de maio - 8h às 9h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
8h	Alexandre Xavier Lima	O CORAÇÃO ÀS VEZES PARA DE BATER - NA SALA DE AULA
8h15	Elisa da Silva Santana Regina Michelli	QUANDO O LEITOR SE TORNA ESCRITOR E VICE E VERSA - TECENDO OBSERVAÇÕES SOBRE INTRAMUROS, DE LYGIA BOJUNGA
8h30	Flávio Martins Carneiro Fellipe Alves Monteiro	A CASA COMO SIGNO: REPRESENTAÇÕES DA FAMÍLIA EM LYGIA BOJUNGA
8h45	Ismael Francisco Soares de Oliveira Robson Teles Gomes	ABORDAGEM DA TEMÁTICA PERDA EM OBRAS INFANTOJUVENIS
9h	Luane da Silva Mendonça de Jesus Ana Crelia Penha Dias	LITERATURA JUVENIL OU LITERATURA QUE O JOVEM LÊ?: A VISÃO DO MERCADO EDITORIAL
9h15	Debate	

Quarta Sessão: 29 de maio - 10h30 às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
10h30	Mônica Virginia da Silva Angélica de Oliveira Castilho Pereira	ENTRE PINCÉIS E SOMBRAS: A DITADURA E SEUS ECOS EM O MEU AMIGO PINTOR
10h45	Renata Caroline Penzani	TUDO ERA UMA VEZ: UMA LEITURA DAS INFÂNCIAS E DA MORTE NOS CONTOS “FITA VERDE NO CABELO” E “MANDÍ REKO
11h	Laryssa da Silva Santana Regina Michelli	O OGRO NO CENÁRIO DO MARAVILHOSO: A VILANIA E SUAS METAMORFOSES EM NARRATIVAS TRADICIONAIS E CONTEMPORÂNEAS
11h15	Rafaelli de Miranda Pereira Regina Michelli	FIOS DA MITOLOGIA GREGO-ROMANA EM HISTÓRIAS DE CINDERELA
11h30	Luana Rodrigues Papalardo Alexandre Xavier Lima	O LETRAMENTO LITERÁRIO NO FUNDAMENTAL II
11h45	Debate	

6.1. A TURMA DA MÔNICA EM *AMIGUINHOS DA VIDA*, UMA HQ INCLUSIVA

Wanessa Rodovalho Melo Oliveira

A turma da Mônica há décadas retrata a realidade da sociedade brasileira, contribuindo para a inclusão e promovendo debates sobre temas importantes. As HQs são ferramentas didáticas que despertam o interesse das crianças e público em geral, proporcionando prazer na leitura e a interação com diversos assuntos. Elas são utilizadas por professores como aliadas na interação entre o verbal e não verbal, favorecendo a abordagem de um tema ou a conclusão de um conteúdo. A HQ A turma da Mônica − Amiguinhos da vida, conta a história de dois personagens, Igor e Vitória, que são soropositivos, apresentados em sala de aula por uma professora acolhedora e inclusiva. Diante disso, os objetivos desta pesquisa visam analisar essa HQ, destacar a importância de abordar determinados temas com o auxílio das HQs, e refletir sobre como trabalhar a inclusão no contexto infanto-juvenil, transmitindo uma mensagem clara e acessível para a faixa etária a que se destina. A pesquisa de natureza bibliográfica, reúne os estudos de autores como Mantoan (2006, 2008), Gaio e Meneghetti (2007), que discutem identidade e igualdade, além de Rama e Vergueiro (2014) e Ramos (2017), que abordam o uso das HQs no contexto escolar. A HQ em questão transmite valores fundamentais que devem ser ensinados no âmbito escolar, onde não deve haver espaço para o preconceito. Ela também leva os alunos a refletirem sobre a empatia, abordando questões sociais relacionadas à identidade e à importância de respeitar e apreciar as diferenças.

Palavras-chave: Ensino. Histórias em quadrinhos. Inclusão

6.2. A METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA EM *LAMPIÃO NA CABEÇA*, UMA BIOGRAFIA ROMANCEADA POR LUCIANA SANDRONI

Jenny Iglesias Polydoro Fernandez

A metaficção historiográfica é uma manifestação estética observada em textos destinados ao público infantojuvenil na contemporaneidade. Sobre esse aspecto, as biografias romanceadas, publicadas pela escritora Luciana Sandroni, convergem para o uso de estratégias metaficcionais objetivando compartilhar com o jovem leitor o seu jeito próprio de fazer literatura, numa sugestiva parceria de coautoria e de questionamentos sobre as “dobras” da ficção. Observa-se que o caminho encontrado por Sandroni entrelaça verdade e invenção, dados históricos e ficção, na escrita inventiva sobre nomes influentes da cultura nacional. A história de vida e de profissão de cinco personalidades brasileiras – Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Machado de Assis, Lampião e Noel Rosa – é contada pela autora num padrão nada convencional se comparado às obras de teor memorialístico ou biográfico, propondo rupturas no nível da estrutura narrativa, da temática e, sobretudo, da relação do leitor com o texto literário. Desta seleta lista, merece destaque a elaboração do livro Lampião na cabeça (2010), o escolhido para compor o corpus principal de análise pois agrega elementos que melhor representam a metaficção historiográfica como recurso estético na produção literária da autora. Para este estudo, o respaldo investigativo se alicerça na teoria de Linda Hutcheon (1991), Gustavo Bernardo (2010), Diana Navas (2015).

Palavras-chave: Metaficção historiográfica. Biografia romanceada. Luciana Sandroni. Formação do leitor

6.3. HUMOR E SUBVERSÃO NA OBRA *BRINCALIQUES QUASE TRAVALÍNGUAS*, DE TATIANA BELINKY E RENATA VILANOVA

Adele Grostein

Esta comunicação tem como objetivo analisar poemas do livro Brincaliques quase travalínguas, escrito por Tatiana Belinky e ilustrado por Renata Vilanova. A obra, publicada em 2003 pela Editora Evoluir Cultural, contém 20 limeriques. Forma poética bastante rígida criada pelo autor inglês Edward Lear em 1846, o limerique foi um tipo de poema muito praticado por Tatiana Belinky, que ajudou a difundir esse gênero literário no Brasil. A fim de embasar e conferir maior densidade teórica à pesquisa, serão evocadas as reflexões desenvolvidas pelo crítico literário Johan Huizinga na obra Homo ludens (2000) a respeito dos conceitos de "jogo poético" e de "atividade lúdica" na poesia. O trabalho pretende analisar como se constrói o humor nos textos que compõem o livro, e como a autora e a ilustradora operam nele diversas manifestações de subversão, seja na forma, no conteúdo ou nas ilustrações. Além disso, esta comunicação pretende explorar o caráter narrativo de alguns limeriques, bem como investigar os mecanismos de formação de neologismos que passam a constituir travalínguas nos poemas, e constroem novos significados e sonoridades. O trabalho se justifica por tratar da grande riqueza linguística, semântica e imagética do livro, além de colocar a poesia infantil brasileira contemporânea no centro da discussão. A partir das diversas formas de subversão analisadas em Brincaliques quase travalínguas, conclui-se que a autora e a ilustradora não veiculam uma visão prescritiva da poesia infantil, mas, pelo contrário, parecem confiar nas crianças, atribuindo-lhes liberdade para que elas construam seus próprios sentidos e interpretações dos textos.

Palavras-chave: Humor. Subversão. Limerique. Poesia infantil. Neologismo

6.4. TEMAS FRATURANTES NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Sônia Maria Milone de Freitas Travassos
Liana Garcia Castro

Na literatura infantil contemporânea brasileira, cada vez mais encontramos produções que se relacionam com temas fraturantes, aqueles já denominados de tabus, polêmicos, difíceis, delicados, desafiadores etc., tais como guerras, refugiados, morte, doenças graves, miséria, gênero, abuso sexual, racismo – produções que respondem à ideia de que a criança é humana e, como tal, "vivencia situações e experiências que são próprias dos seres humanos, nelas incluídas aquelas que implicam dor, falta, tristeza e sofrimento" (Lima e Vasconcelos, 2023. Revista Letras Juçara. p.35-55). Esta Comunicação objetiva apresentar um breve panorama de obras brasileiras que apresentaram temas fraturantes, nas últimas décadas, e que buscaram as crianças como principais interlocutoras, além de pressupostos que favoreceram ou dificultaram sua produção e circulação. Também será objetivo discutir a forma como estes temas vêm sendo abordados pelas escritoras/es e ilustradoras/es, por meio dos textos verbais e visuais que criam: de forma direta, sem filtro, simbólica, poética, aberta, instrutiva, informativa, ativista? Para esta discussão serão analisadas três obras infantis que dialogam com os temas relacionados ao assédio e abuso sexual: "Não me toca, seu boboca", de Andrea Viviana Taubman e Thais Linhares; "Leila", de Tino Freitas e Thais Beltrame; e "Tenho medo do monstro", de Anna Claudia Ramos e Anielizabeth. Como aporte teórico, traremos estudos de RAMOS (2012;2021), LIMA & VASCONCELOS (2024), GOMES (2023), GRAZIOLI (2020), entre outros. E nos debruçaremos ainda sobre as vozes das/dos autoras/es destas três obras, por meio de entrevistas concedidas por eles e elas a diferentes meios de comunicação.

Palavras-chave: TLiteratura infantil brasileira. Temas fraturantes. Crianças

6.5. O RESSENTIMENTO EM *QUASE DE VERDADE* E *FELICIDADE CLANDESTINA*, DE CLARICE LISPECTOR: UMA CHAVE DE LEITURA POR MEIO DA METAFICÇÃO

Cristina de Oliveira do Nascimento
Sandra Trabucco Valenzuela

O passional em Clarice é revelado em suas obras e perpassam por frustrações e crises. Agridoces reencontros de sua própria narrativa. Epifanias. A dimensão passional movimenta-se na narrativa a partir de paixões mais virtuosas e menos virtuosas. Nesta toada, este estudo tem como objetivo investigar como chave de leitura, a partir da metaficção, o ressentimento nas obras "Quase de Verdade", última publicação pertencente ao âmbito da literatura infantil e o conto "Felicidade Clandestina", de Clarice Lispector. Como referencial teórico, para a reflexão do conceito do passional, a reflexão sobre a natureza do ressentimento e esse percurso na linguagem o estudo tomará como base Fiorin (2007) e Kehl (2004). A partir de Nunes (1995) estabelecer-se-á relação entre narrativa e a experiência da linguagem. Para análise das implicações metaficcionais, narrativa, espelhamento, instabilidade e flexibilidade o aporte será de Federman (1982), Hutcheon (1984) e Gustavo Bernardo (2011). Ao estudar os valores investidos na narrativa, identificando a íntima relação que se estabelece entre língua e linguagem, é possível detectar certos estados que são modalizados pelo próprio discurso passional. Essa passionalização na narrativa será força para transcender os limites de certo ou errado, entender como as próprias gradações do (re) sentir são essenciais nas histórias de Clarice.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Clarice Lispector. Metaficção. Ressentimento

6.6. A PLENITUDE DA PALAVRA E O SILÊNCIO NO CONTO "BITUCA", DE RICARDO RAMOS

Aroldo Jose Abreu Pinto

Procura-se, no trabalho ora apresentado, alinhavar algumas discussões sobre a formação do leitor no contexto da contemporaneidade, considerando o processo de leitura como uma das necessidades do homem que vive em uma sociedade desigual. Alerta também para o fato de que é preciso atentar e exercitar a competência de percepção estética do leitor, efetivando uma leitura significativa, aquela que vá muito além das percepções usuais e relações superficiais entre texto e contexto. Para tanto, será tomado o conto "Bituca", publicada por Ricardo Ramos na obra Estação Primeira (São Paulo: Scipione, 1996), cujas imagens provocam uma discussão sobre a fixidez, o automatismo e a passividade a que muitos sujeitos de uma realidade social passaram a apresentar, perdendo sua autonomia e sua identidade. Uma das características mais acentuadas da produção do escritor Ricardo Ramos certamente é a sua inclinação para dizer, com intensidade e poucas palavras, muito do sensível nas relações humanas.

Palavras-chave: formação do leitor. percepção estética. conto. Ricardo Ramo

6.7. *NA TEIA DO MORCEGO*, DE JORGE MIGUEL MARINHO: PERSONAGENS E LEITORES ENTRE LUZES E SOMBRAS

Rafaela Stopa

A produção de Jorge Miguel Marinho apresenta significativa originalidade ao revelar um diálogo produtivo entre a tradição literária e a sensibilidade criativa do escritor. Na teia do morcego, de 2012, é representativo da intertextualidade que permeia sua obra ao trazer para as ruas do centro de São Paulo o herói dos quadrinhos Batman em busca de vingança após a morte de seu companheiro Robin. Nesse livro, o leitor precisa lidar com diversos gêneros não literários que compõem a narrativa e ainda juntar referências da cultura de massa a variadas alusões eruditas. Tendo em vista esse mosaico, esta comunicação tem por objetivo discutir os elementos que compõem essa obra juvenil, com ênfase na intertextualidade e na metalinguagem, em sua relação com seu destinatário, o jovem leitor, a partir de reflexões de Marisa Lajolo, Regina Zilberman e João Ceccantini sobre a presença desses recursos

na literatura infantil e juvenil brasileira contemporânea junto às contribuições de Umberto Eco sobre o leitor. Por mais que se trate de livro com mistérios, uma linguagem ágil e um enredo instigante, sua temática e fatura parecem exigir um conhecimento literário – desde repertório à própria natureza ficcional, – que pode dificultar, mas não impedir, a leitura do destinatário pretendido.

Palavras-chave: Jorge Miguel Marinho. Narrativa juvenil. Leitor

6.8. "EU TENHO O DIREITO DE SER CRIANÇA": LIVROS INFORMATIVOS E O DIREITO DAS CRIANÇAS

José Firmino de Oliveira Neto
Raquel Pereira Soares

No dia 13 de julho de 1990, foi sancionado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), documento normativo que incorporou as discussões da Convenção sobre os Direitos da Criança das Nações Unidas e concretizou o Artigo 227 da Constituição Federal, determinando direitos e garantias fundamentais a crianças e adolescentes brasileiras. Após sancionado, era necessário que o documento fosse lido e compreendido pelas crianças, pensando nelas, o estatuto ganhou versões em formato de livros informativos tornando-o compreensível e interessante para os pequenos leitores (Garralón, 2015). Assim, objetiva-se com esse trabalho discutir a relação entre os livros informativos e os direitos das crianças proclamados no ECA. Para tal, debruçamos a análise literária das obras "Os direitos das crianças", de Ruth Rocha, com ilustrações de Eduardo Rocha e "Eu tenho o direito de ser criança", de Alain Serres, e ilustrações de Aurélia Fronty, com vista a discussão crítica de obras brasileiras, com produções de outros países. Garralón (2015) destaca diversos motivos pelos quais devemos ler livros informativos com as crianças, entre eles, o acesso à cultura escrita, o desenvolvimento do pensamento crítico, o oferecimento da informação estruturada e ordenada, a permissão à auto aprendizagem e a potencialização da curiosidade. Ademais, estas obras revelam as diversas representações de crianças e infâncias tecidas nas narrativas e nas ilustrações potencializando a divulgação da informação verdadeira.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Livros Informativos. Direito das crianças

6.9. O PROTAGONISMO FEMININO NO MERCADO EDITORIAL INFANTIL BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Aline Cesar Carvalho
Mônica de Menezes Santos

O acesso ao mundo letrado e a possibilidade de atuar como profissional das letras obedeceu a entraves em torno da raça, da classe e do gênero desde a constituição do mercado livreiro brasileiro. O processo cultural envolvido na publicação de obras literárias infantis esteve, desde os seus inícios marcado por dispositivos de controle baseados em uma visão pré-concebida em torno da infância. Historiografar a formação do mercado editorial infantil brasileiro significa antes compreender como se deu a formação da leitura, os caminhos perseguidos até que se constituísse uma literatura nacional destinada aos jovens leitores, e os entraves ultrapassados por mulheres não somente para acessar espaços formativos, mas também para alcançar direitos civis que as permitissem atuar como editoras e serem agentes da autoridade discursiva. Situar, analisar e demarcar estatisticamente a trajetória editorial feminina em editoras e selos editoriais especializados em livros para crianças nos leva a delinear uma cartografia do cenário editorial contemporâneo e a desbravar os mecanismos operacionais que permeiam a cadeia produtiva do livro infantil, o que, além de dar visibilidade a projetos editoriais protagonizados por mulheres, amplia o campo editorial, tarefa que se configura não somente como necessária, mas premente, conforme bem sintetiza Ana Elisa Ribeiro (2021), além de contribuir com estudos já publicados sobre o tema como A formação da leitura no Brasil (Lajolo; Zilberman, 2019), Prezada editora, mulheres no mercado editorial (Ribeiro; Pereira; Moreira, 2021),

História do Livro e da Edição (Sordet, 2023) e Literatura infantil e juvenil: campo, materialidade e produção (Pinheiro; Tolentino, 2019).

Palavras-chave: Literatura infantil. Mercado editorial. Literatura Conteporânea

6.10. A INFÂNCIA TIMBRADA PELO TRAUMA NO ROMANCE *A MENINA QUE DESENHAVA COM AMORAS*, DE ELINETE MILLER

Johny Paiva Freitas

Publicado em 2014, ano do centenário do golpe de Estado de 1964 que instaurou no Brasil a ditadura civil-militar (1964-1985), o romance "A menina que desenhava com amoras", da escritora brasileira Elinete Miller, traz como protagonista a personagem Ana Júlia, que vive no exílio na Europa, mas procura explorar as memórias de sua infância, as quais foram marcadas pela prisão, tortura e desaparecimento dos próprios pais no contexto histórico do regime ditatorial brasileiro. Sendo assim, o objetivo deste estudo é analisar de que maneira a infância é (re)construída pelas lembranças da personagem principal, que carrega em si, no corpo vivo da memória, as cicatrizes provocadas pela violência de Estado perpetrada pelos militares e apoiada por uma parcela da sociedade civil. Desse modo, nossa hipótese inicial é a de que mesmo depois de tantos anos, ao relembrar os tempos de menina, Ana Júlia delineia uma complexa noção/percepção de infância timbrada pela dor e pelo trauma infligidos por um governo arbitrário e autoritário. Nesse sentido, a fim de realizar esse empreendimento de interpretação e de análise do texto literário, alguns diálogos foram estabelecidos, tais como: o livro "Letras de resistência: literatura infantil e juvenil" (2021), organizado pelas professoras Alice Áurea Penteado Marta e Vera Teixeira de Aguiar, o artigo "Infâncias (im)perfeitas: acepções da experiência infantil em regimes ditatoriais", de Arthur Aroha (2024) e, por último, a obra "Literatura infantil e juvenil na fogueira" (2024), organizada por João Luís Ceccantini, Eliane Galvão e Thiago Alves Valente.

Palavras-chave: Infância. Literatura. Ditadura. Memória. Trauma

6.11. ONDE A MAGIA ENCONTRA O REAL: PILAR E SEU DIÁRIO

Angelica de Oliveira Castilho Pereira

A série de obras de Flávia Lins e Silva que trazem em seus títulos Pilar, uma menina aventureira e questionadora, e diário, um gênero que pode ser autobiográfico ou ficcional, aponta um diálogo constante entre realidade e ficção, problematizando as fronteiras entre o literário e o não literário pelos vieses da magia e do registro do mundo contemporâneo. Os objetivos desse trabalho são pontuar como se dá a costura desses dois elementos, refletir sobre essa tendência na literatura infantil, tecer considerações sobre o diálogo entre criação literária e dados científicos, históricos e sociais, comentar como a obra da autora faz parte de uma parcela de produções literárias infantojuvenis adotadas por escolas. Para tal, uma das obras, Diário de Pilar na Amazônia: urgente!, será comentada à luz de teóricos como: Abramovich (1997), literatura e leitura; Aguiar (2006, 2007), relação entre literatura e educação; Coelho (1984, 2000), histórico da literatura brasileira, pedagógico e literário; Freire (1982), leitura como ação cidadã; Lajolo (2002), leitura, leitor e espaço escolar; Lajolo; Zilberman (1991), aspectos da literatura infantil brasileira; Martins; Azevedo (2016) diário; Miranda (2009), autobiografia, memória e ficção; Soares (2006), escolarização da literatura; Zilberman (2003), aspectos da literatura infantil.

Palavras-chave: Literatura Infantil Brasileira. Ficção e realidade. Diário de Pilar na Amazônia: urgente!

6.12. O CORAÇÃO ÀS VEZES PARA DE BATER - NA SALA DE AULA

Alexandre Xavier Lima

A intenção deste trabalho é apresentar uma proposta de leitura em sala de aula para a obra premiada O Coração às vezes para de Bater (2007), de Adriana Lisboa, ficcionista, poeta, ensaísta

e tradutora, autora contemporânea com reconhecimento em várias premiações. Nessa narrativa, o narrador-personagem faz uso da metalinguagem para definir o gênero que produz, bem como das condições de sua produção. Faz da paisagem carioca cenário para a narrativa que acompanha o fluxo de seu pensamento, disposto em camadas, gerando comentários dentro de comentários, o que nos faz passear pelos bairros do Rio, da Zona Sul à Zona Oeste, e pela complexidade de um narrador-personagem que acabou de fazer aniversário com muitas questões familiares e muitas descobertas, tentando organizar suas experiências a partir da metáfora do mar, como início de todas as coisas, para explicar em que situação o coração para de bater. Não se trata de utilizar o texto literário como pretexto para atividades metalinguísticas. Pelo contrário, a ideia é usar a metalinguagem como pretexto, ou melhor, como instrumento para compreensão da obra, em leituras realizadas em sala de aula. Dessa forma, procura-se romper com a imagem de ensino de língua limitado à descrição gramatical, mostrando que essa descrição só é pertinente se for capaz de captar a língua em uso, em textos reais com suas complexidades próprias. As leituras mediadas pela escola tornam-se produtivas à medida que permitem a construção de sentido e, no caso do texto literário, para além da experiência estética, fornecem "instrumentos necessário para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem" (COSSON, 2021, p. 30). Nesse sentido, considera-se a Escolarização da Literatura, como "processo que conduz eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal de leitor que se quer formar" (SOARES, 2006, p. 47). Considerando que "o diálogo é condição necessária para o desenvolvimento de atividades de leitura na escola que favoreçam práticas significantes" (LAJOLO, 2000, p. 73), a leitura da obra em sala, de forma coletiva, permite o compartilhamento da experiência estética, à medida que se reconhece durante a leitura uma linguagem extremamente poética, sem perder a simplicidade e o tom de conversa com o leitor. Essa experiência permite o olhar sobre a própria linguagem e seus efeitos de sentido, assim como o diálogo com outros gêneros, outras obras e ainda sugere uma atitude ativa, de responder aos temas levantados na obra com novas produções.

Palavras-chave: Letramento. Leitura. Ensino. Escolarização. Metalinguagem

6.13. QUANDO O LEITOR SE TORNA ESCRITOR E VICE E VERSA - TECENDO OBSERVAÇÕES SOBRE *INTRAMUROS*, DE LYGIA BOJUNGA

Elisa da Silva Santana
Regina Michelli

Reconhecida como uma das autoras mais influentes da literatura infantil e juvenil no Brasil e no mundo, Lygia Bojunga publicou em 2016, pela sua casa editorial, o livro Intramuros, que é alocado entre um romance e um depoimento literário, nas palavras da autora na 4ª capa. Esse livro também diferencia-se dos demais por haver um direcionamento mais específico de seu leitor implícito: pessoas que se interessem pelo "fazer literário e pelo cumprimento de um projeto de vida". Esta apresentação tem como objetivo, portanto, refletir um pouco sobre alguns apontamentos feitos pela autora no livro em questão, lembrando-nos de outros títulos de Bojunga e tecendo aproximações entre as ponderações da autora em relação ao seu trabalho literário e algumas de suas demais narrativas. Teremos como foco o diálogo com o conto A troca e a tarefa, do livro Tchau (1984). Para guiar teoricamente esse trabalho, pensaremos na questão da autoficção, trazendo alguns apontamentos de Philippe Lejeune, contudo, para pensar o lugar do leitor e do escritor em relação ao texto sob uma outra perspectiva, abordaremos alguns pontos levantados por Roland Barthes, Paulo Freire e Marisa Martins Gama-Khalil. Esse trabalho compõe parte de uma pesquisa desenvolvida no mestrado em Letras, em que pensamos a circulação de literatura infantil e juvenil brasileira, com foco na obra de Bojunga.

Palavras-chave: Lygia Bojunga

6.14. A CASA COMO SIGNO: REPRESENTAÇÕES DA FAMÍLIA EM LYGIA BOJUNGA

Flávio Martins Carneiro
Fellipe Alves Monteiro

Ao longo da história, é possível perceber que o conceito de família sofreu significativas mudanças, com o surgimento de uma infinidade de novos arranjos que fogem do padrão patriarcal. O presente trabalho busca analisar de que forma são representadas as famílias na obra de Lygia Bojunga, tendo como corpus ficcional as narrativas de A cama, Sapato de salto e Tchau. Buscando apoio em estudos como o de Philippe Àries (2012), Gaston Bachelard (1978), Elizabeth Badinter (1985), Elódia Xavier (1998), entre outros, o artigo parte para a análise da estrutura familiar representada na obra da autora a partir do espaço da casa. De acordo com Bachelard, a relação do homem com o espaço se estabelece primariamente através da casa, entendida não apenas como um simples local de habitação, mas como um ambiente de significados e experiências profundas. A ideia, aqui, é mostrar de que modo a casa e seus espaços internos e externos funcionam, nas narrativas de Lygia, como algo que vai além da função primária de servir de abrigo para a família, estruturando-se como uma rede de signos que aponta para a própria constituição familiar. Os cômodos e os objetos que neles são colocados vão se moldando numa espécie de narrativa paralela, nos convidando a leituras mais sutis, correndo ao lado da trama principal e se abrindo, nos detalhes, à imaginação do leitor.

Palavras-chave: Família. Casa. Representação. Lygia. Bojunga

6.15. ABORDAGEM DA TEMÁTICA PERDA EM OBRAS INFANTOJUVENIS

Ismael Francisco Soares de Oliveira
Robson Teles Gomes

Identificar obras destinadas ao público infantojuvenil que discutam a temática da perda é um desafio; primeiramente, pela temática ser sensível e em segundo lugar, por não ser considerado assunto para o público infantil. Muito se tem discutido a respeito dos temas que podem ser tratados para o público infantil, uma vez que uma das prerrogativas para se discutirem determinados temas é o nível de maturidade do leitor, a qual será refletida na reação ao assunto tratado. Nessa perspectiva, este trabalho, dividido em duas etapas, tem como principal objetivo investigar a presença da temática da perda em obras infantojuvenis e a maneira como esse sentimento pode ser apresentado. Na primeira etapa, será feita uma revisão de pesquisa dos últimos 5 anos (2020-2024), em publicações científicas nacionais nas bases de dados Periódicos Capes e no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (CTDC), utilizando estes descritores: literatura infantojuvenil; perda; identidade. Na segunda etapa, a partir da visão teórico-crítica de Abramovich (1989), serão analisadas as obras: Harvey - como me tornei invisível, de Hervé Bouchard; Pode chorar, coração, mas fique inteiro, de Glenn Ringtved, e Ave, guriatã!, de Robson Teles. Assim, este estudo pode contribuir para que a temática da perda seja um conteúdo mais abordado com o público infantil, para que se construam crianças e jovens mais amadurecidos.

Palavras-chave: Temática da perda. Literatura infantojuvenil. Formação do leitor

6.16. LITERATURA JUVENIL OU LITERATURA QUE O JOVEM LÊ?: A VISÃO DO MERCADO EDITORIAL

Luane da Silva Mendonça de Jesus
Ana Crelia Penha Dias

Essa pesquisa propõe estudar o subsistema literário juvenil brasileiro a partir da perspectiva do jovem em formação que compõe, parcialmente, seu destinatário final, por meio de uma investigação do seu perfil enquanto leitor, para além das suposições feitas sobre suas capacidades leitoras e suas práticas leituras pelos agentes adultos do campo, as quais são influenciadas pelas instituições escolares, focadas (teoricamente) na formação, e pelo mercado, focado (também em teoria) na

questão comercial. A partir da revisão da bibliografia reconhecida na área, como Ceccantini (2017), Souza (2015), Cruvinel (2022) e Iguma (2023), do estabelecimento de um quadro geral sobre o estado do subsistema literário juvenil no Brasil, e de uma análise da visão da academia sobre o subsistema, a pesquisa pretende a tutela da sociedade capitalista sobre o jovem enquanto grupo social como contribuinte para a marginalização dessa literatura. A pesquisa também se propõe a refletir sobre a posição da literatura juvenil de entretenimento dentro do sistema e sua influência sobre o jovem leitor enquanto literatura de fato, para além de sua utilidade na construção de painel de referências ou frequência de leitura, reconhecendo que esse polo do sistema atende a outras ânsias e deve ser analisado sob viés diferente das obras do polo de legitimação crítica. Agora expandindo o panorama da pesquisa a ação do eixo editorial, o trabalho foca no que o campo editorial entende como literatura juvenil e como ele apresenta esse tipo de literatura, por meio da análise do catálogo de algumas editoras que publicam literatura juvenil.

Palavras-chave: literatura juvenil. mercado editorial. formação de leitores. leitor jovem

6.17. ENTRE PINCÉIS E SOMBRAS: A DITADURA E SEUS ECOS EM *O MEU AMIGO PINTOR*

Mônica Virginia da Silva
Angélica de Oliveira Castilho Pereira

Esse trabalho propõe analisar como a obra O meu amigo pintor (2023), de Lygia Bojunga, utiliza a ficção infantojuvenil como veículo de denúncia e reflexão sobre os traumas causados pela ditadura militar brasileira. A pesquisa busca compreender como a narrativa aborda temas como repressão política e suicídio, articulando essas questões pela perspectiva de um narrador criança e pela escolha do gênero diário. Fundamentada em teóricos como Walter Benjamin (2006), Eurídice Figueiredo (2017) e Ricardo Piglia (2004), a análise tem como hipótese central que a prisão política do Pintor foi um fator significativo para seu suicídio, pois o personagem continuou a ser estigmatizado (perseguição simbólica) após o fim do regime militar. Esse estudo contribui para a discussão sobre o papel da literatura na preservação da memória histórica e na abordagem de temas complexos em obras destinadas ao público infantil e juvenil.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Lygia Bojunga. Ditadura militar. Suicídio

6.18. TUDO ERA UMA VEZ: UMA LEITURA DAS INFÂNCIAS E DA MORTE NOS CONTOS "FITA VERDE NO CABELO" E "MANDÍ REKO"

Renata Caroline Penzani

Há diversas perspectivas que permitem observar como a literatura representa as infâncias. Aqui, faremos uma leitura comparada de dois textos protagonizados por meninas. São eles: "Fita verde no cabelo (nova velha estória)", de Guimarães Rosa, na versão ilustrada por Mauricio Negro e publicado em 2022, e "Mandí reko – O conto de Mandí", de Luã Apyká, ilustrado por Anna Bheatriz Nunes e publicado em 2023. Com o apoio de conceitos que contribuem para pensar a infância para além de sua dimensão cronológica (KOHL, 2022), observaremos como essa categoria social, quando lida nos termos de uma "figura literária" (KOHL, 2022) pode ser particularmente propícia para pensar a literatura no mundo contemporâneo. A partir daí, buscaremos apresentar as semelhanças e diferenças no modo como cada protagonista lida com a morte em ambos os textos, uma vez que a centralidade do tema e suas conexões com as crianças aparece tanto em Rosa e Negro (2022) quanto em Apyká e Nunes (2023). Com isso, objetiva-se mostrar como a infância se coloca nesses dois exemplos como uma força de transgressão capaz de desviar às normas e às estruturas rígidas do mundo adulto.

Palavras-chave: Guimarães Rosa. Fita verde no cabelo. tradição oral. cultura tupi-guarani. infância

6.19. O OGRO NO CENÁRIO DO MARAVILHOSO: A VILANIA E SUAS METAMORFOSES EM NARRATIVAS TRADICIONAIS E CONTEMPORÂNEAS

Laryssa da Silva Santana
Regina Michelli

O ogro, nas narrativas da tradição, conhecidas pela expressão contos de fadas, é geralmente configurado como um ser monstruoso com poderes sobrenaturais, devorador de personagens humanas, sendo por vezes confundido com gigantes. O objetivo desta pesquisa é analisar comparativamente a figura do ogro em diferentes contos, perspectivando concepções que realcem a ambivalência da figura vilã e sua desconstrução em narrativas mais atuais. O corpus ficcional abrange um recorte de obras da tradição, como "O conto do ogro" (2018), de Basile, "O Gato de Botas" e "O Pequeno Polegar" (1989), de Perrault, incluindo-se "A noiva do Ogro e a Fada Capenga" (2020), de Ernani Ssó e Nelson Cruz, e duas narrativas fílmicas mais atuais: O ogro da floresta (1987), da Turma da Mônica, e Shrek (2001). A fundamentação teórica sobre o maravilhoso baseia-se em Tzvetan Todorov (2004), Nelly Novaes Coelho (2000) e, sobre a figura do ogro, há, principalmente, os estudos de Arlette Bouloumié (2000) e de Diana Corso e Mario Corso (2008). Intenta-se utilizar as teses de Jeffrey Jerome Cohen (2000) sobre os monstros para analisar a desconstrução da figura do ogro em narrativas mais atuais, evidenciando a personagem como marca da diferença e da atração que o medo também provoca. Espera-se evidenciar como os olhares sobre a figura do ogro se modificam de acordo com a época de produção dos textos: mesmo que o ogro seja visto frequentemente como um ser monstruoso, há exceções que desconstroem sua figura como um ser do mal.

Palavras-chave: Ogro. Maravilhoso. Contos da tradição ocidental. Narrativas contemporâneas. Metamorfoses

6.20. FIOS DA MITOLOGIA GREGO-ROMANA EM HISTÓRIAS DE CINDERELA

Rafaelli de Miranda Pereira
Regina Michelli

O projeto "Literatura Infantojuvenil, narrativas de ontem e de hoje", ligado à Iniciação Científica, constitui-se em estudos e análises relacionados à literatura infantil e juvenil, considerando diálogos intertextuais entre narrativas da tradição ocidental e contemporâneas. O objetivo deste trabalho é investigar a herança da mitologia grego-romana e sua permanência em textos contemporâneos, focalizando enredo e personagens. Partindo do mito de Eros e Psique, pretende-se analisar Cinderela brasileira, de Marycarolyn France, ilustrações de Graça Lima, em diálogo com Cinderela / Cendrillon ou la petite pantoufle de verre, de Charles Perrault. Perrault viveu na França do século XVII, escritor considerado um dos fundadores do que hoje se entende por literatura potencialmente dirigida às crianças. Marycarolyn France, reuniu diversos contos sobre Cinderela em todo o mundo, viajou ao Brasil em 1995 e ficou surpresa ao descobrir nenhuma variante do Tenetehara nas livrarias. Impressionada com as histórias da tribo amazônica, ela escreveu um conto no estilo Cinderela, pedindo desenhos a Graça Lima. Graça Lima é professora aposentada da UFRJ, importante ilustradora e pesquisadora. O objetivo da pesquisa é relacionar as duas narrativas em torno de Cinderela com a presença de elementos da mitologia, assinalando a importância do entrecruzamento de histórias no tempo. A pesquisa é conduzida por meio de análise comparativa bibliográfica, com respaldo em teóricos que analisam tanto os mitos a partir de Homero, como Junito de Souza Brandão e Pierre Grimal, quanto o livro infantil, como Nelly Novaes Coelho, Bruno Bettelheim, além de Tiphaine Samoyalt, com sua obra sobre a intertextualidade.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Mitologia Grego-Romana. Cinderela Brasileira

6.21. O LETRAMENTO LITERÁRIO NO FUNDAMENTAL II

Luana Rodrigues Papalardo
Alexandre Xavier Lima

O letramento literário é um componente essencial na formação de cidadãos críticos e conscientes. No contexto do Ensino Fundamental II, o papel da escola torna-se ainda mais importante, uma vez que é nesse período que os alunos começam a desenvolver habilidades de leitura e interpretação mais complexas. Desta forma, é preciso promover uma verdadeira compreensão e análise crítica dos textos trabalhados em sala de aula, algo que ultrapassa o processo de decodificação de palavras. Apoiando-se em autores e pesquisadores consolidados no assunto, como Angela Kleiman e Magda Soares, o presente trabalho sustenta a tese de que a escola deve oferecer métodos capazes de instigar a criticidade e a reflexão dos alunos, promovendo, assim, um letramento literário contextualizado e significativo. Como embasamento para a discussão, será analisada a obra “Princesas Guerreiras”, da autora contemporânea Janaina Tokitaka. A escolha dá-se pelo fato de o livro abordar temáticas sociais e culturais extremamente relevantes, - rompendo, inclusive, com a visão estereotipada da imagem das princesas - e, também, por oferecer uma perspectiva renovadora para as crianças que tornam-se, durante a leitura, as próprias protagonistas da obra. Essa abordagem da autora reflete, justamente, como uma leitura efetiva pode contribuir para a formação de leitores capazes de interpretar e questionar o mundo ao seu redor.

Palavras-chave: criticidade. letramento. sala de aula

SIMPÓSIO 7

LIJ e quadrinhos: histórias originais e adaptações

Coordenador(es): Eveline Cardoso (UERJ), Felipe Campos (UFF) e Nataniel Gomes (UEMS)

SESSÕES

Primeira Sessão: 29 de maio - 10h30 às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
10h30	Olga Cristina Carneiro de Andrade Nataniel dos Santos Gomes	LITERATURA INFANTOJUVENIL E QUADRINHOS: MARVEL E A CONVERGÊNCIA ENTRE HISTÓRIAS ORIGINAIS E ADAPTAÇÕES
10h45	Katia Teonia Costa de Azevedo	ANTIGUIDADE CLÁSSICA EM QUADRINHOS: A ADAPTAÇÃO DE OBRAS GREGAS E ROMANAS PARA JOVENS
11h	Renato César Alves da Silva Nataniel dos Santos Gomes	DA SACRALIDADE DO TEXTO BÍBLICO À ADAPTAÇÃO: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA E IMAGÉTICA DA BÍBLIA EM AÇÃO
11h15	Bruno Ricardo de Souto Leite	ADAPTAÇÃO EM QUADRINHOS E IRONIA: O CASO O BEIJO NO ASFALTO
11h30	Filipe Fraga de Aguiar	SHAKESPEARE EM QUADRINHOS: APROXIMANDO CRIANÇAS E JOVENS DE LEITURAS PROFUNDAS
11h45	Debate	

Segunda Sessão: 29 de maio - 13h30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Luciana de Castro Souza Nataniel dos Santos Gomes	DOIS IRMÃOS EM QUADRINHOS: UMA NOVA SAGA EM BUSCA DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE AMAZÔNIDA
13h45	Deborah Covre Simão Martim Nataniel dos Santos Gomes	O ZODÍACO CHINÊS EM MANGÁ: MITOLOGIA, IDENTIDADE E PRESERVAÇÃO CULTURAL EM FRUITS BASKET (1999)
14h	Antônia Aparecida da Silva Lemes	O HOMEM ARANHA E A LEITURA INFANTOJUVENIL: ANÁLISE DO ARQUÉTIPO HERÓI DA MARVEL
14h15	Marilda Covre Lino Simão Martim Nataniel dos Santos Gomes	VIDA, EXPECTATIVA, ESPERANÇA EM MORTE DE CARLOS RUAS
14h30	Nataniel dos Santos Gomes	OS VALORES MATERIALIZADOS NA GRAPHIC NOVEL SHAZAM! O PODER DA ESPERANÇA, DE PAUL DINI E ALEX ROSS
14h45	Debate	

Terceira Sessão: 30 de maio - 8h às 9h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
8h	Carlos Roberto Antunes	HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO ENSINO: EDUCAÇÃO FISCAL, CIDADANIA, LEITURA E LUDICIDADE
8h15	Ana Carolina Recalde Gomes Marina Duarte Ferreira Maidana Nataniel dos Santos Gomes	EDUCAÇÃO FISCAL NO MS: DIALOGANDO COM O PÚBLICO INFANTO-JUVENIL POR INTERMÉDIO DOS QUADRINHOS
8h30	Rafael Guimarães Nogueira	TRAÇOS E VAZIOS DE UM CLUBE DE LEITURA DE HQS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO-TÉCNICO
8h45	Wagner Pavarine Assen Nataniel dos Santos Gomes	PERSÉPOLIS E OS REGIMES AUTORITÁRIOS EM QUADRINHOS: UMA ANÁLISE SOBRE A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DE MARJANE SATRAPI
9h	Debate	

Quarta Sessão: 30 de maio - 11h às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
11h	Katia Juliane Lopes de Oliveira Nataniel dos Santos Gomes	OS PERSONAGENS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA TERCEIRA IDADE: UMA ANÁLISE SOBRE A REPRESENTATIVIDADE
11h15	Nobuyoshi Chinen	TAYÓ E LUANA: MENINAS NEGRAS NA TRANSIÇÃO ENTRE LIVRO ILUSTRADO E QUADRINHOS OU VICE-VERSA
11h30	Janayna Rocha da Silva Ilana da Silva Rebello	A CONSTRUÇÃO DOS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS EM "OS SANTOS: UMA TIRA DE HUMOR ÓDIO", DE LEANDRO ASSIS E TRISCILA OLIVEIRA
11h45	Bruno Aguinaldo Feitosa	ASTERIX E OBELIX: MULTIMODALIDADE, HUMOR E CULTURA NOS QUADRINHOS INFANTOJUVENIS
12h	Carolina Barbosa Moura Salina Nataniel dos Santos Gomes	HUMOR GRÁFICO EM BONE, DE JEFF SMITH
12h15	Debate	

Quinta Sessão: 30 de maio - 13h30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Tais Turaca Arantes	HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E A FORMAÇÃO DO LEITOR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
13h45	Eveline Coelho Cardoso	HUMOR ENTRE PALAVRA E IMAGEM: PERSÉPOLIS À LUZ DA SEMIOLINGUÍSTICA

14h	Carolina Hessel Silveira	ALCÉIA E MEMÉIA; MADAME MIN E MAGA PATALÓJIKA - AS PERSONAGENS BRUXAS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS
14h15	Felipe Ribeiro Campos	O DISPOSITIVO E O CONTRATO DE COMUNICAÇÃO: ANÁLISE DE O MUNDO ASSOMBROSO A PARTIR DO OLHAR DE QUEM ILUSTRA UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS
14h45	Debate	

RESUMOS

7.1. LITERATURA INFANTOJUVENIL E QUADRINHOS: MARVEL E A CONVERGÊNCIA ENTRE HISTÓRIAS ORIGINAIS E ADAPTAÇÕES

Olga Cristina Carneiro de Andrade
Nataniel dos Santos Gome

Este artigo explora como a Marvel Comics contribui para a literatura infantojuvenil através de suas histórias originais e adaptações. A análise foca em como a Marvel constrói um universo compartilhado que reflete temas sociais e culturais, engajando jovens leitores por meio de narrativas visuais cativantes. Também aborda a adaptação de histórias clássicas e a criação de personagens diversos que conectam as experiências de crescimento, identidade e aceitação para crianças e adolescentes. Analisando como essas narrativas impactam o desenvolvimento de jovens leitores, além de discutir a função educacional, tem papel significativo na intersecção entre literatura infantojuvenil e quadrinhos, com histórias que não apenas entretêm, mas também educam e promovem reflexão é possível identificar uma abordagem educativa já que muitas histórias exploram temas relevantes, como preconceito, bullying e aceitação. Explora uma gama de personagens que refletem diferentes culturas, etnias, gêneros e identidades, Miles Morales, Kamala Khan e Riri Williams são exemplos de personagens, jovens leitores refletidos nas histórias e abordam questões de identidade e pertencimento. A fundamentação Teórica perpassa por Nelly Coelho, que discute a importância da literatura infantojuvenil para o desenvolvimento cognitivo, moral e social leitores, Stuart Hall e sua teoria da representação serão utilizados para discutir como a Marvel, e personagens diversos, reflete e constrói identidades culturais e étnicas e a perspectiva de Paulo Freire sobre educação crítica será utilizada para discutir como as narrativas da Marvel, ao abordar temas como preconceito, diversidade e responsabilidade social, podem fomentar a leitura crítica e reflexiva entre os jovens leitores.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Quadrinhos. Adaptações Histórias originais. Marvel Comics.Educação

7.2. ANTIGUIDADE CLÁSSICA EM QUADRINHOS: A ADAPTAÇÃO DE OBRAS GREGAS E ROMANAS PARA JOVENS

Katia Teonia Costa de Azevedo

As adaptações literárias em formato de histórias em quadrinhos (HQs) desempenham um papel fundamental na democratização do acesso à literatura, alinhando-se à defesa de Antônio Candido (1988, 1989, 1995) e outros teóricos sobre o direito à literatura. As HQs tornam as obras clássicas da Grécia e Roma mais acessíveis e atraentes para o público jovem, facilitando a formação de novos leitores e enriquecendo seu repertório cultural desde a infância. Este trabalho apresenta algumas adaptações de obras épicas e dramáticas da antiguidade clássica em formato de HQ, publicadas no

Brasil em língua portuguesa e voltadas ao público juvenil, destacando como esse formato estimula o interesse pelos clássicos e contribui para a educação literária de jovens leitores.

Palavras-chave: Clássicos gregos e latinos em HQ

7.3. DA SACRALIDADE DO TEXTO BÍBLICO À ADAPTAÇÃO: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA E IMAGÉTICA DA *BÍBLIA EM AÇÃO*

Renato César Alves da Silva
Nataniel dos Santos Gomes

A adaptação da Bíblia Sagrada para o formato de histórias em quadrinhos (HQ), presente na obra Bíblia em Ação, traz à tona discussões sobre a fidelidade ao texto original e a originalidade inerente ao processo de transposição para uma nova mídia. Neste trabalho, propomos uma análise das linguagens verbal e imagética presentes na adaptação, considerando o impacto na transmissão dos elementos centrais do texto bíblico. A Bíblia em Ação, de Sergio Cariello, busca preservar a essência das Escrituras ao mesmo tempo em que utiliza uma linguagem visual contemporânea para atrair novos públicos. A metodologia é composta por duas etapas: análise comparativa e análise imagética. Na primeira etapa, a análise comparativa se concentra em passagens selecionadas da Bíblia em Ação e suas correspondências nas traduções tradicionais da Bíblia. Este método permite identificar as adaptações narrativas, as omissões e as adições que influenciam a percepção dos leitores sobre os temas bíblicos. Na segunda etapa, a análise imagética examina como os elementos visuais, como composição, enquadramento e simbolismo, contribuem para representar os aspectos teológicos e culturais do texto bíblico. Ao transformar a Bíblia em uma narrativa gráfica, Bíblia em Ação apresenta uma releitura visual que, ao mesmo tempo em que diverge do formato tradicional, mantém-se como uma ferramenta de engajamento com os textos sagrados, proporcionando uma nova experiência de leitura e compreensão.

Palavras-chave: Quadrinhos. Bíblia em ação. Linguística Aplicada. Teologia.

7.4. ADAPTAÇÃO EM QUADRINHOS E IRONIA: O CASO *O BEIJO NO ASFALTO*

Bruno Ricardo de Souto Leite

O presente trabalho propõe uma análise da peça O Beijo no Asfalto (1961) de Nelson Rodrigues, e, principalmente, da sua adaptação para os quadrinhos, que tem arte de Ivan Jaf e roteiro de Arnaldo Branco (2007). Nelson Rodrigues foi um dos grandes renovadores do teatro brasileiro e “O beijo no asfalto”, que mira o sensacionalismo da imprensa nos anos 1960, foi uma de suas obras de maior sucesso, tendo, inclusive, além desta versão em quadrinhos, três adaptações para o cinema. Já Arnaldo Branco é conhecido por escrever esquetes de humor para a TV e o Youtube (“Porta dos fundos”) e também se aventura nos quadrinhos, seja através das tiras que publica em seu Instagram, seja em adaptações - ele também foi o roteirista da graphic novel “Vidas secas”, tradução para os quadrinhos do romance de Graciliano Ramos. Trabalhando com as ideias de Linda Hutcheon (2013) sobre adaptação e o conceito de metaficção, da mesma autora (1991) e de Gustavo Bernardo (2010), concluímos que os recursos metaficcionais, ao lado da ironia, estão entre as principais estratégias que os adaptadores usaram nessa transposição de teatro para história em quadrinhos (HQ). Procuraremos demonstrar que, como reza toda adaptação, esses artistas não se acanharam em tomar liberdades em relação ao texto de partida.

Palavras-chave: Teatro. Histórias em Quadrinhos. Adaptação. Metaficção. Ironia

7.5. SHAKESPEARE EM QUADRINHOS: APROXIMANDO CRIANÇAS E JOVENS DE LEITURAS PROFUNDAS

Filipe Fraga de Aguiar

A produção Shakespeariana é constantemente desafiada e reconstruída, revisitada e reinventada. Dessa forma, considerando a relevância e atemporalidade dos temas abordados em cada uma delas, proponho uma discussão sobre o emprego de quadrinhos para aproximar crianças e jovens de leituras mais profundas. Inicialmente, abordo a adaptação como processo e como produto (Hucheon, 2006), oportunizando discutir e questionar seu valor. Muitas vezes vista como de menor qualidade, servindo apenas para entretenimento (Sieczkowski, 2017), é importante saber o que ela é e como ela funciona para refletir sobre o assunto. Pensar sobre a mudança de mídia e gênero (Bakhtin, 1997), buscando constatar se tal ocorrência se dá por conta da sua finalidade (contar, mostrar, entreter, interagir etc.). Em seguida, apresento a Arte Sequencial como objeto de estudo. Trago exemplos de como esta arte se fez e faz presente em nossa vida, não somente nos dias de hoje – se considerarmos a sua versão mais famosa, os quadrinhos de super-heróis –, mas ao longo da história da evolução humana (Eisner, 1995). Dou destaque a duas modalidades: o romance gráfico e o mangá. Por fim, tomo a tragédia de Otelo e duas versões derivadas como referência. Aprofundo o debate, confrontando as três versões (o texto shakespeariano e suas adaptações) e aplico os conceitos vistos, buscando pontuar ganhos e perdas, vantagens e desvantagens, possibilidades e limites do processo de adaptação. Com isso, espero que seja possível verificar se os quadrinhos podem ser empregados como fora proposto e se existe aproximação entre estes mundos aparentemente distintos.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos. Shakespeare. Adaptação. Multimodalidade. Literatura infantil e infantojuvenil

7.6. *DOIS IRMÃOS* EM QUADRINHOS: UMA NOVA SAGA EM BUSCA DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE AMAZÔNIDA

Luciana de Castro Souza
Nataniel dos Santos Gomes

A presente comunicação tem por objetivo investigar o uso da linguagem verbal e não verbal da obra Dois irmãos, originalmente escrita por Milton Hatoum, adaptada para história em quadrinhos por Fábio Moon e Gabriel Bá (2015). Para tanto, partir dos fatos memorialísticos que o narrador Nael, filho bastardo de um dos gêmeos com a empregada indígena, utiliza para recontar a história da família e, consequentemente, a dele, verificando a manutenção – ou não – da latente relação de domínio exercido pelos integrantes do núcleo familiar, e verificando, ainda, como refletem a subjugação e a dominação de sujeitos marginalizados. O estudo terá como escopo as contribuições de Fairchough (2001) na Análise Crítica do Discurso, na medida em que investiga como formações discursivas são capazes de criar ou manter relações de poder, de representações e de identidades sociais, mostrando "o modo como as práticas linguístico-discursivas estão imbricadas com as estruturas sociopolíticas mais abrangentes de poder e dominação" (KRESS, apud Melo, 2009). Como afirma Bottos Júnior (2018), neste romance de memória pós-moderno, o abandono da noção de identidade de Nael é problematizado na força do conteúdo da memória em um contexto pós-colonial, em que a identidade do dominado, começa a tomar forma, a partir do momento em que passa a ser considerado com uma atuação preponderante. Na obra, os quadrinistas refletem o trabalho re-elaboram a linguagem e influem significativamente em seu aprimoramento (VERGUEIRO, 2011), trazendo para a HQ práticas discursivas que buscam mudanças sociais a partir dos atores em situação de desigualdade.

Palavras-chave: HQ. Memórias. Identidade

7.7. O ZODÍACO CHINÊS EM MANGÁ: MITOLOGIA, IDENTIDADE E PRESERVAÇÃO CULTURAL EM *FRUITS BASKET* (1999)

Deborah Covre Simão Martim
Nataniel dos Santos Gomes

Este trabalho parte da compreensão abrangente dos mangás como manifestação literária, fonte e expressão identitária japonesa, especificamente no tocante à compreensão e a contextualização de mitos e narrativas folclóricas, que, por sua vez, retornam ao imaginário social através da arte, revividos em narrativas fantasiosas, que simultaneamente emulam e moldam a realidade sociocultural de um povo. Analisando a obra Fruits Basket (1999-2007), de Natsuki Takaya, partindo da mitocrítica de Durand (1985), das contribuições de Eliade (1994) e Levi-Strauss (1988), de Campbell (2007), entre outros, por intermédio da análise bibliográfica de caráter descritivo, o artigo objetiva entender como a contextualização e a resignificação do mito de acordo com conceitos contemporâneos coopera com a manutenção de laços identitários, reavivando o sentimento de pertencimento e respeito pela identidade ancestral, provocando uma resposta afetiva atual. Para tanto, propõe-se a 1) Examinar como Fruits Basket utiliza mitos e elementos do folclore japonês para construir sua narrativa e quais aspectos da cultura ancestral são ressignificados na obra, 2) Analisar os processos simbólicos e psicológicos presentes nos mitos que permeiam Fruits Basket e sua relação com o imaginário social japonês, 3) Investigar de que maneira a obra contribui para a construção e preservação da identidade cultural japonesa, refletindo sobre as implicações dessa representação no fortalecimento de laços socioculturais e no sentimento de pertencimento entre os leitores contemporâneos.

Palavras-chave: Mitologia Japonesa. Mangá. Identidade. Preservação Cultural. Fruits Basket

7.8. O HOMEM ARANHA E A LEITURA INFANTOJUVENIL: ANÁLISE DO ARQUÉTIPO HERÓI DA MARVEL

Antônia Aparecida da Silva Lemes

O presente texto visa observar a importante contribuição do super-herói do universo da Marvel Comics, Homem-Aranha (Spider-man), na perspectiva da leitura infantojuvenil. O super-herói teve sua primeira aparição na revista Amazing Fantasy n° 15 e foi escrita por Stan Lee e desenhada pelo Steve Ditko, em agosto de 1962. O texto tenciona descrever aspectos notórios no que se refere à seara de leitores, que desde a concepção do personagem, Peter Parker, arquétipo da ficção das Histórias em Quadrinhos só vem avolumando-se com o passar das décadas. A aproximação desse público leitor com as narrativas híbridas, faz todo sentido quando se analisa o contexto da criação do jovem Aranha e isso, proporciona sedução e incentivo para a prática da leitura. A abordagem se justifica pela transformação que o personagem passa no decorrer de suas aventuras e que promove semelhanças com a história de vida do público leitor infantojuvenil. Os diálogos teóricos neste estudo perpassam pelo crivo de Paulo Ramos, Waldomiro Vergueiro, Will Eisner e outros. Porque os mesmos defendem a leitura a todos os públicos e entendem que há uma demanda significativa, em nossa atualidade, marcada de não leitores, ou seja, com certa inclinação para o hábito voluntário de ler. Isso é perceptível, principalmente, nos bancos escolares do ensino básico brasileiro.

Palavras-chave: Homem Aranha. Leitura Infantojuvenil. Arquétipo

7.9. VIDA, EXPECTATIVA, ESPERANÇA EM *MORTE* DE CARLOS RUAS

Marilda Covre Lino Simão Martim
Nataniel dos Santos Gomes

Este trabalho busca analisar a representação da pessoa idosa e os padrões normativos de construção das identidades contemporâneas, com base na graphic novel Morte, de Carlos Ruas e Guilherme Bom. Para tanto, apresentaremos as terminologias que designam as pessoas acima dos 60 anos; bem

como o processo plural e heterogêneo das diversas realidades das pessoas idosas e a ruptura dos paradigmas da velhice das personagens de “Morte”, geralmente representada como um processo negativo e homogeneizador. Tudo isso será feito a partir do potencial da produção artística verbal-imagética no diálogo intergeracional sobre a questão da diversidade e do respeito, com base nos princípios da Análise Crítica do Discurso (ACD), na concepção dialógica da linguagem, conforme desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin, e a produção social de identidades atreladas ao processo de envelhecimento em Silva (2008), com enfoque especial na representação das pessoas com mais de 60 anos na obra em questão. A análise permitirá identificar a existência de um novo idoso e como a nona arte contribui para sua disseminação para todas as faixas etárias.

Palavras-chave: História em Quadrinhos. Idoso. Análise crítica do discurso

7.10. OS VALORES MATERIALIZADOS NA GRAPHIC NOVEL *SHAZAM! O PODER DA ESPERANÇA*, DE PAUL DINI E ALEX ROSS

Nataniel dos Santos Gomes

Para Viana (2024, p. 12), o “elemento fundamental das histórias em quadrinhos é a sua mensagem.” A partir disso pretendemos analisar os valores materializados na graphic novel Shazam! O poder da esperança. O valor deve ser entendido como aquilo que é importante ou mesmo significativo para os indivíduos, grupos ou classes sociais, sendo atribuições fornecidas às coisas. Além disso, destaca-se que todo ser humano tem a sua escala de valores, sendo divididos em valores fundamentais e valores derivados. Os valores se manifestam em ideias, em objetos, em ações nas histórias em quadrinhos. Nosso recorte para a análise dos valores está no personagem Shazam, um dos primeiros super-heróis dos quadrinhos. O personagem apresenta características muito semelhantes ao Superman, também oriundo da Era de Ouro dos quadrinhos. Seu alterego, Billy Batson, possui aproximações para os leitores infantojuvenis muito maiores do que o Homem de Aço, o que pode ser contemplado nesta graphic novel. A história surge a partir de um pedido de uma funcionária de um hospital infantil, que convida o super-herói a visitar as crianças internadas. Nesse sentido, a obra lida com questões humana, como o sofrimento, uma forma de resistência aos desafios que nem mesmo o Shazam pode aliviar, apenas confortá-las. Assim, pretende-se distinguir entre os valores dos personagens e os valores dos artistas para que se possa investigar a totalidade a complexidade dos valores no universo da HQ selecionada.

Palavras-chave: Shazam. Valores. Graphic novel

7.11. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO ENSINO: EDUCAÇÃO FISCAL, CIDADANIA, LEITURA E LUDICIDADE

Carlos Roberto Antunes

Desde a Antiguidade Clássica há discussões sobre a arte e em nosso tempo tais reflexões se manifestaram em propostas para o ensino, com abordagem que relacionam arte e educação, centradas na criatividade como ponto essencial no processo pedagógico. Por isso, sugere-se um projeto inovador para renovar o ensino de assuntos densos, com base na criatividade, como é o caso da educação fiscal. Com o advento da BNCC, as escolas no Brasil têm buscado maneiras criativas e envolventes de incluir essa temática nas aulas, e as histórias em quadrinhos têm se destacado como uma ferramenta para alcançar esse objetivo. A temática fiscal pode ser complexa e, muitas vezes, afastar o interesse dos jovens. Nesse sentido, a utilização de HQs surge como uma solução prática e criativa para transformar o tema em algo acessível e atraente para o público juvenil. As HQs possibilitam a criação de narrativas e de personagens com os quais os leitores podem se identificar e situações cotidianas em que a importância da contribuição fiscal se torna evidente. Assim Programa Nacional de Educação Fiscal (PNEF) incentiva o desenvolvimento de atividades e materiais que tornam o tema mais acessível. Em nosso trabalho focaremos no Programa ““Uma Nova História para

Educação Fiscal do MS" desenvolvido pela UEMS, IFMS, UFMS e Secretaria Estadual de Fazenda/MS para usar ferramentas lúdicas na conscientização cidadania, em especial as HQs.

Palavras-chave: Educação fiscal. cidadania. leitura. ludicidade

7.12. EDUCAÇÃO FISCAL NO MS: DIALOGANDO COM O PÚBLICO INFANTO-JUVENIL POR INTERMÉDIO DOS QUADRINHOS

Ana Carolina Recalde Gomes
Marina Duarte Ferreira Maidana
Nataniel dos Santos Gomes

Este estudo investiga a potencialidade e multidisciplinariedade dos quadrinhos como ferramenta de educação para o público infanto-juvenil. Por intermédio da análise do projeto de criação de quadrinhos sobre educação fiscal em Mato Grosso do Sul, agenciado pelo Profisco, Secretaria de Fazenda do Mato Grosso do Sul e executado pelo Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos da UEMS (NuPeQ), buscamos demonstrar como a linguagem visual e narrativa dos quadrinhos pode tornar temas complexos, como a tributação, mais acessíveis e engajadores. Utilizando o método de análise qualitativa, observamos o processo de criação dos quadrinhos, desde a concepção até a finalização, considerando aspectos como roteiro, desenho, elementos dos quadrinhos e layout. Os resultados apontam a significativa contribuição que a arte sequencial pode trazer para a construção de conhecimentos sobre cidadania fiscal, facilitando a compreensão de conceitos complexos. Buscamos evidenciar que os quadrinhos podem ser um recurso pedagógico relevante e eficaz para educar o público infanto-juvenil, pois, ao respeitar a narrativa própria da arte sequencial, seria possível criar uma linguagem nova, capaz de transmitir conhecimentos de forma lúdica e significativa. Além disso, este estudo destaca a importância da interdisciplinaridade na educação, combinando conhecimentos como economia, sociologia e narrativa, sugerindo que a utilização de quadrinhos pode ser uma estratégia eficaz para promover a cidadania fiscal entre os jovens. Este estudo contribui para a compreensão do papel dos quadrinhos na educação e abre perspectivas para futuras pesquisas sobre o uso da arte sequencial em contextos educacionais.

Palavras-chave: Quadrinhos. Educação Fiscal. Público Infanto-Juvenil. Educação

7.13. TRAÇOS E VAZIOS DE UM CLUBE DE LEITURA DE HQS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO-TÉCNICO

Rafael Guimarães Nogueira

A proposta desta comunicação é apresentar um relato de experiência sobre a leitura de HQs junto a alunos do Ensino Médio, como parte do projeto de extensão "Rompendo a 4a parede", implementado, em março de 2024, no campus Rio de Janeiro do IFRJ. A partir da criação desse um clube de leitura, discutem-se HQs nacionais e internacionais e publicam-se, no Instagram, sinopses e resenhas das obras selecionadas e debatidas pelo grupo. Dessa forma, os objetivos principais do projeto são estimular a leitura de histórias em quadrinhos, chamando atenção para suas particularidades temáticas, estilísticas e/ou estruturais, bem como criar e divulgar materiais sobre essas obras nas redes sociais, desenvolvendo a sensibilidade artística da comunidade interna e externa. Considerando o público-alvo do projeto, privilegiaram-se novelas gráficas, que, em linhas gerais, podem ser caracterizadas como uma narrativa mais longa e de maior complexidade, se comparadas, por exemplo, às tiras e aos gibis. Assim, dentre as HQs discutidas no clube, destacam-se: Persépolis, de Marjane Satrapi, Crisálida, de Vinicius Velo, Como Pedra, de Luckas Iohanathan, Polina, de Bastien Vivès, e Watchmen, de Alan Moore - analisadas sob princípios básicos da Linguística do Texto e/ou da Semiolinguística. Desse modo, intenta-se, com esta comunicação, não só confirmar as potencialidades dessa forma de expressão artística na formação de jovens leitores, mas principalmente ouvir as contribuições dos especialistas em HQ que compõem o simpósio, discutindo os traçados e as páginas em branco que constituem o projeto de extensão.

Palavras-chave: Leitura de HQs. Novelas gráficas. Educação Básica

7.14. *PERSÉPOLIS* E OS REGIMES AUTORITÁRIOS EM QUADRINHOS: UMA ANÁLISE SOBRE A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DE MARJANE SATRAP

Wagner Pavarine Assen
Nataniel dos Santos Gomes

Persépolis, de Marjane Satrapi, é uma graphic novel autobiográfica que retrata a infância e juventude da autora no Irã, durante e após a revolução islâmica de 1979 e a guerra Irã-Iraque. A obra explora os efeitos de regimes autoritários e a guerra sobre a vida cotidiana, abordando temas como liberdade, identidade e resistência. No início, Marjane é uma criança curiosa e otimista, mas a repressão política e religiosa imposta pelo novo regime transforma sua realidade. Ela passa a questionar a autoridade e a lutar por liberdade em um ambiente opressor, mas os conflitos entre suas convicções e o contexto social a fazem se sentir dividida. Enviada para a Europa na adolescência, ela enfrenta a sensação de não pertencimento e o preconceito, o que a leva a uma crise de identidade. Ao retornar ao Irã, percebe que o país se tornou ainda mais restritivo, aumentando sua alienação. Com uma narrativa visual em preto e branco e traços diretos, Persépolis combina humor e crítica social para retratar a complexidade da vida sob regimes opressores. Além de expor questões políticas, a obra discute temas universais, como a busca pela identidade e o papel da mulher em sociedades patriarcais, fazendo dela um clássico contemporâneo. O presente estudo busca analisar a contemporaneidade e pertinência da obra, considerando os últimos ocorridos na atualidade. Intenta-se vislumbrar as nuances do letramento e formação do leitor infanto-juvenil, pela premissa da leitura de deleite que soma ilustrações dos quadrinhos com um texto de fluidez atrativa.

Palavras-chave: persépolis. literatura. literatura infanto-juvenil. letramento

7.15. OS PERSONAGENS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA TERCEIRA IDADE: UMA ANÁLISE SOBRE A REPRESENTATIVIDADE

Katia Juliane Lopes de Oliveira
Nataniel dos Santos Gomes

A literatura é uma representação da realidade, ainda que em alguma medida seja de forma subjetiva e particular. Neste contexto, é possível afirmar que as histórias em quadrinhos têm o papel de nos fazer refletir acerca da realidade, de modo que a questão do processo de envelhecimento da população tem sido pauta de discussões no âmbito das HQs, uma vez que também podem ser vistas como ferramenta de inclusão. Posto isto, este estudo tem como objetivo geral analisar a percepção de idosos inseridos no Projeto de Extensão Universidade da Maturidade ofertado pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UMA/UEMS, unidade universitária de Campo Grande, MS sobre a representação por intermédio de personagens idosas nas HQs. Os objetivos específicos consistem em apresentar HQs com personagens idosos para os alunos da UMA/UEMS; explorar a utilização de HQs com personagens que representam a terceira idade; investigar se esses reconhecem o teor representativo dessas personagens, bem como pontuar em que medida a representação é significativa nas HQs. Para tanto, a metodologia tem como base uma pesquisa exploratória - bibliográfica, sendo a análise qualitativa. O referencial teórico considera estudos de Dani Marino (2023), Fabrício Ribeiro (2022), Waldomiro Vergueiro (2004), Paulo Ramos (2009), Jardim et. al. (2006), Britto da Motta (2004), Medeiros et. al. (2009), dentre outros.

Palavras-chave: Terceira idade. Representatividade. HQs. UMA/UEMS. NUPEQ

7.16. TAYÓ E LUANA: MENINAS NEGRAS NA TRANSIÇÃO ENTRE LIVRO ILUSTRADO E QUADRINHOS OU VICE-VERSA

Nobuyoshi Chinen

Dentre as diferentes manifestações culturais, uma das que vêm ganhando espaço são as que envolvem questões étnicas com uma preocupação especial em relação à abordagem de temas

sensíveis relativos à identidade para as crianças afrodescendentes. Tayó e Luana, duas meninas afro-brasileiras, são personagens de obras distintas, concebidas com o propósito explícito de elevar a autoestima de crianças negras. Enquanto Tayó foi criada por Kiusam de Oliveira e Taisa Borges para um livro ilustrado e transformada em história em quadrinhos; Luana, de Aroldo Macedo, fez o percurso contrário, tendo sido publicada primeiro em quadrinhos e, depois, em livro ilustrado. O presente estudo analisa o processo da adaptação de uma forma narrativa para outro sob a luz das teorias dos quadrinhos e dos estudos sobre livros ilustrados, com o objetivo de distinguir aspectos peculiares e os elementos que caracterizam uma e outra expressão e discutir tais diferenças. O corpus será composto por livros em quadrinhos e livros ilustrados com as personagens Tayó e Luana. A metodologia será a de análise comparativa entre as duas versões – quadrinhos e livro ilustrado – na representação visual, na composição de cenas e no desenvolvimento da narrativa, ainda que os enredos sejam diferentes. Para essa análise serão utilizados fundamentos da análise do discurso de Bakhtin (1997) e Maingueneau (2015), conceitos dos quadrinhos de Barbieri (2017), Groensteen (2015), McCloud (2005) e Eisner (1999) e, pelo lado da teoria do livro ilustrado Van der Linden (2011); Nicolajeva e Scott (2011) e Salisbury e Styles (2013).

Palavras-chave: quadrinhos. livro ilustrado. representatividade. narrativa

7.17. A CONSTRUÇÃO DOS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS EM "OS SANTOS: UMA TIRA DE HUMOR ÓDIO", DE LEANDRO ASSIS E TRISCILA OLIVEIRA

Janayna Rocha da Silva
Ilana da Silva Rebello

Com o surgimento da web 2.0, no início dos anos 2000, ocorreram mudanças significativas na forma de utilização da internet, promovendo uma conexão mais ampla entre pessoas por meio de interações multiagentes (Paveau, 2022). Esse novo modelo de rede incentivou os usuários a interagir e colaborar mais intensamente, possibilitando a criação, a modificação e o compartilhamento de conteúdos. Nesse contexto, plataformas de redes sociais como o Instagram tornaram-se espaços ideais para artistas divulgarem e compartilharem suas obras diretamente com o público. É nesse ambiente digital que Leandro Assis e Triscila Oliveira exploram o potencial verbo-visual do Instagram para narrar as vivências de duas famílias cariocas de sobrenome Santos. Com seus quadrinhos, os artistas promovem uma reflexão crítica sobre as condições de trabalho e as experiências das empregadas domésticas no Brasil. Nossa investigação, portanto, objetiva identificar quais imaginários sociodiscursivos são construídos acerca das empregadas domésticas na narrativa Os Santos. Para essa análise, tomaremos como base os pressupostos de Patrick Charaudeau (2017; 2022) no que concerne aos imaginários sociodiscursivos. Dado o formato em quadrinhos, utilizaremos também os estudos de Ramos (2016; 2021) e Nicolau (2013). Ademais, refletiremos sobre os conceitos de raça e racismo com o apoio das teorias de Quijano (2005) e Kilomba (2019). Com este estudo, esperamos revelar como a narrativa verbo-visual Os Santos contribui para a desconstrução de estereótipos e para a construção de imaginários alternativos sobre as empregadas domésticas no Brasil.

Palavras-chave: Quadrinhos. Empregadas domésticas. Imaginários sociodiscursivos

7.18. *ASTERIX E OBELIX*: MULTIMODALIDADE, HUMOR E CULTURA NOS QUADRINHOS INFANTOJUVENIS

Bruno Aguinaldo Feitosa

A série Asterix e Obelix, criada por René Goscinny e Albert Uderzo, é um clássico dos quadrinhos que transcende barreiras etárias, culturais e linguísticas, consolidando-se como um exemplo significativo da potência narrativa e estética das HQs. Este trabalho analisa como a obra articula elementos semióticos e discursivos para dialogar com o público infantojuvenil, ao mesmo tempo

em que promove reflexões críticas e humorísticas sobre história, cultura e identidade. A análise é fundamentada nas reflexões teóricas de Paulo Ramos, que explora a relação entre os quadrinhos e a literatura; de Waldomiro Vergueiro, que investiga o potencial educativo e cultural das HQs; de Nataniel Gomes, que destaca as especificidades verbo-visuais da linguagem sequencial; e de Nobu Chinem, que enfatiza a importância das adaptações de HQs para diferentes mídias e públicos. Em diálogo com essas perspectivas, o estudo examina edições como Asterix e Cleopatra e Asterix entre os Bretões, destacando a multimodalidade, os trocadilhos, as caricaturas e a reinterpretação de eventos históricos e estereótipos culturais. O objetivo é reforçar a legitimidade das HQs como forma artística e pedagógica, contribuindo para a valorização das histórias em quadrinhos no contexto infantojuvenil, alinhando-se à proposta do simpósio.

Palavras-chave: Histórias em Quartinhos. Multimodalidade. Cultura. Infantojuvenil. Humor

7.19. HUMOR GRÁFICO EM *BONE*, DE JEFF SMITH

Carolina Barbosa Moura Salina
Nataniel dos Santos Gomes

A leitura dos quadrinhos combina texto verbal a textos não verbais, como as imagens, onomatopeias, balões e sargetas. Assim, para ler quadrinhos, é necessário analisar tais elementos além do texto verbal. Tendo isso em vista, o objetivo desse trabalho é analisar o humor visual em Bone, de Jeff Smith, a partir da alfabetização visual (Dantas, 2024). Para isso, buscamos compreender o humor gráfico a partir da alfabetização visual; discorrer sobre o contexto de publicação de quadrinhos nos Estados Unidos no período de produção e publicação de Bone; e selecionar recortes da obra para analizar de que forma o humor gráfico se concretiza. Este trabalho é de cunho bibliográfico e qualitativo, tendo sido relizado levantamento e leitura de material bibliográfico, incluindo livros teóricos e artigos científicos. Bone é uma saga em quadrinhos que narra as aventuras de três primos, Phoncible, Fone e Smiley Bone, que, ao fugirem de Boneville se encontram em uma floresta que tem dragões, animais gigantes e falantes, princesa perdida e vários mistérios envolvendo o mundo dos sonhos. A pesquisa foi conduzida de acordo com Ramos (2009) para compreender a leitura dos quadrinhos, Dantas (2024) para compreender o humor gráfico por meio da alfabetização visual e Moreal e Machado (2020) para entender o contexto editorial dos Estados Unidos na época de publicação de Bone (1990-2004).

Palavras-chave: Humor gráfico. Alfabetização visual. Bone

7.20. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E A FORMAÇÃO DO LEITOR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Tais Turaca Arantes

Este relato de experiência aborda a aplicação de uma disciplina eletiva sobre histórias em quadrinhos em uma escola pública situada em uma comunidade do Rio de Janeiro. A iniciativa visou explorar o potencial das histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica para estimular o gosto pela leitura e promover a formação crítica dos estudantes. Ao longo do projeto, os alunos foram incentivados a interpretar narrativas, discutir temas sociais presentes nos quadrinhos e criar suas próprias histórias. A abordagem buscou integrar o repertório cultural dos jovens, conectando os conteúdos ao cotidiano da comunidade, ampliando o engajamento e a participação ativa. A atividade revelou-se uma prática significativa para a promoção da leitura, com impacto positivo na criatividade, no desenvolvimento da competência leitora e na capacidade de expressão dos participantes. O relato apresenta as estratégias adotadas, os desafios enfrentados e os resultados alcançados, destacando a relevância do uso de histórias em quadrinhos no ambiente escolar.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos. formação do leitor. relato de experiência

7.21. HUMOR ENTRE PALAVRA E IMAGEM: *PERSÉPOLIS* À LUZ DA SEMIOLINGUÍSTICA

Eveline Coelho Cardoso

A escritora e artista gráfica franco-iraniana Marjane Satrapi é conhecida como a primeira iraniana a dedicar-se à Nona Arte. Traduzido em vários idiomas e adaptado para o cinema, o romance gráfico em quadrinhos Persépolis (2018), de sua autoria, narra a infância e a adolescência de Satrapi no Irã durante a Revolução Islâmica xiíta, instaurada em 1979, revelando, na verbo-visualidade monocromática dos desenhos simples, mas potentes, o despertar crítico de uma jovem que queria ser profeta e que decide escrever seu próprio livro sagrado. Ancorada no quadro teórico da análise do discurso semiolinguística, de Patrick Charaudeau (2004; 2008; 2013), esta investigação se propõe explorar o jogo contratual autobiográfico posto em cena pela autora na narrativa, a fim de destacar o traço humorístico como um dos recursos que garantem a esse trabalho seu potencial de captação de público tão diverso e internacional. O humor é tomado, nessa perspectiva, como uma estratégia discursiva que nem sempre visa ao riso, mas que, jogando com as possibilidades da linguagem (verbal e não verbal, vale ressaltar), questiona a normalidade do mundo a fim de tornar o leitor cúmplice desse jogo. Semiolinguística; Persépolis; quadrinhos; humor.

Palavras-chave: Semiolinguística. Persépolis. quadrinhos. humor

7.22. ALCÉIA E MEMÉIA; MADAME MIN E MAGA PATALÓJIKA - AS PERSONAGENS BRUXAS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Carolina Hessel Silveira

As bruxas são personagens que fazem parte dos contos populares e da literatura para crianças já há bastante tempo, e, tradicionalmente, elas ocupavam o lugar de personagens amedrontadoras, maléficas. Além de livros impressos, elas se tornaram presentes em outras produções culturais para crianças, como filmes, quadrinhos etc. Entretanto, a personagem tem modificada em suas características, servindo para muitas explorações humorísticas. O objetivo deste trabalho é analisar quatro personagens bruxas presentes em gibis da turma da Luluzinha (Alceia e Memeia, desde os anos 50) e das produções Disney (Madame Min e Maga Patalójika, desde os anos 60). Para seu desenvolvimento, buscaram-se informações sobre HQs, e teóricos dos Estudos Culturais e de estudos sobre a personagem, como Américo & Belmiro (2017)e Machado (2012).Foram analisadas 15 histórias (diferentes edições) com as personagens bruxas citadas, verificando-se aspectos como aparência corporal, vestimentas, objetos mágicos, presença de animais, ações e sentimentos. Análises iniciais apontaram para a permanência de vários traços estereotipados da personagem tradicional (no uso de poderes mágicos, na escolha de animais, na presença de estratégias malévolas), mas também várias modificações das novas personagens, como a “atrapalhação” em suas ações, o aproveitamento de elementos contemporâneos, com o objetivo de provocar humor. Observou-se também que as narrativas apresentavam interação das personagens bruxas com as personagens tradicionais das HQs. Como exemplo, personagem Maga Patalójika que assume a forma de pata, interagindo com os conhecidos personagens de Patópolis. Conclui-se que personagens bruxas, com seu potencial de reconhecimento pelas crianças, também foram utilizadas produtivamente pelas HQs, produzindo humor.

Palavras-chave: Personagem bruxa. Quadrinhos. Luluzinha. Disney

7.23. O DISPOSITIVO E O CONTRATO DE COMUNICAÇÃO: ANÁLISE DE *O MUNDO ASSOMBROSO* A PARTIR DO OLHAR DE QUEM ILUSTRA UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Felipe Ribeiro Campos

Apoiada, sobretudo, na Teoria Semiolinguística, a presente pesquisa tem como objeto de análise a interação entre as palavras e as imagens visuais (e, como resultado, o surgimento do iconotexto) na

obra O mundo assombroso (2023), escrita por Luiz Antonio Aguiar e ilustrada por Márcia Széliga. Para isso, pretende-se observar as estratégias e recursos utilizados nas histórias em quadrinhos encontrados na obra e os conceitos de dispositivo e de contrato de comunicação, problematizando o fato de que esse livro é classificado em sua ficha catalográfica como “literatura”, mas a forma de leitura é, em grande parte, inspirada pelos elementos narrativos da nona arte, o que nos faz discutir sobre os critérios de categorização de uma obra, o que o leitor espera encontrar e — neste caso em específico — no trabalho da ilustradora em seu primeiro trabalho como quadrinista, mostrando que artistas podem transitar entre diferentes linguagens, mas carregando características de sua expressão de origem. A história trata de uma família de mortos-vivos que mora no Mundo Assombroso e tem medo dos seres humanos. Analisaremos também o tema da obra, o medo do outro que é desconhecido, apontando estudos sobre identidade, estereótipo e construção de imagem a partir da observação das palavras e ilustrações escolhidas/produzidas pelos autores, além dos estudos sobre multimodalidade (interação de duas ou mais semioses em uma encenação linguageira). Entre os autores que são aporte teórico para a pesquisa estão Patrick Charaudeau, Dominique Maingueneau, Ruth Amossy, Maria Nikolajeva, Olalla Hernández Ranz, Antonio Vicente Pietroforte, e Barbara Postema.
Palavras-chave: Semiolinguística. Ilustração. Multimodalidade. Histórias em quadrinhos. Conto ilustrado

SIMPÓSIO 8

Literatura infantil/juvenil e suas relações com outras artes, ontem, hoje e sempre

Coordenador(es): Eloisa Porto Allevato Braem (UERJ, PPLIN), Elaine Cristina Carvalho Duarte (UERJ, UFF, Cederj), Simone Maria Bacellar Moreira (UERJ)

SESSÕES

Primeira Sessão: 28 de maio - 10h30 às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
10h30	Ingrid Balbino Reis Sandra Trabucco Valenzuela	A HISTÓRIA SEM FIM: A ADAPTAÇÃO DA LITERATURA PARA AS TELAS
10h45	Tarcísio de Souza Peres Sandra Trabucco Valenzuela	O CONTO THE MINORITY REPORT E SUA ADAPTAÇÃO PARA O CINEMA: INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E PÓS-HUMANISMO COMO ELEMENTOS NARRATIVOS
11h	Claudia Valença de Lira Santos Simone Maria Bacellar Moreira	ENTRE PÁGINAS E TELAS: A INTERMIDIALIDADE EM O CONTO DA AIA E A FORMAÇÃO CRÍTICA DE JOVENS LEITORES
11h15	Sandra Trabucco Valenzuela	A GUERRA: ARTE, CINEMA E SIMBOLOGIA NA OBRA DE JOSÉ JORGE LETRIA E ANDRÉ LETRIA
11h30	Simone Maria Bacellar Moreira Rosângela Gomes Ferreira Elaine Cristina Carvalho Duarte	VOZES E CORPOS FEMININOS EM RESISTÊNCIA: A LITERATURA JUVENIL DE O CONTO DA AIA E PERSÉPOLIS
11h45	Debate	

Segunda Sessão: 28 de maio - 13h30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Laura Rebouças Vasconcelos Simone Maria Bacellar Moreira	CANTIGAS POPULARES COMO MANIFESTAÇÕES DE LITERATURA INFANTIL
13h45	Aline Maria Freitas Bussons	LITERATURA INFANTIL E MÚSICA POPULAR BRASILEIRA NA REDEMOCRATIZAÇÃO DO BRASIL: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DA COLEÇÃO TABA: HISTÓRIAS E MÚSICAS BRASILEIRAS (1982)
14h	Rosely Gonçalves Coutinho	LITERATURA E ARTE, EXPERIÊNCIAS DE NARRATIVAS DA CULTURA POPULAR NO MUSEU DO PONTAL
14h15	Brenda Soares Cunha da Silva Simone Maria Bacellar Moreira Isabella Vasconcelos Silva	RAÍZES LITERÁRIAS: ANCESTRALIDADE E LETRAMENTO ATRAVÉS DAS ARTES E DA LITERATURA

14h30	Flávia Maria Reis de Macedo	AS MARCAS DO SURREALISMO NO LIVRO DE LITERATURA JUVENIL BRASILEIRA: "AS COISAS DE QUE NÃO ME LEMBRO, SOU", DE JACQUES FUX E RAQUEL MATSUSHITA
14h45	Debate	

Terceira Sessão: 29 de maio - 8h às 9h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
8h	Sergio Manoel Rodrigues	MARGINALIDADE NO TEATRO PARA CRIANÇAS DE PLÍNIO MARCOS
8h15	Elena Fiorin Sandra Trabucco Valenzuela	ROMIETA E JULIEU: LEITURA E MULTIMODALIDADE NO DISCURSO. A LINGUAGEM VISUAL E A DIGITAL COMO PILARES DA NARRATIVA CONTEMPORÂNEA
8h30	Maria do Socorro Camelo Sousa	DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA E TEATRO: OS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DAS MONTAGENS CÊNICAS DO PROJETO TEATRAL CANOEIROS E CANOEIRAS DAS PALAVRAS.
8h45	Eloisa Porto Allevato Braem	LUTA POR DIREITOS EM OS SALTIMBANCOS: RELAÇÕES VERBO-VISUAIS
9h	Laís Silva Alcântara de Oliveira Simone Maria Bacellar Moreira	A REPRESENTAÇÃO DO HERÓI EM "O CAÇADOR CIBERNÉTICO DA RUA 13": UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO
9h15	Debate	

Quarta Sessão: 29 de maio - 10h30 às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
10h30	Ana Luiza da Costa Pereira Elaine Cristina Carvalho Duarte	ANIMES E MANGÁS NAS ESCOLAS: O USO DA CULTURA POP JAPONESA COMO VALORIZAÇÃO DA LITERATURA
10h45	Thalita Alves da Silva Costa Simone Maria Bacellar Moreira	CÍRCULOS DE LETRAMENTO: ESTÍMULO À LEITURA, CRIAÇÃO E REFLEXÃO CRÍTICA NO ENSINO PÚBLICO
11h	Mylena de Souza Pires Simone Maria Bacellar Moreira	CAMINHOS PARA A INCLUSÃO UNIVERSITÁRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA OFICINA DE LEITURA DO PROJETO SABER PARA MUDAR
11h15	Amanda do Nascimento dos Santos Almeida	RELAÇÕES CRONOTÓPICAS E CULTURAIS EM LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEA
11h30	Suzana Lima Vargas do Prado Livia Ferreira Coutinho Alonso Larissa Carvalho Pinheiro	A COLABORAÇÃO ENTRE BIBLIOTECÁRIOS E PROFESSORES NA DINAMIZAÇÃO DA LEITURA: LITERATURA, ARTE E PRÁTICAS EDUCATIVAS
11h45	Debate	

Quinta Sessão: 29 de maio - 13h30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Cassiana Lima Cardoso Vieira	ALICE NO PAÍS DAS EMOÇÕES: DA LITERATURA DE LEWIS CARROLL ÀS PINTURAS DE ALINE KLEM
13h45	Renata Sant'Anna de Godoy Pereira	HISTÓRIAS DA ARTE PARA CRIANÇAS: ENTRE LIVROS E OBRAS
14h	Karen de Azevedo Acioli	A LITERATURA INFANTIL COMO PONTE ENTRE LINGUAGENS ARTÍSTICAS E AS INFÂNCIAS CONTEMPORÂNEAS
14h15	Giselle de Araújo Coutinho Tiago Costa de Souza Simone Maria Bacellar Moreira	PREENCHENDO VIDAS E VAZIOS: A LITERATURA COMO CAMINHO PARA O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DAS CRIANÇAS
14h30	Ligia Razera Gallo Sandra Trabucco Valenzuela	CINDERELA E SHREK: A FADA MADRINHA E AS COMPLEXIDADES CONTEMPORÂNEAS
14h45	Debate	

RESUMOS

8.1. *A HISTÓRIA SEM FIM*: A ADAPTAÇÃO DA LITERATURA PARA AS TELAS

Ingrid Balbino Reis
Sandra Trabucco Valenzuela

O longa-metragem A História sem Fim (1984) conquistou o público infantojuvenil dos anos 1980, ao abordar temáticas comuns dentre os jovens, como o bullying e a superação de um luto prematuro, além de demonstrar a possibilidade de compreender a realidade através da busca pelo caminho da imaginação, transformando-se, assim, em um marco do cinema de sua época. Através da adaptação do conhecido romance homônimo de Michael Ende (1929-1995), a obra ganhou novo fôlego em sua versão cinematográfica, dirigida e roteirizada pelo alemão Wolfgang Petersen (1941-2022) ao lado do próprio Ende, que deu nova vida a personagens, como gigantes de pedra e dragões voadores. Assim, o objetivo deste trabalho é destacar elementos da adaptação da literatura para o filme, mostrando a relevância e popularização que a película proporcionou ao texto literário. Ao estabelecer uma nova versão da narrativa, ainda hoje, mesmo após quatro décadas de seu lançamento, a narrativa fílmica — embora na época tenha sido o filme mais caro já produzido fora dos Estados Unidos, os efeitos especiais não podem ser comparados aos hoje disponíveis para produções do mesmo porte — mantém viva a jornada de Atreyu e Bastian. Nesta perspectiva, para o estudo da adaptação, serão utilizados Stam (2008) e Hutcheon (2013); para a teorização do romance de fantasia, Mendleshon (2008); para a compreensão e abrangência da linguagem cinematográfica, Martin (2009); para refletir sobre temas fraturantes, Gama-Khalil, Borges e Iguma (2022).

Palavras-chave: Fantasia. A história sem fim. Literatura e Cinema. Adaptação. Michael Ende

8.2. O CONTO "THE MINORITY REPORT" E SUA ADAPTAÇÃO PARA O CINEMA: INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E PÓS-HUMANISMO COMO ELEMENTOS NARRATIVOS

Tarcísio de Souza Peres
Sandra Trabucco Valenzuela

Este estudo analisa a estrutura do conto The Minority Report (1956), de Philip K. Dick e sua adaptação cinematográfica intitulada Minority Report (2002), dirigida por Steven Spielberg. Dick é considerado um dos autores mais influentes e relevantes na história da ficção científica, com diversas obras adaptadas para o cinema. Nossa investigação aborda o processo de adaptação do literário para o cinematográfico, através de Hutcheon (2013), estabelecendo um diálogo com questões contemporâneas referentes a inteligência artificial e pós-humanismo. A obra de Dick, conhecida por debater temas como a realidade do futuro, questões sobre a identidade individual e controle social, ressoa na adaptação de Spielberg, que expande e aprofunda elementos do conto original, introduzindo novas subtramas e um protagonista emocionalmente mais complexo. A análise busca entender como essas obras tratam questões éticas e filosóficas, especialmente em relação ao determinismo e à liberdade humana em um futuro no qual a previsão de crimes é possível. O exame da narrativa literária e o estudo do gênero conta com as contribuições de Tzvetan Todorov (2012), ao refletir sobre a concepção do insólito, e de Mendleshon (2020) e suas definições a respeito da literatura de fantasia. Para a análise de produções sobre ficção científica, o texto de Romy Schinzare (2024) oferece o panorama histórico sobre o gênero; por sua vez, para o estudo do autor Philip K.Dick, Valenzuela (2022) proporciona um estudo sobre o narrador, personagens e ações trabalhados ao longo da obra do autor.

Palavras-chave: Minority Report. Adaptação. Inteligência artificial. Pós-humanismo. Philip K. Dick

8.3. ENTRE PÁGINAS E TELAS: A INTERMIDIALIDADE EM *O CONTO DA AIA* E A FORMAÇÃO CRÍTICA DE JOVENS LEITORES

Claudia Valença de Lira Santos
Simone Maria Bacellar Moreira

Este trabalho analisa a obra O Conto da Aia de Margaret Atwood (2006), com foco na sua adaptação para o cinema e na recepção entre jovens adultos. O objetivo é investigar como a narrativa original e sua expansão audiovisual dialogam com temas contemporâneos, como opressão, autonomia corporal e resistência, sendo apropriados por jovens para refletir sobre questões sociais. O corpus de análise inclui o livro e a série da Netflix (2017) baseada na obra, explorando como a estética visual e a narrativa transmídia reforçam a crítica social da distopia. A fundamentação teórica está embasada em três abordagens complementares. No conceito de intermidialidade de Claus Clüver (2011), que analisa a interseção entre diferentes mídias e como a obra literária se expande em novas linguagens sem perder seu significado essencial. Em segundo lugar, a abordagem de Paulo Freire, especialmente em A Importância do Ato de Ler (2017), que destaca a leitura como um ato crítico e libertador, essencial para a formação de uma consciência social e política. Por fim, a perspectiva de bell hooks em Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade (2017), que propõe a educação como uma ferramenta transformadora, essencial para a conscientização e resistência. Além disso, este trabalho considera as adaptações fílmicas como instrumentos fundamentais para a formação do leitor literário, conectando linguagens e sensibilidades diversas para ampliar o alcance das obras e potencializar sua recepção crítica. A análise revela que "O Conto da Aia", por meio de sua narrativa intermidial e abordagem crítica, estimula jovens a refletirem sobre questões sociopolíticas contemporâneas, fortalecendo o engajamento ético e a formação de uma consciência crítica. As adaptações fílmicas ampliam o alcance da obra, potencializando seu impacto na educação e na formação do leitor literário, evidenciando a relevância da literatura em diálogo com outras mídias.

Palavras-chave: Intermidialidade. Educação crítica. Adaptação literária. Formação do leitor. Engajamento social

8.4. *A GUERRA*: ARTE, CINEMA E SIMBOLOGIA NA OBRA DE JOSÉ JORGE LETRIA E ANDRÉ LETRIA

Sandra Trabucco Valenzuela

Com base no livro ilustrado A Guerra (2019), de José Jorge Letria e André Letria, a presente comunicação visa analisar o projeto gráfico e as ilustrações que permitem atribuir significado à obra. Refletindo como o hibridismo de linguagens reverbera na concepção das figuras, constata-se um diálogo com elementos constitutivos de movimentos da história da arte, especialmente atinentes às vanguardas das primeiras décadas do século XX, à linguagem presente no chamado "primeiro cinema", a imagens fotográficas representativas de sua época, mas também às repetições propostas pela Pop Art em consonância com a reprodutibilidade técnica de que nos fala Benjamin (1987). A análise valer-se-á das contribuições de Hanán Díaz (2020) e Borges; Gama Khalil (2022) para a abordagem temática da guerra como tema da poética cinza; Dondis (2002), Linden (2018), Didi-Huberman (2020), Gombrich (2012), Chevalier e Gheerbrant (1991) para análise do projeto gráfico, ilustrações e simbologia; Samoyault (2008), Kristeva (1974) e Benjamin (1987) oferecem aporte teórico para estudo da narrativa e suas relações intertextuais. O documentário A arquitetura da Destruição, de Peter Cohen, de 1989, propicia uma leitura diferenciada se conectado ao livro de Letria e Letria (2019). Por sua vez, Mercado (2011) contribui para a análise da composição em planos cinematográficos e que são trabalhados no livro como elemento de construção narrativa. Publicado primeiramente em Portugal (2018), A Guerra já recebeu mais de doze prêmios em diversos países do mundo, tornando-se uma obra chave para discussão do tema com os mais diversos públicos.

Palavras-chave: Guerra. Intertextualidade. Literatura e arte. Literatura e cinema. Livro ilustrado

8.5. VOZES E CORPOS FEMININOS EM RESISTÊNCIA: A LITERATURA JUVENIL DE *O CONTO DA AIA E PERSÉPOLIS*

Simone Maria Bacellar Moreira
Rosângela Gomes Ferreira
Elaine Cristina Carvalho Duarte

Esta comunicação analisa as graphic novels O Conto da Aia de Margaret Atwood, adaptada por Renée Nault (2019) e Persépolis de Marjane Satrapi (2007) como obras que, por meio da intermidialidade, dão voz a meninas e mulheres, oferecendo representatividade e visibilidade às experiências femininas em contextos de opressão patriarcal e colonial. Diante disso, essas obras literárias para jovens atuam como ferramentas de empoderamento ao combinar texto e imagem para representar a luta de meninas em busca de autonomia, voz e desconstrução dos mecanismos opressores. Ambos os textos discutem questões relacionadas à religião e seus métodos de controle social, destacando a dominação masculina, que muitas vezes se perpetua pela violência simbólica, conceito evidenciado por Bourdieu (2021). O trabalho justifica-se pelo potencial da literatura infantil e juvenil (LIJ) em construir identidades e fomentar a autocompreensão, desafiando narrativas hegemônicas que tradicionalmente silenciaram as vozes femininas. A metodologia de análise comparativa utiliza a teoria da intermidialidade de Clüver (2011) e se fundamenta na interseccionalidade feminista de Angela Davis (2017) e bell hooks (2021), examinando como as protagonistas resistem e confrontam o poder. Os resultados mostram que ambas as obras transformam o corpo e a imagem em territórios de resistência, subvertendo estereótipos e proporcionando um espaço de reflexão crítica para jovens leitoras. Assim, as graphic novels reforçam o papel da LIJ em promover uma educação crítica e inclusiva, incentivando meninas a se reconhecerem como protagonistas de suas próprias histórias.

Palavras-chave: Interseccionalidade. Representatividade. Intermidialidade. Literatura juvenil. Empoderamento feminino

8.6. CANTIGAS POPULARES COMO MANIFESTAÇÕES DE LITERATURA INFANTIL

Laura Rebouças Vasconcelos
Simone Maria Bacellar Moreira

As cantigas populares brasileiras atravessam séculos como parte essencial do cancioneiro nacional, destacando-se por sua força agregadora e capacidade de preservar tradições. Contudo, a oralidade do povo enfrentou, historicamente, um caminho de desvalorização, frequentemente relegada a um status inferior por intelectuais de visão eurocêntrica. Rotulada como "folclore", a cultura popular foi tratada como uma expressão artística menor. Neste trabalho, inspirados na visão de Câmara Cascudo (1978), que destaca a literatura oral como parte fundamental da identidade nacional, propomos uma ressignificação do conceito de folclore, ressaltando seu caráter dinâmico e atual. Abreu Paxe (2016) é um interlocutor teórico crucial nesse processo, pois enfatiza a reinvenção da oralidade em contextos urbanos contemporâneos, desafiando visões limitantes sobre seu papel na sociedade moderna. Sua abordagem dialoga diretamente com a análise de cantigas populares como "Meu limão, meu limoeiro" e "A linda rosa juvenil". As canções são investigadas a partir de uma perspectiva que explora a oralidade enquanto um espaço de resistência e renovação, essencial à literatura infantojuvenil. A metodologia combina análise textual e interpretação cultural, com o objetivo de compreender como essas cantigas articulam tradições e valores em contextos atuais. Assim, evidencia-se sua relevância como veículos de formação cultural e literária para novas gerações, reforçando o folclore como um fenômeno vivo e indispensável à comunicação e à identidade nacional.

Palavras-chave: Cantigas populares. Literatura infantojuvenil. Oralidade

8.7. LITERATURA INFANTIL E MÚSICA POPULAR BRASILEIRA NA REDEMOCRATIZAÇÃO DO BRASIL: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DA *COLEÇÃO TABA: HISTÓRIAS E MÚSICAS BRASILEIRAS* (1982)

Aline Maria Freitas Bussons

A proposta de trabalho visa investigar o funcionamento do texto literário em sua articulação com a canção em uma produção cultural de 1982, a "Coleção Taba: histórias e músicas brasileiras". Dessa forma, propõe compreender o processo de produção de sentidos no jogo entre literatura infantil e música popular brasileira, em suas relações estéticas e interculturais na composição do gênero "contação de histórias". A coleção, posta em tela, é compreendida como um projeto pedagógico progressista ancorado no humanismo. Tal humanismo se consubstancia na missão de agregar as variadas produções da cultura popular a uma cultura erudita, livresca tendo como horizonte a produção de um imaginário de cultura nacional. Ambas as poéticas, literatura infantil e MPB, são analisadas com o objetivo de se debater criticamente a concepção humanística de arte, produzida no decorrer do século XX, em relação à projeção de um imaginário de nação. A compreensão dessa articulação – literatura infantil e MPB – não deve prescindir da análise das condições de produção, ou seja, do processo de redemocratização do Brasil, sobretudo tratando-se de reapropriações de linguagens sustentadas na memória discursiva dos anos da ditadura militar. Como embasamento teórico-crítico, estamos na esteira de produções que problematizam a noção de humanismo em Antônio Cândido, tais como, Santos (2022), Natali (2020) e Moraes (2023).

Palavras-chave: Literatura Infantil. MPB. Humanismo

8.8. LITERATURA E ARTE, EXPERIÊNCIAS DE NARRATIVAS DA CULTURA POPULAR NO MUSEU DO PONTAL

Rosely Gonçalves Coutinho

O presente trabalho tem como objetivo examinar a partir de observações feitas durante experiências de visitações ao Museu Casa do Pontal, particularmente de turmas de alunos do Ensino Fundamental I do Município do Rio de Janeiro, a relevância das narrativas nesse espaço museal, que manifestam a cultura popular brasileira. Classificado como um museu de arte popular possui um acervo com temáticas que abordam o cotidiano do povo e busca a identificação do indivíduo por meio de recursos da arte educação, que são elaborados pelo Programa Social e Educacional da instituição. As mediações das visitas guiadas sejam nas encenações teatrais, construção de histórias e personagens, cantigas de rodas, rimas, versos e brincadeiras apoiam-se na palavra e na literatura folclórica brasileira. A realização da dissertação Museu Casa do Pontal, Educação e Espaço de Rara Experiência, que ora estimula este estudo, procurou compreender a relação entre acervo e visitante, bem como a percepção destes sobre o museu e sua exposição, relacionando-se ainda com temas, tais como: educação museal, interação social, memória e identidade. A pesquisa possui caráter investigativo e pesquisas bibliográficas, seguindo uma abordagem qualitativa, com reflexões embasadas na obra Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade (Canclini, 2008). Desse modo, a comunicação aqui proposta busca apresentar como pode ser fecunda a relação entre literatura e arte popular.

Palavras-chave: Museu do Pontal. Arte popular. Narrativas. Literatura

8.9. RAÍZES LITERÁRIAS: ANCESTRALIDADE E LETRAMENTO ATRAVÉS DAS ARTES E DA LITERATURA

Brenda Soares Cunha da Silva
Simone Maria Bacellar Moreira
Isabella Vasconcelos Silva

O projeto “Círculos de Letramento: tecendo narrativas de vivência”, desenvolvido no CIEP 250 - Rosendo Rica Marco, em São Gonçalo, é uma iniciativa que visa fortalecer a leitura e a escrita dos alunos do ensino básico, destacando a literatura como uma ferramenta essencial de letramento e construção de identidade. Coordenado pela Professora Simone Maria Bacellar Moreira e em parceria com Projeto LABDIGI (UERJ/FFP), o projeto alinha-se aos princípios de Paulo Freire (1989), que afirma que a “leitura do mundo precede a leitura da palavra”. A literatura, ao ser entendida não apenas como um meio de acesso ao saber, mas também como um espaço de reconhecimento de si e do outro, se torna fundamental na formação de cidadãos críticos. Com base nos conceitos de ancestralidade e pertencimento, inspirados por teóricos como Bell Hooks (2021) e Kabengele Munanga (2019), este projeto visa despertar nos estudantes o interesse por suas raízes e heranças culturais, entendendo-as como parte fundamental de sua identidade e de suas práticas sociais. Ao refletir a diversidade cultural e familiar de cada um e promover o respeito e o fortalecimento da identidade coletiva. Esse trabalho interartes (literatura, artes visuais e narrativas orais) ressignifica a prática do letramento, estabelecendo uma ponte entre literatura e outras formas de expressão artística, promovendo o respeito pela diversidade cultural e o fortalecimento de laços comunitários, essenciais para o processo de aprendizagem e o desenvolvimento de uma consciência crítica.

Palavras-chave: Ancestralidade. Letramento Crítico. Identidade Cultural. Educação Transformadora. Pertencimento

8.10. AS MARCAS DO SURREALISMO NO LIVRO DE LITERATURA JUVENIL BRASILEIRA: *AS COISAS DE QUE NÃO ME LEMBRO, SOU*, DE JACQUES FUX E RAQUEL MATSUSHITA

Flávia Maria Reis de Macedo

O presente resumo objetiva apresentar parte da pesquisa de pós-doutorado, analisando, criticamente, as marcas do movimento artístico surrealista na obra juvenil contemporânea As Coisas de Que Não Me Lembro, Sou, de Jacques Fux e Raquel Matsushita (2022), Ed. Aletria Editora. O livro indicado ao Jabuti 2023, está em conjugação dialógica com as ilustrações livremente inspiradas em obras surrealistas de artistas como Dorothea Tanning, Pablo Picasso, Gertrude Abercombie, Salvador Dalí, entre outros. Partimos do pressuposto de que esses estudos são importantes para instaurar uma reflexão sobre o papel do livro ilustrado de literatura para jovens como um produto cultural capaz de desafiar o leitor, na medida em que estabelece o acesso à diversidade de linguagens, o diálogo com as artes plásticas, bem como a temas existenciais inerentes ao desenvolvimento da natureza humana. Os livros ilustrados comunicam por meio de dois conjuntos distintos de signos, o icônico (as ilustrações) e o convencional (palavras do texto) (NIKOLAJEVA 2011, p. 13-14) . Assim, o caráter de destaque da obra como forma de arte, baseia-se em combinar dois níveis de comunicação visual e verbal. No caso da obra, as imagens surrealistas acabam por se destacar tanto quanto o texto, solicitando apreensão conjunta daquilo que está escrito e daquilo que é mostrado, de modo que a forma de compreender essa relação pode encaminhar o leitor a dimensões suplementares à narrativa literária.

Palavras-chave: literatura juvenil brasileira. texto verbal/visual. surrealismo

8.11. MARGINALIDADE NO TEATRO PARA CRIANÇAS DE PLÍNIO MARCOS

Sergio Manoel Rodrigues

Na história do teatro brasileiro, a dramaturgia de Plínio Marcos destacou-se por evidenciar personagens marginalizadas, enfocando os embates vividos por esses seres ficcionais perante a sociedade excludente. Percebe-se que, de certa forma, o mesmo procedimento dramatúrgico marcou o teatro para crianças pliniano, sendo tal produção teatral pouco conhecida pelo grande público, a qual é composta pela seguinte tríade: “As aventuras do coelho Gabriel” (1965), “Histórias dos bichos brasileiros: o coelho e a onça” ou “Onça que espirra não come carne” (1988) e “Assembleia dos ratos” (1989). Em seu teatro direcionado à infância, Plínio Marcos colocou em cena o imaginário e o tom moralizante da narrativa fabular bem a seu modo: lançou luz aos conflitos entre dominantes e dominados, representados nas peças em questão por personagens cujas vontades se contrapõem, como por exemplo, a onça faminta versus o coelho esperto ou o gato Maltês e os ratos citadinos. Desse modo, tendo como base a pesquisa bibliográfica e o método indutivo, o objetivo desta comunicação será observar como o conflito entre classes e a realidade social são abordados pelas referidas obras infantis, das quais emerge a condição dos marginalizados socialmente. Como fundamentação teórica, este trabalho focará, sobretudo, os estudos de Wagner Enedino (2009) e Paulo Vieira (1994), que tratam especificamente da obra teatral pliniana.

Palavras-chave: Teatro para crianças. Plínio Marcos. Marginalidade

8.12. *ROMIETA E JULIEU*: LEITURA E MULTIMODALIDADE NO DISCURSO. A LINGUAGEM VISUAL E A DIGITAL COMO PILARES DA NARRATIVA CONTEMPORÂNEA

Elena Fiorin
Sandra Trabucco Valenzuela

Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise detalhada da linguagem tecnológica e dos recursos visuais presentes no livro Romieta e Julieu: uma tecnotragédia amorosa, de Ana Elisa Ribeiro. Para fundamentar essa análise, recorre-se a Mikhail Baktin e seu texto Ciência da Literatura Hoje (2018), o qual reflete sobre a relação intrínseca que apresenta entre literatura, cultura e sociedade;

a obra Literatura digital para crianças e jovens: teoria e pratica da experiência estética (2024), de Aline Frederico e Elizabeth Cardoso, discute questões pertinentes à literatura dentro do universo digital; A expansão dos sentidos a partir da materialidade do livro (2020), de Diana Navas, e Para ler o livro ilustrado (2018), de Sophie Van der Linden, dão o suporte necessário para pensar a concepção gráfica de Romieta e Julieu. Além disso, a investigação utiliza os estudos de Ana Elisa Ribeiro, especialmente sua obra Multimodalidade, textos e tecnologias (2016), para compreender como a produção e leitura de textos no mundo contemporâneo se articulam de forma multimodal. Estuda-se o uso de hashtags como elemento narrativo e discursivo, explorando seu papel na construção textual contemporânea, oriundo das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs). Por meio dessa análise, busca-se compreender como o texto reconstrói um clássico shakespeariano em um cenário contemporâneo, utilizando linguagens híbridas que ressoam com a experiência de leitura na era digital.

Palavras-chave: Multimodalidade discursiva. Literatura juvenil. Narrativa digital. Materialidade do livro

8.13. DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA E TEATRO: OS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DAS MONTAGENS CÊNICAS DO PROJETO TEATRAL CANOEIROS E CANOEIRAS DAS PALAVRAS

Maria do Socorro Camelo Sousa

O presente trabalho visa apresentar o diálogo interdisciplinar traçado entre literatura infantil e juvenil e teatro, por meio das vivências dos processos de criação realizadas nas montagens cênicas do Projeto Teatral Canoeiros e Canoeiras das Palavras. O referido projeto já tem uma caminhada de três anos atendendo crianças e jovens de escolas do campo e do urbano e de diferentes espaços culturais no município de Marabá – PA. Seu objetivo central é desenvolver práticas de leitura por meio do fazer teatral, que consiste em performances, oficinas de jogos teatrais e construções cênicas de obras literárias amazônidas, sendo essa última, o ponto de partida de nossa discussão. A construção cênica objetiva não só desenvolver práticas leitoras por meio do teatro, mas de possibilitar o contato e o conhecimento das diferentes Amazônias representadas e apresentadas na literatura. Esse trabalho traçará debates com teóricos que pesquisam e debatem sobre leitura literária, formação de leitores e mediação de leitura como Rildo Cosson (2021); Angela Kleiman (2022) e Renata Junqueira (2019), no intuito de fortalecer a discussão sobre o fomento da leitura e formação do leitor. No teatro esse fortalecimento se dará com Augusto Boal (2008, 2009); Olga Reverbel (2009); Viola Spolin (2014, 2015) e com Vic Vieira Granero (2011).

Palavras-chave: Teatro. Montagem Cênica. Literatura Amazônida. Práticas de Leitura. Formação do Leitor

8.14. LUTA POR DIREITOS EM *OS SALTIMBANCOS*: RELAÇÕES VERBO-VISUAIS

Eloisa Porto Allevato Braem

Esta comunicação debate a luta por direitos travada por personagens da obra Os Saltimbancos, adaptação de Chico Buarque para a obra I Musicanti (Os músicos) – do italiano Sergio Bardotti e do músico argentino Luís Enríquez Bacalov –, na versão ilustrada por Ziraldo. Na análise dos elementos visuais e das relações estabelecidas entre as ilustrações e a obra literária, abordaremos estudos de Bueno Buoro (2003), Nikolajeva e Scott (2011). Durante o exame da obra literária, dialogaremos com trabalhos de Dantas (2020), Cremilda Wanderley (2007) e outros. Para o diálogo da literatura com o contexto histórico da época da Ditadura militar brasileira e o cotejo aos direitos violados, citaremos trabalhos de Marcos Napolitano (2011) e Elio Gaspari (2002), entre outros. À guisa de resultados, observamos os modos como a literatura e a ilustração representam as situações de desrespeito aos direitos de personagens, como cada arte constrói as cenas de luta por recuperação dos direitos violados, como expressam os cenários de redemocratização e as maneiras como ora ilustração

e literatura se complementam, ora se duplicam e até contrastam ou destoam em determinados momentos. Com isso, pretendemos contribuir para os estudos das relações entre literatura e ilustração em obras verbo-visuais, como Os Saltimbancos.

Palavras-chave: Direito na Literatura. Relações verbo-visuais. Literatura e ilustração. Os Saltimbancos

8.15. A REPRESENTAÇÃO DO HERÓI EM *O CAÇADOR CIBERNÉTICO DA RUA 13*: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO

Laís Silva Alcântara de Oliveira
Simone Maria Bacellar Moreira

Esta comunicação apresenta uma proposta de letramento literário racial para os anos iniciais do segundo segmento do Ensino Fundamental, explorando a representação do herói negro na obra O Caçador Cibernético da Rua 13 (2017), de Fábio Kabral. A partir da perspectiva afrofuturista, o trabalho busca fomentar a educação antirracista e valorizar a herança afrobrasileira. Como metodologia, utilizamos a Sequência Básica de Cosson (2006), que organiza o trabalho com o texto literário em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Na etapa da introdução, ampliamos a discussão do conceito de herói por meio de um diálogo interartes. Incluímos a análise do filme Pantera Negra (2018) da Marvel Studios. Esse entrelaçamento ressalta como a figura do herói, tradicionalmente marcada por paradigmas eurocêntricos, pode ser resignificada em narrativas que celebram a história e a cultura negra. Para embasar teoricamente essa abordagem, recorremos a O Herói (2006), de Flávio Kothe, que explora as múltiplas construções do herói na literatura, e aos estudos de Hooks (2017), Adichie (2019) e Bento (2022), que destacam a relevância de práticas pedagógicas decoloniais. Os objetivos do trabalho são: refletir sobre os processos de apagamento dos heróis negros, promover a valorização da cultura afrobrasileira e formar leitores críticos. Ao articular literatura e cinema, evidenciamos como essas linguagens se complementam na desconstrução de narrativas hegemônicas, contribuindo para uma educação transformadora e antirracista.

Palavras-chave: letramento literário decolonial. educação antirracista. literatura e outras artes

8.16. ANIMES E MANGÁS NAS ESCOLAS: O USO DA CULTURA POP JAPONESA COMO VALORIZAÇÃO DA LITERATURA

Ana Luiza da Costa Pereira
Elaine Cristina Carvalho Duarte

O uso de mangás em ambientes escolares apresenta um potencial pedagógico significativo uma vez em que é possível promover a desconstrução de estereótipos e preconceitos direcionados à essas obras e seu público. Como elemento representativo da cultura pop oriental, os mangás, que já dominam mais de 50% do mercado editorial de quadrinhos no Brasil, oferecem narrativas diversas que exploram questões culturais, psicológicas e sociais que dialogam com temas universais, contribuindo para uma formação mais crítica e empática dos estudantes promovendo reflexões sobre diversidade cultural. Essas histórias lúdicas conseguem interligar conteúdos e culturas pelo fato de que as conexões entre sistemas midiáticos se encontram cada vez mais frequentes e as produções artísticas estão cada vez mais hibridizadas em termos de forma, conteúdo e cultura, atravessando espaços e redimensionando o tempo. Esse trabalho focaliza a incorporação dessas narrativas no currículo escolar uma vez que a valorização delas ajudam a romper estigmas associados a formas artísticas marginalizadas, muitas vezes alvos de preconceito e xenofobia, contribuindo para um crescimento, não somente na área acadêmica, mas na área pessoal e profissional, favorecendo o desenvolvimento da leitura e do modo de percepção dos alunos ao permitir uma aproximação de um gênero que, por muitas vezes, recebe olhares preconceituosos, e contribuindo para uma compreensão mais profunda dos elementos culturais, míticos, filosóficos e estéticos que moldam a narrativa e uma nação, iluminando as dinâmicas culturais que influenciam a criação artística.

Palavras-chave: Literatura. Mangá. Literatura Juvenil. Leitura

8.17. CÍRCULOS DE LETRAMENTO: ESTÍMULO À LEITURA, CRIAÇÃO E REFLEXÃO CRÍTICA NO ENSINO PÚBLICO

Thalita Alves da Silva Costa
Simone Maria Bacellar Moreira

O projeto de Prodocência "Círculos de Letramento – Tecendo Narrativas de Vivência", coordenado pela Profa. Simone Maria Bacellar, promove o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita em estudantes da Rede Pública no CIEP Rosendo Rica Marco, em São Gonçalo (RJ). Fundamentado nos estudos de Isabel Solé (1998) e Rildo Cosson (2006), o projeto busca oferecer uma educação literária crítica e transformadora. Por meio de oficinas de leitura de obras infantojuvenis, rodas de conversa e confecção de objetos recicláveis, as atividades visam engajar os estudantes de forma lúdica, promovendo reflexões críticas sobre suas vivências. Um exemplo emblemático é a oficina baseada no livro Malvina, de André Neves (2015), que narra a história de uma menina inventiva. A sequência didática seguiu as etapas propostas por Cosson (2006): motivação, introdução, leitura e interpretação. Inspirados pelas invenções de Malvina, os estudantes aprenderam sobre inventores, como Santos Dumont e Hedy Lamarr, com destaque para mulheres e brasileiros, desconstruindo estereótipos de gênero e nacionalidade. O projeto almeja, como preconizado por Paulo Freire (1970), empoderar os alunos, estimulando a consciência de seus direitos e deveres e promovendo a transformação social. Assim, os "Círculos de Letramento" consolidam-se como uma proposta inovadora e necessária para o fortalecimento de práticas educativas inclusivas e críticas no âmbito da literatura infantil e juvenil.

Palavras-chave: Estereótipos de gênero e nacionalidade. Letramento literário. Empoderamento. Educação pública. Transformação social

8.18. CAMINHOS PARA A INCLUSÃO UNIVERSITÁRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA OFICINA DE LEITURA DO PROJETO SABER PARA MUDAR

Mylena de Souza Pires
Simone Maria Bacellar Moreira

Esta comunicação apresenta um relato de experiência da oficina de leitura realizada pelo Projeto de Extensão Saber Para Mudar, cujo principal objetivo é auxiliar novos alunos em sua preparação para o ingresso na universidade. A oficina foi desenvolvida em dois contextos: no Colégio Estadual Walter Orlandini, em São Gonçalo, e no Pré-Vestibular Social Saber Para Mudar da UERJ-FFP. A atividade utilizou como base a obra O Conto da Aia (2019), de Margaret Atwood, escolhida para o Vestibular UERJ 2025, articulada à sua adaptação televisiva pela Netflix (2017) e ao O Conto da Aia: graphic novel (2017) inspirado na narrativa original. A fundamentação teórica ancorou-se no conceito de intermidialidade de Claus Clüver (2011), que destaca como narrativas em diferentes mídias dialogam entre si, transformando significados e ampliando as possibilidades de interpretação. Complementarmente, foram utilizados os aportes de bell hooks (1994), que enfatiza a necessidade de práticas pedagógicas engajadas e críticas, promovendo reflexões sobre questões de poder, gênero e resistência. Este arcabouço teórico permitiu explorar como a combinação de literatura, audiovisual e outras formas narrativas pode ampliar o engajamento dos alunos e aprofundar suas competências críticas. Durante as oficinas, os alunos analisaram a obra literária, cenas selecionadas da série e trechos do novel graphic, debatendo como cada mídia apresenta particularidades e ressignifica os temas abordados. Os resultados demonstraram maior envolvimento e motivação dos alunos, evidenciando a importância de integrar diferentes mídias no ensino de literatura para formar leitores críticos e conscientes das dinâmicas sociais e culturais.

Palavras-chave: Claus Clüver. O Conto da Aia. Abordagem interativa. Vestibular UERJ 2025

8.19. RELAÇÕES CRONOTÓPICAS E CULTURAIS EM LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEAS

Amanda do Nascimento dos Santos Almeida

Esta proposta de comunicação objetiva apresentar a investigação do livro Passeando pela Cidade Sorriso (ALMEIDA, 2024), que traz personagens que percorrem a cidade de Niterói em tempos atuais, narrando a história da cidade desde sua fundação conforme os espaços visitados nas suas relações temporais e espaciais, a partir dos quais refletiremos acerca do conceito de cronotopo criado por Bakhtin (2020) e construção narrativa com Ricoeur (1976; 1994; 1995; 1997). Observando ainda as relações que a história produz com o espaço cultural da cidade e o impacto da leitura nos pequenos leitores do projeto "Tô de Férias na Escola" realizado pela Fundação Municipal de Educação de Niterói.

Palavras-chave: Teatro. Literaura Infantil. Cronotopo. Contemporaneidade. Escrita Docente

8.20. A COLABORAÇÃO ENTRE BIBLIOTECÁRIOS E PROFESSORES NA DINAMIZAÇÃO DA LEITURA: LITERATURA, ARTE E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Suzana Lima Vargas do Prado
Livia Ferreira Coutinho Alonso
Larissa Carvalho Pinheiro

Este estudo busca evidenciar a relevância da colaboração entre os bibliotecários que atuam no Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Juiz de Fora e os professores do Colégio de Aplicação João XXIII e da Faculdade de Educação, visando o desenvolvimento de práticas de incentivo à leitura literária integradas às manifestações artísticas. Assumimos o compromisso de mapear as experiências literárias oferecidas aos estudantes de ensino fundamental e às acadêmicas do curso de Pedagogia, analisando as estratégias adotadas para a formação de leitores. Face à amplitude do currículo e das diversas áreas que compõem o curso de Pedagogia da UFJF, o presente trabalho abordará as vivências da disciplina destinada aos estudos de literatura para as infâncias - Narrativas Infantis. A metodologia do estudo baseou-se numa pesquisa ação, uma vez que as autoras do trabalho são as bibliotecárias e a professora da referida disciplina. Os dados da pesquisa foram obtidos em 2024 e se referem ao conjunto de atividades realizadas nas bibliotecas e com a turma de Narrativas Infantis, quais sejam: visitas guiadas, apresentação de acervos e indicações de leituras, seminário sobre ilustradores brasileiros contemporâneos de literatura para as infâncias, encontro com os autores, exposição de obras, tarde de autógrafos, sequências didáticas desenvolvidas para turmas de ensino fundamental I. Dialogamos com autores como Souza, CavalcanteBernadino (2009), Castrillón (2011), Bajour (2012) Vallejo e Ribeiro (2012) que apresentam a importância da leitura compartilhada e destacam as contribuições da área de artes para criar a aproximação entre os leitores e as obras literárias.

Palavras-chave: Biblioteca. Literatura para as infâncias. Artes visuais. Formação de leitores. Mediação de leitura

8.21. ALICE NO PAÍS DAS EMOÇÕES: DA LITERATURA DE LEWIS CARROLL ÀS PINTURAS DE ALINE KLEM

Cassiana Lima Cardoso Vieira

Os livros Alice no país das maravilhas (1865) e Alice através do espelho (1871) tornaram-se clássicos quase instantâneos da Literatura para a infância, mas não só. Transcendendo o destino de uma criação para o público infantil e juvenil, a obra do sisudo professor de matemática de Oxford segue instigando leitores de todas as idades e provocando inúmeros artistas e pensadores em seus campos de atuação. Desde a data de sua publicação, adaptações para outras linguagens artísticas foram

criadas a partir da obra de Lewis Carroll. Teatro, cinema, artes plásticas e até mesmo jogos digitais dialogam com a história da menina que cai no buraco ao seguir o ansioso coelho falante. Em uma viagem onírica , ora encantada ora aterrorizante, a curiosa Alice do conto de fadas do final do século XIX possui uma peculiaridade: sua jornada é uma jornada de autoconhecimento, em que o manejo das emoções da heroína está de braços dados às imagens maravilhosas que seu inconsciente produz. Nesta comunicação, falaremos de alguns desses diálogos entre as artes, principalmente no que concerne às artes plásticas. Analisaremos aqui, a série Alice além das maravilhas, da artista plástica brasileira Aline Klem (2024), que tem por inspiração o fauvismo e o surrealismo para uma leitura contemporânea da obra do escritor inglês. Como base teórica para nosso trabalho, utilizaremos os seguintes autores: Jacques Rancière, Georges Didi-Huberman, Ilaria Gaspari, Maureen Murdock , além de Marie Louise Von- Franz e Nise da Silveira.

Palavras-chave: contos do maravilhoso. literatura infantil/juvenil. artes plásticas

8.22. HISTÓRIAS DA ARTE PARA CRIANÇAS: ENTRE LIVROS E OBRAS

Renata Sant'Anna de Godoy Pereira

A apresentação promoverá a reflexão sobre os livros que apresentam as muitas e diferentes histórias da arte para o público infantil, visando oferecer o contato com a produção artística em diversos contextos educativos e culturais. Baseada nos estudos de autores que concentram suas pesquisas sobre livros infantis que têm por finalidade apresentar as artes visuais para o público infantil como Bruno Munari, Elisabeth Lortic, Sophie Van der Linden, Amir Brito Cadôr, entre outros, farei uma análise de publicações que têm como objetivo apresentar às crianças a multiplicidade de conceitos, propostas, suportes e espaços da arte. Por meio da apresentação de alguns livros farei uma análise de aspectos como o projeto gráfico, o conteúdo do texto, a relação entre a imagem e o texto e as metodologias do ensino de arte que norteiam essas publicações. É necessário refletirmos sobre as especificidades dos livros de arte em relação às outras publicações, a propriedade destas edições na introdução ao universo das artes visuais e os critérios de escolha das obras e artistas com a finalidade de avaliarmos a sua efetiva contribuição no processo de construção de conhecimento em artes visuais. Trata-se de uma importante reflexão, pois privadas de uma experiência com a arte em seus poucos espaços, o livro torna-se, muitas vezes, o único contato com o trabalho de artistas de diferentes épocas e lugares, lembrando que introduzir as crianças no universo das artes significa garantir sua presença na construção de um mundo que reconhece na cultura a fonte de seus valores essenciais.

Palavras-chave: Artes visuais. livros. crianças

8.23. A LITERATURA INFANTIL COMO PONTE ENTRE LINGUAGENS ARTÍSTICAS E AS INFÂNCIAS CONTEMPORÂNEAS

Karen de Azevedo Acioli

A literatura infantil e juvenil conecta linguagens artísticas, como as artes cênicas, visuais e digitais, ao abordar questões simbólicas e emocionais essenciais às infâncias contemporâneas. Em um contexto marcado pela pluralidade cultural, desafios tecnológicos e questões de identidade, essas narrativas oferecem ferramentas para a construção de significados e para o diálogo com outras expressões artísticas. Gilbert Durand (2019) argumenta que os mitos e arquétipos fazem parte de estruturas antropológicas do imaginário e transcendem culturas e tempos. A obra Bem no Meio: um livro-ópera, de Karen Acioly, exemplifica esse potencial interdisciplinar ao unir literatura, música e dramaturgia. A narrativa aborda a busca por autoconhecimento e empatia, utilizando símbolos como o ninho e a concha, que representam desafios e afetos comuns às crianças contemporâneas. Esses elementos dialogam com Gaston Bachelard (2008), para quem a imaginação criadora transforma o real em um espaço

poético de devaneio e descoberta. Ao transitar entre as artes, Bem no Meio responde às complexidades das infâncias atuais, oferecendo um espaço de vivência estética que ultrapassa o entretenimento e promove reflexões. Essa inter-relação entre literatura, teatro e ópera enriquece o repertório cultural e emocional de crianças e jovens, criando um campo fértil para diálogos interdisciplinares que abordam tanto questões universais quanto específicas e complexas do momento contemporâneo.

Referências:
ACIOLY, Karen. Bem no Meio: um livro-ópera. São Paulo: Paulinas, 2022
BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 2008
DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019

Palavras-chave: Literatura infantil. Infâncias. Imaginário. Multilinguagens

8.24. PREENCHENDO VIDAS E VAZIOS: A LITERATURA COMO CAMINHO PARA O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DAS CRIANÇAS

Giselle de Araújo Coutinho
Tiago Costa de Souza
Simone Maria Bacellar Moreira

Este trabalho apresenta uma experiência pedagógica realizada no projeto de Prodocência Círculos de Letramento: Tecendo Narrativas de Vivência", no CIEP 250, São Gonçalo. O projeto visa promover o desenvolvimento emocional dos alunos do ensino básico por meio da literatura. A fundamentação teórica baseia-se no conceito de leitura subjetiva de Annie Roussel (2012), que entende o leitor como participante ativo na construção de sentidos, e na Pedagogia do sonho possível (2020) de Paulo Freire, que enxerga a necessidade da tolerância com o diferente e da inviabilidade da existência humana sem a esperança e sem os sonhos. A atividade iniciou com a leitura do livro Vazio (2014), de Anna Llenas, numa roda de contação de histórias. O objetivo foi promover a capacidade dos alunos de identificar e lidar com suas próprias emoções. A atividade consistiu na construção da boneca Júlia, personagem principal do livro, que possui um espaço vazio em seu corpo. Os alunos refletiram sobre o que esse espaço vazio representava para Júlia, e como ela se sentia em relação a esse vazio. Em seguida, os alunos escreveram ou desenharam, o que acreditavam que poderia preencher o vazio da personagem. Durante todo o processo, houve um intenso diálogo sobre sentimentos. Este projeto enfatiza a importância de incluir práticas pedagógicas críticas no currículo escolar, oferecendo aos alunos um ambiente seguro para desenvolver habilidades emocionais essenciais para viver em sociedade. Entende-se que a literatura é um dos caminhos para o letramento emocional e social, promovendo o autoconhecimento e a empatia.

Palavras-chave: Letramento emocional. Empatia. Literatura infantil. Identidade emocional. Pedagogia crítica

8.25. CINDERELA E SHREK: A FADA MADRINHA E AS COMPLEXIDADES CONTEMPORÂNEAS

Ligia Razera Gallo
Sandra Trabucco Valenzuela

Este estudo tem como objetivo demonstrar como as fadas madrinhas evoluíram do folclore tradicional para se tornarem símbolos duradouros de orientação e apoio na cultura popular. Para tanto, o recorte desta comunicação propõe contrastar a fada do conto clássico, presente em Cinderela (ou A Gata Borralheira) de Perrault e dos Irmãos Grimm, com a da animação Shrek. As fadas são frequentemente descritas como seres mágicos e sábios que ajudam abnegadamente os protagonistas a superar obstáculos e alcançar seus objetivos. Os recontos contemporâneos redefiniram a representação das fadas madrinhas, incorporando complexidades e desafios atuais em suas caracterizações. Ao contrário das representações tradicionais, as adaptações hodiernas

apresentam as fadas madrinhas como indivíduos multifacetados, em vez de apenas mentores mágicos. Elas são dotadas de histórias de vida mais profundas, tornando-as mais próximas do público contemporâneo. Os desafios encontrados pelas fadas madrinhas no atendimento à protagonista são diversos e exigem desenvoltura e resiliência. Ao utilizar suas capacidades mágicas e fomentar a crença nelas, as fadas superam esses obstáculos para facilitar transformações positivas na vida da protagonista. Para o estudo da adaptação, utilizaremos Hutcheon (2013); para o estudo das fadas, trabalharemos com Coelho (2000), Zipes (2023), Valenzuela (2024). Para refletir sobre o perfil da fada, usaremos Nikolajeva (2023). O presente estudo aponta para o caráter encorajador assumido pelas fadas em relação à protagonista, mantendo a fé e a esperança, enfatizando a importância na obtenção de resultados favoráveis.
Palavras-chave: Fada madrinha. Literatura e Cinema. Reconto. Shrek. Cinderela

SIMPÓSIO 9

Literatura infantil/juvenil e diversidade

Coordenador(es): Beatriz dos Santos Feres (UFF), Rejane Mendes Duran Dirques Cavalcante (Colégio Pedro II, PPGL-UERJ) e André Marques da Silva (UFF-SME-RJ)

SESSÕES

Primeira Sessão: 28 de maio - 10h30 às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
10h30	Rejane Mendes Duran Dirques Cavalcante	LITERATURA NEGRO AFETIVA NO LIVRO MESMA NOVA HISTÓRIA
10h45	André Marques da Silva	A DIMENSÃO ARGUMENTATIVA DO NARRAR EM CONTOS ILUSTRADOS: DA REPRESENTATIVIDADE NEGRA AO ANTIRRACISMO
11h	Cristiane Vieira da Graça Cardaretti	REENCANTANDO CORPOS, TECENDO IDENTIDADES: A LITERATURA INFANTIL AFRODESCENDENTE COMO CELEBRAÇÃO DA ANCESTRALIDADE E DA RESISTÊNCIA
11h15	Luciana da Silva Gomes Patricia Ferreira Neves Ribeiro	A (DES)CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO DA MULHER / MÃE PRESIDIÁRIA PELA ÉTICA DO AMOR NO LIVRO ILUSTRADO A MELHOR MÃE DO MUNDO
11h30	Glauciene Batista de Barros Beatriz dos Santos Feres	KATNISS EVERDEEN: UMA QUEBRA DA PERFORMANCE TRADICIONALISTA FEMININA NO ROMANCE DISTÓPICO JOGOS VORAZES
11h45	Debate	

Segunda Sessão: 28 de maio - 13h30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Gabrielli Barros da Silveira Sandra dos Santos Andrade	DEFICIÊNCIAS INVISÍVEIS: REPRESENTAÇÕES EM LIVROS INFANTIS
13h45	Viviana Talia Aprigio Amaro Amanda Aparecida Lembeck Hermez Mariana Cortez	LIVROS ILUSTRADOS COMO PONTES: MEDIAÇÃO LITERÁRIA EM CONTEXTOS TRANSFRONTEIRIÇOS
14h	Giovanni Codeça da Silva	ESSE "PRÍNCIPE" NÃO SOU EU - ALTERIDADES E IDENTIDADES
14h15	Gisele Arruda Eckhardt	TRANSGRESSÃO FEMININA EM MINHA VÓ IA AO CINEMA: UMA ANÁLISE-DISCURSIVO-LITERÁRIA
14h30	Liana Pereira Borba dos Santos Débora Sabina da Silva Geraldo	AFRICANIDADES EM UM LIVRO ILUSTRADO E A CRIAÇÃO DE SENTIDOS PELAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
14h45	Debate	

Terceira Sessão: 29 de maio - 8h30 às 10h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
8h30	Beatriz dos Santos Feres	PERFORMANCE DE GÊNERO NO DISCURSO AMOROSO DE O JARDIM DE ALGODÃO
8h45	Ana Maria Prior Vieira Beatriz dos Santos Feres	LEITURAS DE RESISTÊNCIA: CAMINHOS DE AMOR E MULTILETRAMENTOS NO CARRINHO DE MADAME MISÉ
9h	Alicia Antonia Teixeira Troian Sandra dos Santos Andrade	REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA LITERATURA INFANTIL DO PNLD 2018 LITERÁRIO
9h15	Isabella Morelli Esteves	RECONTANDO O GÊNERO: O RESGATE DE NARRATIVAS QUEER NAS PÁGINAS DE TALES FROM BEYOND THE RAINBOW
9h30	Raquel Marina da Silva do Nascimento	DIVERSIDADE E LITERATURA: UM OLHAR QUEER PARA LIVROS ILUSTRADOS
9h45	Debate	

RESUMOS

9.1. LITERATURA NEGRO AFETIVA NO LIVRO *MESMA NOVA HISTÓRIA*

Rejane Mendes Duran Dirques Cavalcante

A questão racial na literatura ganhou notoriedade a partir da obrigatoriedade da lei 10.639/2003, que prevê o ensino da história dos povos africanos e dos seus descendentes em todas as escolas brasileiras. Porém, antes da lei, autores e autoras negras já escreviam para crianças e jovens, uma dessas autoras é a professora Sonia Rosa. Em 2019, ao concluir seus estudos de mestrado e observar sua produção, a escritora cunha o conceito de literatura negro afetiva para crianças e jovens. Ao refletir sobre esse conceito, questiona-se sua aplicabilidade nas obras da literatura infantojuvenil negra escrita por outros autores. Este trabalho se propõe a apresentar a definição do conceito literatura negro afetiva para crianças e jovens e, para responder à reflexão, analisaremos a obra: Mesma nova história dos autores Everson Bertussi, Mafuane Oliveira e Juão Vaz, da editora Peirópolis, 2021. As novidades que residem no conceito teórico trazido por Sonia Rosa estão na representação das personagens negras e na possibilidade de análise metodológica de outras obras. Identificando as características da literatura negro afetiva para crianças e jovens em livros que, embora produzidos por outros autores, refletem na sua linguagem verbal e não verbal o protagonismo da pessoa negra em situações cotidianas humanizadas. Percebemos que esse conceito se aplica em diferentes produções literárias infantojuvenis que promovem uma literatura antirracista.

Palavras-chave: Literatura negro afetiva. Literatura infantojuvenil antirracista

9.2. A DIMENSÃO ARGUMENTATIVA DO NARRAR EM CONTOS ILUSTRADOS: DA REPRESENTATIVIDADE NEGRA AO ANTIRRACISMO

André Marques da Silva

Este trabalho propõe uma análise semiolinguística dos processos de identificação-qualificação de personagens negros em narrativas de contos ilustrados, destinados, principalmente, ao público infantil/juvenil. A análise fundamenta-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso, mobilizando as categorias analíticas do duplo processo de

semiotização do mundo, o contrato de comunicação, os imaginários sociodiscursivos, os modos de organização do discurso e a dimensão argumentativa do narrar. Partimos da premissa de que a Literatura Infantil/juvenil, importada da metrópole ou produzida em países submetidos a um longo processo de colonização, constitui-se de letramentos sociais/culturais hegemônicos que, diacronicamente, podem materializar nas obras literárias imaginários sociodiscursivos negativos sobre minorias étnico-raciais, estabelecendo relações de força, poder/dominação e hierarquia racial entre grupos/identidades. Para analisar a semiose verbo-visual dos contos ilustrados e sua dimensão argumentativa, além da Semiolinguística, fundamentada em Charaudeau (2005; 2008; 2018a; 2018b) e Feres (2019; 2023) recorremos a um aporte interdisciplinar com teóricos como Amossy (2020), para a análise da dimensão argumentativa, Cavalleiro (2001, 2020), Fanon (2022; 2008) e Street (2014) para empreendermos uma reflexão crítica sobre educação, sociedade e colonialidade-decolonialidade. Para a análise, selecionamos o corpus constituído pelo conto ilustrado "Minhas contas", de Luiz Antonio (2022). A partir de uma investigação qualitativa, analisamos como as relações entre palavra e imagem, numa dimensão argumentativa do ato de narrar, mobilizando os processos de identificação/qualificação e imaginários sociodiscursivos decoloniais, engendram a representatividade negra, rompendo com estereótipos e imaginários raciais negativos, projetando uma valorização efetiva da identidade negra nas histórias narradas.

Palavras-chave: Semiolinguística. Argumentação. Representatividade negra. Imaginários sociodiscursivos. Literatura Infantil/juvenil

9.3. REENCANTANDO CORPOS, TECENDO IDENTIDADES: A LITERATURA INFANTIL AFRODESCENDENTE COMO CELEBRAÇÃO DA ANCESTRALIDADE E DA RESISTÊNCIA

Cristiane Vieira da Graça Cardaretti

A presente comunicação aborda criticamente a função da literatura infantojuvenil afrodescendente na construção identitária de crianças negras, destacando seu papel crucial na promoção de relações étnico-raciais igualitárias e na consolidação de modelos de protagonismo negro. Argumenta-se que esse campo literário, ainda incipiente em termos de investigação acadêmica, apresenta enorme potencial como ferramenta de resistência e decolonialidade. Com ênfase nas obras "Harriet Tubman: Conductor on the Underground Railroad" (1955 [2018]), da autora afro-americana Ann Petry (1908-1997), e "Gênios da Nossa Gente" (2024), dos escritores afro-brasileiros Eliana Alves Cruz (1966) e Estevão Ribeiro (1979), analisamos como essas narrativas afrodescendentes reconstroem imaginários, desafiando estereótipos racializados e ampliando os espaços para a presença negra no universo infantojuvenil. Sob uma perspectiva decolonial, as obras em questão promovem um deslocamento da representação passiva para uma representatividade ativa, evocando a ancestralidade negra como alicerce para a construção de novas identidades. Essas produções literárias não apenas subvertem narrativas eurocêntricas historicamente dominantes, mas consolidam-se como ferramentas pedagógicas de transformação social. Ao promoverem o empoderamento e orgulho racial, elas reencantam os corpos e mentes das juventudes negras, auxiliando na formação de sujeitos críticos e conscientes de sua herança cultural e histórica, capacitados a protagonizar suas próprias histórias em contextos que celebram suas identidades e ancestralidade.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil afrodescendente. Identidade negra. Representatividade. Decolonialidade. Empoderamento racial

9.4. A (DES)CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO DA MULHER / MÃE PRESIDIÁRIA PELA ÉTICA DO AMOR NO LIVRO ILUSTRADO *A MELHOR MÃE DO MUNDO*

Luciana da Silva Gomes
Patricia Ferreira Neves Ribeiro

Este trabalho visa refletir sobre a (des)construção do estereótipo relacionado à mulher / mãe presidiária, na sociedade brasileira contemporânea, no seio de uma ética amorosa. Para tanto, lança-se em direção à análise do livro ilustrado A melhor mãe do mundo, da escritora Nina Rizzi e da ilustradora Veridiana Scarpelli, considerando três níveis de construção de sentido (situacional, discursivo e semiolinguístico). Esses níveis, materializados em mecanismos co(n)textuais, a partir de recursos linguísticos, discursivos e imagéticos, são ativados, neste trabalho, sob a égide de uma leitura crítica. Isso significa que tais recursos, notadamente vinculados, nesta pesquisa, ao processo da qualificação/quantificação, são tomados como verdadeiras estratégias de (des)construção de sentido da estereotipia focalizada. Como aporte teórico-metodológico principal, parte-se, neste trabalho, da Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso (CHARAUDEAU, 2022; 2017a; 2017b; 2012; 2010; 2007), para a focalização, principalmente, dos conceitos de semiotização do mundo, de representação social e de patemização, pondo-a em diálogo com a Linguística Textual, em vista do conceito de multimodalidade (OLIVEIRA, 2015; RIBEIRO, 2021, ROJO, 2012) e com Teorias de Leitura (FERES, 2022; 2016; KOCH e ELIAS, 2009; JOUVE, 2002; MARTINS, 1994), vinculadas a conceitos relacionados ao livro ilustrado (NIKOLAJEVA e SCOTT, 2011) e à ética do amor (FERES, 2023; FROMM, 2015; HOOKS, 2024; 2021). Com esta pesquisa, deseja-se contribuir para a formação de leitores autônomos, críticos, questionadores e agentes de transformação social no que concerne à representação social da mulher/mãe presidiária.

Palavras-chave: Estereótipo. Qualificação/Quantificação. Multimodalidade. Ética do amor. Leitura crítica

9.5. KATNISS EVERDEEN: UMA QUEBRA DA PERFORMANCE TRADICIONALISTA FEMININA NO ROMANCE DISTÓPICO *JOGOS VORAZES*

Glauciene Batista de Barros
Beatriz dos Santos Feres

Maria Nikolajeva (2023) nos evidencia a pressão sofrida tanto por meninos quanto por meninas na sociedade em prol da manutenção de uma determinada conduta tradicionalista de gêneros. Tal questão também se reflete na construção de personagens da literatura ficcional jovem. Enquanto homens são estimulados a serem fortes e competitivos, as mulheres são obrigadas a cumprirem papéis silenciosos e submissos. Forçar tais construções permanentes de gênero sobre os indivíduos implica na perpetuação de preconceitos e de diferentes intolerâncias entre as pessoas, algo tão presente e de exaustivo combate no mundo contemporâneo. Para Butler (2008), a performance desmitifica a existência de identidades preexistentes de masculino ou de feminino verdadeiras ou falsas e, consequentemente, o binarismo estrito, concedendo mais liberdade aos seres para se constituírem da forma que escolherem sem ocultar suas personalidades, quebrando as amarras da dominação masculinista e patriarcal. No livro Jogos Vorazes (2021), de Suzanne Collins, a personagem principal, Katniss Everdeen, assume o lugar da irmã, Primrose, para participar da competição televisiva e mortal nomeada de Jogos Vorazes. Ao longo da narrativa, a imagem e a performance de uma mulher diferente dos preceitos prezados pelo tradicionalismo são perceptíveis. Com foco nas noções de qualificação e de imaginários sociodiscursivos, advindas da teoria semiolinguística postulada por Patrick Charaudeau (2017; 2019), este trabalho tem como objetivo investigar a performance feminina da protagonista Katniss Everdeen dentro de alguns trechos da narrativa juvenil Jogos Vorazes (2021) de modo a ressaltar características possivelmente inspiradoras para a jovem mulher contemporânea.

Palavras-chave: performance. feminino. qualificação. imaginários sociodiscursivos. Jogos Vorazes

9.6. DEFICIÊNCIAS INVISÍVEIS: REPRESENTAÇÕES EM LIVROS INFANTIS

Gabrielli Barros da Silveira
Sandra dos Santos Andrade

O objetivo da presente pesquisa é analisar e compreender como a deficiência invisível aparece representada em livros infantis, considerados aqui como artefatos da cultura. O objetivo específico buscou identificar se aparecem e como são nomeadas as deficiências invisíveis nos livros infantis. O material empírico é constituído por sete livros infantis, de literatura e informativos, de autores brasileiros, publicados entre os anos de 2012 e 2023. Os livros selecionados para análise possuem intencionalidades distintas e apresentam representações de pessoas com Transtorno do Espectro Autista e Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. A metodologia é a análise cultural, na perspectiva teórica dos Estudos Culturais, tendo o conceito de representação como ferramenta analítica central. Havia algumas hipóteses sobre o que se encontraria nas obras: apresentação da temática da deficiência a partir do ponto de vista de outros personagens; abordagem da deficiência de modo mais informativo e menos literário; apresentação dos personagens de forma implícita nos livros literários. Foi possível identificar nos livros representações das deficiências por meio de recursos visuais e textuais, compreendendo que, de modo geral, são representações que constituem o senso comum sobre as deficiências invisíveis. Os livros infantis, aqui tratados como artefatos culturais, são compreendidos como veículos de construção e disseminação de representações sociais. Percebeu-se o pouco investimento em livros infantis sobre essas deficiências invisíveis, que fujam da temática do TEA e do TDAH; a escassez de obras sobre a temática; e a limitada variedade de representações de outras deficiências ocultas que estão dentro desse rol.

Palavras-chave: Livro infantil. Representação. Diferença. Pessoa com deficiência invisível

9.7. LIVROS ILUSTRADOS COMO PONTES: MEDIAÇÃO LITERÁRIA EM CONTEXTOS TRANSFRONTEIRIÇOS

Viviana Talia Aprigio Amaro
Amanda Aparecida Lembeck Hermez
Mariana Cortez

A fronteira pode ser mais do que uma divisão física; é um portal onde identidades se encontram, se misturam e se transformam. Nesse terreno transfronteiriço, culturas e línguas se entrelaçam, criando novos sentidos de pertencimento e convivência. A presente comunicação apresenta os resultados de um projeto de mediação de leitura realizado em uma escola pública de Foz do Iguaçu, na tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina. Com base nas reflexões de Anzaldúa (1987) sobre fronteiras culturais e identidades híbridas, e nas ideias de Petit (2012) sobre literatura e espaço, o projeto promoveu a leitura de livros ilustrados que abordam a migração e o sentimento de não pertencimento, com o objetivo de integrar crianças falantes e não falantes de português. Os grupos, heterogêneos em termos culturais, étnicos e linguísticos, ressaltam a importância da inclusão. Foram adaptadas as ideias de Arizpe (2003), que aponta que os livros podem funcionar como espelho, janela ou porta: refletindo identidades, oferecendo novas perspectivas e abrindo caminhos para o futuro. As atividades foram organizadas com base no enfoque “Diga-me” de Chambers (2009), para fomentar a conversa literária e o diálogo inclusivo. Os relatos das mediadoras evidenciam como o livro ilustrado pode se transformar em um poderoso instrumento de integração, facilitando o diálogo entre crianças de diferentes contextos. Além disso, observa-se que, por meio da mediação literária, é possível construir pontes simbólicas e superar barreiras culturais, étnicas e linguísticas, reforçando a ideia de que, das margens da fronteira, podem emergir novas formas de convivência e pertencimento.

Palavras-chave: mediação de leitura. contexto transfronteiriço. identidades híbridas. inclusão. livros ilustrados

9.8. ESSE "PRÍNCIPE" NÃO SOU EU - ALTERIDADES E IDENTIDADES

Giovanni Codeça da Silva

Este resumo descreve uma das experiências do projeto "Contação de Histórias em territórios de exclusão", iniciado em 2019 com base na Educação Popular. O projeto tem por objetivo realizar contações de histórias para crianças e jovens, atendendo às demandas específicas de territórios como comunidades, associações e escolas. Em 2024 a Escola Municipal Azevedo Sodré, no bairro Rio Comprido (RJ), realizou o convite para realização do projeto. Por solicitação da escola o objetivo era o fortalecimento do vínculo entre alunos e professores após conflitos relacionados a diversos tipos de preconceitos. Para isso as ações buscaram: acolher, investigar a "natureza dos preconceitos" e promover ações de mitigação. A colhida foi realizada por meio de escuta ativa. Entre as temáticas de violência, pobreza, discriminação religiosa e racismo, optamos em consenso com a escola trabalhar o racismo. Duas ações foram realizadas: a primeira junto aos docentes de formação continada em leituras decoloniais conectando as oralituras e Leda Martins e as escritavências de Conceição Evaristo; a segunda junto aos educandos, trabalhando com o acervo da sala de leitura "O Pequeno Príncipe" (Antoine de Saint-Exupéry) e "O Pequeno Príncipe Preto" (Rodrigo França). O retorno dos professores e da mediadora da Sala de Leitura evidenciou maior receptividade dos alunos, com uma sensação de representatividade nas obras escolhidas, abordando temas relacionados à cultura.

Palavras-chave: Formação de leitores. Alteridade. Racismo. Decolonialidade. Literatura

9.9. TRANSGRESSÃO FEMININA EM *MINHA VÓ IA AO CINEMA*: UMA ANÁLISE-DISCURSIVO-LITERÁRIA

Gisele Arruda Eckhardt

Este trabalho tem como objetivo investigar os imaginários sociodiscursivos (Charaudeau, 2017; 2018; 2022) sobre a mulher em Minha vó ia ao cinema, escrita por Paula Marconi de Lima (2023). Para tal propósito, baseia-se na Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso (Charaudeau, 2016). Sendo assim, observaremos, dentre outros aspectos, como a nomeação e a qualificação contribuem para a visão construída da personagem feminina na história, além dos sujeitos participantes da mise-en-scène (Charaudeau, 2016) discursiva (sujeito comunicante - EUc, sujeito enunciador - EUe, sujeito destinatário- TUd - e sujeito interpretante - TUi). Ademais, por tratar-se de Literatura Infantil, norteia-se pelos pressupostos teóricos de pesquisadores dessa temática (Coelho; 2000; Colomer, 2017; Feres, 2023), além dos estudos acerca do livro ilustrado (Linden, 2018; Nikolajeva; Scott, 2011), categoria a qual pertence. Nessa obra, a narradora relata a história de sua avó quando era uma jovem operária e como ela – apesar de viver em uma cidade pequena e tradicional – ousou superar as limitações do tempo em que vivia ao ir ao cinema sozinha e à noite – além de ler escondida. Nesse sentido, a personagem consegue ter uma performance de gênero que foge ao que é esperado do que é ser mulher na época em que vive, mas consegue manter as aparências para não ser repreendida. Vale ainda acrescentar que, em nossa análise, julgamos pertinente o diálogo com outras áreas do saber para enriquecer a discussão, a saber: os estudos feministas (Butler, 2019; Wolf, 2020) e os sociológicos (Bourdieu, 2019; Le Breton, 2020).

Palavras-chave: Literatura infantil. Semiolinguística. Imaginários sociodiscursivos. Gênero

9.10. AFRICANIDADES EM UM LIVRO ILUSTRADO E A CRIAÇÃO DE SENTIDOS PELAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Liana Pereira Borba dos Santos
Débora Sabina da Silva Geraldo

Na Educação Infantil, as crianças têm o direito de se relacionar com a cultura letrada. Com diversos gêneros discursivos e suportes, produzem sentidos de uma forma complexa, utilizando a linguagem para as construções dos significados. Esses processos ocorrem com ações das crianças no mundo

e são influenciados pelo contexto histórico e social. Na sociedade em que o racismo é estrutural (Almeida, 2021) e há o pacto da branquitude (Bento, 2022), consideramos ser fundamental o compromisso antirracista dos professores, com a seleção de obras literárias que vão na contramão da reprodução de relações racistas e excludentes, valorizando as referências positivas dos diversos povos. As experiências de leitura poderão caminhar para descolonização, para romper com modelos hegemônicos que centralizam sentidos e se constituem no âmbito de experiências sociais e individuais (Abramowicz; Rodrigues, 2014). No presente trabalho, apresentamos vivências de duas professoras que fizeram bidocência em uma turma de Educação Infantil de uma instituição federal – com crianças de 5 e 6 anos. Partiu-se da leitura da obra literária "A Princesa e a Ervilha (Isadora, 2007), releitura de um conto clássico que tem em sua ilustração protagonistas negros, cenário e indumentária com estética africana. Ressaltamos as criações de sentidos pelas crianças nos processos dialógicos e os desdobramentos na prática pedagógica. A metodologia da pesquisa é qualitativa. Em meio às experiências estéticas com a literatura, verificamos que o papel das professoras foi fundamental para a contribuir com a descolonização dos saberes e poderes, tanto em relação à escolha do acervo literário quanto em relação às mediações e novos planejamentos.

Palavras-chave: Educação Infantil. Literatura. Descolonização. Questões étnico-raciais

9.11. PERFORMANCE DE GÊNERO NO DISCURSO AMOROSO DE *O JARDIM DE ALGODÃO*

Beatriz dos Santos Feres

Judith Butler (2017) nos ensina que o gênero é fruto de uma performance socialmente instituída que se repete para dar legitimidade à identidade feminina ou masculina – quando considerado o binarismo. Subverter esse modelo social é, em certa medida, questionar a dominação masculinista e a heterossexualidade compulsória, tão arraigadas em nossa sociedade, que causam, muitas vezes, discriminação e sofrimento injusto. No livro ilustrado "O jardim de algodão", de Tino Freitas e Ionit Zelberman (2024), problematiza-se a performance de gênero em uma narrativa autodiegética de uma criança que pede à mãe a realização de um sonho: um vestido florido. Na parcela verbal da história, não é indicado o gênero do/a protagonista, mas a imagem mostra ao leitor uma figura mais assemelhada a um menino, de cabelos curtos e tênis, que almoça com uma família amorosa e alegre. Com base na teoria Semiolinguística, este trabalho pretende evidenciar o processo de referenciação verbo-visual que constrói, na e pela linguagem, não só a representação de infância feliz, destituída de imposições relacionadas à performance de gênero, como também a de uma família efetivamente funcional e amorosa. Também como objetivo, busca-se analisar a atuação da dimensão argumentativa (Amossy, 2020) constitutiva de narrativas ficcionais, atuando na consolidação de um discurso amoroso (Feres, 2023) direcionado para crianças no início do processo de socialização, já que, segundo Nikolajeva (2023), "a essência da obra literária é a análise das posições de poder, a afirmação ou o questionamento da ordem de poder do momento".

Palavras-chave: Performance. Gênero. Livro ilustrado. Dimensão argumentativa. Discurso amoroso

9.12. LEITURAS DE RESISTÊNCIA: CAMINHOS DE AMOR E MULTILETRAMENTOS NO *CARRINHO DE MADAME MISÉ*

Ana Maria Prior Vieira
Beatriz dos Santos Feres

A invisibilidade social é um fenômeno presente em nossa sociedade, especialmente em relação a populações marginalizadas, como moradores de rua, estrangeiros e recém-chegados, que frequentemente são evitados e ignorados. O livro, tomado como corpus para análise, intitulado O Carrinho da Madame Miséria, de Lise Mélinand, aborda essa realidade ao retratar uma cidade que, embora diversa, pode ser cruel para aqueles que não são reconhecidos como parte dela. A

história acompanha Madame Miséria, uma mulher que, ao perder seu carrinho — seu único bem e referência —, torna-se visível de forma desconfortável, expondo sua dor e loucura. Essa visibilidade forçada questiona a exclusão social e as dinâmicas de reconhecimento. Este artigo explora como as narrativas podem contribuir para um olhar mais humanizador e sensível às relações sociais, inspirando-se sobretudo nas reflexões de Feres (2023). Além disso, sob a perspectiva da Teoria da Semiolinguística de Análise do Discurso de Patrick Charaudeau, serão analisados não só os processos de compreensão e interpretação como formas de promover o multiletramento, mas também o conceito de qualificação, que revela os valores e crenças, pertencentes à sociedade, implícitos no texto. Essa abordagem é fundamental para que os leitores desenvolvam empatia e compreendam melhor as questões sociais abordadas na obra. Além disso, será discutida a importância do multiletramento para a leitura de textos multimodais. Em O Carrinho da Madame Miséria, os leitores são convidados a construir sentidos não apenas pelo texto escrito, mas também por meio das ilustrações e elementos visuais, que enriquecem a narrativa. A análise evidenciará como essas formas de expressão colaboram para uma compreensão mais profunda de desigualdade e exclusão social, bem como para o desenvolvimento de habilidades críticas e cidadãs. Assim, ao promover a compreensão/interpretação e o multiletramento, o artigo destaca a relevância de obras literárias na formação de leitores capazes de refletir criticamente sobre as dinâmicas sociais e cultivar uma ética do amor, baseada no respeito e na sensibilidade.

Palavras-chave: Multimodalidade. Leitura. Compreensão. Qualificação. Ética do Amor

9.13. REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA LITERATURA INFANTIL DO PNLD 2018 LITERÁRIO

Alicia Antonia Teixeira Troian
Sandra dos Santos Andrade

O presente trabalho tem como objetivo analisar as representações de gênero a partir das narrativas e ilustrações em livros literários selecionados no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD Literário 2018). Como objetivos específicos, busca localizar rupturas com os modelos mais tradicionais de representação de gênero, e verificar se outros modos de dizer sobre o feminino vêm se colocando na literatura. A pesquisa localiza-se na perspectiva teórica dos Estudos Culturais, sendo o conceito de representação a ferramenta analítica central, para a realização da análise cultural. O material empírico da pesquisa é composto por 6 livros do acervo: Lorotas e Fofocas (2013); Molicha (2014); Alafiá e a Pantera que Tinha Olhos de Rubi (2015); A Menina Furacão e o Menino Esponja (2017); Pinóquia (2017); e Apuka (2018). A análise abrange tanto as narrativas verbais quanto as ilustrações dos livros, buscando compreender significados atribuídos às representações de gênero. Os resultados indicam que, embora as representações de gênero nos livros literários infantis ainda preservem características clássicas, como a associação das meninas à maternidade e ao cuidado, e dos meninos ao poder e à liderança, algumas rupturas são observadas. Entretanto, apesar de algumas mudanças, a literatura infantil analisada ainda carece de diversidade nas representações de gênero. Para que todas as crianças possam se ver refletidas nas histórias que leem ou ouvem, é fundamental que novas narrativas sejam incluídas e visibilizadas nos livros que compõem acervos literários presentes nas escolas públicas brasileiras.

Palavras-chave: Literatura infantil. Representação. Gênero. Identidade. Estudos Culturais

9.14. RECONTANDO O GÊNERO: O RESGATE DE NARRATIVAS *QUEER* NAS PÁGINAS DE *TALES FROM BEYOND THE RAINBOW*

Isabella Morelli Esteves

Esta comunicação analisa o trabalho de resgate, tradução e adaptação de contos de fadas com características queer realizados pelo autor contemporâneo Pete Jordi Wood no livro Tales from Beyond the Rainbow: Ten LGBTQ+ fairy tales proudly reclaimed. (2022). A obra de Wood, de acordo com o

próprio autor, tem o objetivo de trazer histórias que representam de forma positiva as vivências queer para o público infantil. Houve um apagamento deliberado de narrativas dissidentes em termos de gênero e sexualidade nos estudos folclóricos, como evidenciado por Joseph P. Goodwin em artigo no Journal of Folklore Research (1995), sendo o evento mais notório a exclusão de contos considerados "obscenos" do Índice ATU por Stith Thompson. Esse movimento discriminatório, aliado à instituição dos contos de fadas literários como um gênero instrutivo, que disseminava valores normativos e "mitos da sexualidade sob o patriarcado" (Hutcheon, 1989, p.156, tradução própria), nos leva hoje a um contra-movimento de resgate e ressignicação dos contos enquanto obras formativas e ancestrais. Na perspectiva do folclorista Kaustav Chakrarborty, ao encontrar contos tradicionais com representação queer, evidenciamos que vivências fora do padrão cis-heteronormativo são parte natural da experiência humana que precede os processos de denominação e exclusão dessas identidades da esfera pública. A antologia Tales from Beyond the Rainbow, fruto de um trabalho exaustivo de pesquisa, corrobora essa perspectiva ao mesmo tempo que representa também um esforço de adaptação dos contos antigos para a linguagem e as sensibilidades contemporâneas, transmitindo valores de aceitação à diversidade para o público infantil.

Palavras-chave: Contos de fadas. Representatividade LGBTQ+. Queerização. Tradução e adaptação. Pete Jordi Wood

9.15. DIVERSIDADE E LITERATURA: UM OLHAR *QUEER* PARA LIVROS ILUSTRADOS

Raquel Marina da Silva do Nascimento

A pesquisa teve como tema central a análise de obras de literatura infantil que abordassem a diversidade de gênero e sexualidade de modo literário em livros ilustrados. A pesquisa buscou mapear e analisar as estratégias utilizadas por autores e ilustradores de obras que abordam questões como homossexualidade, identidade de gênero e feminismo para o público infantil. O estudo identificou as tensões queer existentes em obras de literatura infantil publicadas no Brasil. Entre algumas das obras analisadas estão "Pode pegar" da brasileira Janaína Tokitaka, "Monstro Rosa" da espanhola Olga de Dios e "Julián é uma sereia" da estadunidense Jessica Love, entre outras. As obras trazem diversidade de corpos, valores e modos de ser e estar no mundo de maneira poética, dialogando com as infâncias contemporâneas. Os livros em foco são importantes pois trazem outras narrativas, que fogem dos padrões e modos normativos de comportamento de gênero, composição familiar e troca de afetos, incluindo outros modos de viver no mundo. As análises deste artigo ancoram-se nas discussões sobre crítica de literatura infantil (HUNT, 2010) e a literatura infantil no Brasil (LAJOLO e ZILBERMAN, 2022), bem como nos estudos da Teoria Queer (LOURO, 2022;MISKOLCI, 2020). As análises dos livros ilustrados apontam para a necessidade de mais obras que trazem narrativas outras, com diversidade temática, respeitando princípios estéticos, éticos e políticos. Para a formação de leitores críticos, desde a primeira infância.

Palavras-chave: Performance. Gênero. Livro ilustrado. Dimensão argumentativa. Discurso amoroso

SIMPÓSIO 10

Literatura Indígena Infantil e Juvenil: vozes encantadas da floresta

Coordenador(es): Lilliân Alves Borges (UFTM) e Marisa Martins Gama-Khalil (UNEMAT, UNIR, CNPq/UFU)

SESSÕES

Primeira Sessão: 28 de maio - 10h30 às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
10h30	Marisa Martins Gama-Khalil	MÃES-DA-MATA, SERES, "VISAJES" E ENCANTADOS DA LITERATURA MARAGUÁ: FIGURAÇÕES ENCANTADAS NA LITERATURA INDÍGENA
10h45	Lorenna Bolsanello de Carvalho Camila Costa de Oliveira	NOVAS-ANTIGAS SIMBOLOGIAS: ENTRELAÇANDO ENSINO DE TEATRO E FORMAÇÃO DE LEITORES PARA REPOVOAR O IMAGINÁRIO DAS INFÂNCIAS A PARTIR DO LIVRO CONTOS INDÍGENAS BRASILEIROS, DE DANIEL MUNDURUKU
11h	José Humberto Rodrigues dos Anjos	"A ARTE É QUASE UMA DIVINDADE": ELIANE POTIGUARA E A LITERATURA PARA CRIANÇAS
11h15	Fabiane Alves da Silva Aroldo Jose Abreu Pinto	VOZES ANCESTRAIS: A LITERATURA INDÍGENA NA FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS
11h30	Lilliân Alves Borges	UM FUTURO ANCESTRAL NO CONTO "O CAÇADOR E O CURUPIRA: RECONTO DO POVO MACUXI", DE TRUDRÚA DORRICO
11h45	Debate	

Segunda Sessão: 28 de maio - 13h30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	João Pedro da Silva Antelo Marisa Martins Gama-Khalil	"O FEITIÇO": MEMÓRIAS, ENCANTARIAS E MAGIAS NA NARRATIVA DE TRUDRUÁ DORRICO
13h45	Viviane de Souza Cardaço Lilliân Alves Borges	SEMENTES DE ESPERANÇA: ECOCRÍTICA, RESISTÊNCIA INDÍGENA E O PROTAGONISMO FEMININO EM A REVOLUÇÃO DA CATÍ: EM BUSCA DA SEMENTE DA VIDA
14h	Lílian Carine Madureira Vieira da Silva Marília Forgearini Nunes	PONTOS DE VISTA PARA A CULTURA INDÍGENA A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL
14h15	Gabriela Soares de Faria Lourenço Lilliân Alves Borges	NARRATIVAS INDÍGENAS PARA UMA EDUCAÇÃO DECOLONIAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

14h30	Patrícia Pimentel Marques Cêsca	OS SERES DA FLORESTA: A DESCONSTRUÇÃO DO SACI NA EDUCAÇÃO INFANTIL À LUZ DA LITERATURA DE AUTORIA INDÍGENA
14h45	Debate	

Terceira Sessão: 29 de maio - 10h30 às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
10h30	Tamira Fernandes Pimenta Marisa Martins Gama-Khalil	ENCENAÇÕES MÍTICAS DOS POVOS TAÍNOS DE BORIKÉN NA LITERATURA INFANTIL
10h45	Eliane Jose Vieira Millena Vansim Santana Lilliân Alves Borges Vitória Eduarda Lima de Souza	MEMÓRIA INDÍGENA: ESTRATÉGIAS DE LETRAMENTO PARA A SALA DE AULA
11h	Thalita Carvalho de Lima Cristiane Madanêlo de Oliveira	O SEGREDO DA CHUVA (2003): SABERES ANCESTRAIS PARA SUSPENDER O CÉU E ADIAR O FIM DA NATUREZA
11h15	Roseane Serrão dos Santos Zair Henrique Santos	A TRANSFORMAÇÃO PELO SONHO: A INICIAÇÃO DE PAJÉ NO CONTO O MENINO QUE NÃO SABIA SONHAR, DE DANIEL MUNDURUKU
11h30	Debate	

RESUMOS

10.1. MÃES-DA-MATA, SERES, ”VISAJES” E ENCANTADOS DA LITERATURA MARAGUÁ: FIGURAÇÕES ENCANTADAS NA LITERATURA INDÍGENA

Marisa Martins Gama-Khalil

Na literatura indígena contemporânea dirigida ao público infantil e juvenil, há uma série de figurações que desafiam uma interpretação racional, na medida em que são personagens que detêm poderes ou praticam ações desafiadoras da lógica cartesiana. Se amparamos nosso olhar pelo modo fantástico e pela cultura ocidental, podemos dizer que eles abarcam a fenomenologia metaempírica ou desencadeiam um efeito insólito. Entretanto, se partimos de uma cosmogonia indígena, chegamos a outras designações nominativas, como as de mães-da-mata, seres, “visajes” e encantados, e compreenderemos, também, que o efeito dessas figurações encantadas não é, via de regra, o da sobrenaturalidade, porém o da naturalidade, uma vez que elas se inserem num mundo considerado natural pelos povos da floresta, ainda que possam causar medos, arrepios ou pavores. Acontece que esses referidos efeitos não advêm em função de uma descrença na figuração encantada, e sim pelo receio do que elas possam efetivamente causar. Selecionamos alguns desses seres em narrativas Maraguá - como Pokwára, Ipuré, Mãe-da-mata, Mapinguary, Juma, Kurupyra e Boiúna - para demonstrar a representação de sua figuração como persona, seu habitat e sua interação com os povos da floresta. A leitura dessas narrativas terá como aporte teórico os saberes cosmogônicos dos próprios contadores de história do povo Maraguá, os estudos de João de Jesus Paes Loureiro, Maria Angélica Motta-Maués, Raymundo Maués e Reginaldo Prandi.

Palavras-chave: Mães-da-mata. Seres. Visajes. Encantados. Literatura infantil e juvenil

10.2. NOVAS-ANTIGAS SIMBOLOGIAS: ENTRELAÇANDO ENSINO DE TEATRO E FORMAÇÃO DE LEITORES PARA REPOVOAR O IMAGINÁRIO DAS INFÂNCIAS A PARTIR DO LIVRO *CONTOS INDÍGENAS BRASILEIROS*, DE DANIEL MUNDURUKU

Lorenna Bolsanello de Carvalho
Camila Costa de Oliveira

Para adiar o fim do mundo, Krenak (2019) nos convoca a sempre contar uma nova história. Essa foi a proposição que fizemos a duas turmas de 6º ano do Colégio de Aplicação da UFRJ no primeiro trimestre de 2022. Retornando ao ensino presencial, necessitamos resgatar nossa conexão com o mundo físico, com a escola e com os sujeitos que nela circulam. Os silêncios frequentes no ensino remoto emergencial deram lugar aos conflitos do encontro com o outro. Nesse contexto, as disciplinas de Língua Portuguesa e Artes Cênicas planejaram uma atividade de contação de histórias com estudantes do 6o ano. O livro utilizado como referência para a ação foi "Contos Indígenas Brasileiros", de Daniel Munduruku. Assim, sabedorias de diferentes cosmovisões de povos originários permearam nossas aulas e inspiraram a criação de cenas por estudantes que precisaram compreender tais perspectivas, seus simbolismos e suas potências na construção de um trabalho coletivo. Como referencial teórico-metodológico para o trabalho, relacionamos conceitos como performance, jogos teatrais, leitura e oralidade (Bajour, 2012; Machado, 2015; Spolin, 2006; Zumthor, 2018). Com a prática, pudemos promover processos de mediação de leitura que levaram em consideração o corpo-leitor e sua relação com o espaço e com outros corpos. Nesta comunicação, pretendemos apresentar os percursos e percalços da proposta que, mesmo com entraves e instabilidades, permitiu que pudéssemos iniciar um novo ciclo com as turmas de 6º ano do CAp UFRJ.

Palavras-chave: Literatura Indígena. Mediação de leitura. Formação de leitores. Corpo. Contação de histórias

10.3. "A ARTE É QUASE UMA DIVINDADE": ELIANE POTIGUARA E A LITERATURA PARA CRIANÇAS

José Humberto Rodrigues dos Anjos

A presente pesquisa é fruto das investigações realizadas no âmbito do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas – NEABI, e tem como objetivo analisar o livro de literatura infantojuvenil Conhori e as icamiabas: guerreiras da Amazônia, de Eliane Potiguara (2024). Perpendicular a esse objetivo, buscou-se discutir a escrita indígena para crianças em consonância ao que estabelece a Lei 11.645/2008, bem como compreender as relações éticas, estéticas e políticas dessa produção. No corpus selecionado para o estudo, Eliane Potiguara, primeira mulher indígena a publicar um livro no Brasil, apresenta a lenda amazônica das mulheres guerreiras que enfrentam os colonizadores espanhóis, demonstrando sua força, inteligência e subvertendo as relações de gênero e poder. A partir da protagonista, Conhori, o leitor acessa o enredo e vai percorrendo em páginas alternadas a lenda que mais tarde daria o nome do estado brasileiro, Amazonas. A escrita indígena, sobretudo aquela voltada às crianças, tem se constituído como uma importante aliada das práticas pedagógicas contracoloniais, instaurando nas escolas, possibilidades para discussões que propiciem o conhecimento e reconhecimento das culturas indígenas na constituição do Brasil. Para Potiguara (2024) a arte é uma divindade, uma forma de existir e de contar as histórias, por isso a literatura se compõe como um elemento fundamental para a compreensão e quebra sistemática de estereótipos, histórias únicas e tentativas de animalização do indígena brasileiro. Para esse estudo, tomamos como suporte teórico Potiguara (2018;2023;2024), Graúna (2013), Jekupé (2018) Kambeba (2018), Krenak (2018) e Costa (2020).

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil indígena. Eliane Potiguara. Ensino. Lenda

10.4. VOZES ANCESTRAIS: A LITERATURA INDÍGENA NA FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS

Fabiane Alves da Silva
Aroldo Jose Abreu Pinto

A literatura indígena é uma forma de expressão que incorpora sentimentos, memórias, identidade, história e resistência, sendo essencial para registrar os conhecimentos tradicionalmente transmitidos pela oralidade. No entanto, apesar da obrigatoriedade prevista pela Lei nº 11.645/08, observa-se uma lacuna no contexto escolar em relação à incorporação de narrativas de autoria indígena. Nesse contexto, esta intervenção tem como objetivo propor uma prática de leitura e análise do conto "A pele nova da mulher velha", de Daniel Munduruku. A proposta fundamenta-se no conceito de Letramento Literário de Rildo Cosson (2006) e busca promover reflexões sobre a estética da literatura indígena, o envelhecimento, a relação entre gerações e a transmissão cultural, envolvendo estudantes do Ensino Fundamental II. Além de estimular o desenvolvimento do pensamento crítico, almeja-se promover a valorização e o respeito às tradições dos povos originários, ampliando a compreensão dos discentes sobre a importância da oralidade e dos mitos na preservação da memória coletiva, com o intuito de fortalecer a identidade cultural. Para tanto, o aporte teórico é fundamentado em autores como Munduruku (2005), Cosson (2006), Brasil (2008), Graúna (2013), Dorrico et al. (2018), Dorrico, Danner e Danner (2020), entre outros. Espera-se que, a partir dessa abordagem, a leitura e análise do conto "A pele nova da mulher velha" favoreça o desenvolvimento da apreciação literária e do reconhecimento do valor estético e cultural dos contos indígenas. Pretende-se, ainda, estimular a valorização cultural, destacando as contribuições dos povos originários e a relevância da oralidade e da escrita na preservação de suas tradições.

Palavras-chave: Literatura indígena brasileira contemporânea. Literatura infantil e juvenil. Narrativas. Autoria indígena. Valorização cultural

10.5. UM FUTURO ANCESTRAL NO CONTO "O CAÇADOR E O CURUPIRA: RECONTO DO POVO MACUXI", DE TRUDRÚA DORRICO

Lilliân Alves Borges

Ailton Krenak no livro Futuro ancestral afirma "se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui". Essa afirmação é o mote para analisar o conto "O caçado e o curupira: reconto do povo Macuxi", de autoria de Trudruá Dorrico, que consta na antologia Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena, antologia organizada por Maurício Negro e Trudruá Dorrico. No conto analisado, há a figura de um jovem indígena, que tem a ajuda de um velho indígena para caçar, porém, aquele recebe o aviso de não abrir o Jamaxim com a carne até chegar em sua comunidade. Porém, o jovem descumpre a promessa, estraga a carne, além de retornar à floresta para caçar por diversão com os amigos. O conto demostra a voz da ancestralidade e seu respeito pela natureza, pois não há para os povos indígenas: o eu a natureza, é tudo uno, homem e natureza, conforme afirma Márcia Kambeba em entrevista: "A terra tem um significado importante para nós indígenas. Ali estão plantadas árvores e as árvores têm espírito para nós. Tudo está interligado". Essa cosmovisão é diferente da elaborada pelo povo branco, o qual vê a natureza somente como recurso, como meio para alcançar um fim, destruindo, assim, tudo ao seu redor. Compreende-se, portanto, que o conto de Dorrico possibilita a leitura da cosmovisão do povo Macuxi, além de permite que os não-indígenas reavaliem o conceito de humanidade, o uso dos recursos naturais e também a importância de lermos e compreendermos as vozes indígenas para que haja um futuro, ou melhor, um presente ancestral.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. "O caçador e o curupira". Futuro ancestral. Literatura indígena. Trudruá Dorrico

10.6. "O FEITIÇO": MEMÓRIAS, ENCANTARIAS E MAGIAS NA NARRATIVA DE TRUDRUÁ DORRICO

João Pedro da Silva Antelo
Marisa Martins Gama-Kha

A escritora Trudruá/Julie Dorrico, em seu livro Eu sou macuxi e outras histórias, nos apresenta um mosaico de gêneros literários, indo da prosa ao poema, e muitas vezes, entrelaçando os dois, a prosa poética resvala pelas páginas. Em todos esses textos, os gestos de memória são manifestados de forma plena, desencadeando cenas retiradas de um passado macuxês, especialmente aquelas em que a narradora se situa na posição mágica de ser ouvinte de histórias contadas pela sua bisavó, como é o caso de "O feitiço". A narradora parece imergir no mundo encantado e cheio de mistério das histórias e depois emergir, trazendo ao leitor a ambientação de um mundo passado repleto sentidos. Em "O feitiço", a protagonista enfeitiçada é a avó da narradora, a filha da bisavó. O enredo mistura a sonoridade poética e a tragédia de uma história que culmina com a morte da protagonista. Para praticar o feitiço, o antagonista desdobra seu ser em outros seres, por práticas metamórficas e animistas, ingerando-se em onça. O animismo aparece não só na prática da feitiçaria, mas como experiência cotidiana entre os seres que habitam a mata, enfeixando um coletivo formado por gente-peixe, gente-anta, gente-onça, gente-gente, numa cosmogonia na qual tudo se assume como humanidade. Para tratar dos feitiços e encantarias, faremos uso de Reginaldo Prandi, João de Jesus Paes Loureiro, Florêncio Almeida Vaz Filho e Luciana G. de Carvalho. A abordagem do animismo será articulada com base em Eduardo Batalha Viveiros de Castro e Philippe Descola. Os procedimentos metamórficos serão analisados à luz dos estudos de Emanuele Coccia e de Maria Audirene Cordeiro. Sobre a problemática da memória, a nossa base serão os estudos de Jeanne Marie Gagnebin.

Palavras-chave: Animismo. Metamorfose. "O feitiço". Trudruá Dorrico

10.7. SEMENTES DE ESPERANÇA: ECOCRÍTICA, RESISTÊNCIA INDÍGENA E O PROTAGONISMO FEMININO EM *A REVOLUÇÃO DA CATÍ: EM BUSCA DA SEMENTE DA VIDA*

Viviane de Souza Cardaço
Lilliân Alves Borges

Esta pesquisa busca analisar a obra A Revolução da Catí: em busca da semente da vida, de Gleycielli Guató, por meio da ecocrítica, destacando a resistência indígena e o protagonismo feminino. O estudo propõe investigar como a autora utiliza a metáfora da "semente da vida" para representar a conexão entre a preservação ambiental e a continuidade cultural dos povos indígenas. O foco da análise recai sobre a figura de Catí, jovem indígena que se posiciona como líder na luta pela proteção de sua terra, enfatizando o papel da mulher indígena na resistência ambiental, cultural e social. O objetivo principal da pesquisa é compreender como a obra articula questões ecológicas e culturais, utilizando a literatura infantojuvenil para promover uma reflexão crítica sobre os desafios enfrentados pelos povos indígenas. A análise se concentra no simbolismo da "semente da vida" e na construção do protagonismo feminino indígena, demonstrando como esses elementos podem influenciar a conscientização ambiental das crianças e jovens leitores. A fundamentação teórica será pautada pela ecocrítica, com base em autores como Greg Garrard e Ailton Krenak, que discutem a relação entre literatura e ecologia no Brasil. Também serão utilizados os trabalhos de Eliane Potiguara e Graça Graúna, que abordam a resistência indígena e o papel da mulher nas narrativas de luta. A pesquisa se propõe, assim, a refletir sobre como a literatura pode ser um veículo para a transformação social, cultural e ambiental, ressaltando a importância da voz indígena e feminina na atualidade.

Palavras-chave: Ecocrítica. Resistência Indígena. Protagonismo Feminino. Literatura Infantojuvenil

10.8. PONTOS DE VISTA PARA A CULTURA INDÍGENA A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL

Lílian Carine Madureira Vieira da Silva
Marília Forgearini Nunes

Este trabalho se propõe a refletir sobre o protagonismo indígena no campo da literatura infantil. Tendo em vista a Lei 11.645/08 e a seleção de livros para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático, no que diz respeito ao objeto literário incluído neste Programa desde 2017, selecionamos um livro que faz parte do acervo 2023, voltado a leitores dos anos iniciais do Ensino Fundamental e outra obra que também aborda a temática indígena buscando compará-las observando como a temática e protagonismo da cultura indígena se mostra e pode oferecer leituras diversas merecendo atenção de mediadores de leitura para realizar escolhas qualificadas tanto em termos de abordagem da temática quanto no que diz respeito à linguagem literária no sentido de que a intenção primeira da leitura é o letramento literário. Os livros selecionados serão apresentados e analisados a partir do conceito de literatura infantil, observando a relação verbo-visual com atenção à qualidade narrativa e discursiva. Observa-se que a intencionalidade de uma leitura estética e sensível prevalece em uma das obras e que a abordagem da cultura indígena precisa de atenção para que estereótipos preconceituosos não sejam reforçados a partir de um texto que assume o viés ficcional, mas também apresenta pontos de vista relacionados à realidade.

Palavras-chave: Literatura indígena. PNLD literário. Leitura.Anos Iniciais

10.9. NARRATIVAS INDÍGENAS PARA UMA EDUCAÇÃO DECOLONIAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Gabriela Soares de Faria Lourenço
Lilliân Alves Borges

Este trabalho possui como objetivo apresentar um relato de experiência realizado com alunos do Ensino Fundamental I e II, especificamente, no 4º , 5º, 7º e 8º anos. A atividade foi desenvolvida durante o período do Abril Indígena; a curadoria dos livros foi feita pela própria professora de leitura, já que apesar da exigência de se cumprir a lei 11645/2008, não há nenhum apoio da escola na aquisição de livros que tratem das temáticas dos povos indígenas a partir de uma visão decolonial. Os livros escolhidos para a prática de leitura foram: Vozes ancestrais e As serpentes que roubaram a noite e outros mitos, ambos de Daniel Munduruku e Aventuras do menino Kawã de Elias Yaguakãg. A leitura foi feita em voz alta pela professora com os alunos em roda. Após a leitura, incentivou-se a discussão em sala de aula, conforme preconiza Rildo Cosson em Círculos de leitura e letramento literário: “discutir em sala de aula implica que os alunos falem uns para os outros, que exponham a sua posição sobre o assunto e ouçam a posição do outro, que interajam entre si e com o professor”. Essa atividade abriu espaço para os alunos pensarem a relação entre homens e natureza, a familiaridade com narrativas escritas por autores indígenas, além de demonstrar as cosmovisões dos povos ancestrais. A partir desse trabalho, observamos a relevância de trabalhar a literatura indígena em todos as oportunidades que permitam aos alunos experiências de leitura que os capacitem para uma releitura do mundo.

Palavras-chave: Literatura indígena brasileira contemporânea. Ensino de literatura. Letramento literário. Vozes ancestrais. Literatura infantojuvenil

10.10. OS SERES DA FLORESTA: A DESCONSTRUÇÃO DO SACI NA EDUCAÇÃO INFANTIL À LUZ DA LITERATURA DE AUTORIA INDÍGENA

Patrícia Pimentel Marques Cêsca

Após dezesseis anos da implementação da Lei n.º 11645/08, ainda há muitos desafios na abordagem da cultura indígena, sobretudo nos espaços escolares. Observa-se que muitas escolas da cidade do Rio de Janeiro, ainda abordam a temática indígena sob o olhar do não nativo, ocasionando, às vezes, uma visão estereotipada dos seres da floresta, situação muito comum, principalmente, na Educação Infantil e Ensino Fundamental - anos iniciais, etapas da Educação Básica, a qual algumas instituições ainda utilizam as datas comemorativas para celebrar tradições, por exemplo, o dia 22 de agosto, data destinada ao Folclore Brasileiro, em que aulas e projetos são, a partir de uma perspectiva colonial, baseados em personagens importantes para os povos originários, os quais são rotulados como fantasiosos e vulgarizados. Diante do exposto, este artigo tem por objetivo refletir como o ser da floresta, mais conhecido como saci, é retratado no espaço escolar. Para isso, será feito um paralelo com a cosmovisão indígena, utilizando autores das etnias Guarani e Kambeba. Para essas reflexões, este artigo usará como metodologia uma revisão bibliográfica, a partir de um estudo comparativo entre os conteúdos didáticos, utilizados no cotidiano escolar, e as fontes literárias indígenas. Para tanto, serão utilizadas as concepções teóricas, a respeito da literatura de autoria indígena, de Trudruá Dorrico (2018), de Graça Graúna (2013), de Márcia Kambeba (2021), dentre outros; referente à perspectiva decolonial, os estudos de Nilma Lina Gomes (2012), além da lei n.º 11645/08.

Palavras-chave: Seres da floresta. Literatura de autoria indígena. Datas comemorativas. Educação Básica

10.11. ENCENAÇÕES MÍTICAS DOS POVOS TAÍNOS DE BORIKÉN NA LITERATURA INFANTIL

Tamira Fernandes Pimenta
Marisa Martins Gama-Khalil

Na contemporaneidade as obras circunscritas para crianças sobre os povos originários são de suma importância, principalmente por preservarem a identidade cultural e as tradições orais para as novas gerações. Desse modo, emergindo como ponto de partida selecionamos o mito do Coquí advindo dos povos Taínos de Porto Rico, que possuem uma ampla mitologia caracterizada por entidades sobrenaturais, as quais abarcam o sagrado em todos os aspectos da vida. Segundo o mito, um jovem taíno chamado Koki se apaixonou pela lua e ao ver o seu reflexo na água tenta tocá-la e se afoga. Ao pedir ajuda nesse momento de aflição ao deus Yukiyú ele então se metamorfoseia em um pequeno sapo que canta todas as noites “Coquí! Coquí! Estoy aqui” de forma doce, admirando a sua amada. A incorporação da cultura e dos saberes originários na infância se apresentam como uma minudência própria e singular do público infantil borícua, que cresce ouvindo uma diversidade de mitos sendo o do cóqui, um dos maiores símbolos de encantaria da cultura Taína, símbolo nacional e cultural presente em distintas expressões artísticas. Com isso, traremos reflexões acerca das encantarias, a metamorfose e o mito em representações que são propostas para o público infantil em Porto Rico. Portanto, será acionada em nossa análise a modalidade fantástica da noção de encantaria proposta por Marisa Martins Gama-Khalil e João de Jesus Paes Loureiro.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Coquí. Encenações míticas

10.12. MEMÓRIA INDÍGENA: ESTRATÉGIAS DE LETRAMENTO PARA A SALA DE AULA

Eliane Jose Vieira
Millena Vansim Santana
Lilliân Alves Borges
Vitória Eduarda Lima de Souza

O presente trabalho propõe o diálogo entre letramento e memória indígena na Literatura Infantojuvenil, destacando como os mitos e histórias tradicionais contribuem para a formação da identidade cultural e a valorização das sabedorias dos povos originários. O conto "Wató, a Pedra do Fogo" aborda temas como ancestralidade e a conexão espiritual com a natureza, destacando o fogo como representação de um elemento sagrado. O letramento será trabalhado a partir do paralelo entre a sociedade capitalista do século XXI, que explora a natureza em busca de crescimento econômico. Em contrapartida, o povo Taurepang, que mesmo fazendo o uso do fogo, ainda o considera como um elemento sagrado, prevalecendo o respeito, onde cada um possui valor e propósito. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com metodologia baseada na análise aprofundada do conto através da lente de Cristino Wapichana. Sendo assim, este estudo tem como objetivo apresentar a forma como a obra aborda e prioriza diferentes pontos em seu desenvolvimento. A história oferece uma oportunidade para ensinar não apenas competências linguísticas, mas também para incentivar os alunos do ensino básico a obter uma visão crítica e reflexiva sobre a importância da memória cultural. A obra convida a repensar a conexão do ser humano com a terra e valorizar os modos de vida sustentáveis, ao mesmo tempo que celebra a riqueza das tradições indígenas, frequentemente marginalizadas no currículo escolar.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. memória indígena. letramento. identidade cultura. sustentabilidade

10.13. *O SEGREDO DA CHUVA* (2003): SABERES ANCESTRAIS PARA SUSPENDER O CÉU E ADIAR O FIM DA NATUREZA

Thalita Carvalho de Lima
Cristiane Madanêlo de Oliveira

Frente às necessárias relações estabelecidas entre seres humanos e natureza e diante das incertezas quanto ao futuro, vozes de escritores indígenas, como Daniel Munduruku, oferecem perspectivas perante um mundo em constante desencantamento. Nessa linha, este trabalho visa a investigar em O segredo da chuva (2003) as configurações dos saberes dos povos originários na relação seres humanos-natureza. Comumente encontrada nas histórias de literatura infantil, as personagens crianças aparecem para suscitar o caráter de exemplaridade da narrativa e os escritores indígenas buscam, por meio dessa estratégia, mostrar para leitores não-indígenas suas maneiras de ver o mundo. Na obra em exame, acompanhamos a jornada do menino Lua, em busca do Espírito da Chuva, para salvar sua aldeia e a floresta dos perigos do aquecimento desenfreado. Com base no princípio da coletividade, humanos e animais partilham saberes ancestrais para salvar a natureza, de que se entendem parte. A obra torna-se, assim, um legado em peles de papel (como nos ensinou Kopenawa) para as gerações futuras. Em diálogo com o pensamento de Krenak (2019), Kopenawa (2015) e do próprio Munduruku (2012), analisaremos a configuração de dois caminhos tradicionais de partilha desses saberes ancestrais no livro: a tradição oral e o sonho. A literatura infantil indígena torna-se, então, um terreno para construção de outra possibilidade de imaginário para além do estabelecido pela lógica capitalista, incentivando uma perspectiva diferente de ser e estar no mundo.

Palavras-chave: Daniel Munduruku. relação seres humanos e natureza. saberes ancestrais indígenas

10.14. A TRANSFORMAÇÃO PELO SONHO: A INICIAÇÃO DE PAJÉ NO CONTO "O MENINO QUE NÃO SABIA SONHAR", DE DANIEL MUNDURUKU

Roseane Serrão dos Santos
Zair Henrique Santos

A produção de Literatura de autoria indígena inicia no Brasil em 1980, com o livro Antes o mundo não existia, dos desanas Umusi Parõkumu e Tõramu Kehíri. Seguido a isto, os intelectuais originários participantes do movimento indígena, entre eles: Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Eliane Potiguara, Ely Macuxi, Graça Graúna, Kaká Werá e Olívio Jecupé também começam a publicar, por editoras ou de maneira independente, as suas escritas. Já a literatura destinada ao público infantil ganha espaço no mercado editorial somente a partir dos anos 90. A obra que inaugura este segmento é Histórias de Índio, de Daniel Munduruku, ilustrado por Laurabeatriz, publicada em 1996 pela editora Companhia das Letrinhas. Foi um marco no campo editorial destinado às infâncias, tanto que, após este feito, Daniel Munduruku une-se a outros indígenas, iniciando um processo de demarcação e afirmação no território literário. Para este resumo, escolhemos o conto inicial da obra: O menino que não sabia sonhar. Nele, conhecemos Kaxi, um curumim que nascera como "o escolhido", seria educado "na arte da pajelança, na tradição de seu povo, na religião" pelo padrinho: o pajé Karu Bempô. Kaxi aprenderia "a falar com os espíritos dos antepassados, a conduzir seu povo na sabedoria, retidão e justiça, assim como o próprio pajé fazia havia anos". Objetivando analisar o processo de iniciação de Kaxi na pajelança, à luz de Carvalho e Vaz Filho (2023), que afirmam que "só os pajés, e não os padres ou pastores, é que podem trazer a paz entre humanos e encantados".

Palavras-chave: Literatura indígena. Encantados. Pajé. Pajelança. Iniciação

SIMPÓSIO 11

Literatura infantil e juvenil de autoria feminina: reflexões sobre a contemporaneidade e a formação do leitor

Coordenador(es): Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira (Unesp - Campus de Assis-SP) e Rosa Maria Cuba Riche (CAp/UERJ)

SESSÕES

Primeira Sessão: 30 de maio - 8h às 9h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
8h	Raissa Nunes Pinto Maria Madalena Dutra Prado	AS VOZES ESQUECIDAS: MULHERES ESCRITORAS E A CONSTRUÇÃO DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA
8h15	Aila do Carmo SantAnna Vitória Carolina Reis da Silva Gabriella Marinho da Silva Regina Michelli	A DONZELA GUERREIRA: VOZES FEMININAS NA LITERATURA INFANTIL/JUVENIL ONTEM E HOJE
8h30	Thayane Gaspar Jorge	O CORPO-MÁTRIA DA GALÍCIA: NACIONALISMO E LITERATURA INFANTIL E JUVENIL GALEGA
8h45	Francisco Sidney da Silva Ferreira Márcia Cabral da Silva	A TERNURA DE GABRIELA MISTRAL: SENSIBILIDADE E MEDIAÇÃO LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR INFANTIL
9h15	Debate	

Segunda Sessão: 30 de maio - 11h às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
11h	Tatiane Rodrigues Lopes dos Santos Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira	A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS NA OBRA EMILY DE LUA NOVA, DE LUCY MAUD MONTGOMERY
11h15	Pedro Afonso Barth	MEMÓRIA E IDENTIDADE NA LITERATURA JUVENIL DE AUTORAS NEGRAS BRASILEIRAS: O PROTAGONISMO NECESSÁRIO
11h30	Claudia S. Rosa Marapodi Regina Michelli	AS PRINCESAS E O PROTAGONISMO FEMININO EM BASILE, O CONTO DOS CONTOS, E ANA MARIA MACHADO, UMA, DUAS, TRÊS PRINCESAS
11h45	Aline Barbosa de Almeida Cechinel Renata Junqueira de Souza	A CONSTRUÇÃO DO HUMOR EM UM NÓ NA CABEÇA, DE ROSA AMANDA STRAUSZ
12h	Debate	

Terceira Sessão: 30 de maio - 13h30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Laís dos Santos Lima Angelica de Oliveira Castilho Pereira	ERA UMA VEZ CLARICE PARA CRIANÇAS
13h45	Deisily de Quadros Danielle Fracaro da Cruz	A MOÇA TECELÃ: A ESCRITA FEMININA E A FORMAÇÃO DO LEITOR
14h	Adriana Gonzaga Lima Corral	MUDANÇAS NO GALINHEIRO MUDAM AS COISAS POR INTEIRO: O HUMOR COMO CONSTRUCTO DA LIVRE EXPRESSÃO E FORMAÇÃO CRÍTICA NA OBRA INFANTIL DE SYLVIA ORTHOF
14h15	Rosa Maria Cuba Riche	LITERATURA INFANTIL E JUVENIL CONTEMPORÂNEA DE AUTORIA FEMININA: UM ESTUDO DE CASO
14h30	Emanuelle da Silva Evangelista	O CLUBE DE LEITURA: A VEZ E A VOZ DAS MULHERES NEGRAS E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE
14h45	Debate	

RESUMOS

11.1. AS VOZES ESQUECIDAS: MULHERES ESCRITORAS E A CONSTRUÇÃO DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

Raissa Nunes Pinto
Maria Madalena Dutra Prado

O final do século XIX e início do século XX marcaram um período de profundas transformações no Brasil. A abolição da escravatura e a proclamação da República impulsionaram a busca por uma identidade nacional, que se manifestou em diversas esferas, incluindo a literatura. Neste contexto, as mulheres desempenharam um papel fundamental na construção da literatura infantil brasileira. Autora como Presciliana Duarte de Almeida, por exemplo, engajou-se em movimentos abolicionistas e, posteriormente, dedicou-se à escrita para crianças, contribuindo para a formação de uma identidade nacional por meio da literatura. A necessidade de uma literatura infantil que refletisse a realidade brasileira e os valores nacionais impulsionou a criação de obras que valorizavam o folclore, a cultura popular e a vida cotidiana do país. Essas obras, escritas por mulheres como Gabriela Jesus Ferreira França, Maria Dulce, Adelina Lopes e Julia Lopes de Almeida, entre outras, buscavam formar leitores críticos e conscientes de sua identidade cultural. É importante ressaltar que, apesar de suas importantes contribuições, muitas dessas mulheres foram apagadas da história da literatura infantil brasileira. A pesquisa será realizada a partir de uma revisão bibliográfica de estudos sobre literatura infantil brasileira, com foco nas obras de autoras do período pré-lobatiano. Serão analisadas as características formais e temáticas das obras, bem como o contexto histórico em que foram produzidas. Este trabalho tem como objetivo geral resgatar a memória dessas pioneiras e destacar a relevância de suas obras para a formação da literatura infantil no Brasil.

Palavras-chave: História da literatura infantil brasileira. Mulheres escritoras. História da Educação. Século XIX e século XX

11.2. A DONZELA GUERREIRA: VOZES FEMININAS NA LITERATURA INFANTIL/JUVENIL ONTEM E HOJE

Aila do Carmo SantAnna
Vitória Carolina Reis da Silva
Gabriella Marinho da Silva
Regina Michelli

Ao longo do tempo e do espaço, atravessando diferentes civilizações, emerge o mito da donzela guerreira. Precisando evidenciar uma aparência masculina, cortando seus cabelos, apertando os seios, escondendo sua silhueta feminina em uma armadura, a donzela guerreira confirma, em certo sentido, a manutenção e a transgressão às exigências patriarcais: geralmente órfã de mãe, a motivação para ir à guerra sustenta-se na ligação com o pai. A proposta deste trabalho é investigar o mito da donzela guerreira em narrativas literárias escritas por mulheres na Literatura Infantil/Juvenil e as modificações que sofre na atualidade. Recuamos ao século XVI e encontramos“Bela Bela ou o Cavaleiro Afortunado”, publicada por Madame d’ Aulnoy, representante do preciosismo francês. Na literatura infantil brasileira, a pesquisa focaliza o reconto “A donzela Guerreira” (2010), de Ana Maria Machado, as narrativas “A Lenda da Moça Guerreira” (1986), de Ruth Rocha, “Entre a Espada e a Rosa” (1992), de Marina Colasanti, finalizando o percurso da heroína guerreira com “As lendas de Dandara”(2015), de Jarid Arraes. A pesquisa sobre a importância das preciosas na corte francesa de Luís XIV se apoia em Marina Warner (1999) e Jean Dejean, 2023); sobre o mito da donzela guerreira e sua evolução, em Walnice (Galvão, 1998, 2002). O heroísmo feminino será focalizado com base em Maria Tatar (2022). Alem disso, uma análise sob o olhar da teoria queermostra-se essencial, visto que essas obras possuem elementos característicos da performatividade de gênero, utilizando como base teorica Judith Butler (1990) e Susan Stryker (2008).

Palavras-chave: Mito da Donzela Guerreira. Preciosismo francês. Escritoras brasileiras contemporâneas. Performatividadede Gênero

11.3. O CORPO-MÁTRIA DA GALÍCIA: NACIONALISMO E LITERATURA INFANTIL E JUVENIL GALEGA

Thayane Gaspar Jorge

Em O imaginário (1996) Sartre dá voltas à ideia de que toda imagem contém uma intenção e que, portanto, está no centro de operações e negociações complexas. Este trabalho visa investigar uma imagem frequente na literatura galega contemporânea: a da mulher anciã como metáfora da própria terra galega. A mulher anciã na literatura galega está circunscrita num jogo de poder que remonta as metáforas sexuais das terras colonizadas, as quais, segundo Begoña Aretxaga (1996),s ão inerentes ao discurso colonial e que denuncia a situação de colônia interior que assola Galícia desde o fim do século XV. Esta articulação entre corpo, mátria e nacionalismo fica bastante evidente quando, no século XX, auge destes episódios de consciência nacional, Galícia toma como empréstimo a figura yeatsiana, Catlheen ni Houlihan, uma figura sobrenatural que encarna a própria Irlanda. Este texto terá uma releitura galeguizada e galeguista no conto A velliña vella (1925), escrito por Vicente Risco, que também a torna uma alegoria nacional. A partir dos conceitos oriundos da imagologia, buscamos revisitar a origem desta imagem para cotejá-la com as novas imagens feminizadas criadas a partir dela em livros infantis e juvenis de autoria feminina. Para podermos examinar o discurso nacionalista galego por meio das lentes dos estudos feministas e decoloniais, segundo os trabalhos de Helena Miguélez-Carballeira e Helena Fernández. Este trabalho se centrará nos livros Dona Galicia (1979) de Kristina Berg.

Palavras-chave: Galícia. Literatura Infantil e Juvenil. Imagem. Feminização

11.4. *A TERNURA* DE GABRIELA MISTRAL: SENSIBILIDADE E MEDIAÇÃO LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR INFANTIL

Francisco Sidney da Silva Ferreira
Márcia Cabral da Silva

A obra Ternura, publicada em 1924 no Chile e traduzida para o português em 1926 pela Editora Kosmos, foi amplamente reconhecida por sua sensibilidade e profundidade emocional. Composta por 27 poemas, a obra aborda temas universais como a maternidade, o afeto e a proteção, e consolidou Gabriela Mistral como a primeira mulher a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura em 1945. Seu trabalho é considerado pioneiro na literatura feminina, especialmente ao tratar de temas ligados à infância e ao papel da mulher na sociedade. Embora não voltada exclusivamente ao público infantil, Ternura oferece uma rica reflexão sobre a formação emocional dos leitores, sendo relevante no contexto da educação infantil. Seus poemas, com uma linguagem simples e emocional, são fundamentais para o desenvolvimento da empatia e do caráter das crianças, especialmente no processo de alfabetização. A obra de Mistral pode ser uma poderosa ferramenta na mediação literária, ajudando as crianças a se conectarem emocionalmente com a literatura e a refletirem sobre suas próprias emoções. Poemas como “La mamá”, “El llanto” e “La flor del aire” sensibilizam os pequenos leitores, promovendo a formação afetiva e cognitiva. Como destaca Márcia Cabral da Silva, “a mediação literária é essencial para a formação de leitores que não apenas decodificam palavras, mas se conectam emocionalmente com o texto” (SILVA, 2019). De acordo com Chartier (1998), a leitura é uma prática social moldada por influências externas, reforçando o papel da mediação no processo de compreensão e interpretação do texto.

Palavras-chave: Formação do Leitor. Emoções e Afetos. Literatura Infantil

11.5. A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS NA OBRA *EMILY DE LUA NOVA*, DE LUCY MAUD MONTGOMERY

Tatiane Rodrigues Lopes dos Santos
Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira

Este trabalho tem por objetivo, a partir dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção e do Efeito (Jauss, 1994; Iser, 1996 e 1999) e da Crítica Feminista (Showalter, 1994; Zolin, 2005), apresentar uma análise das personagens femininas no romance Emily de Lua Nova (2022), de Lucy Maud Montgomery. Como na contemporaneidade, a experiência de leitura em âmbito escolar, enquanto processo que assegura a formação do leitor crítico ou estético, tem-se revelado um desafio (Failla, 2020), pretende-se analisar se a narrativa, e suas personagens feministas, têm potencialidades para cativar e formar o jovem leitor. Acredita-se que a obra de Montgomery possui função social, conforme acepção de Hans Robert Jauss (1994), pois permite ao leitor, muitas vezes habituado a uma produção cultural em massa, que visa ao escapismo, ampliar seus horizontes de expectativa (Iser, 1999), inclusive sobre a produção literária juvenil e o histórico silenciamento (Showalter, 1994) do discurso feminino. Justifica-se a eleição desse romance, pois possui vitalidade, valor estético, explora um rico imaginário em sua narrativa e suscita reflexões críticas sobre as relações humanas em sociedade e literatura. Além disso, justifica-se sua eleição em razão da autoria feminina, das personagens femininas subversivas e da abordagem de temas relacionados à identidade, autodescoberta e ao pertencimento da mulher na sociedade do século XIX.

Palavras-chave: Literatura juvenil de autoria feminina. Estética da Recepção e do Efeito. Crítica Feminista. Emily de Lua Nova

11.6. MEMÓRIA E IDENTIDADE NA LITERATURA JUVENIL DE AUTORAS NEGRAS BRASILEIRAS: O PROTAGONISMO NECESSÁRIO

Pedro Afonso Barth

Este estudo investiga a produção literária de autoras negras na literatura juvenil brasileira, traçando um panorama por meio da análise comparativa de três obras: A cor da ternura (2018), de Geni Guimarães, originalmente publicada em 1989; Os nove pentes d'África (2009), de Cidinha Silva; e O mistério da sala secreta (2021), de Lavínia Rocha. Apesar de produzidas em diferentes períodos, essas narrativas apresentam protagonistas femininas negras em fase de pré-adolescência, retratando jornadas de autoconhecimento e reconstrução identitária. As três obras permitem observar como a escrita feminina constrói protagonistas negras ao longo de três décadas de produção literária. Com base nos aportes teóricos de Halbwachs (2006), Jelin (2002), Candau (2012), Debus (2018), Zolin (2005) e Spivak (2010), analisaram-se as formas como essas narrativas abordam questões de racismo, identidade e ancestralidade, conectadas a uma memória coletiva e à representação feminina. Em A cor da ternura, a memória ativa lembranças que levam a protagonista à compreensão de sua identidade negra e de sua feminilidade. Em Os nove pentes d'África, a ancestralidade é simbolizada pelos pentes esculpidos por um avô para os netos, trazendo à tona a história familiar. Já em O mistério da sala secreta, a jornada de Júlia para salvar sua escola envolve a exploração de memórias que ajudam na construção de sua identidade. A análise revela que a memória coletiva é um eixo central nessas narrativas, configurando um relevante panorama de representações identitárias para leitores juvenis.

Palavras-chave: Literatura juvenil. Mulheres negras. Memória coletiva. Identidade. Autoria feminina

11.7. AS PRINCESAS E O PROTAGONISMO FEMININO EM BASILE, *O CONTO DOS CONTO*S, E ANA MARIA MACHADO, *UMA, DUAS, TRÊS PRINCESAS*

Claudia S. Rosa Marapodi
Regina Michelli

A proposta deste trabalho é analisar como as personagens femininas são descritas em duas obras produzidas em tempos muito distantes. A primeira obra da pesquisa foi escrita por Giambattista Basile (1566/1575 – 1632), Lo cunto de li cunti (O conto dos contos), em tradução para o português de Francisco Degani (2018), e reúne contos da tradição oral, organizados em cinco jornadas, sendo cada uma delas com dez contos, totalizando cinquenta histórias, todas emolduradas por uma narrativa principal, cuja protagonista é a princesa Zoza. Basile apresenta suas personagens, desde as contadoras de histórias até as protagonistas – mesmo sendo subjugadas ou injustiçadas nas histórias –, com personalidades fortes, capazes de revertem seus destinos nas narrativas, demonstrando coragem e perseverança. A segunda narrativa é Uma, duas, três princesas, de Ana Maria Machado (1941-), premiada escritora brasileira contemporânea, ilustrada por Luigi Guarnieri. O enredo apresenta três irmãs, filhas de rei e rainha, cada qual com uma habilidade específica, que deixam o tradicional movimento de espera e colocam-se como protagonistas na jornada. A análise comparativa focaliza, especialmente, a configuração da princesa como heroína que tem voz, astúcia, luta por seus direitos e denuncia as injustiças sofridas, abdicando do papel de ser sombra do herói. Como fundamentação teórica, o trabalho se apoia em Maria Tatar, A heroína de 1001 faces (2022); Rita Mira Correia, O arquétipo da princesa na construção social da feminilidade (2010); Maria Cristina Martins, (Re)Escrituras: gênero e o revisionismo contemporâneo dos contos de fadas (2015) e Beatriz Feres, Discurso amoroso na literatura infantil (2023).

Palavras-chave: Protagonismo feminino. Heroína. Princesa. Giambattista Basile. Ana Maria Machado

11.8. A CONSTRUÇÃO DO HUMOR EM *UM NÓ NA CABEÇA*, DE ROSA AMANDA STRAUSZ

Aline Barbosa de Almeida Cechinel
Renata Junqueira de Souza

"Nem todos os carneiros são criaturas fofinhas, feitos com lã macia. Há aqueles bem rabugentos, feitos com lã áspera e 'piniquenta'". Com essa premissa da sinopse da obra Um nó na cabeça, de Rosa Amanda Strausz, é válido mencionar que nem toda escrita, dedilhada por mulheres, fala de histórias boazinhas. Há aquelas que são bem ásperas, viscerais e afiadas na crítica. Um nó na cabeça, obra publicada em 2011, entra nessa atmosfera a partir da infância, uma vez que o enredo é encadeado com sagacidade e nos entrega a história do carneiro Tico, personagem que não consegue realizar a sua única tarefa: colocar as pessoas para adormecerem. Ao conhecer Quim, Tico se enreda em um novo fio narrativo, já que o astuto carneiro é interpelado a curar a insônia do garoto. Nesse transitar de uma temática delicada, Strausz se apropria do humor como uma categoria que denuncia e nos faz pensar nas ações contraditórias do ser humano. Lobo (1997) pontua que o humor pode ser lido como um espírito crítico vestido com outras roupagens, não muito convencionais, contudo, eficazes na sutileza de dizer verdades. Dito isso, o objetivo do trabalho visa analisar a construção do humor no texto de Strausz em diálogo com as ilustrações de Laurent Cardon na obra Um nó na cabeça. Para tanto, a fundamentação teórica pauta-se em estudiosos como Walker (1988), Freud (1974), Branco (1991), Tavares (2020) entre outros que abarcam a subjetividade da troika escrita, imagem e humor.

Palavras-chave: Escrita feminina. Humor. Crítica. Literatura Infantil

11.9. ERA UMA VEZ CLARICE PARA CRIANÇAS

Laís dos Santos Lima
Angelica de Oliveira Castilho Pereira

A produção de Clarice Lispector voltada para o leitor criança traz em seu espaço de escrita o cruzamento entre o ficcional e o real, pondo em evidência uma outra forma de construção literária que passa pela sensibilidade em lidar com episódios cotidianos do universo infantil sem minimizar as reflexões e os impactos que estes possuem na formação dos indivíduos e, ao mesmo tempo, na de leitores. Elementos como o trágico coexistindo com cômico, o uso marcante de metalinguagem e metanarrativa, a própria Clarice ficcionalizada nos fazendo pensar sobre os limites entre o escritor, o narrador e o personagem, as figuras de animais ressignificadas que adquirem dimensões e contornos humanos – não em um processo de antropomorfização, mas no reconhecimento de qualquer ser vivo como um outro, sedimentando o olhar de alteridade encontrado em toda obra da autora – são pontos que se objetiva dar visibilidade nesse trabalho por meio de leitura e análise da obra A vida íntima de Laura e em diálogo com teóricos como Brandão (1990) problematizando trágico e cômico, Castilho (2006) discutindo narrativa e tragicidade na modernidade, Coelho (1993) tratando existencialismo, Gama-Khalil, Borges, Oliveira-Iguma (2022) conceituando temas fraturantes, Gotlib (1995) escrevendo sobre a biografia da autora, Klôh (2009) e Manzo (2001) apresentando autoficção e ficção, Nunes (1989), Pontieri (2001) e Sá (1993) tecendo considerações sobre a construção da escrita clariceana.

Palavras-chave: Literatura infantil. Clarice Lispector. Construção da escrita

11.10. A MOÇA TECELÃ: A ESCRITA FEMININA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

Deisily de Quadros
Danielle Fracaro da Cruz

Após longo silenciamento de autoras mulheres, estudos sobre a escrita feminina se fazem importantes porque é uma forma de dar voz a quem calaram por tanto tempo. Dessa forma, pretendemos discutir nesta comunicação a importância de obras escritas por mulheres estarem presentes na formação

de leitores de todas as idades a partir da narrativa de Marina Colasanti: “A moça tecelã”. Esse conto compõe a obra “Doze reis e a moça labirinto do vento”, publicada em 1983, e possibilita quebras de paradigmas sobre o casamento, a relação homem e mulher, pautas da discursividade masculina e a hegemonia de cânones escritos por homens. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de cunho qualitativo, e é pautada em autores como Showalter (2016), Ramalho (1999), Zinani (2013), Esser (2014), que dão corpo à fundamentação teórica do estudo. Com essa pesquisa, pretende-se discutir a importância da literatura de autoria feminina e de incluir obras de mulheres na formação de leitores, de modo a possibilitar o contato do leitor com visões de mundo que muitas vezes foram marginalizadas ou invisibilizadas na história literária tradicional. Acreditamos que a literatura escrita por mulheres possibilita a desconstrução de preconceitos de gênero e a discussão de como o sexismo e os estereótipos impactam a sociedade, promovendo uma educação mais crítica e igualitária por meio da literatura.

Palavras-chave: Escrita feminina. Colasanti. A moça tecelã. Gênero

11.11. *MUDANÇAS NO GALINHEIRO MUDAM AS COISAS POR INTEIRO*: O HUMOR COMO CONSTRUCTO DA LIVRE EXPRESSÃO E FORMAÇÃO CRÍTICA NA OBRA INFANTIL DE SYLVIA ORTHOF

Adriana Gonzaga Lima Corral

Este texto objetiva, a partir dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção e do Efeito (JAUS, 1994; ISER, 1996, 1999), refletir sobre as potencialidades do livro ilustrado infantil Mudanças no galinheiro mudam as coisas por inteiro (2012), com texto de Sylvia Orthof (1932-1997). Almeja-se verificar como se efetiva na obra a interação entre texto verbal e imagético (VAN DER LINDEN, 2018). Constrói-se a hipótese de que a obra estabelece, pela afluência dos vazios, comunicabilidade com o leitor, conferindo-lhe, pela interação, prazer na leitura. Para Iser (1999), o prazer na leitura advém da produtividade do leitor que se utiliza de sua imaginação diante da afluência de vazios na estrutura textual para obter a interpretação. Desse modo, busca-se, na análise, compreender como se estrutura na narrativa a linguagem literária em relação com a linguagem imagética e quais são seus efeitos de sentido (ISER, 1996, 1999). Na análise da obra de Orthof (2012), busca-se detectar como se efetiva a sua estrutura de comunicação e se esta desperta o senso crítico no leitor. Além disso, pretende-se observar se suas ilustrações possuem pregnância estética (OLIVEIRA, 2008), para ampliar o imaginário do leitor infantil, constituir sua memória afetiva e desautomatizar seu olhar em relação à imagem. Justifica-se a eleição dessa obra como objeto de estudo, pois pode oportunizar às crianças leitoras a interação com o universo da literatura em sua dimensão crítica, transgressora, criativa e libertadora, sofisticando seu processo de humanização (CANDIDO, 1995).

Palavras-chave: Estética da Recepção. Formação leitora crítica. Ilustração

11.12. LITERATURA INFANTIL E JUVENIL CONTEMPORÂNEA DE AUTORIA FEMININA: UM ESTUDO DE CASO

Rosa Maria Cuba Riche

Há muito o fenômeno da literatura infantil e juvenil vem sendo analisado por pesquisadores de diferentes áreas (COLOMER, 2017). Dentre eles há os que se dedicam ao estudo da literatura de autoria feminina. Ao tratarmos desse campo de estudos, uma importante discussão se sobressai entre o discurso utilitário, visto como transmissão de valores, e a ideia de arte, qualidade estética indiferente aos rótulos infantil ou juvenil, isto é, uma literatura sem adjetivos (ANDRUETO, 2012). Trata-se aqui de uma escrita que valoriza o trabalho polissêmico da linguagem, capaz de sensibilizar o público leitor a partir da sua subjetividade (PONDÉ, 2018). Este trabalho é um recorte inicial de uma pesquisa que pretende mapear a produção de autoria feminina premiada de 2013 a 2023. Para a consecução deste objetivo, serão analisadas as obras galardoadas com os prêmios da Fundação

Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), da Biblioteca Nacional e da Câmara Brasileira do Livro, o Jabuti, no sentido de mapear temas e questões nelas abordados (IGUMA, 2023). Selecionamos uma pequena amostragem dessa literatura premiada para aprofundar a análise. Trata-se do livro Diário das águas (2023), de Gabriela Romeu, que recebeu o prêmio O Melhor Livro de Poesia, da FNLIJ, em 2024. A autora é jornalista, documentarista, pesquisadora de infâncias e faz parte da novíssima geração de escritoras cujas obras vêm chamando a atenção da crítica especializada, recebendo prêmios e selos das Instituições voltadas para o setor.

Palavras-chave: Produção contemporânea. Autoria feminina. Literatura premiada

11.13. O CLUBE DE LEITURA: "A VEZ E A VOZ DAS MULHERES NEGRAS" E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE

Emanuelle da Silva Evangelista

A literatura é uma forma de expressão humana que, além de acionar a fantasia e satisfazer necessidades subjetivas profundas, estimula a criatividade, a empatia, a reflexão acerca da vida e do outro e pode contribuir para a formação de um cidadão mais crítico e humanizado ao ampliar as possibilidades de experienciar o mundo. A escola, enquanto instituição formadora das novas gerações, tem a função basilar de ensinar a compreender essa linguagem, podendo criar práticas pedagógicas voltadas a fazer da literatura uma experiência significativa. No entanto, essa instituição não tem conseguido, tornar a literatura numa experiência marcante para muitos estudantes, por ventura pelo excesso de didatismo e obrigatoriedade das práticas realizadas na mesma. Obviamente, a formação do leitor literário não acontece apenas na escola, a antecede e perpassa por ela, mas é nesse ambiente onde muitos indivíduos estabelecem o primeiro contato com a experiência literária. Assim, esta pesquisa busca analisar práticas leitoras realizadas com textos da literatura contemporânea de autoria de mulheres baianas, a partir da metodologia dos clubes de leitura, evidenciando possibilidades de contribuir com a experiência literária e com a formação do leitor literário. Para tanto, dialoga-se com Candido (1995), Cosson (2018), Bortolin e Junior (2011), Lima et al. (2022), Scaramussa e Dalvi (2017), Soares e Rocha (2020). A escolha desse objeto de pesquisa se dá tanto pela riqueza da experiência literária proporcionada por esta literatura e o reconhecimento da relevância da mesma para a formação do leitor literário, bem como a possibilidade de desencadear sentimentos de identificação, empatia e pertencimento. Espera-se que o clube de leitura se constitua como um espaço democrático de formação de leitores literários, bem como impulsione a descoberta de escritoras, que talvez os participantes não conseguissem acessar sozinhos, uma vez que muitos não têm contato com um repertório variado de obras fora dos ambientes educativos, nem nos mesmos, onde, geralmente, é priorizado o trabalho com o cânone.

Palavras-chave: Clube de leitura. Formação do leitor literário. Autoria feminina contemporânea

SIMPÓSIO 12

Literatura juvenil de gênero: o *mash-up* entre as narrativas para jovens leitores e as histórias especulativas, sobrenaturais ou de investigação

Coordenador(es): Vanessa Cianconi (UERJ) e Leonardo Nahoum (UFF)

SESSÕES

Primeira Sessão: 28 de maio - 10h30 às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
10h30	Igraínne de Brito Marques Regina Michelli	O MONSTRO EM "A BELA E A FERA": UMA BREVE ANÁLISE DE REESCRITA
10h45	Maria Victória Ruela de Seixas	CORALINE: A ALICE NOS TEMPOS DO PAÍS DO TERROR
11h	Vanessa Cianconi	FANTASMAGORIAS COMO MEMÓRIA EM PLUFT, O FANTASMINHA, DE MARIA CLARA MACHADO
11h15	Leonardo Nahoum	A (MAL FALADA) FICÇÃO POLICIAL SEDUZINDO JOVENS E ADULTOS NOS ANOS 1930: O VERDADEIRO NOME POR DETRÁS DO PSEUDÔNIMO "ANDRÉ GAND", CRONISTA DOS CASOS DO DETETIVE CARIOCA GIL PITTA
11h30	Debate	

Segunda Sessão: 28 de maio - 13h30 às 15h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Bruna Mourão Duarte Flávia Vieira da Silva do Amparo	ENSINO E LITERATURA: PRÁTICAS DE LEITURA DE FRUIÇÃO NO ENSINO MÉDIO
13h45	Adriana Falcato Almeida Araldo	O GATO DE BOTAS: ARTIMANHAS DE UMA PERSONAGEM SEDUTORA
14h	Guilherme Medeiros Honorato Chirley Domingues	LEITURA POR FRUIÇÃO NA ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES DO PNLD LITERÁRIO PARA EDUCAÇÃO ESTÉTICA
14h15	Maria Victória Chaves Herculano da Silva Vanessa Cianconi	DO MISTÉRIO MARAVILHOSO A FANTASIA ASSUSTADORA: TRAJETÓRIAS INVESTIGATIVAS EM O ORFANATO DA SENHORITA PEREGRINE PARA CRIANÇAS PECULIARES, DE RANSOM RIGGS
14h30	Debate	

12.1. O MONSTRO EM "A BELA E A FERA": UMA BREVE ANÁLISE DE REESCRITA

Igraínne de Brito Marques
Regina Michelli

O ser humano, enquanto ser falho e imperfeito, não está isento de estruturas errôneas em sua elaboração formal de caráter e percepção da realidade. Isso pode ser defendido e até mesmo provado com a percepção – ou criação, pelo próprio homem – do dito Inferno, destino daqueles que cometeriam erros e desvios tão avassaladores que corroborariam a dita "maldade" da humanidade. Tal percepção atravessa séculos de história, ultrapassa a religião e é observada também na arte. O extremismo dessa observação poderia ser visto como a corporificação do chamado monstro, ou seja, não apenas uma criatura apavorante fisicamente, mas também temível e de caráter duvidoso. O objetivo do presente trabalho é analisar o monstro e sua disponibilidade para o mal a partir da narrativa Corte de Espinhos e Rosas (2015), que reescreve o conto de fadas "A Bela e a Fera" (2016). Sem esquecer o caráter do conto original, a percepção de mal será trabalhada a partir de autores como Araujo e França (2018), atravessando-se brevemente o conceito de medo por Bauman (2008) e alcançando os debates acerca do monstro por autores como Cohen (2000), Kappler (2013) e Gomes (2021).

Palavras-chave: Monstro. A Bela e a Fera. Corte de Espinhos e Rosas

12.2. *CORALINE*: A ALICE NOS TEMPOS DO PAÍS DO TERROR

Maria Victória Ruela de Seixas

Coraline é uma obra literária inglesa escrita pelo autor britânico Neil Gaiman, publicada em 2002. Quando decide desvendar o mistério da porta, Coraline encontra um novo mundo que, apesar de ser um reflexo da sua realidade, possui terrores que ela não poderia imaginar. Misturando elementos da literatura infantil e do terror, Gaiman aborda as problemáticas da vida de uma menina inglesa negligenciada pelos pais que busca carinho, atenção e validação adulta, retomando diversos elementos narrativos presentes no clássico Alice no país das maravilhas (1865) de Lewis Carroll. Em 2009, Henry Selick, diretor de O estranho mundo de Jack (1993), dirigiu a adaptação da obra de Gaiman para o cinema. O filme foi construído através da técnica de stop-motion, se qualificando como um longa-metragem de animação e concorrendo nessa categoria na premiação do Oscar do ano seguinte. A versão cinematográfica de Coraline reflete de forma audiovisual o enredo macabro e ao mesmo deixa transparecer a infantilidade e a inocência intrínsecas à personagem. O objetivo é analisar como Coraline se tornou um sucesso entre os jovens e o fascínio juvenil pelo terror na literatura e no cinema. Para tal, serão utilizadas majoritariamente as teorias das pesquisadoras Farah Mendlesohn, Teresa Colomer e Linda Hutcheon.

Palavras-chave: Coraline. Terror. Literatura juvenil. Cinema

12.3. FANTASMAGORIAS COMO MEMÓRIA EM *PLUFT, O FANTASMINHA*, DE MARIA CLARA MACHADO

Vanessa Cianconi

Maria Clara Machado uma vez alegou que escreveu Pluft, o Fantasminha, peça de 1955, por ter muito medo de fantasmas quando criança. Machado então resolve lidar com esse medo infantil e colocar no palco o que mais a amedrontava: o fantasma. Mas, agora, Pluft é o espectro medroso que tem medo de gente. Afinal de contas, os seres vivos são mais assustadores do que são, de fato, os fantasmas. Marvin Carlson lembra que o teatro é a arte mais assombrada, por ser principalmente nele que é possível rememorar o passado. Em The Haunted Stage (2001) o teórico teatral lembra que mitos desde sempre assombram a experiência humana e são os fantasmas que trazem as aflições

do passado retornarem para nos assombrar e apontar o dedo para o presente incerto e pavoroso no qual estamos inseridos. Pluft é uma história que fala do medo do que é diferente e de como enfrenta-lo, não só através do respeito às alteridades, mas ao olhar o outro de forma empática, algo tão necessário de se trazer para o palco em um mundo conturbado como o da contemporaneidade.

Palavras-chave: Pluft. o fantasminha. fantasmagoria. memória. alteridade

12.4. A (MAL FALADA) FICÇÃO POLICIAL SEDUZINDO JOVENS E ADULTOS NOS ANOS 1930: O VERDADEIRO NOME POR DETRÁS DO PSEUDÔNIMO "ANDRÉ GAND", CRONISTA DOS CASOS DO DETETIVE CARIOCA GIL PITTA

Leonardo Nahoum Pache de Faria

A ideia de livros de gênero de massa para jovens, especialmente narrativas policiais e de ficção científica, mas também as que abraçam o sobrenatural e o insólito, emerge com a popularização dos romances durante a Revolução Industrial no século XIX e inicialmente utiliza "boys assistants" para atrair jovens leitores, posteriormente evoluindo para histórias próprias. No Brasil, particularmente a recepção da ficção policial adulta se entrelaça com sua apropriação ad usum Delphini e a consolidação da literatura infantil no início do século XX. As histórias de Sherlock Holmes, de Conan Doyle, começam a ser publicadas em folhetins por aqui em 1905, seguidas por adaptações teatrais, filmes e fascículos. Tais publicações pioneiras culminam na série "Aventuras de Cherloquinho", de 1916 (antes que Thales de Andrade ou Monteiro Lobato se firmassem no cânone infantil!), que por sua vez desembocam em uma série de detetives brasileiros ao longo das décadas de 1920 e 1930, com um público que mescla tanto homens e mulheres quanto os chamados "young adults". Um desses detetives, Gil Pitta, publicado entre 1931 e 1932 na revista "Número...", sob o pseudônimo André Gand, teve seus contos reunidos em livro pelo pesquisador Athos Eichler Cardoso (Brasília: Editora Kiron, 2012), com apresentação da professora Sandra Reimão. Em nossa comunicação, revelaremos o nome real por detrás do pseudônimo (um escritor paraense, fato ignorado por Eichler Cardoso até seu falecimento, em 2021), bem como a existência de outros contos com o personagem em ao menos mais uma revista da época, o que expande o cânone reunido em 2012 no livro organizado por Cardoso.

Palavras-chave: Literatura de massa. Literatura brasileira. Ficção policial. Young adult. André Gand

12.5. ENSINO E LITERATURA: PRÁTICAS DE LEITURA DE FRUIÇÃO NO ENSINO MÉDIO

Bruna Mourão Duarte
Flávia Vieira da Silva do Amparo

A leitura por fruição caracteriza-se como um processo em que o indivíduo tem contato com um tipo de texto que transcende o ponto de vista puramente utilitário e informacional do ato de ler para se apropriar de outras dimensões e sentidos da leitura - individuais e/ou coletivos. Baseando-se na recepção estética do leitor, a fruição tem o objetivo de expandir os limites textuais, a fim de construir uma identidade leitora implicada por afetos, prazer e encantamento ou, até mesmo, estranhamentos. O presente trabalho preocupa-se em analisar as condições leitoras promovidas pelo espaço escolar, com foco em turmas de 2º ano do Ensino Médio, cuja prática da fruição seja utilizada como destaque. Levando em consideração o recorte social escolhido para a presente pesquisa, esboça-se o seguinte problema: Como resgatar o hábito da leitura entre os jovens que parece estar esquecido em meio a um ensino automatizado e irrefletido? A pesquisa em questão será desenvolvida com elementos da pesquisa-ação, qualitativa e exploratória, na qual será aplicado um questionário semiestruturado para os estudantes que participarão do projeto de pesquisa e será organizado um diário de bordo a partir dos relatos coletados dos discentes sobre a prática aplicada em sala e aula, verificando, assim, de que maneira o estímulo à leitura de fruição pode ser fundamental para desenvolver uma outra perspectiva sobre as aulas de literatura na escola.

Palavras-chave: leitura. fruição. Ensino Médio. Literatura. letramento literário

12.6. O GATO DE BOTAS: ARTIMANHAS DE UMA PERSONAGEM SEDUTORA

Adriana Falcato Almeida Araldo

O conto O Gato de Botas, de Charles Perrault, apresenta um protagonista singular cuja inteligência e artimanhas transformam situações adversas em conquistas extraordinárias. Este estudo intenciona analisar a figura do Gato de Botas sob a perspectiva da trapaça como ferramenta narrativa e moral, conectando-a às características do conto maravilhoso, conforme definido por Nelly Novaes Coelho. A trapaça, frequentemente associada à subversão e à astúcia, será examinada à luz da carnavalização de Bakhtin, embasada na imagem de "destronamento do rei", apontando para a inversão hierárquica e o riso como formas de desafiar estruturas sociais rígidas. As ações do Gato de Botas também serão analisadas por meio das ideias de Freud acerca dos chistes, onde o humor e a esperteza são vistos como mecanismos para lidar com tensões psicológicas e sociais. A análise expandirá com as contribuições da Psicologia Moral de Yves de La Taille, permitindo discutir os dilemas éticos envolvidos na trapaça, especialmente quando esta é retratada em obras destinadas ao público infantil e juvenil. Por meio de uma abordagem interdisciplinar, este trabalho pretende refletir sobre os mecanismos narrativos que possibilitam O Gato de Botas vir a seduzir os leitores, equilibrando valores sociais estabelecidos e transgressões criativas, ressignificando o papel da trapaça no imaginário coletivo e na formação moral de jovens leitores. Busca-se entender como se constrói, no contexto narrativo, a figura do trapaceiro inofensivo e desnudar sua característica de ambivalência, produtora do riso, considerando o fenômeno da trapaça como representação de uma realidade risível.

Palavras-chave: Contos maravilhosos. O Gato de Botas. Trapaça. Carnavalização. Literatura Infantil/Juvenil

12.7. LEITURA POR FRUIÇÃO NA ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES DO PNLD LITERÁRIO PARA EDUCAÇÃO ESTÉTICA

Guilherme Medeiros Honorato
Chirley Domingues

O presente trabalho tem como objetivo analisar a contribuição do PNLD Literário para a mediação da literatura na escola por meio de uma leitura por fruição para o desenvolvimento de uma educação estética, reconhecendo, portanto, o texto literário como um objeto artístico. Para alcançar esse propósito, a pesquisa foi bibliográfica e documental, de natureza qualitativa. Dessa forma, inicialmente se realizou uma revisão bibliográfica sobre as noções de leitura por fruição e educação estética à luz de Barthes (2015), Schiller (2002), Duarte Júnior (2000), Domingues (2017) e Neitzel, Piske e Hentchen (2023). Na sequência, fez-se uma análise do edital do PNLD Literário de 2020 (Ensino Fundamental Anos Finais), bem como um estudo do material digital disponibilizado aos professores das obras "O Avesso da Pele", de Jeferson Tenório, e "As Santas", de Neir Ilelis, a fim de identificar se, por meio desses materiais, o PNLD promove a leitura de fruição, oportunizando ao professor a realização dessa leitura. Por fim, com o trabalho realizado, identificou-se que o PNLD, apesar de ser o atual programa de distribuição de livros e fomento à leitura, direciona-se mais a exercitar a curiosidade intelectual recorrendo a uma abordagem própria das ciências, deixando à margem o desenvolver do senso estético por meio da fruição.

Palavras-chave: PNLD. Fruição. Educação Estética. Leitura literária. Literatura

12.8. DO MISTÉRIO MARAVILHOSO A FANTASIA ASSUSTADORA: TRAJETÓRIAS INVESTIGATIVAS EM *O ORFANATO DA SENHORITA PEREGRINE PARA CRIANÇAS PECULIARES*, DE RANSOM RIGGS

Maria Victória Chaves Herculano da Silva
Vanessa Cianconi Vianna Nogueira

A literatura infantojuvenil é o precursor para o desenvolvimento da identidade do leitor e proporciona uma visão sensível e crítica do mundo. Em especial, a literatura infantojuvenil fantástica e sobrenatural corrobora, ainda, para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos jovens. Obras como as de Ransom Riggs permitem que os leitores explorem realidades alternativas, enfrentem medos e cultivem a empatia. Esse gênero literário também é uma ferramenta poderosa para engajar os jovens com a leitura, especialmente em um mundo dominado por mídias digitais. Com isso, o objetivo do presente trabalho é analisar as trajetórias e estratégias de investigação do personagem principal ao se deparar com o mundo fantástico encontrado e seu processo de aceitação. Como corpus ficcional, analisaremos o livro O Orfanato da Srta. Peregrine Para Crianças Peculiares, de Ransom Riggs, uma obra que combina elementos de mistério, fantasia e investigação, criando um universo rico e multifacetado. A narrativa segue Jacob, um jovem que descobre um orfanato habitado por crianças com habilidades extraordinárias. A partir daí, a obra mergulha em uma jornada de autodescoberta e confronta forças sobrenaturais. O livro não só entrelaça elementos de medo e aventura, mas também aborda questões de identidade, perda e aceitação, ressoando profundamente com o público jovem. A fundamentação teórica se apoia nos seguintes autores: Tzvetan Todorov (2010), Yi-Fu Tuan (2006), Bruno Silva de Oliveira, et al. (2020), Rosa Gens (2012), Farah Mendlesohn (2008) e David Roas (2016).

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Literatura de língua inglesa. Mistério. Sobrenatural. Investigação

SIMPÓSIO 13

Literatura infantil e juvenil na américa latina: as histórias que ajudam a (nos) contar

Coordenador(es): Phelipe de Lima Cerdeira (UERJ), Alejandra Judith Josiowicz (UERJ) e Maria Carolina Zapiola (Universidad Nacional de General Sarmiento)

SESSÕES

Primeira Sessão: 29 de maio - 8h às 9h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
8h	Walter de Oliveira Cavalcanti Alves Ana Crelia Penha Dias	AQUELE MUNDO DE VASABARROS E AS INFÂNCIAS DEIXADAS DE LADO PELA CRÍTICA EM JOSÉ J. VEIGA (1915-1999)
8h15	Amanda Campolin Feiden Antonio Marcos Vieira Sanseverino	CONTAR HISTÓRIAS, CONTAR A HISTÓRIA: A NARRATIVA E SUAS TENSÕES NA PEDAGOGIA LOBATIANA
8h30	Filipe Alves Bezerra Falcão Phelipe de Lima Cerdeira	A ARQUITETURA DA NARRAÇÃO EM UMA LEITURA DE LA NIÑA, EL CORAZÓN Y LA CASA (2011), DE MARÍA TERESA ANDRUETTO
8h45	Gabrielle de Oliveira Sá Alejandra Josiowicz	CENAS DA INFÂNCIA LATINO-AMERICANA: AS TENSÕES NA LITERATURA INFANTIL DE GABRIELA MISTRAL E SILVINA OCAMPO
9h	Marcelo Bianchi Bustos	HACIA UNA IDENTIDAD LATINOAMERICANA EN FEMENINO: HISTORIZAR UN SUEÑO DE LA LITERATURA INFANTIL DESDE UNA MIRADA COMPARADA
9h15	Debate	

Segunda Sessão: 29 de maio - 10h30 às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
10h30	Aira Suzana Ribeiro Martins	DANDARA E KARAÍBA, CONSTRUINDO A HISTÓRIA
10h45	Rebeca Alves Wanderley Braz Alyere Silva Farias	INVENCIONICES, ENCANTOS E MALASSOMBROS: DAS NARRATIVAS ORAIS ÀS PLATAFORMAS DE PODCASTS
11h	Daniele Rodrigues Ramos Kazan Phelipe de Lima Cerdeira	DE JUAN Y DE OTROS MÁS: DESLOCAMENTOS, MEMÓRIAS E O CONTAR DO TRAUMA NA LITERATURA INFANTIL A PARTIR DE EL PAÍS DE JUAN (2013), DE MARÍA TERESA ANDRUETTO
11h15	Michele Passos Rommel Silva Alejandra Josiowicz	NARRATIVAS TRANSMIDIÁTICAS: CULTURAS INFANTIS ENTRE OS VIDEOGAMES, OS QUADRINHOS E OS LIVROS
11h30	Maria Abreu da Silva Oliveira Lima Maria Dalva de Souza Figueiredo Gizelle Abreu Marques Soares Principe	LITERATURA DE CORDEL: O DESPERTAR DA CRIATIVIDADE E DO CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
11h45	Debate	

Terceira Sessão: 29 de maio - 13h30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Camila Angela Carvalho de Oliveira Luana Carramillo Going Amanda Marques de Oliveira Bargas	MEDIAÇÃO LITERÁRIA: O DIÁLOGO COMO RECURSO PARA O ACESSO AOS ASPECTOS IMPLÍCITOS E EXPLÍCITOS DE OBRAS LITERÁRIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA
13h45	Ana Cristina Andrade dos Santos Alejandra Josiowicz	RACISMO E ANTIRRACISMO NA LITERATURA INFANTIL DA AMÉRICA LATINA
14h	Caroline Azevedo Ferreira da Silva Phelipe de Lima Cerdeira	POR POÉTICAS QUE CANTEM AS VOZES E IDENTIDADES NEGRAS NA E PARA A INFÂNCIA: UMA LEITURA DE DOIS POEMAS DA ESCRITORA AFRO-COLOMBIANA MARY GRUESO ROMERO
14h15	Déborah Amorim Pontes da Silva Ana Crelia Penha Dias	O FIO DA NARRATIVA E A MULHER QUE TECE: A METÁFORA DO BORDADO EM OUTROSO, DE GRACIELA MONTES, E EM A COSTURA, DE ISOL, COMO TRAVESSIA ENTRE O REAL E O FANTÁSTICO
14h30	Ana Paula Campos	QUANDO COMEÇAMOS A LER O MUNDO?
14h45	Debate	

Quarta Sessão (online): 30 de maio - 13:30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Maria Carolina Zapiola	NEGROS E INDIOS EN LAS AVENTURAS DE TARZÁN. DISCURSOS RACIALES EN LAS REVISTAS INFANTILES ARGENTINAS DE LOS AÑOS 50
13h45	Bárbara Inés Raiter	HISTORIAS PARA NIÑOS Y NIÑAS EN EL PRIMER LUSTRO DE P.B.T.. ENTRETENER Y MOLDEAR A LAS INFANCIAS.
14h	Agustina Martinenco Maria Carolina Zapiola	LEER EN CUADRITOS, HISTORIETAS PARA LA INFANCIA ARGENTINA EN LA REVISTA ANTEOJITO (1964-1970)
14h15	Mayra Eliana Juarez Maria Carolina Zapiola	SOBRE HÉROES Y BUFONES: EL LENGUAJE REPUBLICANO Y LOS ESTEREOTIPOS RACIALES EN LA REVISTA INFANTIL BILLIKEN. ARGENTINA, 1919-1946
14h30	Debate	

13.1. *AQUELE MUNDO DE VASABARROS* E AS INFÂNCIAS DEIXADAS DE LADO PELA CRÍTICA EM JOSÉ J. VEIGA (1915-1999)

Walter de Oliveira Cavalcanti Alves
Ana Crelia Penha Dias

José J. Veiga repercurtiu na literatura brasileira da segunda métade do século XX ao representar formas brutais de exercício do poder autoritário em suas narrativas. Foi lido como denúncia do regime militar brasileiro, apesar de seu primeiro livro publicado, Os cavalinhos de Platiplanto, datar de 1959. Ainda que tal fato seja justificável, pouca é a discussão da infância em sua obra, que, frequentemente, narra as fraturas da vida individual e/ou comunitária brasileira, de acordo com Silviano Santiago (2015), no que chamou de "divergência na contiguidade": o processo pelo qual grupos que não compartilham das mesmas concepções éticas negociam, em um mesmo espaço e tempo, o sonho de liberdade em face do poder arbitrário que entretêm. Levando consideração a pouca visibilidade que a crítica oferece à figura infantil na obra do escritor, a comunicação procura levantar as consequências disto para os estudos latino-americanos. As consequências levantadas derivam da observação das atitudes do narrador de "Aquele mundo de Vassabarros" (1982), obra que encerra o "ciclo sombrio" de Veiga, para com os infantes. Vale-se da leitura de Formas Simples (1930), de Andrés Jolles, para caracterizar o narrador através dos conceitos de "Memorável" e "Chiste", à medida que, se, por um lado, "O Memorável", ou seja, o que se fixa do acontecimento histórico, literário em Veiga pela crítica, é a violência visceral que assola países latino-americanos, por outro lado, o chiste, como reprovação dessa mesma violência, humaniza o infante participante da narração e abre caminhos para a criação de narrativas éticas para o público-jovem.
Palavras-chave: José J. Veiga. Infância. Crítica. América Latina. Ética

13.2. CONTAR HISTÓRIAS, CONTAR A HISTÓRIA: A NARRATIVA E SUAS TENSÕES NA PEDAGOGIA LOBATIANA

Amanda Campolin Feiden
Antonio Marcos Vieira Sanseverino

Este trabalho busca analisar a construção das narrativas oralmente transmitidas em Histórias de Tia Nastácia (1937, 2019) e História do Mundo para as crianças (1933, 2019) de Monteiro Lobato. Nas obras analisadas, a representação literária de uma cena de transmissão oral do conhecimento articula relações pedagógicas entre as personagens adultas e infantis, relações que são marcadas por uma dinâmica de poder complexa e conflitiva. A hipótese é que o projeto de educação pela literatura idealizado por Lobato incorpora os conflitos da configuração material heterogênea da sociedade brasileira. Em uma leitura a contrapelo das obras, evidencia-se o quanto a complexidade das relações de raça e classe entre as personagens põe em xeque o projeto educacional lobatiano. Em Benjamin (1987) encontramos um ponto de partida para a reflexão acerca da construção da narrativa historiográfica. Para a compreensão da formação da estrutura social brasileira, bem como das contradições que marcaram o contexto histórico em que as obras foram publicadas, são consideradas as contribuições de Gonzalez (2020) e Nacimento (2016). O trabalho de Lajolo e Zilberman (2022) serve de base para a compreensão da formação da literatura infantil brasileira como gênero independente. A análise das obras revela que Monteiro Lobato encontra, na literatura infantil, em uma narrativa ágil, mais do que suposta emancipação, e dissemina idéias eugenistas e excludentes, através de um modelo de produção de conhecimento que pressupõe a superioridade da ciência ocidental em detrimento dos saberes populares de tradição oral. As relações subjetivas entre os personagens refletem esse processo de subordinação.
Palavras-chave: Literatura Infantil Brasileira. Monteiro Lobato. Narrativa. História. História Literária

13.3. A ARQUITETURA DA NARRAÇÃO EM UMA LEITURA DE *LA NIÑA, EL CORAZÓN Y LA CASA* (2011), DE MARÍA TERESA ANDRUETTO

Filipe Alves Bezerra Falcão
Phelipe de Lima Cerdeira

Nascida na província de Córdoba, Argentina, a escritora María Teresa Andruetto é uma referência da produção contemporânea latino-americana, circunscrita à tessitura literária do que pode ser lido como infantil e juvenil (Andruetto, 2003). Ainda que tomemos um possível leitor implícito como interlocutor potencial, nos interessa, no entanto, viabilizar uma leitura da obra "La niña el corazón y la casa" (2011) a partir de movimentos outros (Mignolo, 2003), valorizando como a poética andruetteana (Cerdeira, 2019) estabelece uma forma de contar a partir de um (des)tecer diegético, dando destaque específico para a instância da narração, tal como demonstrado por Genette (1972, 2009). Destacamos, nesse sentido, as diferentes estratégias utilizadas para o modo de contar e encadear cada um dos fatos, construindo uma rede de aproximação entre as personagens e os próprios leitores. Ademais das contribuições advindas da narratologia, esta leitura conta também como fundamentação teórica reflexões sobre as características e os desafios das literaturas infantil e juvenil (Andruetto, 2010, 2014; Lajolo, 2008; Zilberman, 2003); as construções simbólicas dos textos ficcionais (Bajour, 2023) e seu potencial de formação crítica e/ou decolonial para o público infantil e juvenil nos espaços latino-americanos (Lugones, 2008; Santos, 2023; Fleck, 2024; Castillo, 2020).

Palavras-chave: literatura infantil. María Teresa Andruetto. narratologia. memórias. narração

13.4. CENAS DA INFÂNCIA LATINO-AMERICANA: AS TENSÕES NA LITERATURA INFANTIL DE GABRIELA MISTRAL E SILVINA OCAMPO

Gabrielle de Oliveira Sá
Alejandra Josiowicz

Este estudo analisa as cenas da infância na literatura infantil e infantojuvenil hispano-americana, centrando-se na produção literária das escritoras Gabriela Mistral (1889-1957) e Silvina Ocampo (1903-1993). O objetivo é investigar como ambas as autoras constroem "cenas de infância" em suas obras, evidenciando as tensões entre o tradicional e o transgressor. A fundamentação teórica abarca os Estudos sobre Literatura Infantil e Infantojuvenil (ZELIZER, 1994; JOSIOWICZ, 2023; MARTÍNEZ, 2009), articulando com os debates de gênero e sexualidade (JOSIOWICZ; FRANCICA; PUNTE, 2021; HALBERSTAM, 2011; STOCKTON; JOSIOWICZ, 2021) e estudos sobre a produção de subjetividade (GUATTARI; ROLNIK, 1986). O corpus de análise inclui contos infantis de Silvina Ocampo e as canções de ninar de Gabriela Mistral. Nos contos de Ocampo, destacam-se a ruptura com normas tradicionais de infância e família, bem como a subversão da hierarquia entre adulto e criança, conferindo ao leitor infantil uma posição de autonomia. Por outro lado, as canções de Mistral mobilizam elementos associados à infância como sinônimo de exploração estética, incluindo aspectos que contribuem para valorizar o universo popular, indígena e camponês, além de diferentes formas de maternidade (JOSIOWICZ, 2023). A pesquisa busca demonstrar que, embora cada autora elabore a figura infantil de forma distinta — Mistral que explora elementos de uma estética da infância, e Ocampo explorando o humor e a crueldade —, ambas abordam as tensões para pensar as infâncias na América Latina.

Palavras-chave: Literatura Infantil e Infantojuvenil Hispano-Americana. Silvina Ocampo. Gabriela Mistral. Gênero. Infância

13.5. HACIA UNA IDENTIDAD LATINOAMERICANA EN FEMENINO: HISTORIZAR UN SUEÑO DE LA LITERATURA INFANTIL DESDE UNA MIRADA COMPARADA

Marcelo Bianchi Bustos

Desde fines del siglo XIX con la publicación de La Edad de oro de José Martí e inicios del siglo XX fueron muchos los escritores que a través de sus escritos intentaron forjar la identidad de una perspectiva Latinoamericana en el ámbito de la Literatura Infantil. Autores de la talla de Gabriela Mistral, con sus conferencias, cartas y poemas, Constancio C. Vigil quien con su emporio editorial intentó impactar en América y que cuando decía su nacionalidad prefería definirse como "americano", pasando por la obra de Juana de Ibarbourou, Márgara Averbach, y muchos otros, han intentado buscar las raíces de la identidad latinoamericana que se ha ido forjando durante siglos. Es obvio que no se puede generalizar y hablar de algo homogéneo, pero desde la heterogeniedad se intentará pensar en la unidad. En la exposición se hará énfasis en la obra de estos grandes escritores con especial foco en una serie de libros del escritor costarricense Carlos Rubio y en su propuesta de búsqueda de la identidad donde él, posiblemente vinculándola a la tierra, a las raíces la construye desde lo femenino: es la mujer con su memoria la que posibilita una unidad y le permite tener un nombre que la identifique frente al mundo: América.

Palavras-chave: literatura infantil. identidad americana. Carlos Rubio

13.6. DANDARA E KARAÍBA, CONSTRUINDO A HISTÓRIA

Aira Suzana Ribeiro Martins

Os fatos divulgados sobre a chegada dos portugueses ao Brasil, seu contato com os povos originários e a posterior escravidão de habitantes de nações africanas são versões passadas pela voz do colonizador. As pesquisas voltadas para o resgate da História não registrada sempre encontraram dificuldades pela escassez de documentos e, com isso, durante muito tempo, ocorreu o apagamento das vozes responsáveis pela formação da população brasileira e da cultura nacional, prevalecendo somente a versão do colonizador. Assiste-se, entretanto, já há algum tempo, à intensificação de pesquisas e, também, de movimentos formados por afrodescendentes e por povos originários, com o propósito de desconstruir os discursos eurocêntricos, etnocêntricos, racistas e coloniais que sempre procuraram silenciar as vozes subjugadas que sofreram toda sorte de atitudes excludentes. Diante de tal problemática, este trabalho propõe apresentar as obras "Lendas de Dandara" (2016), de Jarid Arraes, e "Karaíba" (2018), de Daniel Munduruku, no sentido de fazer, através do texto literário, um resgate de acontecimentos que, atualmente, são postos em discussão. Desse modo, com o objetivo de desenvolver a consciência crítica dos jovens leitores, mostrando a importância do conhecimento de fatos históricos pouco comentados, com a valorização das culturas das nações originárias e das nações africanas, apresenta-se uma pesquisa com base nas duas obras literárias citadas. Como suporte teórico, são utilizadas as obras de Achard et al. (2015), Pecheux (1999), Koch e Elias (2009), Cosson (2014), Lopes (2017) e Bento (2022), entre outros.

Palavras-chave: Literatura. História. Povos originários. Povos africanos

13.7. INVENCIONICES, ENCANTOS E MALASSOMBROS: DAS NARRATIVAS ORAIS ÀS PLATAFORMAS DE PODCASTS

Rebeca Alves Wanderley Braz
Alyere Silva Farias

O presente trabalho se propõe a discutir e analisar o percurso de narrativas populares orais e escritas, especificamente os causos e histórias de assombro, partindo do lugar da experiência vivenciada com essas narrativas nas plataformas de podcasts. Realizar-se-á uma tessitura dos percursos de narrativas ouvidas e faladas de assombro, tendo como protagonistas seres e fenômenos fantásticos que povoam

o imaginário das regiões Nordeste e Norte, como as histórias de Botija, Caipora e Pai do Mangue, passando pelas narrativas documentadas em folhetos de cordel, livros, até chegar às plataformas que servem de suporte para podcasts especializados em transmitir essas histórias. Neste trabalho nos debruçamos sobre 2 podcasts, o Digué Nada (Paraíba) e o Pavulagem (Amazônia). Partimos do Saber da Experiência (Larrosa Bondía, 2002) e do que Walter Benjamin discute sobre o Narrador. Também do que pontua Michel de Certeau a respeito dos sujeitos da oralidade e a implementação histórica do que o autor nomeia de Economia Escriturística, compreendendo o lugar da institucionalização das vivências (oralidade/escrita). Relacionando a experiência da escuta à difusão e produção de conteúdo nas redes sociais, pretende-se discutir o fenômeno da Convergência Midiática trazido por Jenkins, sobre a circulação de diferentes conteúdos em diferentes plataformas e a interseção complexa que existe entre o avanço tecnológico e como a cultura digital pode contribuir para a experiência com as narrativas da oralidade e na formação de leitores literários.

Palavras-chave: Narrativas. Leituras Literárias. Oralidade. Podcasts

13.8. DE JUAN Y DE OTROS MÁS: DESLOCAMENTOS, MEMÓRIAS E O CONTAR DO TRAUMA NA LITERATURA INFANTIL A PARTIR DE *EL PAÍS DE JUAN* (2013), DE MARÍA TERESA ANDRUETTO

Daniele Rodrigues Ramos Kazan
Phelipe de Lima Cerdeira

Vencedora do prêmio Hans Cristian Andersen há pouco mais de uma década, María Teresa Andruetto é um marco para a produção contemporânea que pode ser lida como literatura infantil. Nesta comunicação, interessa-nos discutir, primeiro, os (des)limites do que se entende como literatura infantil no horizonte das literaturas latino-americanas e, em seguida, valorizar como a narrativa "El país de Juan" ressignifica as fraturas perpetradas pela última ditadura cívico-clero-militar argentina. Nesta proposta, interessa-nos sublinhar como a poética andruetteana discute os deslocamentos dos sujeitos como exercícios de memórias que acessam, a cada leitura, a cada nova dobra (Benjamin, 2003), novas possibilidades de pensar não apenas no individual, mas também no coletivo (Halbwachs, 2010). Como marco teórico, ganham destaque nessa análise contribuições da própria Andruetto a respeito da ideia de literatura infantil e sobre esse território do particular (Andruetto, 2014), assim como de Colomer (2001, 2002), Bajour (2020, 2023), Lajolo (2008), Zilberman (2003), entre outros. Tomamos, ainda, pressupostos críticos voltados aos estudos da(s) memória(s) de Benjamin (1998), Ricouer (2007), Seligmann-Silva (2003) e Halbwachs (2011); e, por último, advindos da narratologia (Genette, 1980).

Palavras-chave: Literatura infantil. María Teresa Andruetto. Narrativa do trauma. Memórias. El país de Juan

13.9. NARRATIVAS TRANSMIDIÁTICAS: CULTURAS INFANTIS ENTRE OS VIDEOGAMES, OS QUADRINHOS E OS LIVROS

Michele Passos Rommel Silva
Alejandra Josiowicz

Ao reconhecer os videogames como disseminadores de diferentes significados (SCHLIAKHOVCHUK; MUÑOZ, 2020), principalmente culturais, o presente trabalho tem como objetivo analisar como as narrativas apresentadas nos jogos potencializam o interesse, principalmente de crianças e adolescente, pela leitura. Por meio de narrativas transmidiáticas, que se caracterizam pela forma como uma determinada história é contada de forma autônoma por diversos dispositivos e diferentes mídias (MARTINS, 2020), os videogames chamam a atenção do público jogador mais jovem. Instigados pelas narrativas que são apresentadas de forma lúdica e interativa nos jogos eletrônicos, crianças

e adolescentes buscam consumir mais daquele produto. Esse movimento os leva a ler histórias em quadrinhos ou livros, nos quais a maioria desses roteiros e personagens se originam ou são originados. Enquanto que a trilogia Marvel's Spider-Man (INSOMNIAC GAMES, 2022) e Lego Batman: The Videogame (TT GAMES, 2008) atraem o público para os quadrinhos ao trazer super-heróis como protagonistas, God of War (SANTA MONICA, 2018) tem atraído, cada vez mais, o público para a leitura de livros que se aprofundam na narrativa do jogo, oferecendo novas aventuras. Utilizando os conceitos dos Estudos de Videogames, que consideram a prática de jogar um ato político e cultural (CHESS, 2010) e dos Estudos da Infância, que postula o protagonismo da infância na sociedade (LIONETTI, 2018), esse trabalho visa analisar como os videogames que se ramificam em narrativas transmidiáticas têm se tornado ferramentas capazes de potencializar o interesse de crianças e adolescentes à prática da leitura, especialmente quando esses jogos visibilizam as infâncias.

Palavras-chave: videogames. estudos da infância. narrativas transmidiáticas. quadrinhos

13.10. LITERATURA DE CORDEL: O DESPERTAR DA CRIATIVIDADE E DO CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Abreu da Silva Oliveira Lima
Maria Dalva de Souza Figueiredo
Gizelle Abreu Marques Soares Principe

O projeto de pesquisa "Literatura de Cordel: O Despertar da Criatividade e do Conhecimento na Educação Infantil" investiga a possibilidade de integrar a tradição cultural do cordel com as novas tecnologias na educação infantil. A referida proposta visa reintegrar as características do cordel como um método pedagógico e descobrir o seu potencial para o desenvolvimento das habilidades de leitura, cognição e criatividade das crianças. A base do referencial teórico busca abordar a natureza do cordel como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro e desenvolver competências críticas e inclusivas e está ancorado em autores como Moran (2022), Kramer (2021) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2017) dentre outros. O estudo adota metodologias ativas que integram materiais analógicos e digitais e o corpus compreendeu um conjunto de entrevistas com professores, observações em sala de aula e atividades lúdicas como contação de histórias, oficinas de rimas e criação de folhetos digitais e físicos. O objetivo principal é consolidar práticas pedagógicas inovadoras que divulguem a cultura popular, por meio da utilização da literatura de cordel como instrumento de desenvolvimento do gosto pela leitura, atrelado à aproximação das infâncias com o mundo digital e contribuir com a formação de professores, discutindo a necessidade do equilíbrio entre tradição e inovação nas práticas educativas.

Palavras-chave: Literatura de Cordel. Educação Infantil. Tecnologias Digitais. Cultura Popular. Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

13.11. MEDIAÇÃO LITERÁRIA: O DIÁLOGO COMO RECURSO PARA O ACESSO AOS ASPECTOS IMPLÍCITOS E EXPLÍCITOS DE OBRAS LITERÁRIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Camila Angela Carvalho de Oliveira
Luana Carramillo Going
Amanda Marques de Oliveira Bargas

O presente relato de experiência possui como tema: Mediação literária: o diálogo como recurso para o acesso aos aspectos implícitos e explícitos de obras literárias na Educação Básica. Possui como objetivo apresentar e analisar de que maneira a mediação fundamentada no diálogo, proporciona ao leitor compreender tanto os aspectos explícitos quanto implícitos de obras literárias. A metodologia utilizada trata-se de um relato de experiência, na qual descreve sessões de mediação realizadas com uma turma de 1° ano do Ensino Fundamental I, em uma escola pública municipal da Baixada Santista. A proposta apresentada foi desenvolvida por uma das autoras, no ano de 2024, com 21

crianças entre 6/7 anos. Foram realizadas rodas de leitura literária em sala de aula, durante o período de um trimestre, nas quais, durante a mediação de leitura, as crianças eram convidadas a expressarem suas interpretações, e por meio da conversa e diálogo coletivo irem ampliando a percepção sobre o texto e a construção de sentido e acessando não somente o que estava exposto no texto, mas acessarem o que estava nas "entrelinhas". Como resultado, foi observado que a cada mediação as crianças, gradativamente, apresentavam um olhar mais atento tanto às informações explícitas quanto implícitas do texto, ampliando a apreciação estética, interpretativa e literária. Nessa perspectiva, a fundamentação teórica pautou-se em Bajour (2012) , Bakhtin (2017), Chambers (2023), Munita (2024) entre outros. Portanto, como conclusão, a realização da mediação literária que promove o diálogo entre o livro, o leitor e o coletivo, auxilia o leitor a acessar os aspectos implícitos e explícitos das obras literárias, repercutindo, dessa forma, na sua formação leitora.

Palavras-chave: Mediação literária. Diálogo. Construção de sentidos. Formação do leitor

13.12. RACISMO E ANTIRRACISMO NA LITERATURA INFANTIL DA AMÉRICA LATINA

Ana Cristina Andrade dos Santos
Alejandra Josiowicz

O trabalho explora a literatura para o público infantil da América Latina, em uma perspectiva teórica antirracista, interseccional, decolonial e negro-afetiva (Rosa, 2011). Abordamos alguns textos que tematizam a escravidão e as relações étnico-raciais em textos escritos por autoras brasileiras e de outros países da América Latina, como Cuba e Colômbia, ao longo das últimas duas décadas. A seleção inclui textos de Sônia Rosa, Kiusam de Oliveira, Mary Grueso Romero e Teresa Cárdenas, as quais emergem como escritoras que propõem uma aproximação antirracista à literatura, como uma forma de reflexão sobre as desigualdades e diferenças que perpassam a história colonial e pós-colonial de Abya Yala. A literatura negro-afetiva institui-se como fundamental para pensarmos em uma literatura voltada para a humanização, em que crianças e jovens afrodescendentes aparecem de forma inovadora, sendo valorizados por suas heranças africanas. Nessa perspectiva teórica, as autoras desconstroem a figura da criança negra como reificada e colocam-na em lugar de enaltação, em oposição aos estereótipos comumente associados a pessoas negras, vistas como preguiçosas, malandras, sem gerência própria. Nos textos selecionados, os afetos são experimentados pelas crianças negras, como modo de reflexão sobre as opressões que perpassam a história colonial e pós-colonial do Brasil e de toda a América Latina.

Palavras-chave: Relações étnico-raciais. Literatura infantil. Literatura negro-afetiva

13.13. POR POÉTICAS QUE CANTEM AS VOZES E IDENTIDADES NEGRAS NA E PARA A INFÂNCIA: UMA LEITURA DE DOIS POEMAS DA ESCRITORA AFRO-COLOMBIANA MARY GRUESO ROMERO

Caroline Azevedo Ferreira da Silva
Phelipe de Lima Cerdeira

Ao pensar na produção de literaturas contemporâneas e, sobretudo, em nossa formação nas carreiras de Letras, chama-nos atenção o destaque não equilibrado para as produções de escritores e de poéticas circunscritos aos estudos afro-hispânicos. Para viabilizar a fissura necessária de um dado campo intelectual e de poder (Bourdieu, 1990), observamos justamente como produções contemporâneas, circunscrita à literatura infantil e juvenil (Andruetto, 2003), passam a ser ponto de inflexão, potencializando o destaque não apenas para as representações da(s) identidad(es) negra(s), mas também a formação de jovens leitores aptos a vencer certa colonialidade do pensamento. Esta comunicação, assim, toma dois poemas de Mary Grueso Romero - "Negra Soy" e "La muñeca negra" - para assinalar como a poética dessa escritora afro-colombiana se caracteriza pela construção de eu líricos que cantam as vozes e identidades negras, tomando a infância como cronotopo outro (Mignolo,

2003; Campos, 2021) e lugar de transformação e de emancipação social (Castillo, 2020). A partir de uma proposta via literatura comparada, nossa fundamentação teórica contempla discussões sobre os estudos da negritude, como os de (Adichie, 2019; Bento, 2022; Carneiro, 2007; Evaristo, 2014, 2020; González, 2022; hooks, 2017); as reflexões sobre as características e os desafios das literaturas infantil e juvenil (Andruetto, 2010, 2014; Lajolo, 2008; Zilberman, 2003); e, ainda, o tensionamento sobre a mediação literária e a formação de novos leitores (Colomer, 2001, 2002; Soares, 2009; Devetach, 2012; Cerdeira, 2023, 2024).

Palavras-chave: literatura infantil. Mary Grueso Romero. literaturas afro hispânicas. poesia

13.14. O FIO DA NARRATIVA E A MULHER QUE TECE: A METÁFORA DO BORDADO EM *OUTROSO*, DE GRACIELA MONTES, E EM A COSTURA, DE ISOL, COMO TRAVESSIA ENTRE O REAL E O FANTÁSTICO

Déborah Amorim Pontes da Silva
Ana Crelia Penha Dias

A Costura, da argentina Isol, ao ser ilustrado com bordados palestinos típicos e em risco de extinção, enreda não somente a arte milenar da costura como também a sua relação com o feminino e com a narrativa como forma. Desde os mitos de Ariadne, Aracne ou Penélope até A Moça Tecelã, de Colasanti, o ato de costurar histórias-vidas está atrelado a mulheres, muitas vezes silenciadas, que fazem do fio a sua voz. Com uma protagonista que aproveita dos ensinamentos da avó materna para tentar costurar fendas entre os mundos (o dela e os das coisas perdidas), A Costura narra através do bordado e usa o bordado para atravessar a narrativa – esta, que por sua vez, também é feita de bordado. Para além da metanarrativa, parece haver a metacostura do texto. Por outro lado, Outroso, de Graciela Montes, retrata um grupo de jovens que, liderados por sua amiga Ariadne (que coincidência!), cria o seu próprio mundo – secreto e subterrâneo – como forma de fugir da Patota. Em uma narrativa repleta de metáforas do tear e do tecer, que vive repensando a si mesma, a figura da mulher que dá o fio se manifesta enquanto licenciadora do próprio ato de narrar. Esta pesquisa visa entender as manifestações da mulher-tecelã no ato de criação literária, não só com a compreensão do que é a narrativa em si, mas também com a reflexão do que é o real, o fantástico e como podemos atravessá-los a partir do fio feminino da criação.

Palavras-chave: Autoria feminina. Literatura latinoamericana. Ficção e fantasia. Mulheres que tecem. Tecer histórias

13.15. QUANDO COMEÇAMOS A LER O MUNDO?

Ana Paula Campos

Esta apresentação oral irá se debruçar sobre Ugh! Um relato do Pleistoceno, um livro-imagem com epílogo verbal, criado pelos autores latino-americanos Jairo Buitrago e Raphael Yockteng, na casa editorial colombiana Babel Libros em 2022. Ugh! narra de maneira épica a jornada de um grupo de hominínios no Pleistoceno, período-chave da evolução humana, e traz o olhar particular de uma menina sobre essa experiência, com um desfecho que surpreende por mostrar de maneira poética o processo complexo e profundo que foi o nascimento da linguagem e da arte. Se para Paulo Freire (2017) a leitura do mundo precede a leitura da palavra, este livro ilustra a máxima do educador pernambucano de maneira quase literal, como uma ode à arte, à sensibilidade das crianças e a nossas longínquas origens como humanidade gestadas entre os primeiros transumantes. A partir de ferramentas teóricas como a análise gráfica e o conceito de letramento visual, o estudo tratará de como alguns recursos expressivos do livro álbum, como narrativa, personagens, figuras de linguagem e elementos visuais-gráficos, são capazes de incorporar importantes discussões ao abrir janelas para um passado tão distante e ajudar a conceber, e mesmo visualizar, noções abstratas e novas para leitores iniciantes. Com ingredientes de linguagem tão saborosos quanto os empregados nos livros

ficcionais, álbuns híbridos como este (e difíceis de classificar) tornam-se aliados poderosos para pensar com as crianças sobre como nos tornamos humanos e como somos todos frutos de uma mesma antiga árvore genealógica.

Palavras-chave: letramento visual. linguagem gráfica. álbuns não ficcionais

13.16. NEGROS E INDIOS EN *LAS AVENTURAS DE TARZÁN*. DISCURSOS RACIALES EN LAS REVISTAS INFANTILES ARGENTINAS DE LOS AÑOS 50

Maria Carolina Zapiola

Entre 1949 y 1955 Radio Splendid transmitió "Las Aventuras de Tarzán", probablemente el radioteatro para niños y niñas más escuchado de la historia de la radiofonía argentina. Intrigada por el vívido recuerdo que conservan sus antiguos oyentes, me encuentro investigando los factores que convirtieron a esta audición en un fenómeno cultural de masas, explorando sus contenidos y formato e indagando en las formas en que los niños y niñas se apropiaron del programa. En esta ponencia me enfocaré en las representaciones raciales que se propusieron desde la audición argentina y desde las revistas infantiles Billiken y Mundo Infantil, que dedicaron mensualmente una sección al programa mientras éste estuvo al aire, sin descuidar la dimensión transnacional del fenómeno Tarzán. En efecto, desde su publicación como pulp fiction en 1912, Tarzán fue reinventado una y otra vez hasta el presente, adecuándose a los contextos culturales y nacionales en los cual cobraba vida, al público al cual iba dirigido y al soporte (literario, radial, cinematográfico, televisivo) en el cual encarnaba. Aunque alejada de las marcadas y violentas jerarquías raciales y de género propuestas en el libro original de Burroughs, el éxito de la audición seguramente debió mucho al atractivo generado por este ícono de la masculinidad occidental y sus tramas no fueron ajenas a la propuesta de jerarquías de raza, género, edad, clase y especie. En efecto, "Las Aventuras de Tarzán" plantó una serie de temas, imágenes y representaciones que pueden haber nutrido los procesos de constitución identitaria y de aprendizaje de cómo vincularse con los otros de los niños y las niñas argentinos de los años '50 y de todos lo que escuchaban la audición con ellos, de allí su interés para pensar el problema de la construcción de jerarquías sociales. Por un lado, Tarzán proponía discursos e imágenes sobre el otro ("los indios", "los negros") ubicado en un espacio exótico (África), cuyo estudio puede ayudarnos a reconstruir las formas que adoptaron el racismo y la racialización de ciertas poblaciones en Argentina, los modos en que se cimentó el mito de la nación blanca desde las industrias culturales y la definición de la infancia argentina como una infancia blanca. Por otro lado, Tarzán es una vía para acceder a los modelos de masculinidad y de relaciones de género planteados en los medios masivos a mediados del siglo XX. Además, a la luz de las urgencias ambientales y de las transformaciones en los vínculos de los seres humanos con las demás especies, expresados, por ejemplo, en la creciente adopción del veganismo y el vegetarianismo como posiciones éticas, Tarzán ofrece pistas para comenzar a pensar una necesaria historia de las relaciones de los seres humanos con los animales, que nos permita ampliar nuestras reflexiones en torno al problema de la construcción de jerarquías incluyendo a las demás especies. Dadas las limitaciones de espacio propias de una ponencia, en el presente trabajo elegimos concentrarnos en el eje racial. Aunque no quedan registros sonoros de los programas ni hemos encontrado restos de sus guiones, las revistas infantiles más importantes de la época compendian valiosa información acerca de la audición y sus protagonistas, incluyendo fotografías de los personajes, especialmente valiosas para este análisis. Por otra parte, la posición estelar de "Las aventuras de Tarzán" en la historia de la radio hizo que, a lo largo de los años, los principales medios de prensa realizaran reportajes a algunos de los actores y técnicos que le dieron vida, o publicaran memorias de figuras públicas que lo recordaban como parte esencial de sus infancias. Para ahondar en la perspectiva subjetiva que nos ofrecen los testimonios de quienes participaron del fenómeno social que se configuró en torno a Tarzán, a este corpus

hemos sumado de entrevistas realizadas a hombres y mujeres que tuvieron entre 5 y 15 años entre 1950 y 1955. En base a estas fuentes, exploraremos hasta qué punto Tarzán contribuyó (o no) a cimentar jerarquías raciales y/o propuso imágenes alternativas o en tensión con las mismas.

Palavras-chave: infancias. literatura. raza. radio. revistas

13.17. HISTORIAS PARA NIÑOS Y NIÑAS EN EL PRIMER LUSTRO DE P.B.T.. ENTRETENER Y MOLDEAR A LAS INFANCIAS

Bárbara Inés Raiter

En este trabajo nos proponemos analizar un conjunto de producciones textuales, relatos, artículos, historietas, orientado a niños y niñas en la revista P.B.T., publicación destinada a un público diverso en términos etarios. P.B.T., fue un magazine argentino de publicación semanal, que se presentaba a sí mismo como un "semanario infantil ilustrado (para niños de 6 a 80 años)". Su primer número vio la luz en Buenos Aires en septiembre de 1904. Su director, Eustaquio Pellicer, había sido anteriormente redactor y colaborador de Caras y Caretas. P.B.T. combinaba distintos tipos de textos e ilustraciones, dirigido a un público amplio y variado. Esta publicación, como otras publicaciones contemporáneas, se caracterizaba por la incorporación de noticias nacionales, internacionales, colaboraciones literarias, historietas, ilustraciones, grabados y fotografías, gracias a un soporte técnico de avanzada. Una característica central de P.B.T. fue el uso de la ironía, como recurso textual, como así también la sátira periodística, presente en sus portadas ilustradas, caricaturas y textos de noticias, junto -por supuesto- a las viñetas humorísticas. Al igual que otros magazines de la época, P.B.T., se adquiría por medio de suscripción, a un costo de 0.20 centavos por número (aunque podría realizarse suscripción mensual, semestral o anual), y se distribuía en el interior del país y en el exterior. En lo que respecta a su estructura, PBT tenía algunas secciones marcadas con títulos (algunas presentes en todos sus números), y también una estructura identificable de temáticas abordadas. Por lo general las primeras páginas están dedicadas a noticias internacionales, y luego se desarrollaban noticias nacionales y colaboraciones literarias, muchas veces intercaladas o interrumpidas por avisos publicitarios. La mayoría de ellas, por su contenido y forma textual, estaban orientadas a un público lector adulto. El público lector del magazine P.B.T. era variado, incluía a adultos e infancias, hombres y mujeres, niños y niñas. La mayor parte de la revista estaba dirigida a un público adulto, sin embargo, en todos los números de esta publicación, encontramos producciones cuyo destinatario, explícito o no, eran niños y niñas. Estas producciones se orientaban al entretenimiento de sus lectores y lectoras y, a su vez, buscaban ofrecer una pedagogía de lo que era correcto o no, e influir de esta manera en la formación de las infancias en modelos ideales sociales, políticos y de género. En esta presentación analizaremos algunas de estas producciones destinadas a las infancias. En particular nos centraremos en algunos textos y relatos, y especialmente, en algunas producciones publicadas a color en formato de historieta, las cuales atraían visualmente a potenciales lectores, y cuyos protagonistas eran niños y niñas. El análisis de este corpus documental nos permitirá abordar qué enseñanzas modélicas se buscaba presentar a las infancias como futuras protagonistas del cuerpo social argentino.

Palavras-chave: Relatos. Historietas. Entretener. Moldear. Infancias

13.18. LEER EN CUADRITOS, HISTORIETAS PARA LA INFANCIA ARGENTINA EN LA REVISTA *ANTEOJITO* (1964-1970)

Agustina Martinenco
Maria Carolina Zapiola

La revista infantil argentina Anteojito fue creada por el historietista y productor de dibujos animados Manuel García Ferré y publicada a lo largo de 37 años ininterrumpidos (1964-2001). Al igual que otras revistas destinadas a la infancia, Anteojito buscó educar y entretener. Sus páginas, sobre todo en los primeros años, estuvieron colmadas de historietas, muchas de ellas de la autoría del propio García

Ferré, como la famosa “Anteojito y Antifaz”, cuyos personajes centrales dieron identidad a esta publicación. Recientemente, las historietas han comenzado a ser vistas como documentos históricos valiosos. En Argentina, a pesar de la centralidad que han tenido en la cultura literaria nacional, ya que desde fines del siglo XIX y principios del siglo XX, las viñetas han ocupado espacios significativos en las revistas y libros infantiles, han sido poco abordadas como fuentes para la investigación histórica en general (Levin, 2013; Cosse 2014) y el campo de la infancia, en particular. Esta ponencia se propone analizar algunas de las historietas publicadas en la revista Anteojito, en sus primeros años, para reflexionar sobre los modelos de infancia y ciudadanía infantil, en un sentido amplio, que se representaron y construyeron en estas publicaciones desde una perspectiva interseccional. Se considera que analizar de qué y de quiénes se reían los niños y las niñas a mediados de los años 60, observar qué actitudes emocionaban o hacían enojar a los adultos y niños en estas historias y reconstruir qué temas se abordaban en este género destinado a la lectura para el entretenimiento, nos permitirá reflexionar sobre los modelos de infancia socialmente valorados, o criticados, que Anteojito buscó construir y difundir en la segunda mitad del siglo XX.

Palavras-chave: Historia. Infancia. Historietas. Revistas

13.19. SOBRE HÉROES Y BUFONES: EL LENGUAJE REPUBLICANO Y LOS ESTEREOTIPOS RACIALES EN LA REVISTA INFANTIL *BILLIKEN*. ARGENTINA, 1919-1946

Mayra Eliana Juarez
Maria Carolina Zapiola

Billiken ha sido objeto de estudios que analizan las representaciones de la infancia y del consumo infantil (Bontempo 2012) y el papel de Billiken en la formación nacionalista a través de la construcción de héroes nacionales (Brafmann, 1997 y Varela; 1993). No obstante, aún es un campo en indagación los imaginarios y representaciones étnico- raciales que esa revista difundió. Es por eso que esta ponencia tendrá como objetivo analizar el imaginario racial y cívico- republicano en la construcción de la idea de infancia en esta revista entre 1919- 1946. Abordaremos la relación entre raza y la idea de infancia republicana a partir del análisis de las representaciones sobre la negritud. Durante el período estudiado en Billiken circularon caricaturas de personajes negros en cuentos, láminas y posters escolares coleccionables que aludían a temáticas variadas de la historia nacional o latinoamericana. Las siguientes preguntas guiarán nuestro análisis documental: ¿Qué valores republicanos e imaginarios raciales se difundieron en la revista? ¿De qué manera fue representada la esclavitud?, ¿Qué pertenencia racial tenían los héroes del Billiken? ¿Cómo fue representada la población afrodescendiente en la historia? Buscaremos demostrar que la idea de raza se imbricó en el lenguaje republicano que circuló en la revista, y que moldeó los sentidos de libertad- esclavitud, patria, soberanía, virtud, tiranía, civilización- barbarie, y su vinculación en la construcción del niño como ciudadano. Asimismo indagaremos el rol de la población afrodescendiente en la narrativa histórica, argentina y latinoamericana, que Billiken difundió.

Palavras-chave: Billiken. revistas infantiles. infancia. raza

SIMPÓSIO 14

Literatura Infantojuvenil, experiência e produção de subjetividades

Coordenador(es): Leila de Carvalho Mendes (UERJ), Vanessa Soares Matos (UNIRIO) e Ivanildo Amaro de Araujo (Ivan Amaro) (PPGEDU/UNIRIO)

SESSÕES

Primeira Sessão: 30 de maio - 11h às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
11h	Elisangela Silva Heringer	ENTRE BICICLETAS E PIRILAMPOS: O INFANCIAR DO TEXTO E DOS SUJEITOS
11h15	Isabela de Souza Oliveira	LIÇÕES DO DESCONHECIDO: A EXPERIÊNCIA ÉTICA DA JORNADA AO IMPOSSÍVEL EM ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS
11h30	Fernanda Caetano da Silva Ferreira Leila de Carvalho Mendes	DAS FALAS AOS SILÊNCIOS: CONVERSAS LITERÁRIAS E A MULTIPLICIDADE DOS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO
11h45	Nathalia Silva de Lazari Érica Cayres Rodrigues Maria Helena Ferrari	LER E CONVERSAR: A LITERATURA COMO ESPAÇO DE HUMANIZAÇÃO DE SI E DO OUTRO A PARTIR DE PROJETO DE EXTENSÃO
12h	Ana Carolina da Silva Coelho Leila de Carvalho Mendes	ARTE, LEITURA LITERÁRIA E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: UMA CARTOGRAFIA DOS PROCESSOS DE SINGULARIZAÇÃO NAS NARRATIVAS DE FUTUROS PROFESSORES DA BAIXADA FLUMINENSE
12h15	Debate	

Segunda Sessão: 30 de maio - 13h30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Vanessa Soares Matos	DIALÓGOS SOBRE AS ICAMIABAS NA SALA DE AULA: O DESPERTAR DE FEMINILIDADES OUTRAS
13h45	Luiza Carvalho Santos Brandão	A PRINCESA E O ESPARTILHO: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CONTOS MARAVILHOSOS E A FEMINILIDADE CAPITALISTA
14h	Olívia Leandro Sá Motta Myriam Côrrea de Araújo Ávila	ALICE, RAINHA DE COPAS E A ROSA: UMA ANÁLISE ACERCA DA REPRESENTAÇÃO DE PERSONAGENS FEMININAS EM OBRAS INFANTIS CANÔNICAS ESCRITAS POR HOMENS
14h15	Simone Oliveira Vieira Peres Patrícia Aparecida Beraldo Romano	DO IMAGINÁRIO AMAZÔNICO ÀS MÚLTIPLAS LINGUAGENS: EXPERIMENTAÇÕES LITERÁRIAS E ARTÍSTICAS NO 4º FLACC
14h30	Kamilla Cristina Salgado Bilinski Rafael Ginane Bezerra	DESNATURALIZANDO ESTEREÓTIPOS NA ESCOLA: MÉTODO RECEPCIONAL E LITERATURA INFANTIL
14h45	Debate	

14.1. ENTRE BICICLETAS E PIRILAMPOS: O INFANCIAR DO TEXTO E DOS SUJEITOS

Elisangela Silva Heringer

A presente comunicação tem como objetivo apresentar algumas análises sobre as narrativas "A bicicleta que tinha bigodes (2012) e "O convidador de pirilampos" (2018) do autor angolano Ondjaki à luz dos conceitos de infanciar, defendido por Walter Kohan (2020), e das ideias de devir a partir do pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guatarri (2012). Por esse percurso analítico, busca-se compreender como, por meio da linguagem nas obras, é possível notar o aflorar de uma infância que, ao gosto das premissas de Giorgio Agamben (2005), fomenta e revela processos de experiência e os da subjetivação. Nessas construções de subjetividades, é interesse observar como os recursos narrativos empregados pelo autor e a construção de personagens infantis servem de elementos para superar o conceito clássico e cronológico relacionado ao infantil e extrair outros sentidos para o termo, associando-o a outras temporalidades, a outros devires, a novas condições de existência e ao próprio fazer literário. A percepção de uma infância que aposta em outras formas de pensar, de estar e de representar o mundo e a própria corporeidade faz com que a escrita do escritor angolano se manifeste como um locus em que o infantil é ainda a própria condição de experiência linguística, revelando uma escrita inaugural, potente e criativa. Desta forma, linguagem, estratégias narrativas e subjetividade se adensam nessas narrativas ao recuperar a infância no ato de escrever, que convoca a experiência, o desvio e a singularidade na representação de si, do mundo e do texto.

Palavras-chave: Infância. Experiência. Linguagem. Devir. Subjetividade

14.2. LIÇÕES DO DESCONHECIDO: A EXPERIÊNCIA ÉTICA DA JORNADA AO IMPOSSÍVEL EM *ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS*

Isabela de Souza Oliveira

Esta comunicação tem como objetivo analisar a obra Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, destacando o tema da jornada pelo desconhecido, em que a protagonista é orientada por descobertas de natureza ética, em contraste com a abordagem usual da literatura infantil, a qual frequentemente prioriza e explora lições de moral e valores convencionais da sociedade. Ao ser desafiada a abandonar as certezas absolutas do mundo real, Alice aprende a navegar por um espaço de complexidade, onde as respostas não são claras nem definitivas. Através de eventos absurdos e surreais e de encontros com personagens excêntricos, ela se depara com dilemas que a levam a redefinir sua compreensão de si mesma, do outro e do mundo. Nesse processo, a busca por significado torna-se mais importante do que aderir a padrões morais preestabelecidos. Assim, a obra explora o vazio deixado pela incompletude das normas do mundo real e da vida adulta, propondo um mundo onírico que leva Alice a confrontar situações que subvertem a lógica, incitando uma reflexão sobre questões de identidade e de comportamento, que vão além da lição de moral. No País das Maravilhas, o fora do comum e a dúvida emergem como elementos constitutivos do crescimento pessoal e da exploração, construção e formação ética individual, necessária quando as estruturas morais e sociais falham ou são insuficientes. Para além de estimular o pensamento crítico, a obra propõe a busca por autenticidade ética e identitária em um mundo instável e enigmático.

Palavras-chave: Ética. Identidade. Imaginação

14.3. DAS FALAS AOS SILÊNCIOS: CONVERSAS LITERÁRIAS E A MULTIPLICIDADE DOS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

Fernanda Caetano da Silva Ferreira
Leila de Carvalho Mendes

Essa comunicação apresenta as reflexões preliminares de uma pesquisa, que tem por objetivo cartografar e mapear as linhas que dão visibilidade a abertura para processos de subjetivação engendrados a partir dos silêncios produzidos ao longo de três mediações de leitura, realizadas por uma professora da sala de leitura, em turmas com crianças do Ensino Fundamental I, de uma escola pública, localizada no município de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. Para isso, consideramos os estudos de Bajour (2012, 2023), Orlandi (2007) Chambers (2023), Larrosa (2017) e Yunes e Oswald (2004). As mediações de leitura foram gravadas e transcritas, constituindo um corpus formado por três diários de campo, produzidos de março a junho de 2024, por uma bolsista do Grupo de Pesquisa. Buscamos compreender, a partir da trama discursiva, no intercâmbio entre as falas e os silêncios, cria-se uma abertura para a multiplicidade dos processos de subjetivação. Nessa trama discursiva, embora as palavras possuam grande força e poder, produzindo sentidos, criando realidades e funcionando como potentes mecanismos de subjetivação (Larrosa, 2017), é na escuta atenta dos silêncios que se abrem, que se desdobram tons, timbres, ênfases, ressonâncias ou ruídos, pois o silêncio de cada um dos participantes envolvidos nessas leituras compartilhadas vibram de forma única (Bajour, 2023). São nesses espaços de contemplação silenciosa que participantes constroem sua silenciografia, onde as vozes e os silêncios atuam como chaves sensíveis para construir significados, causando uma suspensão de qualquer tipo de enclausuramento dos sentidos. Esse ato de fazer silêncio, de estar sensível ao que nos rodeia, permitindo se perder antes mesmo da escuta, nos deixa mais abertos e mais permeáveis às vozes e aos silêncios dos outros. Compreendemos então que o calar tem uma infinidade de possibilidades que se oferecem ao nosso acolhimento sensível, se estivermos disponíveis. Desta maneira, consideramos que durante essas leituras compartilhadas, o silêncio passa a ocupar um papel primordial pois, funciona como elemento fundante e indispensável para o processo de significação e atribuição de sentidos, consequentemente para o processo de subjetivação. Sendo possível de ser percebido pois, está visível entre as falas, nas pausas, nos suspiros dos sujeitos se manifestando durante as conversas literárias entre os participantes, nos fazendo acreditar que desativar os silêncios, seria subestimar, substituir, parte da atividade interpretativa realizada pelos participantes pois, é nesse enigma calado, que nossos desejos de liberdade buscam caminhos quando lhes damos espaço (Bajour, 2023).

Palavras-chave: Silêncios. Mediação de Leitura. Processos de Subjetivação

14.4. LER E CONVERSAR: A LITERATURA COMO ESPAÇO DE HUMANIZAÇÃO DE SI E DO OUTRO A PARTIR DE PROJETO DE EXTENSÃO

Nathalia Silva de Lazari
Érica Cayres Rodrigues
Maria Helena Ferrari

Este texto apresenta parte do relato de experiência do projeto de extensão em desenvolvimento no Instituto Federal de Rondônia (IFRO), intitulado de círculo de leitura literária: ler, conversar e viver não é preciso. O projeto tem como objetivo promover uma experiência literária por meio do diálogo, da reflexão, do encontro com o outro, consigo mesmo e com o mundo. As ações do projeto são realizadas em parceria com a Escola Estadual Nilton de Oliveira, localizada no Município de Jaru, envolvendo alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II. Além disso, o projeto conta com os alunos bolsistas e voluntários do primeiro ano do Ensino Técnico Integrado ao Médio do IFRO – Campus Jaru, que contribuem na escolha dos livros, na organização, execução e reflexão das leituras propostas. Na condição de coparticipantes, esses alunos vivenciam a experiência de se constituírem

leitores à medida que também assumem o lugar de mediadores, promovendo diálogos significativos no círculo de leitura com os estudantes da escola parceira. Dessa forma, a leitura literária não será uma ação obrigatória, impositiva, mas um caminho aberto onde o leitor tem a liberdade de duvidar, refletir e reinventar. Nesse espaço de liberdade, a leitura não se submete à pressa do cotidiano, mas se torna um ato de resistência contra a superficialidade, transformando a leitura em um ato de resistência que convida o leitor a mergulhar nas complexidades da experiência humana e a dialogar com elas, buscando sentidos pessoais e transformadores.

Palavras-chave: Educação. Anos finais do Ensino Fundamental. Círculo de leitura. Literatura. Formação do leitor

14.5. ARTE, LEITURA LITERÁRIA E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: UMA CARTOGRAFIA DOS PROCESSOS DE SINGULARIZAÇÃO NAS NARRATIVAS DE FUTUROS PROFESSORES DA BAIXADA FLUMINENSE

Ana Carolina da Silva Coelho
Leila de Carvalho Mendes

Devido a alta velocidade com que ocorrem as informações em nosso mundo atual, não temos a oportunidade de vivenciar experiências transformadoras, portanto, tudo se passa, mas nada nos acontece (Larrosa, 2015). Neste modo de vida acelerado, nossa potência vital é enfraquecida na medida em que somos expostos a diversas formas de produção de subjetividade capitalística, que homogeneízam nossos gostos, pensamentos e desejos sem que tenhamos consciência e, as instituições de educação não escapam dessa forma de existir, muitas vezes, desprovida de sentido. Diante desta realidade, a literatura se constitui como uma aliada na abertura para a criação de outras formas de subjetivação, uma vez que a arte luta com o caos, fazendo surgir nele uma visão que o ilumina, uma sensação (Deleuze, 2010). Dessa forma, este trabalho busca apresentar um exercício cartográfico, que tem como objetivo dar visibilidade às linhas de singularização presentes nos "documentos de processo" (Salles, 2014) reunidos após trabalho realizado na turma de "A criança e sua escolarização I" do curso de Pedagogia, na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, após a leitura de uma obra literária. Os documentos de processo que dão origem a essa pesquisa, são constituídos por trabalhos artísticos utilizando materiais diversos e gravações em áudio dos relatos das estudantes após a mediação de leitura da obra infanto juvenil "Tartarugas" (2023) da autora Ángela Cuartas e do ilustrador Dipacho. Os recursos teóricos utilizados partem da filosofia, com Larrosa (2015), Benjamin (2002), Barbieri (2021), Han (2017, 2021, 2023) e da Filosofia da diferença de Deleuze e Guattari (1992, 1995,1996, 2010) e seus seguidores. Destacamos que esta pesquisa faz parte do meu trabalho de conclusão de curso. Portanto, a partir das experiências estéticas nascidas do encontro com a literatura, percebemos deslocamentos das normalidades e abertura de espaços íntimos e subjetivos nas narrativas compartilhadas, onde o vivido foi ressignificado, fazendo surgir um novo território existencial.

Palavras-chave: Subjetividade. Literatura. Experiência Estética

14.6. DIALÓGOS SOBRE AS ICAMIABAS NA SALA DE AULA: O DESPERTAR DE FEMINILIDADES OUTRAS

Vanessa Soares Matos

O objetivo desta comunicação é refletir sobre o impacto da literatura amazonense nos possíveis imaginários sociais das/os estudantes de uma escola do Rio de Janeiro, relativos ao gênero feminino, sobretudo, os indígenas, abordando a força das Icamiabas. Essa abordagem visa questionar a ideia de que há uma fragilidade inerente à figura feminina, percebida nas relações interpessoais dessas/es estudantes nas situações mais cotidianas vividas. Para isso, usou-se a escrita de autoria feminina de Ruthven (2020) e autoria feminina indígena de Potiguara (2024). Depois da leitura de partes

das lendas sobre as Icamiabas e da exibição de vídeos sobre elas, percebemos, em diálogos, os processos de criação de subjetividades das(os) estudantes, que elaboraram histórias de vida de 2 guerreiras, imaginando como elas estabeleciam suas relações com mundo. Dessa forma, adotou-se a conversa como metodologia, segundo Ribeiro; Souza; Sampaio (2018). Assim, identificamos empatia, identificação e interconexão entre a cultura delas e as perspectivas femininas atuais, negociando valores concernentes ao gênero feminino, sobretudo, no que tange ao empoderamento. Pode-se citar estudantes mais conscientes e combativas/os aos estigmas relativos à mulher hoje, contestados pelas formas de existir das personagens amazonenses.

Palavras-chave: Icamiabas. Feminilidades. Mulher. Escola

14.7. A PRINCESA E O ESPARTILHO: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CONTOS MARAVILHOSOS E A FEMINILIDADE CAPITALISTA

Luiza Carvalho Santos Brandão

Os contos maravilhosos, presentes há séculos no imaginário coletivo, têm sido objeto de inúmeras releituras artísticas e estudos acadêmicos. Segundo Darnton (2014), essas histórias permanecem vivas ao longo do tempo, transmitindo mensagens profundas que, parafraseando Ítalo Calvino (2002, p.11), "nunca terminam de dizer aquilo que têm a dizer". Desde o século XVII, compilações de autores como os Irmãos Grimm, Charles Perrault e Joseph Jacobs vêm moldando a visão de mundo de crianças e adultos por meio de ensinamentos morais, explícitos ou diluídos no universo fantasioso de fadas, gigantes e animais falantes. Essas mensagens, conforme Tatar (2013), frequentemente reforçam ideais de feminilidade ajustados aos ideais da sociedade capitalista emergente, tendo as princesas como representação desse ideal. Com o objetivo de compreender como essas narrativas vem ajudando a construir ideais de feminilidade desde a época das primeiras compilações até os dias de hoje, o presente trabalho busca analisar a representação dessas personagens em três histórias: A princesa e a ervilha (Andersen, 2013), O sapatinho de vidro (Perrault, 2013) e Branca de Neve (Grimm, 2019). Para tanto, investiga-se a transição dos contos da tradição oral camponesa para a literatura escrita enquanto projeto político, com base em autores como Maria Tatar (2013), Jack Zipes (2006) e Robert Darnton (2014). Também são utilizadas as contribuições de Silvia Federici (2017) e Tithi Battacharya (2017), que analisam as mudanças no papel social da mulher a partir do advento do capitalismo.

Palavras-chave: Contos de Fadas. Crítica feminista. Princesas. Reprodução Social

14.8. ALICE, RAINHA DE COPAS E A ROSA: UMA ANÁLISE ACERCA DA REPRESENTAÇÃO DE PERSONAGENS FEMININAS EM OBRAS INFANTIS CANÔNICAS ESCRITAS POR HOMENS

Olívia Leandro Sá Motta
Myriam Côrrea de Araújo Ávila

Enquanto "ser de papel", toda e qualquer personagem literária se forma na linguagem de maneira diversa ao real, ainda que se possa estabelecer uma relação de contiguidade entre ambos, já que a ficção e o real são dimensões que se entrecruzam na literatura. Assim, a criação literária é uma construção ou representação que pode revelar estereótipos por estar sujeita à ideologia ou aos valores da época em que é produzida (BRANDÃO, 2006). Nesta pesquisa, pretendo analisar a representação de personagens femininas em obras literárias infantis escritas por homens. Assim, escolhi como corpus duas obras canônicas, sendo estas Alice no País das Maravilhas (1865) e O Pequeno Príncipe (1946). Considerando que "a personagem feminina, construída e produzida no registro do masculino, não coincide com a mulher" (BRANCO & BRANDÃO, 1989, p.17), pretendo analisar o modo com que Lewis Carroll e Saint-Exupéry deslocam vozes, ao criarem, a partir de visões masculinas, figuras femininas estereotipadas que carregam juízos de valor e não correspondem à

mulher tal como ela se apresenta na realidade. Em Alice, analisarei a caracterização da personagem principal, cujo nome inspirou a obra, e a Rainha de Copas. Em O Pequeno Príncipe, investigarei a simbologia da rosa.

Palavras-chave: Alice. Rainha de Copas. Rosa. Representação. Feminino

14.9. DO IMAGINÁRIO AMAZÔNICO ÀS MÚLTIPLAS LINGUAGENS: EXPERIMENTAÇÕES LITERÁRIAS E ARTÍSTICAS NO 4º FLACC

Simone Oliveira Vieira Peres
Patrícia Aparecida Beraldo Romano

O trabalho pretende refletir sobre os processos de letramento literário-artístico a partir do imaginário amazônico e de múltiplas linguagens, tendo como corpus de análise as produções multissemióticas de estudantes do ensino fundamental, no 3º Concurso de Desenho e Redação com o tema "Amazônia Multicultural: Raízes, Linguagens e Imaginários", o qual esteve inserido no 4º Festival Literário e Artístico de Canaã dos Carajás – FLACC, ocorrido no sudeste do Pará. A proposta mobilizou a comunidade escolar em torno de discussões sobre identidade, diversidade cultural, preservação ambiental, ampliando o olhar sobre as culturas amazônicas e as comunidades indígenas. De forma interdisciplinar, o evento envolveu desde a Educação Infantil até a Educação de Jovens e Adultos promovendo o diálogo entre literatura, arte e identidade amazônica através de propostas criativas e brincantes com múltiplas linguagens. Ao propor espaços de leitura, mediação e criação, as experimentações literárias e artísticas ampliaram o repertório cultural de professores e de estudantes à medida em que o contexto de leituras e práticas versaram sobre a literatura amazônica, as múltiplas linguagens e imaginários. Entre os gêneros textuais que resultaram dessa produção estiveram: mosaico, arte rupestre, ilustração, parlenda, história em quadrinhos, lenda, poema, fanfic, música original/paródia, acróstico, contos, causos, etc. A fundamentação teórica deste estudo baseia-se nos conceitos de alfabetização e letramento (Soares, 1998), no dialogismo e gêneros textuais (Bakhtin, 2000; Marcuschi, 2002), na abordagem crítica de Freire (1970; 2006), e nos estudos de Cosson (2006), Lajolo (1998) e Rojo (2001) sobre literatura, práticas de leitura, escrita e multiletramentos.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Multiletramentos. Amazônia. FLACC

14.10. DESNATURALIZANDO ESTEREÓTIPOS NA ESCOLA: MÉTODO RECEPCIONAL E LITERATURA INFANTIL

Kamilla Cristina Salgado Bilinski
Rafael Ginane Bezerra

Historicamente, a literatura voltada para o público infantil esteve colonizada por uma concepção de "mulher/menina" moldada aos padrões sociais como alguém indefesa, que necessita ser protegida. Da mesma forma, a representação do masculino retrata "homens/meninos" corajosos, aventureiros, normalmente é deles que depende a salvação das meninas. Diante disso, a presente pesquisa busca discutir de que forma o texto literário pode contribuir para a quebra dos estereótipos das princesas e dos príncipes tradicionais, favorecendo uma educação igualitária que promova a igualdade de gênero e o empoderamento feminino. Para tanto, realizou-se uma pesquisa-ação qualitativa, de cunho exploratório descritivo, orientada pelo Método Recepcional, que teve como objetivo desenvolver uma sequência didática, mobilizando textos literários para levar os estudantes das séries iniciais do Ensino Fundamental, de uma escola da Rede Municipal de Curitiba, a refletir sobre representações estereotipadas, igualdade de gênero e o papel social da mulher. Para este fim, mobilizamos dois campos teóricos que desempenharam uma função complementar. O primeiro trata da concepção e da função da literatura infantojuvenil, em como ela de fato pode ser convertida em dispositivo para

a reconfiguração de valores e de práticas, com destaque para as contribuições de Colomer (2017), Butler (2018), Cademartori (2010), Beauvoir (1970) e Cosson (2021). O segundo diz respeito ao desenho metodológico da pesquisa, correspondendo às estratégias didáticas que foram utilizadas para a desnaturalização dos estereótipos de gênero. Para esse propósito, recorreremos às animações de leitura sugeridas por Poslaniec (2006) e ao Método Recepcional de Bordini e Aguiar (1993).

Palavras-chave: Estereótipos de gênero. Literatura Infantil. Método Recepcional. Ensino Fundamental I

SIMPÓSIO 15

Literatura infantil e juvenil e tempos de guerra

Coordenador(es): Rita de Cássia Silva Dionísio Santos (UNIMONTES); Maria Zilda da Cunha (USP)

SESSÕES

Primeira Sessão: 28 de maio - 10h30 às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
10h30	Paulo César Ribeiro Filho	ROMANCE DE FORMAÇÃO, CRIANÇAS ÓRFÃS E A ESTRUTURAÇÃO DE CULTURAS INFANTIS
10h45	Wagner Gonzaga Lemos	A GUERRA DE CANUDOS E OS SERTÕES EM O SERTÃO VAI VIRAR MAR, OBRA DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL DE MOACYR SCLIAR
11h	Jalmir Jesus de Souza Ribeiro Miriam de Paiva Vieira	ECOS DE UM LAR PERDIDO: INFÂNCIA, IDENTIDADE E DIÁSPORA EM THE RED PENCIL
11h15	Lígia Regina Máximo Cavalari Menna	CRIANÇAS EM FUGA E SUAS JORNADAS MIGRATÓRIAS EM TEMPOS DE GUERRA SOB DIFERENTES PERSPECTIVAS
10h30	Rita de Cássia Silva Dionísio Santos	A LITERATURA INFANTIL NO INÍCIO DO SÉCULO XX E O (NÃO) NARRAR A GUERRA: DOS MODOS DE ENSEJAR OS CONFLITOS EM ALEXINA DE MAGALHÃES PINTO
10h45	Debate	

Segunda Sessão: 28 de maio - 13h30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Márcia de Assis Ferreira	DORES, CORES E SABORES: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA DO LIVRO LAYLA, A MENINA SÍRIA
13h45	Francisco Camêlo	QUANDO A CRIANÇA LEVA A GUERRA NA MALA
14h	Estela Aparecida de Souza dos Santos Silvana Ferreira de Souza Renata Junqueira de Souza	ENTRE LINHAS E BATALHAS: AÇÕES E ESTRATÉGIAS PARA LEITURA DE LIVROS LITERÁRIOS INFANTIS SOBRE O TEMA DA GUERRA NO ENSINO FUNDAMENTAL
14h15	Cristiano Camilo Lopes	MODERNIDADE E GUERRA NA OBRA CRÔNICAS DE NÁRNIA - O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA, DE C. S. LEWIS
14h30	Debate	

Terceira Sessão: 29 de maio - 8h às 9h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
8h	Érica Rodrigues Fontes	IMAGENS DE ESPERANÇA: ELEMENTOS VISUAIS EM DIÁRIOS JUVENIS SOBRE GUERRAS
8h15	Dayse Oliveira Barbosa	PARVANA E BAKHTAI: MENINAS VIVENDO SOB O REGIME TALIBÃ NO AFEGANISTÃO
8h30	Maria Auxiliadora Fontana Baseio Maria Zilda da Cunha	A GUERRA NOS LABIRINTOS DO TEXTO: A LITERATURA PARA CRIANÇAS COMO ENTRELUGAR PARA PENSAR COMPLEXIDADES
8h45	Vivian Bezerra da Silva	A INFÂNCIA SOBREVIVE À GUERRA: REPRESENTAÇÕES DA CRIANÇA EM SITUAÇÕES DE RISCO NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL CONTEMPORÂNEA
9h	Debate	

RESUMOS

15.1. ROMANCE DE FORMAÇÃO, CRIANÇAS ÓRFÃS E A ESTRUTURAÇÃO DE CULTURAS INFANTIS

Paulo César Ribeiro Filho

A presente comunicação tem por objetivo revisitar a tradição romanesca das crianças órfãs como protagonistas de clássicos da literatura infantil e juvenil dos séculos XIX e XX, promovendo uma reflexão sobre o ethos de tais personagens-tipo sob uma abordagem comparativista pautada em perspectivas teóricas da teoria literária (Mazzari, 2022; Moretti, 2020) e da antropologia (Fernandes, 1979). Ao serem forçadas a enfrentar a perda, a solidão e a busca por pertencimento, essas protagonistas são capazes de evocar imagens caras à figuração da resiliência humana pelas vias da ficção. A ausência dos pais - sobretudo como efeito de tragédias direta ou indiretamente associadas à guerra - não apenas cria um espaço para o desenvolvimento de habilidades de sobrevivência e adaptação, mas também permite que sejam explorados temas como o amor, a amizade e a construção de laços familiares não convencionais, potenciais vetores de experimentação de valores humanos como a empatia e a solidariedade. Com foco em Mary Lennox, protagonista de "O Jardim Secreto" (1911), de Frances H. Burnett, e em Pollyanna Whittier, figura central do célebre romance homônimo de Eleanor H. Porter (1913), buscaremos compreender de que modo a ficcionalização da experiência de orfandade desencadeia, nas narrativas, o processo de amadurecimento da criança ao oportunizar a criação de culturas infantis autônomas, gestadas a partir de convívios harmoniosos (com outras crianças) e conflituosos (com adultos e figuras de autoridade).

Palavras-chave: Crianças órfãs. Romances do século XX. Culturas infantis

15.2. A GUERRA DE CANUDOS E *OS SERTÕES* EM *O SERTÃO VAI VIRAR MAR*, OBRA DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL DE MOACYR SCLIAR

Wagner Gonzaga Lemos

Este trabalho de caráter bibliográfico vincula-se ao Grupo de Pesquisa em Literatura e História (CNPq/UNEB), especificamente à linha Questões de Brasil Profundo, voltada, à Guerra de Canudos e à região do evento, localidade em que os autores exercem pesquisa e docência. "Os Sertões" (1902),

de Euclides da Cunha (1866-1909), chancelou seu lugar na Literatura Brasileira não só em razão seu trabalho com a linguagem, mas também por trazer ao cerne de nossas Letras a Guerra de Canudos, tendo como norte a ideia de denunciar aquilo que o autor, um dos mais lidos e discutidos intérpretes do país, reputou como um crime na completude da palavra. Em 2002, no centenário do clássico, Moacyr Scliar (1937-2011), autor contemporâneo, lançou "O sertão vai virar mar", obra de literatura infantojuvenil apresentada como "Uma leitura de Os Sertões" como parte da série "Descobrindo os Clássicos" da Editora Ática com vistas apresentar obras fundamentais às novas gerações. Nela, Scliar ainda editou releituras de "O Guarani"; "O Alienista" e "Triste Fim de Policarpo Quaresma". Nosso corpus, porém, "O sertão vai virar mar" é analisado sob a ótica das representações do conflito, mas também dos conceitos e imagens de sertão de que se valeu Moacyr Scliar.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Guerra de Canudos. Os Sertões. Literatura infantojuvenil. Moacyr Scliar

15.3. ECOS DE UM LAR PERDIDO: INFÂNCIA, IDENTIDADE E DIÁSPORA EM *THE RED PENCIL*

Jalmir Jesus de Souza Ribeiro
Miriam de Paiva Vieira

Este trabalho se propõe a explorar a construção de identidade de crianças em contextos de diáspora e deslocamento forçado por meio da análise de elementos verbais e visuais no livro multimodal The Red Pencil (2015), de Andrea Davis Pinkney e Shane W. Evans. Analisaremos como a personagem principal, Amira, representa a vivência da diáspora sudanesa e como a obra utiliza elementos como a poesia concreta e metáforas visuais para aproximar o leitor do trauma e da esperança em meio ao deslocamento forçado. Nesse sentido, a partir da relação palavra-imagem (Newell, 2017), abordaremos como a narrativa em versos e as ilustrações proporcionam a compreensão das experiências de diáspora e de deslocamento forçado (Chambers, 1994; Brah, 2005). Além disso, analisaremos, através da focalização da personagem principal, temas como perda, resiliência e a busca por esperança em meio às adversidades e como se constroem as múltiplas identidades da criança a partir desses desafios (Louie, 2005; Hall, 2006; Colomer, 2017). Desse modo, será possível perceber que a combinação de elementos verbais e visuais possibilita uma construção identitária que é simultaneamente complexa e acessível para jovens leitores. Assim, a relação palavra-imagem atua como um recurso para explorar a resiliência, a memória cultural e o enfrentamento do trauma, oferecendo uma base para reflexões sobre identidade, pertencimento e esperança, mesmo em situações de perda e deslocamento.

Palavras-chave: Deslocamento. Identidade. Intermidialidade. Pertencimento. Relações palavra-imagem

15.4. CRIANÇAS EM FUGA E SUAS JORNADAS MIGRATÓRIAS EM TEMPOS DE GUERRA SOB DIFERENTES PERSPECTIVAS

Lígia Regina Máximo Cavalari Menna

A guerra, a violência, perseguições e violações dos direitos humanos, enfim, questões políticas e sociais de toda ordem, têm obrigado milhares de pessoas a abandonar suas casas à força em busca de refúgio, esperançosas de retornar um dia ou simplesmente sobreviver. Segundo a Acnur, (Agência da ONU para Refugiados),até o final de 2023, estima-se que 117,3 milhões de pessoas em todo o mundo foram forçadas a se deslocar de suas casas, sendo que cerca de 47 milhões dessas pessoas são crianças. Na mitologia, na literatura e nas artes em geral, antigo é o tema da migração forçada , pessoas exiladas, perseguidas, vivendo na diáspora, compondo um retrato perversamente contemporâneo . Na literatura para as crianças, também encontramos exemplos de obras que se debruçam sobre esse tema fraturante, normalmente com protagonistas crianças. Entre os conflitos

da guerra e o final refúgio, há enredos que se concentram no percurso empreendido a partir da fuga, a jornada migratória, repleta de perigos , perdas, com destinos incertos, apresentada aos leitores de forma lírica e simbólica. Esta comunicação objetiva , por meio de um estudo comparado, analisar obras cujo enredo se desenvolva justamente durante essa jornada migratória impulsionada pela guerra e observar como as personagens são figuradas, os diferentes focos narrativos , entre outros aspectos, no âmbito verbal e visual. Como corpus temos : Migrantes, de Issa Watanabe; A viagem, de Francesca Sanna; Barco de histórias, de Kyo Maclear e o poema A cruzada das crianças, de Bertold Brecht, ilustrado por Carme Solé Vendrell. Como aporte teórico, destacam-se Walter Benjamin, Collin Heywood, Maria Nikolajeva, entre outros.

Palavras-chave: guerra. jornada migratória. figuração. focalização. concepção de infância

15.5. A LITERATURA INFANTIL NO INÍCIO DO SÉCULO XX E O (NÃO) NARRAR A GUERRA: DOS MODOS DE ENSEJAR OS CONFLITOS EM ALEXINA DE MAGALHÃES PINTO

Rita de Cássia Silva Dionísio Santos

Alexina de Magalhães Pinto (1869-1921) é considerada uma das principais educadoras brasileiras do final do século XIX e início do século XX a propor métodos de ensino de cultura nas escolas brasileiras, a partir, principalmente, da inclusão de produções folclóricas em materiais e manuais didáticos para o trabalho com crianças e adolescentes. Em viagens por cidades de Minas Gerais e adjacências, a pesquisadora identificou, recolheu e organizou narrativas, provérbios e cantigas populares que integraram as suas coletâneas, publicadas no Brasil e na Europa nas duas primeiras décadas do século XX. Vítima de "memoricído feminino", esta intelectual tem sido, há algum tempo, sujeito/objeto de nossas pesquisas, e, neste percurso, instiga-nos o fato de que, tendo produzido em época de consideráveis efervescências nos diversos campos científicos (ocasião em que, inclusive, a escritora publicava em jornais de circulação nacional e atuava como professora na cidade do Rio de Janeiro), em sua obra, não há menção à Primeira Guerra Mundial, ocorrida entre os anos de 1914 e 1918. Por que motivo uma tão importante intelectual do início do século XX mantém-se em completo silêncio em seus livros escritos/organizados em tempos de guerra? Tendo como corpus os livros "Proverbios Populares, Maximas e Observações Usuaes" (1917) e "Cantigas das Creanças e do Povo e Danças Populares" (1916), publicados pela autora durante a Primeira Guerra Mundial, esta é a questão à qual o presente trabalho se dedicará.

Palavras-chave: Alexina de Magalhães Pinto. Literatura Infantil. Conflitos. Modos de narrar

15.6. DORES, CORES E SABORES: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA DO LIVRO *LAYLA, A MENINA SÍRIA*

Márcia de Assis Ferreira

O objetivo desta proposta é demonstrar as etapas e os resultados de uma projeto de mediação de leitura literária (Tinoco e Stephani, 2016; Trevisan, Gebran e Guimarães, 2017; Munita, 2021), desenvolvido em 2022, nos Anos Finais do Ensino Fundamental, mais especificamente com o 7º ano, na Sala de Leitura de uma escola pública federal, do livro infantojuvenil indicado pelo PNLD literário, LAYLA, a menina síria (Pizaia, Zahra, Vilas Boas, Scarpelli, 2018). Revelando um olhar atento e sensível para o tema da guerra, seus reveses e impactos na vida de inúmeras crianças, na obra, metonimicamente, representadas pela personagem Layla, a narrativa se oferece jornalística e artisticamente, não apenas como um registro dos horrores vivenciados pelos ataques que se iniciaram na Síria, em 2011, provocando desestruturação, morte e diáspora, mas também como potente espaço de reflexão sobre coragem, capacidade de superação e exercício de exotopia (Bakhtin, [1979], 2003). Assentada no campo dos Letramentos Literários, a partir da perspectiva conceitual de Amorim et al. (2022), considerando igualmente a proposta de Cosson e Paulino (2009), em diálogo com pressupostos da Linguística Aplicada INdisciplinar (Moita Lopes, 2006),

Educação Literária (Colomer, 1991; Balça, 2023), e de trabalho com as múltiplas semioses (Rojo e Moura, 2019), os resultados apontam, em tempos de super diversidade (Vertover, 2007), por um lado, e de manutenção de (quase) insuperáveis desigualdades por outro, para a potência do bem incompressível (Cândido, 1995) que é a literatura nos processos de formação escolar do leitor.

Palavras-chave: Letramentos Literários. Mediação. Livro Infantojuvenil. Múltiplas Semioses

15.7. QUANDO A CRIANÇA LEVA A GUERRA NA MALA

Francisco Camêlo

Inúmeras são, hoje, como no passado recente, as crianças que vivem longe de seu país de origem, por causa de guerras e outros conflitos que resultam em deslocamentos forçados. Exiladas, refugiadas ou migrantes, essas crianças precisam, como lembra Philip Nel (2017), de "histórias que as ajudem a compreender seus deslocamentos geográficos e emocionais". Como a experiência da guerra tem sido transmitida aos jovens leitores? Como os conflitos bélicos são figurados pelas linguagens verbal e visual no livro infantil contemporâneo? Endereçaremos essas perguntas a um conjunto de livros ilustrados que priorizam o olhar e a voz de narradores ou personagens crianças para a guerra. Que histórias elas contam? O que tiveram de deixar para trás ao fugir da guerra? E o que trazem na bagagem? A aproximação a essas histórias de guerra será feita a partir do tropo visual da mala, objeto recorrente em muitos livros para a infância que abordam o tema fraturante e disruptivo (Ramos et al., 2017) em questão, a exemplo de Akim court, de Claude K. Dubois; Mexique – el nombre del barco, de María José Ferrada e Ana Penya; e Filas de sonhos, de Rita Sineiro e Laila Domènech. Esse corpus ficcional será considerado com o apoio crítico-reflexivo de Bines (2022), Macé (2018), Didi-Huberman (2017) e Hunt (2005).

Palavras-chave: Infâncias literárias. Guerras. Malas. Livro ilustrado

15.8. ENTRE LINHAS E BATALHAS: AÇÕES E ESTRATÉGIAS PARA LEITURA DE LIVROS LITERÁRIOS INFANTIS SOBRE O TEMA DA GUERRA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Estela Aparecida de Souza dos Santos
Silvana Ferreira de Souza
Renata Junqueira de Souza

A leitura, o livro literário, o leitor e os assuntos polêmicos fazem parte de uma sociedade humana complexa que impõe modos de pensar, sentir e agir. Neste sentido, esta apresentação visa a discussão de literatura com temas polêmicos para serem lidos com estudantes do ensino fundamental. Ao refinar o assunto polêmico ao tema do 'conflito bélico', busca-se propor procedimentos metodológicos para a leitura de textos que se projetam a discutir a temática em sala de aula. Assim, através dos procedimentos metodológicos propostos por Girotto; Souza (2010), que se referem, especificamente, à ativação do conhecimento prévio, inferência, conexão, questionamento e visualização busca-se a atribuição de sentidos para o tema da guerra no ato da leitura do livro "Fumaça" (2011) de Antón Fortes e Joana Concejo. Para tanto, o estudo, além de Girotto; Souza (2010), se baseou em Kleiman (2016) sobre os três tipos de conhecimento prévio que o leitor precisa possuir ou desenvolver no momento da leitura, e em Solé (1998) sobre as ações antes, durante e depois da leitura. O objetivo geral se concentra em descrever como os procedimentos metodológicos podem auxiliar na compreensão de livros literários infantis com temas polêmicos. Como resultado, espera-se que a leitura do assunto produza, no leitor, informações que ele poderá utilizar em vida, seja ao conversar com amigos e ao relacionar com outros assuntos, tal qual compreender a importância da leitura de partes essenciais às obras como: capa, autor, ilustrador, texto verbal e texto visual.

Palavras-chave: Leitura. Leitura literária. Estratégias de leitura. Ensino fundamental. Guerra

15.9. MODERNIDADE E GUERRA NA OBRA *CRÔNICAS DE NÁRNIA - O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA*, DE C. S. LEWIS

Cristiano Camilo Lopes

C. S. Lewis, em sua obra As Crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa, retratou a vivência das personagens no contexto da Segunda Guerra Mundial. Para o autor, o século XX foi marcado por uma época em que as pessoas falavam de forma otimista do progresso da humanidade em várias áreas até que vieram duas guerras mundiais. Com isso, a obra em questão convida o leitor à reflexão sobre a tese vigente na época, de que as mudanças advindas da modernidade são sempre melhores. Assim, nesta comunicação, nosso foco é analisar o modo como o tema da guerra no século XX é apresentado na obra juvenil O leão, a feiticeira e o guarda-roupa. Nessa investigação, vamos considerar de que forma a guerra foi retratada, avaliada e encarada no universo ficcional. A princípio, entende-se que, na perspectiva da obra, do mesmo modo que a modernidade (com suas máquinas e mudança de mentalidade produzida pela revolução tecnológica) gerou muitas aberturas ao desenvolvimento e ao progresso da humanidade, ela também limitou essa humanidade a ver o progresso como a única forma de esperança em situações de sofrimento e dor. Como solução, a obra desafia o leitor a olhar também para o passado não para encontrá-lo, mas para não se ver preso a uma situação do presente tão marcada pela dor.

Palavras-chave: Guerra. Crônicas de Nárnia. Modernidade

15.10. IMAGENS DE ESPERANÇA: ELEMENTOS VISUAIS EM DIÁRIOS JUVENIS SOBRE GUERRAS

Érica Rodrigues Fontes

Alguns diários juvenis que narram histórias passadas durante períodos de guerra apresentam muitos elementos visuais que podem, por vezes, traduzir um universo de esperança. Os diários de Anne Frank, Nora Krug (Heimat) e Nisha são três desses exemplos. Quando Trotsky falou sobre a beleza da vida em seu exílio e inspirou o filme A vida é bela (1999), de Roberto Begnini, ele [Trotsky] pediu alterações na forma de viver pelo bem das gerações futuras. E por que não dizer que essas mudanças poderiam ocorrer também através desses seres humanos vindouros? Retratar o belo em um momento caótico parece reforçar a anormalidade dos conflitos armados que vitimam tantos inocentes. Georges Didi-Humerman salienta que é um "enorme equívoco querer fazer da imaginação uma pura e simples faculdade de desrealização" (2012, p. 208). A imagem também cria, traz à existência. Como defendem Alain de Botton e John Armstrong em Art as Therapy, uma das funções da arte é exatamente a esperança. E, eles completam, "devemos ser capazes de aproveitar uma imagem ideal sem a considerar um quadro falso de como as coisas realmente são" (2013, p. 22). A proposta do trabalho é analisar como elementos visuais (fotos e imagens em geral, estando elas em graphic novels ou não), contidos em algumas edições das narrativas acima mencionadas, buscam resgatar um viés esperançoso através de um olhar juvenil que elabora e se utiliza de imagens positivas em meio à desordem.

Palavras-chave: Literatura. Guerra. Imagens. Graphic Novels. Literatura Juvenil

15.11. PARVANA E BAKHTAI: MENINAS VIVENDO SOB O REGIME TALIBÃ NO AFEGANISTÃO

Dayse Oliveira Barbosa

Este trabalho visa ao estudo comparativo das protagonistas do livro juvenil A viagem de Parvana, escrito por Deborah Ellis, publicado originalmente em 2002, e do filme iraniano E Buda desabou de vergonha, dirigido por Hanna Makhmalbaf, estreado em 2007. A viagem de Parvana é o segundo livro de uma trilogia direcionada ao público juvenil que ficou conhecida no Brasil como a "trilogia de

Parvana". Nesta obra, a protagonista, Parvana, com 13 anos, viaja sozinha de Cabul para o interior do Afeganistão em busca da mãe e dos irmãos. Sem saber onde eles se encontravam, a garota percorre aldeias bombardeadas, conhece outras crianças e adolescentes abandonados, faz serviços de limpeza em galinheiros em troca de água e um prato de arroz, esconde-se de ataques talibãs em cavernas, até que chega a um campo de refugiados. E Buda desabou de vergonha é um filme iraniano que narra a luta de Bakhtai, uma garota de seis anos de idade, residente na cidade histórica de Bamyian, no centro do Afeganistão, para ir à escola aprender a "ler lindas histórias". Ambas as obras evidenciam a destruição ocasionada na guerra do Afeganistão, na época do primeiro domínio Talibã no país. Será ressaltado neste estudo como a vida das meninas afegãs é profundamente alterada com a proibição de que frequentem a escola, destruindo-as interiormente, minando sonhos e esperanças tão comuns na fase da infância e adolescência. Com isso, tanto a narrativa juvenil quanto o filme iraniano possibilitam ao público apreender os graves efeitos de uma guerra para o projeto de vida de crianças e adolescentes, conduzindo-nos a reflexões significativas acerca da sociedade contemporânea. Para este estudo serão consideradas as contribuições teóricas de Nelly Novaes Coelho (2000), Mohsen Makhmalbaf (2001), Jacques Aumont (2004), José Nicolau Gregorin Filho (2012) e Vincent Jouve (2012).

Palavras-chave: Literatura juvenil. Cinema iraniano. Afeganistão. Narrativa. Guerra

15.12. A GUERRA NOS LABIRINTOS DO TEXTO: A LITERATURA PARA CRIANÇAS COMO ENTRELUGAR PARA PENSAR COMPLEXIDADES

Maria Auxiliadora Fontana Baseio
Maria Zilda da Cunha

Objetiva-se discutir como a literatura infantil, sendo um entrelugar discursivo e semiótico, é capaz de trazer reflexão sobre temáticas complexas da humanidade. Zubair e os Labirintos, de Roger Mello é livro infantil, que convida o leitor a uma jornada pela realidade da guerra pelas mãos da fantasia. No âmbito da temática, evidencia uma perspectiva crítica a respeito da violência e da guerra, bem como do impacto dessa experiência para a destruição de legados da história e projetos humanos. O artista reveste a realidade brutal, valendo-se de uma complexa trama de linguagens. Desse modo, a obra diagramando-se por labirintos, sugere uma viagem. A fragmentação dos espaços e a intervenção do passado no presente, através da memória, leva à consciência da instância que narra, ora observador, ora imerso na narrativa. De linguagem cativante e portadora de mistérios, entramada nas ilustrações de Roger Mello, o leitor transporta-se para cenário da guerra, a partir do qual acessa sentimentos, formas de pensamento, e contextos histórico-sociais. Pelos percursos intrincados do texto, o leitor acaba por nortear-se pelo valor da memória, jornada que puxa fios do passado e do presente, tornando possível valorizar os patrimônios culturais e refletir sobre consequências severas da destruição. Pelo viés do comparativismo literário, que enfoca a densidade de processos culturais, bem como a relação da literatura com outras artes e outras áreas do saber, traçamos formas de leitura que visem contribuir para uma recepção estética e crítica do jovem leitor.

Palavras-chave: guerra. literatura para crianças. recepção estética

15.13. A INFÂNCIA SOBREVIVE À GUERRA: REPRESENTAÇÕES DA CRIANÇA EM SITUAÇÕES DE RISCO NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL CONTEMPORÂNEA

Vivian Bezerra da Silva

Por meio da análise crítica e interpretativa dos livros Dois meninos de Kakuma (2018), de Marie Ange Bordas e Um outro país para Azzi (2012), de Sarah Garland, ambos publicados pela editora Pulo do Gato, busco refletir, neste trabalho, a respeito da representação da criança em contexto de deslocamento forçado na literatura infantil e juvenil contemporânea. As duas obras possuem a guerra

como pano de fundo e foram escritas a partir da convivência das autoras com crianças refugiadas. Por esse motivo, são narrativas que assumem também uma dimensão política ao transformar crises atuais, que acompanhamos de forma distanciada pelos noticiários, em histórias ficcionais, trazendo para o centro personagens silenciados e esquecidos. Devido às circunstâncias extremas, a infância dos protagonistas é marcada por momentos difíceis, de escassez e privações. Contudo, são histórias que conseguem entrelaçar a representação de uma realidade árdua com a ludicidade do olhar infantil. São narrativas, portanto, que não protegem os leitores das adversidades experimentadas pelos personagens, mas também não são textos sensacionalistas, que recorrem à exploração do horror e da barbárie. As autoras apresentam uma perspectiva que não temos contato por meio dos telejornais: a infância sobrevive à guerra, aos conflitos, à desumanização. Com base no exposto, pretendo investigar, entre outros aspectos, a construção de protagonistas crianças em situações de risco e o entrelaçamento entre realidade/pesquisa jornalística e criação literária/fabulação. Para tanto, conto com o aporte teórico inicial de Edward Said (2003), Maria Teresa Andruetto (2017) e Umberto Eco (2020).

Palavras-chave: Infância. Representação. Guerra. Migração. Refúgio

SIMPÓSIO 16

As experimentações brincantes das múltiplas linguagens da e na literatura infantil/juvenil: da criação à recepção

Coordenador(es): Patrícia Aparecida Beraldo Romano (UNIFESSPA/GEPLIJ), Juliana Pádua Silva Medeiros (Mackenzie/GEPLIJ) e Eunícia Barros Barcelos Fernandes (PUC-RIO/GEPLIJ)

SESSÕES

Primeira Sessão: 29 de maio - 13h30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Fernanda Silva Ferreira Ramos Regina Michelli	ENTRE JOGOS E BRINCADEIRAS POÉTICAS NA OBRA LÍNGUA DE SOBRA DO POETA LEO CUNHA
13h45	Letícia Victória Alves Borba Patrícia Aparecida Beraldo Romano	NARRATIVA SALTITANTE: EXPLORANDO AS MATERIALIDADES BRINCANTES NA LITERATURA INFANTIL DO SÉCULO XXI
14h	Elizangela Carvalho Rafael Ginane Bezerra	ESTRATÉGIAS DE LEITURA E GAMIFICAÇÃO: A PRÁTICA DOCENTE E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO
14h15	Verônica Maria de Araújo Pontes Vanessa Maria da Silva Clemente	UM CLICK NA TELA, UMA LEITURA POSSÍVEL: AS POTENCIALIDADES DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NO MUNDO DIGITAL
14h30	Debate	

Segunda Sessão: 30 de maio - 8h às 9h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
8h	Patrícia Aparecida Beraldo Romano	ENTRE METAMORFOSES DO VIR-A-SER: EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS DE LEITURA E MEDIAÇÃO DA OBRA CONSTÂNCIA (2024), DE ANA FONSECA E JULIANA PÁDUA, COM ILUSTRAÇÕES DE MÁRCIA CATTOI
8h15	Luana Camila dos Santos Gomes Patrícia Aparecida Beraldo Romano	ENCANTARIAS E O UNIVERSO MÁGICO: CURUPIRAS DE LOBATO A ADÃO ALMEIDA
8h30	Seane Oliveira Xavier Bezerra Lusinete Bezerra da Silva	CORDEL DO BICO DOCE: EXPERIÊNCIAS LÚDICAS COM MEDIAÇÃO DE LEITURA
8h45	Letícia Vitória de Oliveira Marina Cajaíba da Silva Horta	O CARRO-BIBLIOTECA DA ECI/UFMG COMO AGENTE FORMADOR DE LEITORES NAS PERIFERIAS DE BELO HORIZONTE
9h	Debate	

Terceira Sessão: 30 de maio - 11h às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
11h	Eunícia Barros Barcelos Fernandes	"DIGÁVAMOS": BRINCAR, IMAGINAR E AGÊNCIA SOCIAL PARA LER O MUNDO NA OBRA PAPAI, Ó DE MARCELO TOLENTINO
11h15	Luciane Fernandes Ribeiro Patrícia Aparecida Beraldo Romano	MEDIAÇÃO DA LEITURA: CAMINHOS PARA O ENCANTAMENTO COM AS NARRATIVAS DE ORIGEM E COM A LITERATURA DE CORDEL NO CONTEXTO AMAZÔNICO
11h30	Joana Marques Ribeiro	PELOS CAMINHOS DA TERRA DO NUNCA: A MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA ENQUANTO JOGO LÚDICO
11h45	Rafael da Cruz Freitas Fabiane Verardi	O MAPA DA AVENTURAS: CAMINHO PARA UMA EXPERIÊNCIA LEITORA
12h	Caroline Valada Becker Artur da Conceição Camargo	O LIVRO É UM CONVITE, O REGISTRO É UMA ESTRATÉGIA-REFLEXÕES SOBRE MEDIAÇÃO DE LEITURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA
12h15	Debate	

Quarta Sessão: 30 de maio - 13h30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Syndel dos Santos Fernandes Patrícia Aparecida Beraldo Romano	AMAZÔNIA BRINCANTE:UM PASSEIO POR MANAUS, DE IRENA FREITAS
13h45	Juliana Pádua Silva Medeiros	A POÉTICA DA OBJETUALIDADE E O CONVITE À LEITURA BRINCANTE
14h	Ana Carolina da Costa e Fonseca	DIREITO AOS LIVROS-BRINCANTES: ACESSO A CONTEÚDOS E FORMAS BIBLIODIVERSAS
14h15	Edileide Patrícia Câmara Lima Jessica Ibiapino Freire	ENCANTOS BRINCANTES: HISTÓRIAS QUE PULAM DAS PÁGINAS
14h30	Debate	

RESUMOS

16.1. ENTRE JOGOS E BRINCADEIRAS POÉTICAS NA OBRA *LÍNGUA DE SOBRA* DO POETA LEO CUNHA

Fernanda Silva Ferreira Ramos
Regina Michelli

O trabalho tem como centro as brincadeiras poéticas que alegram e divertem crianças e adultos de todas as idades. Tal se explica porque mediadores tendem a entrar nos jogos poéticos que são estabelecidos pelo próprio gênero, relembrando as brincadeiras vividas típicas da infância e partilhando, com os menores, o divertimento que a poesia propõe com a própria linguagem. Propomos uma análise qualitativa da obra Língua de sobra, do poeta Leo Cunha (2014), entrelaçando,

junto ao texto, teorias que elencam o ato do brincar, segundo Winnicott (1975), bem como os jogos através do conceito de Huizinga (2017) e a performance de Zumthor (1993). Esses teóricos, juntos, ajudam a compor um trabalho de plurissignificação da obra em questão, permitindo que o material analisado sirva como objeto de estudo para novas reflexões do livro e do suporte para a leitura do gênero. A leitura da poesia na infância é como um jogo ou um enigma que recupera a estrutura orgânica do poema e evidencia a linguagem e o brincar das palavras, estimulando vivências de prazer e de aprendizagens na descoberta dos sentidos do texto. Carlos Drummond de Andrade (1975) nos apresenta um estado da poesia que está diretamente ligado à infância, e, por isso, há um grande interesse dos pequenos para esse jogo poético que apresentamos na presente pesquisa. A poesia, sendo alimento anímico aos pequenos, fortalece o vínculo entre o ser e a poesia.

Palavras-chave: Poesia infantil. Literatura infantil. Brincar

16.2. NARRATIVA SALTITANTE: EXPLORANDO AS MATERIALIDADES BRINCANTES NA LITERATURA INFANTIL DO SÉCULO XXI

Letícia Victória Alves Borba
Patrícia Aparecida Beraldo Romano

Este estudo, vinculado a um projeto de pesquisa financiado pela CAPES/CNPq, examina as contribuições das materialidades nos livros-objeto voltados para o público infantil publicados no século XXI, abordando como seus elementos sensoriais e de design transformam a experiência de leitura em uma atividade interativa e imersiva. Entre as cinco obras analisadas, destaca-se, nesta apresentação, o livro Mala Quadrada, Cabeça Quadrada (2018), de Patrícia Vasconcelos, com ilustrações de Eduardo Souza e Gabriela Araújo, que desafia a concepção do leitor sobre o que pode ser um livro integrar três linguagens em um projeto gráfico que demanda uma leitura com o corpo. Por conseguinte, suas imagens abstratas e o uso criativo do espaço compõem uma narrativa visual e tátil, onde abrir, manusear e girar o livro faz parte da experiência de leitura. Com isso, ancorada nas reflexões de Carrión (2011) sobre a "arte de fazer livros" e nas teorias sobre o livro-objeto de Debus e Spengler (2020), além das contribuições de Medeiros e Ribeiro (2024), a análise considera o impacto dessas características na ampliação do repertório interpretativo do leitor, incentivando-o a uma leitura mais crítica e sensível. O objetivo central é compreender como as múltiplas linguagens e texturas dessa obra contribuem para uma formação leitora engajada e criativa, essencial no contexto da mediação literária infantil. Nesses termos, esta pesquisa adota uma abordagem bibliográfico-analítica, enfatizando o papel das materialidades na literatura infantil contemporânea e seu potencial na criação de experiências leitoras enriquecedoras.

Palavras-chave: Materialidades. Livro-Objeto. Literatura Infantil. Experiência Leitora. Formação Crítica

16.3. ESTRATÉGIAS DE LEITURA E GAMIFICAÇÃO: A PRÁTICA DOCENTE E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Elizangela Carvalho
Rafael Ginane Bezerra

Este estudo apresenta um recorte de pesquisa de mestrado em andamento no âmbito do PPGETPEN/UFPR, relacionando as estratégias de leitura e a gamificação para a formação do leitor literário. Visando desenvolver, aplicar e analisar os resultados de um processo de formação voltado para professores, pretende-se mobilizar práticas pedagógicas inovadoras para enriquecer o uso da literatura em contextos educacionais e promover a competência literária por meio das estratégias de leitura de Souza (2020). Como aporte teórico sobre gamificação, recorremos a Hoffmann (2022), Boller e Kapp (2018) e Alves (2015). Para a discussão sobre a formação do leitor literário, nos baseamos em Munita (2024) e Zilberman (2012). Em relação à prática docente, recorremos às contribuições

de Kenski (2006) e Nóvoa (2022). A pesquisa tem como objeto de análise a obra Malvina, de André Neves (2015), cuja exploração ocorre em uma abordagem de três etapas: sensibilização, oficinas interativas e grupo focal. A metodologia segue os princípios da pesquisa-ação (Tripp, 2005), de natureza qualitativa (Perovano, 2016). Inspirado no modelo de Rotação por Estações (Bacich, Tanzi Neto & Trevisani, 2019), o estudo organiza circuitos de aprendizagem gamificados para explorar a obra literária, incentivando práticas colaborativas e potencializando o desenvolvimento literário por meio de interação lúdica. A pesquisa busca não apenas fortalecer a prática docente, mas também fomentar uma cultura de leitura literária capaz de ser proposta no contexto escolar, promovendo experiências literárias que valorizam a leitura e a literatura como parte essencial da formação integral de professores e estudantes.

Palavras-chave: Formação do Leitor. Estratégias de Leitura. Gamificação. Circuitos de Aprendizagem. Experiências Literárias

16.4. UM CLICK NA TELA, UMA LEITURA POSSÍVEL: AS POTENCIALIDADES DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NO MUNDO DIGITAL

Verônica Maria de Araújo Pontes
Vanessa Maria da Silva Clemente

Com o avanço das mídias e das tecnologias em meados do século XXI, a literatura digital se manifesta nas práticas de leitura como elemento cultural moldado pelos novos formatos de leitura do texto literário. Portanto, este estudo dá continuidade às pesquisas que buscam contribuir para a formação de uma sociedade leitora e é parte integrante de uma pesquisa de Doutorado do Programa de Pós-Graduação da Rede Nordeste de Ensino (RENOEN/IFRN). Nosso objetivo, neste estudo, é realizar uma reflexão sobre as potencialidades da literatura digital para crianças e jovens no contexto da formação de leitores. Com isso, realizamos uma análise e discussão teórica em torno do livro digital O Sonho dos Meninos, disponível na coleção Livro na Tela, desenvolvido pelo grupo de pesquisa Literatura e Design de Artefatos para Crianças e Jovens no Mundo Digital, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no qual foram destacadas as especificidades presente no texto literário e os traços peculiares ao meio digital. Assim, o trabalho é de caráter qualitativo e está pautado nos estudos de Candido (2011), Cardoso e Frederico (2024), Hayles (2009), Pontes e Santos (2021). Ao final do estudo percebemos que a literatura digital oferece uma nova interação dinâmica de comunicação e interação entre os autores e os leitores, transformando as práticas tradicionais de leitura. Porém, o conhecimento sobre a literatura digital precisa ganhar destaque nos espaços escolares, bem como precisa ser apreciada pelo professor mediador de leitura do texto literário para que seja efetivada uma educação literária nesses contextos.

Palavras-chave: Formação do leitor. Leitura infanto-juvenil. Literatura digital. RENOEN

16.5. ENTRE METAMORFOSES DO VIR-A-SER: EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS DE LEITURA E MEDIAÇÃO DA OBRA *CONSTÂNCIA* (2024), DE ANA FONSECA E JULIANA PÁDUA, COM ILUSTRAÇÕES DE MÁRCIA CATTOI

Patrícia Aparecida Beraldo Romano

Esta comunicação apresentará a obra recentemente lançada pela editora Patuá, “Constância” (2024), de autoria de Ana Fonseca e Juliana Pádua, com ilustrações de Márcia Cattoi. Trata-se de um livro ilustrado em que a delicadeza das imagens convida a uma reflexão sobre a metamorfose constante da vida, sobre o vir-a-ser (ou não) da existência humana. Na constante busca pelo encontro entre o texto verbal e o não verbal, o primeiro, reflexivo, escrito em prosa poética, dialoga com o segundo, das ilustrações em tons pastéis. Se no primeiro, permanece o universo reflexivo da impermanência da vida, no segundo, aparece uma personagem animal, um coelho que, de página em página, saltita amplificando as reflexões do texto verbal que desabrocham em esperança, em possível (embora

nunca certa) transformação. Essas experiências de leitura, perceptíveis no diálogo entre texto-verbal e texto-imagem, serão exploradas nesta comunicação através do processo de mediação leitora que a obra solicita: uma experiência sensitivo-brincante que busca explorar o universo artístico-literário-criativo e interpretativo para que o professor-mediador possa repensar e até (re)elaborar suas próprias estratégias de mediação de "Constância" e de outras obras semelhantes. Com isso, objetiva-se que os horizontes de leitura dos pequenos leitores (e dos grandes também) possam ser ampliados e ganhar novas ressignificações. Para isso, este trabalho se pauta nas pesquisas de Andruetto (2017), Dantas (2022), Yunes (2023), Bajour (2023), Medeiros e Ribeiro (2024), Munita (2024), Salisbury (2013), Van der Linden (2020), dentre outros.

Palavras-chave: Livro ilustrado. Literatura Infantil. Experiência sensitivo-brincante. Metamorfoses. "Constância"

16.6. ENCANTARIAS E O UNIVERSO MÁGICO: CURUPIRAS DE LOBATO A ADÃO ALMEIDA

Luana Camila dos Santos Gomes
Patrícia Aparecida Beraldo Romano

Esta comunicação oral apresenta como temática "Encantarias e o Universo Mágico: Curupiras de Lobato a Adão Almeida. Historicamente, as narrativas orais contam que o Curupira, possivelmente, a partir de relatos, normalmente oriundos de pessoas mais velhas e passados de geração a geração, é um personagem presente nas histórias de encantaria e é descrito como um ser que possui os pés virados para trás, cabelo de fogo e dentes afiados e verdes, responsável por proteger a floresta e os animais contra os caçadores. Como objetivos, buscamos compreender a importância das narrativas orais na formação cultural de crianças e jovens, além de analisar, de forma cronológica, como o Curupira é caracterizado. Assim, serão analisadas a presença do Curupira, como ser encantado, nas seguintes obras literárias: O saci (1921), de Monteiro Lobato; Como nasceram as estrelas: doze lendas brasileiras (1987), de Clarice Lispector; A ira do Curupira (2000), de José Arrabal; Amazonas no coração encantado da floresta (2003), de Thiago de Mello; Histórias de Curupira (2018), de Paulo Maués Corrêa e Curupira Amazônico (2024), de Adão Almeida e Samantha Andrade. Para fundamentar esta discussão, nos pautamos nos seguintes autores: Zumthor (1997), Meireles (1979), Loureiro (2003), Machado (2004), Corso e Corso (2006), Cozzi (2015, 2024), Bajour (2023), dentre outros. Com isso, espera-se que esta comunicação desperte o interesse pela presença desses seres nos processos de mediação de textos nas salas de leitura da Educação Básica.

Palavras-chave: Memória. Narrativas de Tradição Oral. Encantarias. Curupira. Encantados

16.7. CORDEL DO BICO DOCE: EXPERIÊNCIAS LÚDICAS COM MEDIAÇÃO DE LEITURA

Seane Oliveira Xavier Bezerra
Lusinete Bezerra da Silva

O projeto Cordel do Bico Doce surgiu a partir de uma parceria de duas professoras de escola pública, da cidade de Marabá/Pa, que ao desenvolverem suas práticas pedagógicas criaram uma Unidade Didática (UD) que propõe a leitura e a produção textual para alunos do 6ºano do ensino fundamental, usando o gênero cordel como base para as atividade didáticas com o objetivo de estimular o gosto pela leitura e incentivar a produção textual criativa dos alunos. Assim, as professoras iniciaram seu trabalho com a mediação de leitura, do livro: "A menina dos Sonhos de Renda", de Marília Lovatel, Obra que inspirou as professoras em suas práticas lúdicas de leitura e escrita. Elas utilizaram como metodologia alguns recursos de mediação, que contribuíram para compreensão, incentivo e desenvolvimento da leitura dos alunos (imagens, cor, linguagem do texto e estrutura do gênero), atividades de linguagem (leitura e interpretação de cordéis e reportagens, jogos de rimas e vídeos).

Os resultados serão os que as professoras pretendem apresentar nesta comunicação procurando evidenciar o quanto o trabalho de mediação de leitura precisa se articular com o universo lúdico da literatura para que haja uma formação efetiva de leitores literários. Com isso, percebe-se o quanto práticas pedagógicas como essas podem gerar uma experiência transformadora para a sala de aula e deslocar o leitor para o centro do trabalho com a leitura. Serão utilizados como referencial teórico Bezerra (2015), Silva (2015), Medeiros e Ribeiro (2024) e Bajour (2023).

Palavras-chave: Leitura. Mediação. Práticas lúdicas de leitura. Cordel

16.8. O CARRO-BIBLIOTECA DA ECI/UFMG COMO AGENTE FORMADOR DE LEITORES NAS PERIFERIAS DE BELO HORIZONTE

Letícia Vitória de Oliveira
Marina Cajaíba da Silva Horta

O Carro-Biblioteca da Escola de Ciência da Informação (ECI) da UFMG é um projeto que desde 1973, tem atuado como um agente formador de leitores nas periferias de Belo Horizonte. Criado em resposta à escassez de bibliotecas públicas na cidade — uma realidade ainda presente —, o projeto promove a democratização da literatura e o acesso à leitura em comunidades historicamente desassistidas por políticas públicas culturais. Ao longo de mais de 50 anos, o Carro-Biblioteca percorreu diversos bairros, estabelecendo vínculos significativos com as populações atendidas e contribuindo para a formação de leitores em territórios marcados pela desigualdade social. Uma de suas principais atividades é a mediação de leitura, com destaque para a contação de histórias voltada para crianças. Essa prática lúdica e educativa não apenas desperta o interesse pela leitura desde a infância, mas também fomenta a imaginação, o pensamento crítico e a criatividade. Além disso, o projeto incentiva a convivência comunitária, atuando como um espaço de troca cultural e aprendizado coletivo. Ao levar livros e promover experiências de leitura em locais onde o acesso a esses recursos é limitado, o Carro-Biblioteca reafirma o papel transformador da literatura, aproximando-a de pessoas que muitas vezes não teriam outra oportunidade de contato com esse universo. O impacto do Carro-Biblioteca vai além do acesso aos livros, pois contribui para a inclusão social e cultural, reforçando a importância de políticas públicas voltadas à educação e à cultura em territórios vulneráveis.

Palavras-chave: Carro-Biblioteca. Literatura. Mediação. Formação de leitores

16.9. "DIGÁVAMOS": BRINCAR, IMAGINAR E AGÊNCIA SOCIAL PARA LER O MUNDO NA OBRA *PAPAI, Ó* DE MARCELO TOLENTINO

Eunícia Barros Barcelos Fernandes

"... o homem tem de agir intencionalmente para poder viver e essa intencionalidade o define como um ser que necessariamente tem de ir além do que é o caso, se quiser viver no e com que é o caso." [Jörn Rüsen]. A afirmativa do filósofo da História coloca em evidência a dimensão ficcional para a consciência história e abre caminho para uma das complexidades contemporâneas no estudo da Literatura Infantil/ Juvenil: os processos de inter e transdisciplinaridade entre campos do saber. Desde há alguns anos investigo conexões entre Literatura de Infância e a Teoria da História, observando a potência dos chamados álbuns ilustrados e livros-objeto na apresentação de conceitos caros à construção do pensamento histórico, tais como mudança, deslocamento, perspectiva, alteridade, diacronia, sincronia entre outros. TEMPO, ESPAÇO e AGÊNCIA SOCIAL são as categorias da disciplina História e a presente comunicação apresentará como a brincadeira e a imaginação propostas pela obra de Marcelo Tolentino "Papai, ó" (Pequena Zahar Editora) são potencializadoras de ação e de consciência sobre a ação. Ou seja, sobre como a literatura de infância mobiliza o protagonismo, elemento indispensável na análise da historiografia (o conhecimento da História) e na formação cidadã (o fazer História). Para a discussão sobre a experiência da leitura brincante e a construção

de significados, como interlocutores imediatos destaco Juliana Pádua de Medeiros (2022 e 2024), Yolanda Reys (2010 e 2012), Marcela Carranza (2019 e 2021), Graciela Montes (2020) e Jorge Larrosa (2017 e 2019).

Palavras-chave: Literatura de Infância. História. Brincar. Imaginação. Agência social

16.10. MEDIAÇÃO DA LEITURA: CAMINHOS PARA O ENCANTAMENTO COM AS NARRATIVAS DE ORIGEM E COM A LITERATURA DE CORDEL NO CONTEXTO AMAZÔNICO

Luciane Fernandes Ribeiro
Patrícia Aparecida Beraldo Romano

A prática de mediação da leitura é o que pode aproximar o livro do possível leitor, por isso, podemos considerar que essa atividade é de suma importância na formação leitora, em especial, na escola. Quando o professor assume o papel de mediador, cria-se um ambiente propício para oportunizar o acesso ao livro e às histórias. O docente se torna um modelo de leitor para o aluno que, na maioria das vezes, não possui referências de leitores. Esta comunicação é um pequeno recorte da dissertação de mestrado em andamento e tem como objetivo trazer reflexões acerca da relevância do trabalho voltado à mediação de leitura a partir de algumas narrativas de origem e da Literatura de Cordel no contexto amazônico. Compreende-se que elas podem auxiliar no processo pelo gosto da leitura. As narrativas de origem e a literatura de cordel podem contribuir para esse processo, proporcionando certo encantamento e um espaço favorável ao prazer de ler. Para isso, destaca-se o quanto o papel do professor-mediador é uma tarefa essencial para ajudar no desenvolvimento cultural, estético, crítico e até emocional dos discentes. Ajudá-los a serem atravessados por essas vivências, a partir de textos de Lusa Silva, cordelista local, é um dos objetivos desta comunicação. Como aporte teórico: Romano (2017), Zilberman (2018), Dantas (2021), Bajour (2023), Medeiros e Ribeiro (2024), no que se refere à mediação de leitura, e Cascudo (1976), Marinho (2012) e Haurélio (2013), no que está relacionado à literatura de cordel e narrativas de origem.

Palavras-chave: Mediação de leitura. Narrativas de origem. Cordel. Professor-mediador

16.11. PELOS CAMINHOS DA TERRA DO NUNCA: A MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA ENQUANTO JOGO LÚDICO

Joana Marques Ribeiro

A presente comunicação objetiva refletir sobre a formação do leitor literário contemporâneo. Para tanto, valemo-nos de conceitos da hermenêutica filosófica desenvolvida pelo prisma da literatura por Paul Ricoeur (1976), cujas reflexões abarcam a dimensão ontológica e existencial da literatura e da experiência leitora. Entrelaçando as pesquisas acadêmicas e a vivência da leitura na escola, apresentaremos o trabalho realizado com estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental de uma instituição da rede particular de ensino da cidade de São Paulo. A partir da leitura de Peter Pan (2012), de James M. Barrie, e da apreciação do filme Em Busca da Terra do Nunca (2004), com direção de Marc Forster, os alunos produziram narrativas poéticas multissemióticas como experiências leitoras das obras selecionadas. Primeiramente, evidenciaremos os diálogos intertextuais, intersemióticos e interdiscursivos promovidos por estratégias de mediação, concebida enquanto um jogo, concepção esta que, pautada em reflexões de Huizinga (2008), Walter Benjamin (2002) e Giorgio Agamben (2007), torna-se um fio condutor significativo para pensarmos a mediação da leitura como um portal de acesso a uma experiência singular e autêntica com a literatura, cujo aspecto brincante constitui-se em um espaço rico de experimentações lúdico-simbólicas. Posteriormente, analisaremos as produções dos alunos observando de que maneira mobilizam múltiplas linguagens e ressoam ludicamente experiências vividas em aula. Por fim, notaremos como a estratégia lúdica possibilita

tanto ao leitor quanto ao mediador adentrar no universo ficcional, jogando e se pondo em jogo no encontro com linguagens poéticas, promovendo um acontecimento transformador da vida, enquanto seres de linguagem.

Palavras-chave: Leitor literário. Mediação. Jogo lúdico. Experiência. Peter Pan

16.12. O MAPA DAS AVENTURAS: CAMINHO PARA UMA EXPERIÊNCIA LEITORA

Rafael da Cruz Freitas
Fabiane Verardi

Este trabalho, parte da dissertação desenvolvida na linha de pesquisa de Leitura e Formação do Leitor, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, apresenta como temática as Experiências de Leitura como alternativa metodológica para a formação de leitores. Visando desenvolver o tema proposto, objetiva-se apresentar a construção de uma opção metodológica para o Ensino de Literatura. Para atingir tal objetivo, a pesquisa parte de dois pontos teóricos, sendo o primeiro a compreensão da leitura literária como experiência subjetiva que envolve o leitor na construção de representações a partir do texto literário. Como segundo ponto teórico, destaca-se a necessidade do paradigma do letramento literário no processo de formação do leitor, pois é com este que se constrói um caminho metodológico com alternativas que levam o leitor e aluno à experiência da leitura literária. O corpus de análise deste trabalho é constituído por três (03) Experiências Leitoras aplicadas na Escola Estadual de Ensino Médio Antonino Xavier e Oliveira no ano de 2024, juntamente com os resultados registrados em diários de leitura produzidos pelos alunos participantes. Os dados gerados indicam que os participantes consideram a Leitura Literária importante, pois, por meio das Experiências de Leitura, perceberam que seus gostos culturais podem ser relacionados com o texto literário, além de outras formas de expressão, estimulando a leitura literária em suas vidas além da escola e possibilitando o questionamento sobre sua formação enquanto sujeitos e sobre sua inserção social.

Palavras-chave: Leitura Literária. Letramento Literário. Ensino de Literatura. Experiência. Subjetividade

16.13. O LIVRO É UM CONVITE, O REGISTRO É UMA ESTRATÉGIA-REFLEXÕES SOBRE MEDIAÇÃO DE LEITURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Caroline Valada Becker
Artur da Conceição Camargo

Democratizar o acesso ao objeto livro (CASTRILLÓN), habitar a escola com livros (COLOMER), conversar sobre as leituras (BAJOUR) - todos esses verbos são contemplados nas reflexões que versam sobre mediação de leitura, especialmente em espaços escolares. Quando o cenário é a escola, o planejamento do/a docente pode (deve) alinhar suas filiações teóricas às necessidades dos/as estudantes e aos documentos oficiais que orientam o seu trabalho. Quando o cenário é a escola e o assunto é a educação literária, a mediação de leitura figura como palavra-chave. Na sala de aula, nós, docentes, idealizamos tarefas e as executamos, convidando os/as estudantes a experienciarem conosco - coletiva e individualmente - uma trajetória de aprendizagens. Por vezes, habitar a escola com livros, ofertar variados títulos, autores e formatos não é suficiente, em especial para os sujeitos distanciados das práticas do mundo letrado, em especial porque, hoje, a leitura, de modo geral, não ocupa tempo e espaço em nossas vidas. Sendo assim, reflexões sobre estratégias de leitura tornam-se indispensáveis. Este trabalho pretende refletir acerca de um instrumento de mediação de leitura utilizado com turmas de sétimo ano: um folder, espécie de diário, que fez as vezes de mediador de leitura, uma vez que, na ocasião, cada estudante escolheu um livro para ler sozinho/a. Agora, após a utilização do material pedagógico, nos dedicamos a analisar tal instrumento, tentando compreender suas lacunas e suas potências.

Palavras-chave: Educação literária. Mediação. Diário. Registros

16.14. AMAZÔNIA BRINCANTE: UM PASSEIO POR *MANAUS*, DE IRENA FREITAS

Syndel dos Santos Fernandes
Patrícia Aparecida Beraldo Romano

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de Iniciação Científica, financiada pela Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA) e está vinculado a uma das cinco linhas de pesquisa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literatura Infantil e Juvenil (GEPLIJ), a que está direcionada ao estudo das narrativas literárias produzidas na Amazônia. Essa região apresenta um enorme acervo de narrativas, cujos textos exploram a relação com a floresta, a água, a fauna, as encantarias, as histórias da terra e de seus encantados, o elo existente entre o cotidiano na cidade e na natureza, e as vivências nesse espaço. O propósito desta comunicação é analisar a produção de escritores da região amazônica comprometidos com a escrita destinada ao público infantil e juvenil. A presente comunicação concentra-se em Manaus (2019), obra de Irena Freitas, publicada pela Edições Barbatana. Freitas vive no estado do Amazonas e sua obra destaca-se por suas ilustrações expressivas e um projeto gráfico que privilegia o corpo-leitor, ou seja, trata-se de uma obra que exige do leitor um manuseio físico do objeto livro a fim de encontrar a melhor maneira de invadir o espaço do livro para compreendê-lo em toda a sua essência de texto verbal, imagem e objeto. O intuito é explorar a maneira como a autora convida o leitor a conhecer as vivências culturais e naturais de Manaus, mediante o diálogo que o corpo-leitor precisa realizar com o texto verbal e as imagens, a partir de uma estrutura brincante e multissemiótica. Para isso, serão considerados teóricos como Bachelard (2009), Loureiro (2015), Cozzi (2021), Van der Linden (2011), Salisbury (2013), Ferreira e Lourençoni (2022) dentre outros.

Palavras-chave: Manaus. Irena Freitas. Livro brincante. Amazônia. Livro ilustrado

16.15. A POÉTICA DA OBJETUALIDADE E O CONVITE À LEITURA BRINCANTE

Juliana Pádua Silva Medeiros

Da última década do século XX para cá, no universo da literatura de infância, cada vez mais se observa a publicação de livros que exploram os potenciais estéticos das materialidades (acabamento gráfico, cor, dimensão, formato, tipografia, dobra, layout, corte, gramatura do papel, diagramação etc.), oportunizando a experimentação dos sentidos — tanto os depreendidos do corpo-livro quanto os aguçados no corpo-leitor — a partir de ricas experiências de, nas, pelas e com as múltiplas linguagens. Então, com o objetivo de refletir sobre as arquiteturas dessas produções contemporâneas que estimulam processos cognitivos-perceptivos-sensórios-motores complexos durante a leitura, esta presente comunicação debruça-se sobre o caráter brincante da poética das materialidades objetuais, que se revela nas obras e com as obras de Hervé Tullet, tais como: Jeu de hasard (<<Jogo de azar>>, 2007), Jeu de reflets (<<Jogo de reflexos>>, 2008), Jeu de scupture (<<Jogo de escultura>>, 2012), Jeu de paysage (<<Jogo de paisagem>>, 2013), Jeu de lignes (<<Jogo de linhas>>, 2015), Danse! (<<Dance!>>, 2019), Regarde! (<<Olhe!>>, 2019), Oh! Un livre qui fait des sons (<<Oh! Um livro que faz sons>>, 2017), La danse des mains (<<A dança das mãos>>, 2022) etc. À luz de Carrión (1975), Plaza (1990), Benjamin (2002), Zumthor (2018), Girão (2020 e 2021), Ribeiro (2021 e 2024), Medeiros (2022, 2023 e 2024), entre outros embasamentos teóricos-metodológicos presentes no livro Mediação de leitura: a literatura em jogo (2024), propõe-se: 1. apresentar o potencial lúdico da literatura, que explora a objetividade, no desenvolvimento humano, e 2. discutir como é possível jogar e se por em jogo no universo ficcional de livros brincantes.

Palavras-chave: Leitura Brincante. Literatura Infantil. Materialidades. Performance

16.16. DIREITO AOS LIVROS-BRINCANTES: ACESSO A CONTEÚDOS E FORMAS BIBLIODIVERSAS

Ana Carolina da Costa e Fonseca

O direito à literatura, defendido por Antonio Candido, se refere à literatura como parte integrante dos direitos humanos: "... a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis de cultura." (Candido, 2023) A qual literatura todos deveriam ter acesso? Quem são todos? Desde quando? A literatura infantil faz parte desta totalidade. Todas as crianças (todas!) deveriam ter acesso aos incríveis livros infantis já publicados. Quais livros? Aqui a totalidade talvez não seja possível, mas a diversidade, sim. Diversidade em relação a quê? A fruição da leitura começa pela capa e pela expectativa de que, já na primeira tentativa de abrir um livro, sejamos surpreendidos por uma abertura diversa do usual. Depois de aberto o livro, é preciso virar a página. Ou não? Haverá abas? Algo está para além da bidimensionalidade do livro? Será que algum personagem vai me pegar? Literatura não é apenas conteúdo, como também forma. Em relação ao conteúdo, a diversidade já é muito mais facilmente compreendida. Em relação à forma, a diversidade é descrita como custo. Esta comunicação se propõe a discutir de que modo os livros-brincantes que escapam ao formato códex são essenciais para a educação literária das crianças, o que faz com que também o acesso a eles seja um direito humano, na esteira das ideias de Antonio Candido. Alguns dos referenciais teóricos desta comunicação são: Candido (2023), Medeiros e Ribeiro (2024), Coelho (2000), Lajolo e Zilberman (2018), entre outros pesquisadores que se debruçam sobre as materialidades do objeto livro e a formação leitora.

Palavras-chave: Direito à literatura. Livros-brincantes. Literatura para as infâncias. Conteúdo e forma. Bibliodiversidade

16.17. ENCANTOS BRINCANTES: HISTÓRIAS QUE PULAM DAS PÁGINAS

Edileide Patrícia Câmara Lima
Jessica Ibiapino Freire

Este trabalho tem por objetivo apresentar as experiências vivenciadas no I Concurso de Contadores e Contadoras de Histórias e Mediação de Leitura, um trabalho realizado pela Coordenadoria de Formação Continuada das Salas de Leitura de Marabá. O concurso tem como objetivo promover, difundir e divulgar as manifestações artísticas de contação de histórias, mediação de leitura, além de possibilitar o aparecimento de talentos que contribuem para as manifestações culturais em prol do livro e da leitura. O concurso foi realizado em três etapas: a primeira etapa ocorreu nas Instituições de Ensino Público de Marabá. A segunda etapa era as inscrições dos vencedores da primeira etapa na Coordenadoria de formação Continuada/Semed Marabá. A terceira etapa consistiu na seleção e premiação dos melhores contadores de histórias e mediadores de leitura das escolas públicas de Marabá. A base teórica desse estudo são as abordagens de Yolanda Reyes (2010), Farias (2006), Moraes (2012), Girotto e Souza (2016), Gregorin Filho (2009), Lajolo e Zilberman (2017), Zumthor (2010; 2018), Souza (2019), Petit (2009), Barthes (2015), Cozzi (2015), Machado (2002; 2015) entre outros que tratam sobre a literatura infanto-juvenil, contação de histórias, mediação de leitura, ludicidade e o prazer do texto para promover o encontro entre o leitor e o livro sem o caráter obrigatório. O corpus de análise é constituído por registros fotográficos e vídeos coletados no decorrer das apresentações dos alunos no concurso.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Contação de histórias. Mediação de leitura. Ludicidade

SIMPÓSIO 17

Ecoficção e ecocrítica na literatura infantojuvenil: visões e caminhos

Coordenador(es): Norma Sueli Rosa Lima (UERJ), Demétrio Alves Paz (UFFS) e Flavio García (UERJ)

SESSÕES

Primeira Sessão: 29 de maio - 10h30 às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
10h30	Demétrio Alves Paz	ECOFICÇÃO EM SALA DE AULA: PRÁTICAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LÍNGUA PORTUGUESA III
10h45	Suélio da Silva Araújo	EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II EM ESCOLA DE PERÍODO INTEGRAL: ANÁLISE E PRÁTICAS
11h	Andréia Martins da Silva Norma Sueli Rosa Lima	EDUCAÇÃO LITERÁRIA: ESTRATÉGIAS PARA A APLICABILIDADE DA LEI 10.639/23, A PARTIR DE UM CONTO ORAL CABO-VERDIANO
11h15	Suênio Stevenson Tomaz da Silva	A ECOFICÇÃO FANTÁSTICA JUVENIL DE ANGELA CARTER: REFLEXÕES ECOLITERÁRIAS E IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO
11h30	Flávia Amazonas de Azevedo Norma Sueli Rosa Lima	AS ESTAÇÕES DA VIDA EM LIVRO
11h45	Flavio García	O "QUINTAL DOS SONHOS" EM O CAMALEÃO QUE TINHA DESAPRENDIDO DE MUDAR DE COR, DO ESCRITOR MOÇAMBICANO PEDRO PEREIRA LOPES
12h	Debate	

Segunda Sessão: 29 de maio - 13h30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Giselle Autran Pinheiro Viana Norma Sueli Rosa Lima	TEMAS FRATURANTES NA ECOFICÇÃO DE RITA LEE: UM ESTUDO SOBRE AMIGA URSA
13h45	Norma Sueli Rosa Lima	DR. ALEX NA AMAZÔNIA: A ECOLITERATURA DE RITA LEE
14h	Katia Aily Franco de Camargo	UMA AMAZÔNIA QUÉBECOISE
14h15	Enilde Camelo Nunes Norma Sueli Rosa Lima	ECO-LITERATURA E ECO-CRÍTICA NA OBRA O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
14h30	Renata Corrêa Anná	SIMBIOSES POSSÍVEIS NA ECOPOÉTICA DE MANOEL DE BARROS
14h45	Debate	

17.1. ECOFICÇÃO EM SALA DE AULA: PRÁTICAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LÍNGUA PORTUGUESA III

Demétrio Alves Paz

O presente trabalho tem por objetivo relatar práticas em sala de aula do Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa III, desenvolvidas no Curso de Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul, no campus de Cerro Largo/RS. A metodologia utilizada foi a ecocrítica por entendê-la como viável, mas também como uma forma de aproximar os textos de um público jovem, sem muita experiência leitora de autores fora de um cânone escolar (majoritariamente branco e masculino), por meio da discussão de temas contemporâneos como a preocupação com o meio ambiente e a relação dos seres humanos com o meio onde vivem. Dentre os vários textos utilizados pelos alunos, destacamos dois textos de literatura indígena e dois de literaturas africanas de língua portuguesa, respectivamente: Outras tantas histórias indígenas de origem das coisas e do universo (2008), de Daniel Munduruku, O Macaco e a Onça, de Julie Dorrico, “Bairro operário não tem luz”, de Arnaldo Santos e “A história dos aparecidos”, de Mia Couto. As práticas mostraram-se exitosas na medida em que tanto os estudantes das escolas quanto os docentes em formação não só se engajaram nas propostas como também aprimoraram suas percepções entre as relações do Brasil com a África, assim como passaram a compreender melhor de que modo as relações étnico-raciais permeiam a história do nosso país. Para além de estabelecer relações com a lei 11.645/2008, por meio da prática, nosso propósito foi garantir o acesso a escritores africanos e indígenas, de modo que os estudantes tenham uma ampla visão da literatura por meio de textos que promovem, de fato, a diversidade cultural e racial brasileira.

Palavras-chave: Ecoficção. Ecocrítica. lei 11.645/2008. Literaturas africanas de língua portuguesa. Literatura indígena

17.2. EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II EM ESCOLA DE PERÍODO INTEGRAL: ANÁLISE E PRÁTICAS

Suélio da Silva Araújo

O presente trabalho objetivou fazer um diagnóstico sobre as abordagens da educação ambiental em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental II em Iporá, especificamente porque os alunos estão mais maduros neste ano de estudo, em um Centro de Ensino de Período Integral (CEPI) da rede estadual de educação e fazer com que os professores e alunos pesquisados, por meio do diagnóstico, convencimento e ação, desenvolvam práticas no dia-a-dia que transformem positivamente, ou seja, pensando a Educação Ambiental como forma de promover a preservação do ambiente e como meio de compreender as relações entre ser humano e ambiente e pela adoção de posturas éticas, para as gerações presentes e futuras, e que a escola atue na perspectiva de uma educação ambiental crítica. Quatro professores e 23 alunos participaram do estudo. Foi adotada uma abordagem qualitativa e realizadas observações diretas do ambiente escolar e entrevistas com alunos e professores, por meio de questionários compostos por perguntas abertas e fechadas. Verificou-se como é trabalhada a educação ambiental na escola, destacando a importância do professor, dos alunos e da instituição. Foi possível diagnosticar que os alunos possuem um comportamento preocupado porque buscam fazer sua parte na preservação do meio ambiente. Os professores responderam que a escola desenvolve projetos de Educação Ambiental e Meio Ambiente. Os alunos demonstram certo conhecimento relativo ao meio ambiente e à ética ambiental, porém na escola há pouco estímulo pedagógico ao desenvolvimento de competências nessa área, que pode ser visto na ausência da separação de resíduos sólidos.

Palavras-chave: Geografia e ensino. Meio Ambiente. Ética ambiental

17.3. EDUCAÇÃO LITERÁRIA: ESTRATÉGIAS PARA A APLICABILIDADE DA LEI 10.639/23, A PARTIR DE UM CONTO ORAL CABO-VERDIANO

Andréia Martins da Silva
Norma Sueli Rosa Lima

Nesta pesquisa, buscou-se identificar as representações da natureza por meio da eco-literatura e eco-crítica na perspectiva da Literatura Cabo-verdiana como investigação da lógica ambiental e histórica a partir dos fluxos culturais, historicamente estabelecidos pelos espaços costeiros, portuários e marítimos. Este estudo oportuniza o conhecimento de duas obras que evidenciam a identidade cabo-verdiana, a qual é resultado do povoamento realizado a partir da Costa da Guiné e dos portugueses. As narrativas foram trabalhadas, de modo comparativo, em sala de aula, a saber: "Blimundo ou o mito fundador da cabo-verdianidade", conto da escritora cabo-verdiana, Vera Duarte e Blimundo: o maior boi do mundo, do escritor brasileiro Celso Sisto. O protagonista Blimundo mantém uma ligação íntima com o meio ambiente, conforme retratado em uma das obras, em que cenas da narrativa apresentam elementos naturais que fazem parte do espaço/local de representação da estória, invocando a liberdade e demonstrando a coexistência necessária entre a humanidade e a natureza. Para Jéssica Falconi (2022, p. 57), a ecocrítica "é uma corrente da crítica cuja origem se situa no campo interdisciplinar das "humanidades ambientais" (environmental humanities), centrando-se nas representações literárias da natureza, do ambiente e das relações entre os seres humanos e a biosfera". Em um contexto onde a escrita é guiada pela conexão com a natureza, Carmem Tindó Secco observa que os corpos dançam "cheios de luz através de escritas enigmáticas, decifrações, sortilégios" (SECCO, 2017, p. 76). Sob a ótica das narrativas é possível refletir sobre o colonialismo português e a extração de recursos naturais em Cabo Verde, ressaltando a urgência de proteger o meio ambiente e valorizar a cultura local.

Palavras-chave: Identidade. Natureza. Liberdade. Cultura. Cabo Verde

17.4. A ECOFICÇÃO FANTÁSTICA JUVENIL DE ANGELA CARTER: REFLEXÕES ECOLITERÁRIAS E IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO

Suênio Stevenson Tomaz da Silva

Nem só de elementos sobrenaturais vivem os contos de fadas, mas de várias outras categorias. Um exemplo dessa versatilidade concerne à contística da britânica Angela Carter, cujas narrativas trazem consigo intertextos e paródias, subvertendo assim outras histórias tradicionais, sobretudo aquelas denominadas contos de fadas. Diante disso, esta proposta de trabalho se debruça sobre contos selecionados da coletânea "103 contos de fadas" da escritora pós-modernista acima citada. Como aporte teórico, pretendo utilizar discussões no âmbito da ecocrítica, a partir de tropos como mundo natural e animais, na esteira de abordagem de Greg Garrard (2006). Considerando que a ecocrítica é uma abordagem de leitura crítico-literária notadamente política, revisitar contos de Carter nos permite pensar temas variados, tais como os espaços físicos do mundo natural - em especial aqueles em que as personagens se movimentam. Além disso, a relação entre humano e animal, mesmo que em contextos eminentemente fantásticos, pode fomentar reflexões instigantes sobre atitudes de uma postura antropocêntrica do humano. Para tanto, ancoro-me na abordagem de Maria Esther Maciel (2023) no que se refere às animalidades, uma vez que a presença de animais é frequente em fábulas. Convém ressaltar, ainda, que o escopo da ecocrítica é bastante amplo, em virtude da transdisciplinaridade que informa a própria área. De todo modo, gostaria de reiterar que a ideia de humano, dentro de sua complexidade inerente, acomoda-se nas discussões ecoliterárias. Portanto, ler e ensinar contos de Angela Carter para o público juvenil propicia reflexões importantes para o ensino de literatura pautado em temas e tropos ecocríticos.

Palavras-chave: Contos. Literatura Juvenil. Ecocrítica. Angela Carter. Ensino

17.5. AS ESTAÇÕES DA VIDA EM LIVRO

Flávia Amazonas de Azevedo
Norma Sueli Rosa Lima

Desde a regulamentação da lei 11.645/2008, a temática indígena passou a ser obrigatória no currículo das escolas brasileiras. Apesar do aumento da qualidade e do número de pesquisas na área, Silva e Costa (2023) afirmam que ainda há carências nesse cenário. A fim de apresentar uma bela obra de literatura infantojuvenil possível de ser abordada em sala de aula, o presente trabalho baseia-se no livro "Estações" do autor Daniel Munduruku. Para realizar tal reflexão, foram considerados os textos de Albert e Kopenawa (2023), Kambeba (2023), Kambeba (2020), Krenak (2023), Jecupé (2020), Munduruku (2012) e Silva e Costa (2023). Em uma sociedade regida pela inconsequente ganância do capitalismo, torna-se evidente a necessidade de mudança de perspectiva se o objetivo for a criação e a manutenção de um equilíbrio ambiental. Como ensina Krenak (2023), "é possível adiar um fim que a forma de vida dominante se empenha em apressar". O pesquisador demonstra que, forçados a "subviver" no contexto de dominação, os povos originários, agora, se destacam como fonte de inspiração em um esperançoso caminho rumo ao futuro. Para esses grupos, o sistema econômico gera ansiedade e interfere na relação do homem com tudo ao redor. Munduruku (2024), com uma linguagem leve, acompanhada das belas ilustrações de Marilda Castanha, demonstra como o indígena se sente parte do mundo natural, relacionando-se com o tempo de maneira respeitosa e harmoniosa, levando em consideração os ciclos naturais da vida. Para quem acredita na força da literatura, "Estações" emociona e toca mentes sensíveis.

Palavras-chave: Indígena. Ambiente. Sociedade. Relações. Tempo

17.6. O "QUINTAL DOS SONHOS" EM *O CAMALEÃO QUE TINHA DESAPRENDIDO DE MUDAR DE COR,* DO ESCRITOR MOÇAMBICANO PEDRO PEREIRA LOPES

Flavio García

Na verdade, Quintal dos Sonhos é uma Coleção de Livros Infantis e Audiovisuais da Fundação Fernando Leite Couto, jornalista, poeta, editor e tradutor, pai do também escritor moçambicano Mia Couto. A coleção é financiada pelo Sound Connects Fund, que ampara iniciativas dessa natureza raças à contribuição financeira da União europeia e ao apoio da Organização dos Estados de África, Caribe e Pacífico. O livro infantil, ilustrado por Nelsa Guambe, foi lançado em 2023 e venceu a segunda edição do Prémio Nacional de Literatura Infanto-juvenil. É a história da tristeza de um camaleão que, por desmatação, deixou de mudar de cor. Ele só voltou a mudar de cores quando os homens deixaram de cortar árvores e passaram a cuidar melhor da floresta. As palavras e as imagens completam-se em um quintal de sonhos por maiores cuidados com o meio ambiente. Diante de homens derrubando árvores a machadadas, uma mocinha grita que "parem". Retroescavadeiras e serras elétricas invadem o espaço, e surgem cartazes exigindo que "não cortem as árvores", "salvem a mata". O sonho das personagens é, por fim, coroado. E novos cartazes anunciam que "a nossa mata está salva", a mata está, então, protegida. O cameleão, que, de início, perdera sua propriedade de mudar de cor, recupera-a. A pretensão deste trabalho é, recorrendo panoramicamente à ecocrítica, com diálogo entre palavras e imagens, discutir a intervenção do ser humano no meio ambiente, tanto em sua condição degradadora quanto em sua capacidade reativa à degradação. De certo modo, a figura do cameleão, no processo de perda e recuperação do aprendizado de mudança de cor contribui para essa proposta de leitura.

Palavras-chave: Desequilíbrio ambiental. Reação. Reequilíbrio ambiental. Sonho atingido

17.7. TEMAS FRATURANTES NA ECOFICÇÃO DE RITA LEE: UM ESTUDO SOBRE *AMIGA URSA*

Giselle Autran Pinheiro Viana
Norma Sueli Rosa Lima

As questões ambientais são fundamentais para pensarmos nosso estar no mundo, nossa cultura e as relações que estabelecemos com outros seres vivos. A perspectiva da ecologia literária (literary ecology) pelos estudos da ecocrítica (ecocriticism) dão urgência de compreender as relações entre literatura e meio ambiente, na produção subjetiva de identidades sociais e/ou coletivas. Nesse sentido, os estudos ecocríticos contemporâneos propõem a disseminação de debates ambientais à luz de problematizar os processos caóticos que envolvem as mudanças climáticas e a exploração animal como impactos subsequentes das relações entre modernidade e capitalismo. Instigados por esse contexto, o presente trabalho busca examinar a obra de Literatura Infantil Amiga Ursa (2019), escrita pela cantora e compositora Rita Lee, a narrativa aborda a violência, a exploração e os maus tratos aos animais, além de alertar para a importância da preservação do meio ambiente, o que autora já realiza desde os anos 1980, quando estes temas eram pouco comuns na literatura infantil. Apoiados nas perspectivas teóricas de Norma Sueli Rosa Lima, Ana Margarida Ramos, Marisa Lajolo, Regina Zilberman, Ianes Augusto Cá e Keith Thomas, entre outros, concluiu-se ter essa obra cunhos estético e ativista, na abordagem dos temas ambientais. Estes, desassossegam o pensamento ao mesmo tempo que quebram tabus e contribuem para as reflexões do pequeno leitor sobre si e o mundo que o cerca, despertando-o para pensar nas relações entre os seres humanos, os animais e o meio ambiente, sobretudo na lógica ambiental e histórica do homem com a natureza, do ponto de vista da prepotência humana que rebaixa as outras formas de vida.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Ecologia Literária. Ecoficção. Ecocrítica. Rita Lee

17.8. *DR. ALEX NA AMAZÔNIA*: A ECOLITERATURA DE RITA LEE

Norma Sueli Rosa Lima

Dr. Alex na Amazônia, de Rita Lee, publicado em 1990 e depois relançado em 2019 faz parte da série iniciada em 1986, cuja principal finalidade é a de denunciar, através da abordagem ambiental, as crescentes violências cometidas contra o ecossistema. A autora se antecipou ao período da luta ecológica, a qual ainda não se organizara institucionalmente no Brasil, pois isso só ocorreu partir de 1992 e também ao período da literatura indígena produzida por autores nativos, cujo marco também são os anos 1990. Descendente de indígenas, Rita Lee exerce o que se denomina como literatura de autoria indígena, revertendo o indianismo do século XIX (de José de Alencar) e complementando a literatura indianista do século XX (de Antonio Callado). Nesse terceiro livro da série, a temática é a luta da personagem principal – o cientista que se metamorfoseou em ratinho - para que a Amazônia não se transforme em um deserto, incorporando nessa defesa personagens emblemáticos dos anos 1990, como Eunice Paiva e Chico Mendes. A obra vai ao encontro da eco-crítica desenvolvida no âmbito dos Estudos Culturais por Rachel Carson, Timothy Morton, Ailton Krenak e outros em suas reflexões sobre a relação da humanidade com os recursos naturais e evidências sobre as diversas etnias, que retiram o olhar homogêneo e massificador para a diversidade.

Palavras-chave: Eco-literatura. Rita Lee. Dr. Alex

17.9. UMA AMAZÔNIA QUÉBECOISE

Katia Aily Franco de Camargo

A Bibliothèque et Archives nationales du Québec (BAnQ), localizada em Montréal, abriga o maior acervo francófono das Américas, incluindo o Espace Jeunes, dedicado a crianças de até 13 anos. Entre as cerca de 180 obras que abordam o Brasil nesse acervo, destacam-se narrativas que exploram questões ecológicas, especialmente aquelas que retratam a Amazônia. Esta comunicação analisa

duas obras quebequenses desse conjunto: Une hirondelle en Amazonie (2007), de Lisandra Lannes, e Mathis au Brésil (2014), de Michel Prenovost. A pesquisa fundamenta-se na matriz analítica de Goga et al. (2018), utilizada para investigar representações culturais da natureza, e na teoria imagológica de Leerssen (2016), que examina imagens e construções simbólicas de nações em textos literários. O objetivo é compreender como essas narrativas constroem a imagem da Amazônia e representam as relações das crianças com o meio ambiente, considerando o conceito de literatura ambiental infantil proposto por Massey e Bradford (2011), que enfatizam o papel dessas obras em abordar questões ecológicas e formar jovens ecocidadãos. Além disso, o estudo dialoga com os fundamentos da ecocrítica, conforme definidos por Glotfelty (1996), destacando como a literatura infantil reflete e problematiza a relação entre a humanidade e a natureza. Os resultados parciais indicam que essas obras contribuem para a construção de imagens do Brasil e da Amazônia no imaginário quebequense.

Palavras-chave: Literatura ambiental infantil. Ecocrítica. Imagologia. Amazônia. Québec

17.10. ECO-LITERATURA E ECO-CRÍTICA NA OBRA *O MEU PÉ DE LARANJA LIMA*

Enilde Camelo Nunes
Norma Sueli Rosa Lima

A leitura literária pode ser aliada para a formação de cidadãos críticos, conscientes que, na perspectiva da eco-literatura, envolve as relações processadas entre os seres humanos, a fauna e a flora. A partir da necessidade de ampliar os horizontes da leitura e difundir os pressupostos da ecocrítica, o presente trabalho tem como objetivo examinar as relações entre literatura e natureza nas presenças da personagem Zezé, um menino, e de Minguinho, uma árvore frutífera na obra O meu Pé de Laranja Lima, de José Mauro de Vasconcelos, um clássico de literatura infanto-juvenil que aborda temas como desigualdade social, desemprego, insegurança alimentar e trabalho infantil. A linguagem do livro, tanto se pensada no ponto de vista do narrador, quanto nos diálogos processados, pode ser lida na perspectiva da teoria eco- crítica, principalmente nos estudos de Garrard (2006), e de autores que discutem a temática literatura e meio-ambiente, tais como: Couto (2007), Grun (2007), Frantz (2011), entre outros. A narrativa contribui para que se ampliem os pontos de vista acerca da preservação e da conservação ambiental ao fornecer importância à eco-crítica para formação, tanto de leitores reflexivos, quanto de jovens conscientes ecologicamente, frente ao cenário do meio ambiente global. Nesse sentido, a fantasia e a criatividade são aliadas para o estreitamento da personagem infantil do mundo ecológico, que restitui os laços de solidariedade com o ecossistema, diante das desigualdades e das injustiças sociais.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil. Natureza. Consciência ecológica

17.11. SIMBIOSES POSSÍVEIS NA ECOPOÉTICA DE MANOEL DE BARROS

Renata Corrêa Anná

A referida comunicação tem por objetivo apresentar um recorte de minha pesquisa de doutorado cujo corpus literário versa sobre a poesia de Manoel de Barros (1916-2014). Para o poeta mato-grossense a natureza não se resume a mera contemplação. O ser humano integra a natureza e vice-versa. Sua poesia coisifica o humano e humaniza os seres não humanos. Seria possível “adiar o fim do mundo” por meio da arte, da literatura, da poesia? Antonio Candido, há muito, tem nos dito que a literatura nos humaniza e nos educa para a sensibilidade estética. No poema de Manoel de Barros intitulado Bernardo é quase uma árvore, o último verso é uma indagação: “Pode um homem enriquecer a natureza com a sua incompletude?”. Pensar sobre tais indagações ou ficar com o problema como propõe a filósofa e zoóloga Donna Haraway é tentar compreender que nada e/ou ninguém (seres humanos e não humanos) age de forma isolada ou sozinho. É um “fazer-com” que se traduz, segundo Haraway (2023, p. 119), por simpoiese: “palavra apropriada para designar sistemas complexos, dinâmicos, responsivos, situados e históricos. Ela [simpoiese] descreve a mundificação

conjunta, em companhia". Ao colocar em diálogo, em simbiose, a poética de Barros com alguns teóricos como Donna Haraway, Aílton Krenak, Anna Tsing, entre outros, busco trazer reflexões que apontem para o fato de que viver na Era do Antropoceno ("Era do Humano") e do Capitaloceno ("Era do Capital") é tarefa desafiadora e encorajadora para todos nós: humanos e não humanos.
Palavras-chave: Ecopoética. Manoel de Barros. Simbiose. Antropoceno. Capitaloceno

SIMPÓSIO 18

As representações de corpos dissidentes em narrativas infantis e juvenis contemporâneas: questões de identidade étnico-racial, de gênero e de classe social

Coordenador(es): Diógenes Buenos Aires de Carvalho (UESPI), Rayron Lennon Costa Sousa(UFMA) e Renato Gonçalves Peruzzo (UESC)

SESSÕES

Primeira Sessão: 29 de maio - 13:30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Mônica de Menezes Santos	CARTOGRAFIAS DA INFÂNCIA: LEITURAS A CONTRAPELO DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL
13h45	Clarice Maria Silva Campos	LITERATURA INFANTIL E JUVENIL PARA CRIANÇAS PLURAIS
14h	Maria Carolina de Godoy	PROTAGONISMO NEGRO: VOZES (TRANS) BORDAM INFÂNCIAS NA LITERATURA
14h15	Larissa de Menezes Costa Rayron Lennon Costa Sousa	CRIANÇA NEGRA PODE SER BABÁ EM CASA DE GENTE RICA? O CONFINAMENTO INFANTIL DE IRENE NO ESPAÇO DOMÉSTICO EM SOLITÁRIA, DE ELIANA ALVES CRUZ
14h30	Renan Fagundes de Souza	LAROYÉ: ENCRUZILHADAS NA LITERATURA INFANTIL DE TEMÁTICA DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA
14h45	Luciana Barrozo da Silva	PARA ALÉM DO LAÇO DE FITA: MENINAS NEGRAS NA LITERATURA PARA CRIANÇAS
15h	Debate	

Segunda Sessão: 30 de maio - 8h às 9h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
8h	Zahir Sousa Cruz Matos Cardoso Renato Gonçalves Peruzzo	DO CLÁSSICO À PARÓDIA: A TRANSFORMAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NAS ILUSTRAÇÕES DE "CINDERELA"
8h15	Leonardo Santos Cruz Renato Gonçalves Peruzzo	TRANS(RE)FORMANDO CINDERELA: SUBVERSÕES E ESTEREÓTIPOS EM TRANSDERELLA
8h30	Pedro Henrique Ribeiro Santos Messias-Marinho Erik Sales de Jesus Renato Gonçalves Peruzzo	SOBRE A CRIANÇA NEGRA NA LITERATURA INFANTIL: UMA ANÁLISE DISCURSIVA-LITERÁRIA DE AMORAS
8h45	Helen Katrine Pereira Luz Rayron Lennon Costa Sousa	QUAL O MEU LUGAR NO MUNDO? A CRISE DA SEXUALIDADE NO BEST-SELLER EU BEIJEI SHARA WHEELER, DE CASEY MCQUISTON, SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO E TEORIA QUEER

9h	Camila Pereira de Sousa Paulo Narley Pereira Cardoso	AMADURECIMENTO, RESISTÊNCIA E SUBJETIVIDADE EM TEMPOS DE REPRESSÃO: UMA LEITURA DE O AMOR DOS HOMENS AVULSOS (2016), DE VICTOR HERINGER
9h15	Debate	

Terceira Sessão: 30 de maio - 11h às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
11h	Natacha dos Santos Esteves	RACISMO SISTÊMICO E RESISTÊNCIA DISCURSIVA NO ROMANCE JUVENIL O ÓDIO QUE VOCÊ SEMEIA (2019), DE ANGIE THOMAS
11h15	Geovani Augusto Nunes	REPRESENTAÇÕES DE CORPOS DISSIDENTES EM AMORAS, DE EMICIDA: IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL E PROJETO GRÁFICO NA LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEA
11h30	Luzileide de jesus Santos e Santos	OFICINAS LITERÁRIAS COMO POSSIBILIDADE DE PROMOÇÃO DO RECONHECIMENTO IDENTITÁRIO DE CRIANÇAS NO ENSINO FUNDAMENTAL
11h45	Gabriel Camargo Onesko Katrym Aline Bordinhão dos Santos	DIÁLOGOS COM A ANCESTRALIDADE: PROPOSTA DE LEITURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO COMO FERRAMENTA DE LETRAMENTO APLICADA AO PÚBLICO JUVENIL
12h	Lethycia Andrade Ferreira de Souza Robson Teles Gomes	DRAMATURGIA NEGROFEMININA NA ESCOLA: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA BONECA NO LIXO, DE CRISTIANE SOBRAL
12h15	Debate	

Quarta Sessão: 30 de maio - 13h30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Samira dos Santos Ramos	UM SAPATO QUE ME CABE: MASCULINIDADES PLURAIS NA LITERATURA JUVENIL
13h45	Fabiane Verardi	PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO E CORPOS QUE IMPORTAM: INVISIBILIDADE, SILENCIAMENTO E RESISTÊNCIA EM "OLHOS DE CACIMBA", "VOZ" E "GILETE PARA PEITO", DE JARID ARRAES
14h	Simone Souza de Assumpção	CENAS DE ACONCHEGO NUMA PERSPECTIVA FEMININA: OS DENGOS NA MORINGA DE VOINHA, DE ANA FÁTIMA
14h15	Jéssica Mineiro Alves Diógenes Buenos Aires de Carvalho	VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA NARRATIVA JUVENIL SAPATO DE SALTO (2006), DE LYGIA BOJUNGA

14h30	Rayron Lennon Costa Sousa Marcos Gabriel da Silva França	A RELEITURA DE A HORA DA ESTRELA (1977), DE CLARICE LISPECTOR EM MACABÉA (2003), DE CONCEIÇÃO EVARISTO, A PARTIR DA SUBVERSÃO A DOR E AO SOFRIMENTO NA LITERATURA JUVENIL NEGRO-BRASILEIRA.
14h45	Helen Vanessa Couto Silva Andreia de Oliveira Alencar Iguma	AFROBETIZAÇÃO AMOROSA EM BLACKOUT: TRAJETÓRIAS DE AFETO NA LITERATURA JUVENIL NEGRA
15h	Debate	

RESUMOS

18.1. CARTOGRAFIAS DA INFÂNCIA: LEITURAS A CONTRAPELO DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Mônica de Menezes Santos

Em suas teses “Sobre o conceito de história”, o filósofo Walter Benjamin (1994) propõe “escovar a história a contrapelo”, observando-a sob outro viés: do ponto de vista dos vencidos, em oposição à história oficial do progresso. A proposta da comunicação é apresentar alguns resultados do projeto de pesquisa Cartografias da Infância: leituras a contrapelo da literatura infantil e juvenil (2020-2024), cujos objetivos principais consistiram em: por um lado, ler crítica e comparativamente obras destinadas a crianças e adolescentes publicadas no país nos últimos trinta anos, de modo a discutir questões emergentes no Brasil na contemporaneidade, quais sejam: as identidades de gênero e étnico-raciais; por outro, a partir do modo como tais temas são evocados nas obras estudadas, mapear e discutir noções de infância e de adolescência que se elaboram e reelaboram desde a modernidade no Ocidente, a fim de se constituir uma cartografia sobre tais conceitos.

Palavras-chave: Literatura infantil e juvenil. Identidade de gênero. Identidade étnico-racial. Infância

18.2. LITERATURA INFANTIL E JUVENIL PARA CRIANÇAS PLURAIS

Clarice Maria Silva Campos

A partir das demandas oriundas da Lei.10639/2003, constata-se uma ampliação no mercado editorial brasileiro de obras que tematizam a cultura africana e afro-brasileira. Entretanto, é necessário considerar os enredos, as narrativas e como as personagens estão representadas e, principalmente, se elas estimulam a noção de pertencimento das crianças, em especial, as negras. Assim, o objetivo da pesquisa é ampliar informações a respeito da temática étnico-racial promovendo abordagens teóricas que favoreçam a análise crítica de enredos e representações de personagens negras em obras literárias infantis e juvenis. Assim, de que maneira a literatura pode se constituir como ferramenta em favor de uma educação antirracista? As possíveis respostas serão norteadas pelo diálogo entre Gonzalez(1992), hooks (2018) e Kilomba(2020), teóricas que nos ajudam a entender a construção racistas na contemporaneidade. A dimensão identidade será compreendida a partir da noção de sujeito sociológico abordada por Hall(2011). Nessa visão, o autor considera que a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade. No âmbito da história, da teoria e da análise da literatura infantil e juvenil, utilizaremos o pensamento de Nelly Novaes Coelho(2000). A autora considera a relação entre literatura infantil e juvenil e a linguagem como agente de formação e transformação. Assim, podemos entender que a literatura pode servir como instrumental em favor de uma educação antirracista. Por fim, encontramos obras com a temática da diversidade que não subestimam a capacidade das crianças e jovens de refletir, se identificar, inferir e se emocionar.

Palavras-chave: Letramento racial. Literatura infantil. Diversidade

18.3. PROTAGONISMO NEGRO: VOZES (TRANS)BORDAM INFÂNCIAS NA LITERATURA

Maria Carolina de Godoy

O prefixo “trans”, no título desta comunicação, colocado entre parênteses, separa-o do verbo “bordam” com o intuito de evidenciar significações: vozes advindas da infância transbordam e quebram o silenciamento da literatura com protagonismo de crianças negras. Ao mesmo tempo, criam artisticamente outros espaços e bordam (ou espalham) novas cores – quando se pensa nas ilustrações de crianças negras – na literatura. Se se remete à ideia inicial de transbordar no sentido de “fazer sair, ou sair fora das bordas”, conforme HOUAISS (2004), estende-se o título para a discussão teórica a respeito da literatura das margens ou das bordas, termo adotado a partir de Jerusa Pires Ferreira (2010). Nesse sentido, pretende-se discutir, no simpósio, sobre as obras infantojuvenis que colocam em evidência a cultura e as personagens negras pela linguagem verbal e não-verbal: Meu avô é um Tata, de Janaína Figueiredo (2019), ilustrações de Bruna Lubambo; Mãe Sereia, de Teresa Cárdenas (2018), ilustrações de Vanina Starkoff; O filho querido de Olokum, de Rogério Athayde (2019), ilustrações de Clara Zúniga. As análises destacam aspectos da religiosidade de matriz africana, da diáspora e da ancestralidade. Como aporte teórico são contemplados Stuart Hall (2014), Reginaldo Prandi (2001), Eduardo de Assis Duarte (2011), entre outros(as) estudiosos(as).

Palavras-chave: literatura infantojuvenil. afro-brasilidade. religiosidade. diáspora

18.4. CRIANÇA NEGRA PODE SER BABÁ EM CASA DE GENTE RICA? O CONFINAMENTO INFANTIL DE IRENE NO ESPAÇO DOMÉSTICO EM *SOLITÁRIA*, DE ELIANA ALVES CRUZ

Larissa de Menezes Costa
Rayron Lennon Costa Sousa

A presente pesquisa objetiva investigar como se dão os encadeamentos de poder, subalternidade e escravização que permeiam as relações sociais presentes em narrativas literárias contemporâneas, especificamente na cena brasileira, a partir da autoria e do protagonismo negro. Para tanto, utilizaremos como lente analítica a categoria Escrevivência, proposta por Conceição Evaristo, para discutir autoria e texto literário, bem como o contexto de produção e recepção, tendo como finalidade analisar a trajetória da personagem Irene, uma criança de 13 anos, que está presente no romance Solitária (2022), de Eliana Alves Cruz, como uma infante que se vê imersa no trabalho doméstico, ocupando a profissão de babá, contexto esse corriqueiro desde a colonização aos dias atuais, via de regra, com crianças negras. Nesse sentido, consideramos como fio condutor as vivências traumáticas da personagem e sua condição, paralelamente à relação com outras personagens negras, ambas em um ambiente confinador, que é o trabalho doméstico. A metodologia é básica, precedida de levantamento bibliográfico, a partir da análise-crítica qualitativa, tendo como corpus os capítulos Piscina e Cozinha os quais contemplam a personagem Irene na referida obra. O referencial teórico será guiado pelas categorias infância, raça, desigualdade social e trabalho doméstico, com os estudos Zilberman (2014), Akotirene (2019), Teixeira (2021) entre outros. A partir da análise, intentamos demonstrar como a criança é representada a partir da intelectualidade negro-feminina e como os espaços de poder são capazes de apagar as infâncias, tendo como resposta social a contranarrativa contemporânea.

Palavras-chave: Infância. Espaço Doméstico. Solitária. Eliana Alves Cruz

18.5. LAROYÉ: ENCRUZILHADAS NA LITERATURA INFANTIL DE TEMÁTICA DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA

Renan Fagundes de Souza

O presente trabalho tem como objetivo analisar a representação de Exu, orixá/personagem, na literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira. Tal recorte evidencia resultados parciais de uma tese de doutorado na área da Educação que investiga as africanidades brasileiras na literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira, com foco nas referências às religiosidades de matrizes africanas e afro-brasileiras. Para discorrer sobre esse corpo negro se explanará sobre algumas obras que o apresentem tanto no ponto de vista narrativo quanto imagético, sendo-as: "Exu e o mentiroso" (2012), de Rogério Athayde e ilustração de Clara Zúñiga; "Exu" (2022) de autoria e ilustração de Tarcisio Ferreira; "Omo-oba: histórias de princesas e príncipes" (2023), de autoria de Kiusam de Oliveira e ilustração de Ayodê França. Este estudo se baseia no conceito de africanidades brasileiras de Petronilha Silva (2005), na abordagem epistemológica de Eliane Debus (2017) sobre literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira e representação de Stuart Hall (2016). Para metodologia é utilizado a Análise Crítica de Narrativas e Atribuição de Sentidos (ACNAS), do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação para as Relações Étnico-raciais – ErêYá (UFPR) complementada pela perspectiva do Percurso Imagético Literário de Mariana Souza (2021). Por meio dessas abordagens, espera-se que a pesquisa contribua para a compreensão da representação de Exu na literatura infantil, identificando padrões, tendências e possíveis estereótipos em relação às matrizes africanas e afro-brasileiras.

Palavras-chave: Literatura infantil de temática da cultura africana e afrobrasileira. Religiosidades de matrizes africanas e afro-brasileiras. Exu. Relações étnico-raciais

18.6. PARA ALÉM DO LAÇO DE FITA: MENINAS NEGRAS NA LITERATURA PARA CRIANÇAS

Luciana Barrozo da Silva

Utilizando a metodologia da pesquisa documental, a partir da análise dos catálogos das editoras, de obras selecionadas com protagonismo de meninas negras e da revisão bibliográfica, esta pesquisa é resultado de uma investigação que teve por objetivo examinar e refletir sobre quais são as imagens dessas personagens presentes na literatura para crianças que circulam atualmente no mercado editorial brasileiro. Com referências que passam pelos Estudos Culturais (HALL, 2003), relações raciais (MUNANGA, 2013; GOMES, 2003), literatura para crianças (LAJOLO &ZILBERMAN, 2022; GREGORIN FILHO,2012) e pela história das personagens negras na literatura infantil (OLIVEIRA, 2003; ARAUJO, 2010), a pesquisa apronfunda o olhar sobre como as meninas negras são apresentadas nas narrativas ficcionais publicadas a partir de 2003, com a alteração da LDB para a inclusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e indígena. A partir de uma cartografia do mercado editorial brasileiro, este estudo apresenta nove livros de literatatura infantil com protagonismo de meninas negras publicados pelas editoras estudas que foram analisados a partir das categorias que emergiram durante a pesquisa para compreender as personagens para além da estética. Os resultados apontam uma mudança, nos últimos vinte anos, do perfil das obras publicadas com a valorização do protagonismo de meninas negras em relação as personagens elaboradas na literatura infantil do século XX.

Palavras-chave: meninas negras. literatura para crianças. personagens negras

18.7. DO CLÁSSICO À PARÓDIA: A TRANSFORMAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NAS ILUSTRAÇÕES DE “CINDERELA”

Zahir Sousa Cruz Matos Cardoso
Renato Gonçalves Peruzzo

Os contos de fadas possuem como característica fundamental o poder educativo moral no público infantojuvenil. Como gênero literário, é capaz de atingir o inconsciente infantil e estabelecer lições morais de maneira eficaz. Com o avanço das discussões de gênero e sexualidade, aliado à representatividade e às imagens sobre o assunto nos veículos de mídia, muitas paródias de contos tradicionais famosos foram produzidas, trazendo assuntos e debates antes ignorados pelas narrativas canônicas. Nesse cenário, este trabalho tem como objetivo analisar as representações imagéticas presentes no conto tradicional de “Cinderela”, da coletânea de Maria Tatar (2004), e suas relações com as ilustrações produzidas por Marcio Baraldi para o conto paródico “Era uma vez”, da coletânea Era uma vez... contos gays da carochinha, de Márcio El-Jaick (2001). A pesquisa possui caráter qualitativo e exploratório, analisando criticamente as imagens-textos por meio das teorias literárias, da semiótica e de estudos de gênero e queer. A partir disso, percebe-se que as ilustrações da paródia “Era uma vez” avançam na questão de representatividade e na expressão artística, por subverterem os padrões heteronormativos e ampliarem a visibilidade das (re)existências coloridas (organizadas politicamente na comunidade LGBTQIAPN+). Entretanto, apesar de possíveis avanços, é nítido que tais representações ainda possuem traços estereotipados e caricatos que podem reforçar preconceitos e estigmas sobre a comunidade dissidente. Mediante os fatos expostos, conclui-se que as ilustrações contemporâneas evoluíram significativamente na expressão de vivências antes rejeitadas pelas narrativas tradicionais, entretanto ainda há desafios a serem enfrentados para uma representação responsável e positiva de realidades dissidentes.

Palavras-chave: Contos de fadas. Literatura. Ilustrações. Gays. Dissidentes

18.8. TRANS(RE)FORMANDO CINDERELA: SUBVERSÕES E ESTEREÓTIPOS EM TRANSDERELLA

Leonardo Santos Cruz
Renato Gonçalves Peruzzo

O conto de fadas, gênero literário que fundamenta valores e reflete dilemas humanos universais, tem seus textos amplamente reconhecidos por sua eficácia na construção moral, da infância à maturidade. Esses contos, ao serem reimaginados em variados formatos comunicacionais, podem abordar as experiências e particularidades de indivíduos dissidentes. Contudo, ao representar essas vivências atravessadas por estigmas sociais, podem, ainda que não intencionalmente, reforçar concepções estereotipadas que alimentam a exclusão de grupos historicamente marginalizados. Sendo assim, este trabalho pretende discutir a representação de protagonistas trans* em reescrituras paródicas do conto de fadas Cinderela (Grimm; Grimm, 2019, 2021; Perrault, 2004, 2010), com foco na produção paródica Transderella (Lino, 2019, 2020). A pesquisa, de caráter qualitativo e exploratório, utiliza teorias literárias, especialmente a teoria da paródia, estudos de gênero e queer, para analisar a representação de personagens trans* e travestis nas produções paródicas brasileiras. Nesta lógica, a análise da obra revelou avanços na inclusão de protagonistas trans* que subvertem normas tradicionais e ampliam a visibilidade das (re)existências coloridas (organizadas politicamente sob a sigla LGBTQIAPN+). No entanto, também se observou a presença de estereótipos que contribuem para a marginalização desses grupos, refletindo as limitações de uma sociedade que molda desde cedo as expectativas sobre os papéis sociais a serem performados pelas/os sujeitas/os. Por fim, os resultados indicam que, apesar de Transderella se posicionar como uma obra de resistência

e reflexão, ela ainda apresenta incongruências na construção de representações efetivamente inclusivas, evidenciando que o contexto cultural contemporâneo, especialmente brasileiro, ainda apresenta um longo caminho a percorrer.

Palavras-chave: Contos de fada. Paródia. Trans. Cinderela. Literatura

18.9. SOBRE A CRIANÇA NEGRA NA LITERATURA INFANTIL: UMA ANÁLISE DISCURSIVA-LITERÁRIA DE *AMORAS*

Pedro Henrique Ribeiro Santos Messias-Marinho
Erik Sales de Jesus
Renato Gonçalves Peruzzo

Este trabalho apresenta uma análise discursiva-literária sobre a obra Amoras, de Emicida, como recurso pedagógico para promover o letramento crítico e a construção de uma educação antirracista desde a infância. A obra, publicada em 2018, utiliza uma narrativa poética e acessível para abordar questões identitárias, representatividade e valorização da negritude, fomentando a reflexão das crianças acerca da autoestima e do pertencimento. Nessa perspectiva, exploram-se as contribuições de Amoras para a desconstrução de estereótipos e preconceitos, promovendo a valorização da identidade negra na literatura infantil. Adota-se, para este estudo, uma metodologia qualitativa e bibliográfica, fundamentada em autores consagrados que dialogam com as temáticas centrais da análise. Para discutir raça e racialidade, recorremos a Carneiro (2023) e Gonzalez (1984). No campo do pensamento crítico e dos estudos modernos e pós-coloniais, mobilizam-se os trabalhos de hooks (2017, 2020), Mata (2014) e Spivak (2010). A abordagem da educação antirracista apoia-se em Carine (2023). Por fim, Modesto (2018, 2021) contribui com reflexões sobre discursos de/sobre raça, interpelação ideológica e tensões raciais. Logo, a análise enfatiza a centralidade do protagonismo negro, além de examinar como o impacto do livro nas práticas educativas pode favorecer os debates sobre as relações étnico-raciais. Espera-se, então, que este estudo evidencie o potencial da narrativa no protagonismo das crianças na construção de uma visão crítica sobre identidade. Assim, a análise utiliza a obra de Emicida enquanto ferramenta de fomento à autoestima e ao reconhecimento do ser sujeito racializado (Modesto, 2021), ampliando o escopo para discussões sobre sujeitos-corpos não hegemônicos e subalternizados.

Palavras-chave: Racialidade. Tensões raciais. Dissidências. Letramento crítico. Educação antirracista

18.10. QUAL O MEU LUGAR NO MUNDO? A CRISE DA SEXUALIDADE NO BEST-SELLER *EU BEIJEI SHARA WHEELER*, DE CASEY MCQUISTON, SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO E TEORIA *QUEER*

Helen Katrine Pereira Luz
Rayron Lennon Costa Sousa

A tematização da sexualidade, das crises de identidade, do início da vida afetiva e sexual e de outras questões atinentes à juventude estão cada vez mais presentes na literatura juvenil, dada a abertura do mercado editorial e de seu público. Nesse sentido, intenta-se, sob a perspectiva de gênero, discutir como se dá o processo de descoberta e vivência da lesbianidade e como tal processo constrói uma perspectiva positivada para o público juvenil, considerando as potencialidades da literatura e os entraves sociais quando do trabalho com essa temática. A metodologia é básica, caracterizada como análise-crítica qualitativa, tendo como corpus de análise o romance Eu beijei Shara Wheeler, de Casey McQuiston. Como aporte teórico, recorremos às discussões oriundas da perspectiva de gênero: Judith Butler (2003), Aran (2003), Chanter (2011), Giddens (1993); Teoria Queer a partir de Louro (2004), Morton (2002), Sontag (1987). Portanto, busca-se apresentar os

impactos da leitura literária de uma literatura engajada com as pautas sociais, especificamente às de gênero e sexualidade, considerando o público juvenil e como essas narrativas podem fortalecer a identidade desses leitores.

Palavras-chave: Literatura Juvenil. Gênero. Sexualidade. Teoria Queer. Eu beijei Shara Wheeler

18.11. AMADURECIMENTO, RESISTÊNCIA E SUBJETIVIDADE EM TEMPOS DE REPRESSÃO: UMA LEITURA DE *O AMOR DOS HOMENS AVULSOS* (2016), DE VICTOR HERINGER

Camila Pereira de Sousa
Paulo Narley Pereira Cardoso

Este artigo possui como intuito analisar o romance O amor dos homens avulsos (2016), de Victor Heringer, em específico, aspectos do processo de amadurecimento do narrador-personagem Camilo, em meio a circunstâncias de repressão e de vigilância do Brasil dos anos 1970. Época de Ditadura civil-militar, marcada pela censura, pela vigilância e pela violência política, as quais impactaram profundamente os vínculos sociais e as expressões de afeto, especialmente aquelas que envolvem dissidências de gêneros e sexualidade. Desse modo, entendemos que o amadurecimento afetivo de pessoas sexo-gênero dissidentes, como no caso do narrador-personagem da obra aqui analisada, em um contexto fortemente marcado pela heteronormatividade, se dá de modo doloroso e excludente, devido às brutalidades resultantes dos preconceitos construídos e repassados pela lógica heteronormativa. Nesse sentido, o amor entre as personagens do romance pode ser entendido como prática de resistência frente a um contexto político opressor, uma vez que Camilo não permite que seu amor por Cosme seja apagado ao narrar sua história, ocupando e contestando espaços. Para embasar as análises propostas, esta pesquisa utiliza autores como Figueiredo (2017), Dalcastagné (2021), Colomer (2018) , Butler (2010) e Louro (2016), entre outros, a partir dos quais serão abordadas questões referentes ao contexto social da Ditadura civil-militar, além de gênero, sexualidade e heteronormatividade.

Palavras-chave: Ditadura civil-militar. Victor Heringer. Heteronormatividade. Amadurecimento

18.12. RACISMO SISTÊMICO E RESISTÊNCIA DISCURSIVA NO ROMANCE JUVENIL *O ÓDIO QUE VOCÊ SEMEIA* (2019), DE ANGIE THOMAS

Natacha dos Santos Esteves

A presente comunicação, pautada no romance juvenil O ódio que você semeia (2019), de autoria da escritora afro-estadunidense Angie Thomas, analisa as performances de racismo sistêmico que a protagonista da obra – uma adolescente negra de 17 anos – enfrenta ao decidir testemunhar contra a polícia no assassinato de um jovem negro, o qual foi baleado injustamente em uma blitz e que, após a repercussão de sua morte, passa a ser referido pela mídia e pela própria polícia como um traficante violento que possivelmente teria atacado o policial que o parou. Residente de um bairro periférico e negro, tomado pelas disputas entre gangues, a adolescente enfrenta e vivencia a violência racial que parte dos dois lados: a ordem hegemônica branca e o tráfico de drogas comandado por um traficante negro. Além disso, o estudo se ocupa das manifestações de resistência discursiva que são suscitadas no revide contra o racismo por parte da protagonista. Em sua luta por justiça e por uma identidade negra, a adolescente revida contra a branquitude não só por meio de performances diretas, mas também por recursos indiretos, tais como as músicas e as roupas que escolhe usar e o discurso. Para tanto, a metodologia utilizada no trabalho é de cunho bibliográfica, embasada em pesquisas provenientes dos Estudos Culturais e pós-coloniais, em específico: Angela Davis (2016), Bill Ashcroft (2001), Bonilla-Silva (2003).

Palavras-chave: Literatura juvenil. O ódio que você semeia. Racismo sistêmico. Resistência discursiva

18.13. REPRESENTAÇÕES DE CORPOS DISSIDENTES EM *AMORAS*, DE EMICIDA: IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL E PROJETO GRÁFICO NA LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEA

Geovani Augusto Nunes

A presente pesquisa analisa a obra Amoras (2018), do rapper brasileiro Emicida, como um exemplo significativo da literatura infantojuvenil afro-brasileira contemporânea, com foco na representação de identidades étnico-raciais. A investigação parte da necessidade de discutir a construção da identidade preta e sua visibilidade na literatura infantil, considerando o impacto dessas narrativas na formação crítica do leitor. O corpus é composto pelo livro Amoras, que explora, por meio de texto e ilustrações, a valorização da identidade da criança preta, especialmente a feminina, ao subverter padrões eurocêntricos de beleza e comportamento. O objetivo principal é verificar como o texto verbal e não verbal colaboram para a representação positiva de crianças pretas e como essa literatura pode contribuir para a formação de leitores críticos e conscientes da diversidade. A pesquisa utiliza fundamentação teórica de Coelho (2000) e Lajolo & Zilberman (2007; 2017) sobre literatura infantil; Jovino (2006) e Fonseca (2006) sobre literatura preta; além de Fanon (2008) e Pimenta (2008) sobre identidade étnico-racial. Os resultados indicam que Amoras contribui para a construção de um espaço literário inclusivo, no qual crianças pretas podem se reconhecer e se valorizar, ao mesmo tempo em que promove a apreciação da diversidade cultural por todos os leitores. A obra reforça o papel da literatura infantil como ferramenta de transformação social.

Palavras-chave: literatura infantil afro-brasileira. Representatividade. Identidade étnico-racial. Emicida. Amoras

18.14. OFICINAS LITERÁRIAS COMO POSSIBILIDADE DE PROMOÇÃO DO RECONHECIMENTO IDENTITÁRIO DE CRIANÇAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Luzileide de Jesus Santos e Santos

Esta proposta de trabalho objetiva promover o reconhecimento identitário de crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, através da aplicação de oficinas literárias que refletem as representações do negro na literatura, pautadas na perspectiva histórica e cultural afrocentrada. Entendendo que o cabelo crespo sempre constituiu alvo para prática do racismo por estar fora dos padrões de beleza eurocêntrico, propomos ações metodológicas a partir dos títulos literários infanto-juvenis que tratam do reconhecimento da beleza do cabelo negro, que são: Betina (Gomes, 2009), Meu crespo é de rainha (hooks, 2018), Tóim, cadê você? (Lima,2014), O mundo no black power de Tayó (Oliveira, 2013) e Amor de cabelo (Cherry, 2020). Faz-se importante, portanto, fortalecer narrativas pautadas na valorização da beleza negra o que refletirá consequentemente no empoderamento de crianças, que em sua grande maioria, ainda não se reconhece etnicamente. A literatura afro-brasileira se torna muito importante nesse contexto, pois possibilita às crianças se reconhecerem nas histórias que celebram suas belezas, suas conquistas, suas culturas, através de representações positivadas, legítimas e inspiradoras. Para tanto, o referencial teórico deste trabalho está amparado por Colomer (2007), Cosson (2012), Abreu (2006), Munanga (2008), Cuti (2010), Duarte (2014), Hall (1996), hooks (1996) e Gomes (2007).

Palavras-chave: Reconhecimento identitário. Afrocentrismo. Oficinas literárias. Literatura afro-brasileira

18.15. DIÁLOGOS COM A ANCESTRALIDADE: PROPOSTA DE LEITURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO COMO FERRAMENTA DE LETRAMENTO APLICADA AO PÚBLICO JUVENIL

Gabriel Camargo Onesko
Katrym Aline Bordinhão dos Santos

Por meio deste trabalho, propomos estabelecer uma reflexão sobre a obra da escritora brasileira contemporânea Conceição Evaristo, considerando-a como uma produção literária relevante para o público juvenil. Ao longo do desenvolvimento, apresentamos e discutimos os resultados de uma sequência didática realizada com alunos do contraturno escolar do Ensino Fundamental II (11 a 14 anos), no eixo de Letramento, com base em uma leitura crítica do texto Olhos d'Água (Evaristo, 2014), em diálogo com múltiplas concepções acerca da ancestralidade. Como suporte teórico para a proposta, e para a discussão dos resultados, utilizamos os conceitos de Letramento Literário, proposto por Rildo Cosson, e de Letramento Racial na literatura infantojuvenil, conforme apontado por Sônia Rosa. Como resultado da aplicação da atividade, observou-se o engajamento e interesse dos alunos durante a leitura frente às questões propostas pela autora. Considerando o contexto social e racial em que estão inseridos, levanta-se a hipótese de que a leitura do conto promoveu uma rápida identificação dos alunos, levando-os a refletir sobre conceitos como: preconceito racial, racismo estrutural e ancestralidade no Brasil. Dessa forma, defendemos que a obra de Conceição Evaristo – ainda que não seja comumente categorizada como literatura infantojuvenil – ao ser utilizada com este público, evoca as potencialidades da produção literária brasileira contemporânea ao estimular a identificação e a reflexão crítica dos leitores acerca das questões de identidade étnico-racial, de gênero e classe.

Palavras-chave: Letramento. Conceição Evaristo. Ancestralidade. Letramento Racial. Identidade Étnico-racial

18.16. DRAMATURGIA NEGROFEMININA NA ESCOLA: REFLEXÕES A PARTIR DE *UMA BONECA NO LIXO*, DE CRISTIANE SOBRAL

Lethycia Andrade Ferreira de Souza
Robson Teles Gomes

A peça teatral Uma boneca no lixo, de Cristiane Sobral (2018), aborda questões sobre exclusão social e racismo, especialmente na vivência de mulheres negras. Nesse sentido, o propósito desta pesquisa é explorar questões de representatividade e de identidade, utilizando o texto teatral como ferramenta pedagógica para promover a reflexão crítica e a valorização da diversidade no ambiente escolar. O objetivo geral é promover reflexões críticas acerca de relações sociais minadas pelo racismo, com a participação de discentes de uma turma do nono ano do ensino fundamental II, da região metropolitana do Recife; além de estimular a leitura de dramaturgia negrofeminina como ferramenta para a construção de identidades étnico-raciais e provocar atividades pedagógicas criativas que o teatro pode proporcionar. A fundamentação teórico-crítica apoia-se, principalmente, em Dênis Quadros (2020), que retrata a dramaturgia negrofeminina no Brasil; Brenda Freire (2020), que destaca a construção histórico-cultural do teatro para crianças; Marco Camarotti (2005), com a discussão sobre a linguagem do teatro para as infâncias. Com essa abordagem, espera-se que, ao longo do projeto, os discentes desenvolvam uma maior consciência sobre as questões de identidade e de representatividade, fortalecendo o respeito às diferenças e o reconhecimento da diversidade como um valor essencial na construção de uma sociedade que reconhece a construção étnico-racial do país.

Palavras-chave: Uma boneca no lixo. Dramaturgia negrofeminina. Cristine Sobral. Identidade étnico-racial. Teatro para as infâncias

18.17. UM SAPATO QUE ME CABE: MASCULINIDADES PLURAIS NA LITERATURA JUVENIL

Samira dos Santos Ramos

Este trabalho se inscreve na área de Estudos Comparados de Literatura e tem como objetivo investigar as configurações de masculinidade presentes nas obras “Sapato de Salto”, de Lygia Bojunga, e “Todos contra Dante”, de Luís Dill, considerando a persistência da dominação masculina e como as políticas da masculinidade alteram os novos paradigmas identitários na literatura juvenil. Assim, em “Um sapato que me cabe: masculinidades plurais na literatura juvenil”, interessa-nos os processos de progressiva particularização da experiência do jovem protagonista na literatura para jovens, pois na contemporaneidade a condição etária é intersecionada na narrativa por questões de raça, de gênero, de orientação sexual e de classe, propondo identidades multifacetadas. Fundamentada nos Estudos de Gênero (Connell, 1995; 1997) e nos estudos literários, na perspectiva do sistema solidário de influências recíprocas (Cândido, 1980), estudamos comparativamente as obras, usando como categorias de análise os dispositivos de masculinidade empregados, as diferenciações de gênero, os corpos masculinos de origens distintas, a vida escolar e a homossociabilidade masculina, para então discutir como os processos de desnaturalização, relativização e historicização da masculinidade têm alterado as obras para jovens em seus planos de expressão e de conteúdo. As convergências e as divergências na construção das figurações masculinas apontam-nos para a superação do binômio fracasso/sucesso na constituição da identidade do jovem rapaz, mas também para a relutância em prescindir de representações de masculinidades hegemônicas como personificações de poder.

Palavras-chave: Estudos comparados. Literatura juvenil brasileira. Estudos de gênero. Masculinidades

18.18. PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO E CORPOS QUE IMPORTAM: INVISIBILIDADE, SILENCIAMENTO E RESISTÊNCIA EM “OLHOS DE CACIMBA”, “VOZ” E “GILETE PARA PEITO”, DE JARID ARRAES

Fabiane Verardi

Este artigo analisa os contos “Olhos de cacimba”, “Voz” e “Gilete para peito”, da obra “Redemoinho em dia quente”, de Jarid Arraes, sob a perspectiva de teóricas como Judith Butler, Audre Lorde, Kimberlé Crenshaw, Gloria Anzaldúa e outras que discutem a invisibilidade e resistência de corpos femininos LGBTQIAPN+. A análise parte do conceito de performatividade de gênero, interseccionalidade e colonialidade para revelar como a autora subverte narrativas normativas e dá visibilidade a corpos que desafiam normas de gênero, sexualidade e raça. O trabalho busca evidenciar como os contos promovem um espaço de resistência e reexistência literária, denunciando as violências estruturais, ampliando a visibilidade de sujeitos historicamente marginalizados e construindo novas possibilidades de pertencimento. Nos contos analisados, a autora explora as intersecções entre raça, gênero e sexualidade, lançando luz sobre as experiências invisibilizadas de mulheres negras, nordestinas e LGBTQIAPN+ que desafiam estruturas de poder normativas, propondo um espaço de contestação e reinvenção identitária, descontruindo, assim, narrativas dominantes, dando visibilidade a estes corpos femininos. À luz dos teóricos abordados, a literatura de Arraes emerge como uma ferramenta poderosa para transformar estruturas de opressão e ampliar o campo de representação das identidades dissidentes.

Palavras-chave: Performatividade de gênero. Identidade e resistência. Mulheres LGBTQUIAPN+. Representação feminina

18.19. CENAS DE ACONCHEGO NUMA PERSPECTIVA FEMININA: *OS DENGOS NA MORINGA DE VOINHA*, DE ANA FÁTIMA

Simone Souza de Assumpção

O entrecruzamento da materialidade verbal do texto literário com a ilustração de autoria de Fernanda Rodrigues tem como resultado um livro que cria um universo cultural de identidade feminina e que pode ser emancipador de leitoras e de leitores. Trazer aqui a análise sobre este objeto cultural que é o livro Os dengos na moringa de voinha, de autoria da escritora baiana Ana Fátima, é objetivo que se submete a uma agenda feminista, como propõe bell hooks, em seu Teoria feminista (2019), uma vez que o texto é revelador de um léxico que sintetiza predominantemente aspectos femininos e da ordem do aconchego e do acalento. O contexto em que emerge tal reflexão está circunscrito ao desenvolvimento de subprojeto interdisciplinar do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) UFBA (Universidade Federal da Bahia), recentemente aprovado pela CAPES, e no qual se propõe realizar a leitura crítica de obras e de textos assim como a de realizar Oficinas de Produção Escrita em conformidade com a Lei Nº 14.986, DE 25 DE SETEMBRO DE 2024, que inclui a "obrigatoriedade de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares do Ensino Fundamental e Médio". Também a partir da categoria criada por Eliane Debus (2017), este trabalho quer problematizar se se trata de "literatura afro-brasileira" e se tem potencial para leitura no Ensino Fundamental I em uma das escolas-campo que integram o subprojeto.

Palavras-chave: Literatura infantil feminina. Autoria feminina. Literatura infantil baiana

18.20. VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA NARRATIVA JUVENIL *SAPATO DE SALTO* (2006), DE LYGIA BOJUNGA

Jéssica Mineiro Alves
Diógenes Buenos Aires de Carvalho

As narrativas juvenis contemporâneas possuem uma grande tendência de identificação com o público leitor, para tanto, se faz pertinente analisar as questões fraturantes/delicadas, como se observa, por exemplo, na obra Sapato de salto (2006), de Lygia Bojunga, em que a abordagem de assuntos polêmicos, tais como a violência, o abandono, o luto, evidenciam as contradições sociais, principalmente em relação às questões de gênero. Através das personagens femininas, identificamos nessa narrativa situações conflitantes que contribuem para o debate em torno dessas temáticas pelo viés ficcional endereçado ao leitor jovem. Objetivamos, portanto, compreender as vivências em meio às fraturas que perpassam a jornada de cada personagem, pois a trama é um portal de acesso aos conflitos inerentes ao ser jovem e mulher. Para tanto, utilizamos referências no âmbito dos estudos da literatura juvenil e das questões de gênero, tais como: Zilberman (2003), Ceccantini (2008), Colomer (2017), Yunes (2000), Gregorin Filho (2011), Ramos e Navas (2016), Meyer (2003), Butler (2019), Louro (1997), Candido (1995), Showalter (1985), Adichie (2017), Sandroni (1897), Andruetto (2012), Rodriguez (1996), Sartre (1993), Barthes (2004), Nitrini (1997), entre outras. Em vista disso, é possível ter acesso a um mundo juvenil centrado em uma realidade contrastante e conflituosa, mas também fantasiosa e imaginativa.

Palavras-chave: Literatura juvenil. Temáticas fraturantes. Questões de gênero

18.21. A RELEITURA DE *A HORA DA ESTRELA* (1977), DE CLARICE LISPECTOR EM *MACABÉA* (2003), DE CONCEIÇÃO EVARISTO, A PARTIR DA SUBVERSÃO A DOR E AO SOFRIMENTO NA LITERATURA JUVENIL NEGRO-BRASILEIRA

Rayron Lennon Costa Sousa
Marcos Gabriel da Silva França

Antecedendo a despedida de Clarice Lispector na obra A hora da estrela, publicada em 1977, a obra tematiza a vida de uma moça simples, nordestina e virgem que se sente deslocada na cidade grande e suas dinâmicas. Macabéa, a última protagonista de Clarice, surge com uma ingenuidade característica do povo interiorano do Brasil rural. Órfã e criada por uma tia, a garota de 19 anos corporifica uma fragilidade que se traduz em seu corpo magro e na rotina de alimentar-se apenas de cachorro-quente. Macabéa vive sua medíocre vida entre o ofício de datilógrafa, o namoro com Raimundo e o cortiço onde divide o quarto com outras mulheres pobres que, diferente dela, sabem muito da vida e das estratégias de sobrevivência. Assim, após quarenta e seis anos, Conceição Evaristo ressuscita Macabéa dando-lhe uma outra vida, agora permeada de significações positivas, forças e responsabilidades, dentre elas a de trazer muitas pessoas ao mundo através do ofício de parteira, contrastando a Macabéa clássica vom a nova Macabéa e sua positividade de resistir como uma flor de mulungu.Objetivamos analisar contrastivamente ambas as obras para identificar e discutir como Conceição Evaristo, enquanto escritora negro -brasileira, se apropiou do texto de Lispector para ciar a face que não foi dita, ao mesmo tempo que positiva as existências dessas sujeitas, mulheres em situações diversas, em exercício constante de deslocamentos e desapropriações. Portanto, a partir de uma análise comparativa, intenta-se compreender como a literatura negro-brasileira contemporânea é um exercício de revisitação ao cânone para dar voz.

Palavras-chave: A hora da estrela; Macabéa; Clarice Lispector; Conceição Evaristo

18.22. AFROBETIZAÇÃO AMOROSA EM *BLACKOUT*: TRAJETÓRIAS DE AFETO NA LITERATURA JUVENIL NEGRA

Helen Vanessa Couto Silva
Andreia de Oliveira Alencar Iguma

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as possibilidades de letramento afetivo e racial na obra Blackout (2021), escrita por Dhonielle Clayton, Tiffany D. Jackson, Nic Stone, Angie Thomas, Ashley Woodfolk e Nicola Yoon, visando à construção de estratégias que ampliem a competência leitora e o pensamento crítico em sala de aula. A investigação centra-se no conceito de Escrevivências, conforme definido por Conceição Evaristo (2020), para entender como a narrativa promove a conscientização racial e o afeto. Além disso, baseia-se em teóricas, como bell hooks (2019), Angela Davis (2016) e Chimamanda Adichie (2019) para discutir as interseções de raça, gênero e identidade. A obra é abordada também sob a perspectiva da afrobetização, conceito discutido por Peixoto (2011), que complementa as reflexões de hooks em sua trilogia Tudo Sobre o Amor, proporcionando uma análise das dinâmicas afetivas e raciais no texto. Este trabalho é parte integrante de uma pesquisa de mestrado em Estudos Literários, cujo objetivo é propor diferentes práticas de leitura que estejam em conformidade com a Lei 10.639/2003. Tais práticas visam não apenas à interpretação da obra, mas também à formação de um letramento crítico, guiado pela mediação ativa do professor. A partir das análises realizadas, espera-se contribuir para a construção de uma pedagogia que valorize a literatura juvenil negra como instrumento de transformação social, promovendo o engajamento dos alunos em discussões sobre identidade, afeto e cidadania.

Palavras-chave: Literatura Juvenil. Literatura Negra. Afetividade Negra. Literatura Contemporânea

SIMPÓSIO 19

Literatura Infantil/juvenil: Portugal e África

Coordenador(es): Andreia Alves Monteiro de Castro (UERJ), Eduardo da Cruz (UERJ) e Mário César Lugarinho (USP)

SESSÕES

Primeira Sessão: 30 de maio - 11h às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
11h	Erick Douglas Nascimento da Silva Carlos Eduardo Soares da Cruz	A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO NACIONAL PORTUGUÊS NO TESOURO POÉTICO DA INFÂNCIA
11h15	Bianca Gomes Borges Macedo	LITERATURA INFANTIL E REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA EM "A QUEM DEUS PROMETE", DE MARIA O'NEILL
11h30	Marina Otero Lemos Silva Carlos Eduardo Soares da Cruz	"CONSTA-ME QUE TU ÉS BRUXA": A VISÃO DA MULHER EM "OS TRÊS ENCONTROS", DE IRENE LISBOA
11h45	Luís Antônio Contatori Romano	O BRINQUEDO E AS CONCEPÇÕES DE BRASILIDADE E PORTUGALIDADE, EM CECÍLIA MEIRELES E OLAVO D' EÇA LEAL
12h	Viviane da Silva Vasconcelos	A INFÂNCIA NA OBRA DE AGUSTINA BESSA-LUÍS
12h15	Debate	

Segunda Sessão: 30 de maio - 13h30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Karina de Fátima Gomes	A OBRA DE MARILENE PEREIRA: IDENTIDADE CULTURAL E NARRATIVAS INFANTOJUVENIS EM CABO VERDE NA OBRA O MISTÉRIO DA CIDADE VELHA
13h45	Cristiane Madanêlo de Oliveira	O ESCURO COMO POTÊNCIA: UM PASSEIO POR UM BOSQUE POSSÍVEL EM UMA ESCURIDÃO BONITA (2013) DE ONDJAKI
14h	Severina Jardeleia de Amorim Silva Cima Andreia Alves Monteiro de Castro	A ÁFRICA N'O PÁTIO DAS SOMBRAS DE MIA COUTO
14h15	Luciana Soares da Silva Vanessa Ribeiro Teixeira	"O REI MOCHO" E AS TRADIÇÕES MOÇAMBICANAS
14h30	Débora Santos Ximenes de Melo Cristiane Madanêlo de Oliveira	PAULINA CHIZIANE E OS CONFLITOS EM NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA (2002)
14h45	Debate	

19.1. A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO NACIONAL PORTUGUÊS NO *TESOURO POÉTICO DA INFÂNCIA*

Erick Douglas Nascimento da Silva
Carlos Eduardo Soares da Cruz

Este trabalho visa analisar a antologia Tesouro Poético da Infância (1883), organizada por Antero de Quental, como um reflexo da função da literatura infantojuvenil na formação moral, cívica e patriótica de jovens portugueses no final do século XIX. A seleção de poemas, uma das primeiras em Portugal destinadas às crianças, segundo Raquel Patriarca (2012), exalta valores como a família, o amor à pátria, a religiosidade e virtudes como a bondade e o trabalho – elementos que compõem o que Nelly Novaes Coelho (2000) designa como a transmissão de "bons sentimentos" –, visando moldar o caráter do jovem leitor segundo os padrões da época. A dimensão cívica e patriótica aparece em poemas como "Romance da Batalha de Alcácer-Quibir" e "O Sebastianista", que evocam a figura mítica de D. Sebastião. Também no romance popular "Nau Catrineta", que traz a força da tradição oral carregada de elementos simbólicos, como a viagem e o mar, funcionando como alegorias da pátria portuguesa. Percebe-se que tais exemplos demonstram uma busca em incutir o orgulho nacional. Além disso, pretende-se confrontar a antologia à luz das mudanças sociais e pedagógicas da contemporaneidade, revelando as aproximações e os distanciamentos em relação à função da literatura infantojuvenil de hoje. Afora os nomes já citados, fundamentam teoricamente esse trabalho Regina Zilberman (1984), Natércia Rocha (1992), Teresa Colomer (2017), entre outros. A antologia de Quental, portanto, configura-se como um instrumento para compreender o papel da literatura infantojuvenil no século XIX e sua evolução ao longo dos séculos seguintes.

Palavras-chave: Literatura Infantojuvenil Portuguesa. Antero de Quental. Tesouro Poético da Infância. Século XIX

19.2. LITERATURA INFANTIL E REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA EM "A QUEM DEUS PROMETE", DE MARIA O'NEILL

Bianca Gomes Borges Macedo

Esta comunicação tem como objetivo apresentar o conto "A quem Deus promete", publicado no volume O animatógrafo (1924), de Maria O'Neill. Contemporânea de importantes personalidades portuguesas da literatura infantil tais como Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921) e Ana de Castro Osório (1872-1935), Maria da Conceição Infante de Lacerda Pereira de Eça Custance O'Neill (1873-1932) foi uma intelectual, escritora, jornalista, editora e ativista que também escreveu o seu nome nos livros de literatura infantil de autoria feminina. A partir da análise da representação da personagem Lina e da sua relação com os personagens masculinos presentes no enredo, busco refletir o caráter pedagógico da narrativa com base no teor moralizante demonstrado ao final do conto. A discussão faz-se em torno da proposta da promoção dos valores e das regras sociais determinados para a função social das mulheres nos moldes patriarcais e conservadores impostos ainda no início o século XX. O'Neill era uma mulher republicana, socialista, feminista, espírita e teosofista, engajada e participativa nos debates sobre questões literárias, sociais e espíritas. Sua atuação como defensora da emancipação social, jurídica e política feminina é abordada de forma a pensar sobre as estratégias das profissionais escritoras para a publicação das suas produções literárias e a condição limitante imposta a elas na sociedade portuguesa. A fundamentação teórica da pesquisa abarca Andreia Castro (2022), Carla Guerreiro (2010), Irene Vaquinhas (2002), Michelle Perrot (2007; 2009), Patricia Hansen (2024) e Pierre Bourdieu (2014).

Palavras-chave: Literatura infantil. Maria O'Neill. Conto. Personagem feminina. Autoria feminina

19.3. "CONSTA-ME QUE TU ÉS BRUXA": A VISÃO DA MULHER EM "OS TRÊS ENCONTROS", DE IRENE LISBOA

Marina Otero Lemos Silva
Carlos Eduardo Soares da Cruz

Em Portugal, o regime ditatorial do Estado Novo abarcou os anos de 1933 a 1974, ano em que ocorreu a Revolução de 25 de Abril, e mesmo sob um governo de forte censura, Irene Lisboa publicou sua obra de 1926 a 1956. Durante esse período, a diferença de gênero em Portugal não está ligada somente a uma questão histórica e cultural, mas à lei institucionalizada pela Constituição de 1933; assim, as mulheres são, mais uma vez, relegadas ao ambiente doméstico para cumprir as funções de "fada-do-lar" que lhe cabem segundo o Estado: esposa, mãe e responsáveis pelos afazeres domésticos. No conto "Os três encontros", entretanto, publicado no livro infanto-juvenil Uma mão cheia de nada outra de coisa nenhuma, em 1955, é possível se deparar com um conto cuja personagem principal, ao ouvir o marido lhe dizer "Ouve cá, consta-me que tu és bruxa, houve quem já mo dissesse um dia…", contesta um imaginário social do que deveria ao não ser uma mulher; além disso, percebe-se, também, nesse breve diálogo, como se dão as relações entre esse marido e essa mulher. É importante, portanto, analisar como Irene Lisboa, em meados do século XX, com um conto infanto-juvenil, contesta a ideologia vigente atrelada ao panorama sociopolítico em que se insere.

Palavras-chave: Literatura portuguesa. Literatura de autoria feminina. Literatura infantil/juvenil

19.4. O BRINQUEDO E AS CONCEPÇÕES DE BRASILIDADE E PORTUGALIDADE, EM CECÍLIA MEIRELES E OLAVO D' EÇA LEAL

Luís Antônio Contatori Romano

Pretende-se discutir a função do brinquedo artesanal e do industrial nos contextos ideológicos do Estado Novo brasileiro e do português e de suas respectivas concepções de brasilidade e de portugalidade. O corpus de análise comparativa é constituído por crônicas de Cecília Meireles e de Olavo D'Eça Leal, em especial, "Brazilian dolls" e "Brinquedos portugueses para meninos portugueses", ambas de 1942, publicadas, respectivamente, nas revistas Travel in Brazil e Panorama - revista portuguesa de arte e turismo. Parte-se, inicialmente, de Walter Benjamin ([1928] 1987) e de Freud ([1920] 2010), para discutir concepções de brincadeiras possibilitadas pela instrumentalização de brinquedos artesanais e industriais e do prazer que a criança pode encontrar na repetição da brincadeira. Em seguida, analisa-se a expressão dessas concepções nos brinquedos valorizados nas crônicas de Meireles e de D'Eça Leal nos contextos dos regimes de Vargas e de Salazar. Em Cecília Meireles, as bonecas artesanais representariam as três raças formadoras da brasilidade: o indígena, o branco, incluindo os novos imigrantes, e o negro. Em Olavo D'Eça Leal, o brinquedo artesanal a ser valorizado deveria expressar os três pilares da portugalidade: a ruralidade, a religiosidade e a história nacional, abrangendo o Império colonial ultramarino, especialmente as possessões africanas. Os brinquedos e brincadeiras postos em foco nessas crônicas remeteriam também a visões ideológicas de superação ou de cristalização de determinadas tradições locais, como expressões daquilo que deve se tornar objeto memorável ou ser preservado como lugar de vivência antropológica, à luz de Marc Augé ([1992] 1994).

Palavras-chave: Brinquedo. Revista Travel in Brazil. Revista Panorama. Cecília Meireles. Olavo D'Eça Leal

19.5. A INFÂNCIA NA OBRA DE AGUSTINA BESSA-LUÍS

Viviane da Silva Vasconcelos

A proposta desta comunicação é refletir sobre os procedimentos de escrita nos livros de Agustina Bessa-Luís que foram dedicados ao público infantil e juvenil. Um dos aspectos que nos interessa é como o diálogo com a infância, por exemplo, será desenvolvido também nos romances e em

outros textos da autora, como os ensaios e artigos. Dessa forma, parece haver uma complexa rede intertextual em que são elaboradas reflexões relevantes sobre autobiografia, memória e história. No jogo ficcional, a escritora desenvolve um labirinto de representações da sua infância, como também uma desconstrução de lugares comuns acerca dos temas mais frequentes retratados na literatura. Além dos fragmentos autobiográficos presentes na edição de "O chapéu das fitas a voar" (2009), analisaremos a construção da identidade de Lourença, personagem presente em "Dentes de Rato" e "Vento, Areia e Amoras Bravas", assim como os "Contos Amarantinos". A fim de evidenciar as estratégias agustinianas, ainda serão contempladas, nesta breve análise, parte de "Memórias Laurentinas" (1996), pois o livro estabelece um diálogo com outros textos sobre a infância que foram publicados em momentos distintos da obra da escritora.

Palavras-chave: Memória. Agustina Bessa-Luís. Infância

19.6. A OBRA DE MARILENE PEREIRA: IDENTIDADE CULTURAL E NARRATIVAS INFANTOJUVENIS EM CABO VERDE NA OBRA *O MISTÉRIO DA CIDADE VELHA*

Karina de Fátima Gomes

Este trabalho tem como objetivo analisar a produção literária da autora cabo-verdiana Marilene Pereira, destacando suas contribuições para a literatura infantil e juvenil de Cabo Verde. A pesquisa se concentra em compreender como a autora utiliza elementos da cultura cabo-verdiana, como a oralidade, o folclore e os aspectos sociais do arquipélago, para criar narrativas que envolvem o público infantojuvenil. O corpus de análise é composto pela obra O Mistério da Cidade Velha, onde são explorados temas como identidade cultural, amizade, solidariedade e a preservação das tradições. A pesquisa se fundamenta em uma abordagem literária que articula teoria da literatura infantojuvenil com estudos sobre identidade cultural e representações da infância, com base nas obras de autores como Maria Teresa M. Tavares e Stuart Hall. A análise busca compreender como Marilene Pereira usa sua escrita para criar um espaço de representação para a criança e o jovem em Cabo Verde, propondo um diálogo entre o local e o universal nas suas histórias. Como principais conclusões, espera-se evidenciar a importância da obra de Marilene Pereira para a literatura infantojuvenil de Cabo Verde, destacando seu papel na construção de uma literatura que não apenas representa, mas também valoriza a cultura e a identidade de seu povo. Além disso, pretende-se refletir sobre como suas narrativas contribuem para a formação de leitores críticos e sensíveis às questões sociais e culturais, oferecendo uma literatura que fomenta a imaginação e a reflexão.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Marilene Pereira. Cabo Verde. Identidade cultural. Narrativa oral

19.7. O ESCURO COMO POTÊNCIA: UM PASSEIO POR UM BOSQUE POSSÍVEL EM UMA ESCURIDÃO BONITA (2013) DE ONDJAKI

Cristiane Madanêlo de Oliveira

Ainda povoam o imaginário sobre África cenas de fome, pobreza, guerras e/ou espaços desérticos habitados por grandes animais a caçar para sobreviver. Essas imagens configuram uma persistência de representações colonialistas acerca do continente que ressaltam, em sua essência, a ideia de carência, falta. No lastro da implementação da lei 10630/03 (reeditada posteriormente para 11645/08), muitos títulos de literatura infantil e juvenil, notadamente de escritores africanos, têm buscado desconstruir esse imaginário estereotipado de África, seus países e seus povos. Uma delas é Uma escuridão bonita (2013) que tematiza a falta de luz imposta frequentemente à Luanda dos tempos da infância do escritor Ondjaki, potencializando o escuro como espaço pleno de imaginação e afeto. Na edição brasileira da obra, as ilustrações do português António Jorge Gonçalves e o projeto gráfico propõem ao leitor também esse mergulho no escuro, ao inscrever palavras e imagens em branco nas páginas negras. Com o olhar pleno da experiência da infância de que tratou Walter

Benjamin, o narrador menino vê na noite deseletrificada a potência da escuridão para ouvir estórias, dividir segredos e sonhar o primeiro beijo. Desconstruindo o locus horrendus associado à noite e à escuridão pelo Romantismo, o olhar do narrador povoa de conotações positivas essa paisagem iluminada pelos faróis dos carros, pela vela da avó e pelo afeto. Para fundamentar essas considerações, estabeleceremos diálogo teórico com Michel Foucault (2001), Mikhail Bakhtin (2018) e Michel Collot (2015) para problematizar as questões inerentes ao espaço da escuridão, potencializado em sua beleza pela obra literária em estudo.

Palavras-chave: Espaço africano. Uma escuridão bonita (2013). Literatura angolana. Ondjaki

19.8. A ÁFRICA N'*O PÁTIO DAS SOMBRAS* DE MIA COUTO

Severina Jardeleia de Amorim Silva Cima
Andreia Alves Monteiro de Castro

Para justificar a dominação dos territórios africanos e de seus povos originários, os europeus difundiram a imagem da África como um continente mítico, selvagem e bárbaro. Essa dominação determinou instabilidades em muitas questões, fossem elas sociais, éticas, religiosas, morais, etc. A literatura, instrumento de construção, e que antes servia para manter a submissão, também foi empregada como arma de libertação e resgate político e cultural. O presente trabalho visa analisar a obra O pátio das sombras (2018 no Brasil), do autor moçambicano Mia Couto. Neste estudo, observaremos como Mia Couto, usando sua linguagem poética e alegórica, consegue entrelaçar história e ficção e evidenciar os costumes africanos, principalmente os que ainda vigoram em Moçambique após os movimentos revolucionários. Portanto o autor, nessa obra voltada para a literatura infantojuvenil, retrata a dialética entre vida e morte de um conto da tradição oral da etnia maconde, ressignificando práticas culturais dentro da modernidade; desta maneira estabelece um elo entre a tradição e o leitor. Para embasar esse trabalho, passaremos por textos de Mignolo, Chartier, Crenshaw, e outros autores estudiosos de africanidades.

Palavras-chave: Literatura portuguesa. Literatura infantojuvenil. Mia Couto. África

19.9. "O REI MOCHO" E AS TRADIÇÕES MOÇAMBICANAS

Luciana Soares da Silva
Vanessa Ribeiro Teixeira

Analisamos aspectos das tradições moçambicanas em "O rei mocho", de Ungulani Ba Ka Khosa (2016), destacando temas como oralidade, passagem do tempo, uso de provérbios e ilustração sobre batique, fundamentados em críticos como Hampate Ba, Leda Maria Martins e Abreu Paxe.

Palavras-chave: Moçambique. Ungulani Ba Ka Khosa. Tradição

19.10. PAULINA CHIZIANE E OS CONFLITOS EM *NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA* (2002)

Débora Santos Ximenes de Melo
Cristiane Madanêlo de Oliveira

O vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2022, indicou a leitura de Niketche: uma história de poligamia (2002), da moçambicana Paulina Chiziane, para a prova de Língua Portuguesa e Literatura do exame de acesso à Instituição. Diante disso, a obra foi incorporada ao projeto pedagógico do 3º ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFRJ daquele ano. A partir das primeiras impressões dos terceiroanistas e do coletivo de licenciatura da série, o plano de curso incorporou a potência literária do conflito como um dos fios condutores da leitura. No romance, revela-se a realidade de Rami: mulher, casada, do Sul de Moçambique que descobre outras mulheres de seu marido dispersas pelo território nacional. Em meio aos conflitos com seu esposo, com suas

outras esposas, com as especificidades culturais de seu país e, principalmente, consigo mesma, Rami ressignifica o lidar com as diferenças. A partir da temática do conflito, foram tensionadas questões como diferenças/semelhanças socioculturais entre Norte e Sul de Moçambique e relações humanas. A associação entre conflitos armados e África, enraizada no senso comum, reitera o valor negativo sobre as diferenças. No trabalho realizado no CAp, buscou-se ressignificar as divergências como potência na construção do coletivo e do individual, tanto da protagonista, quanto dos terceironistas. Nesta abordagem, estabeleceremos diálogo com pressupostos teóricos de Noa (2006) e Said (2011) para tratar da produção literária moçambicana, nas ideias de Petit (2009), ao pensarmos na formação leitora juvenil no contexto escolar, em cotejamento com as especificidades do romance.
Palavras-chave: Literatura moçambicana. Literatura Juvenil. Paulina Chiziane

SIMPÓSIO 20

Literatura infantil e juvenil acessível para estudantes surdos, com deficiência visual e/ou outras necessidades específicas

Coordenador(es): Morgana Ribeiro dos Santos (Instituto Benjamin Constant), Marcia de Oliveira Gomes (Instituto Benjamin Constant) e João Paulo da Silva Nascimento (UERJ)

SESSÕES

Primeira Sessão: 29 de maio - 10h30 às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
10h30	Morgana Ribeiro dos Santos	LITERATURA DE CORDEL PARA ESTUDANTES DE 9º ANO COM DEFICIÊNCIA VISUAL: A CONDIÇÃO DA CEGUEIRA EM DEBATE
10h45	Marcia de Oliveira Gomes	AUDIODESCRIÇÃO POÉTICA: PALAVRAS BRINCANTES NA ACESSIBILIDADE DE LIVROS-IMAGEM
11h	Debora Lembi Neves	A CRIAÇÃO DE UMA OBRA LITERÁRIA ACESSÍVEL NA COMPLEXIDADE CONTEMPORÂNEA
11h15	Laís Sauerbronn Silva Mendes	A AUDIODESCRIÇÃO POÉTICA NA ADAPTAÇÃO DO AUDIOLIVRO O MENINO E O MAR, DE LULU LIMA
11h30	Bruna da Silva Branco	OS QUADRINHOS EM AULAS DE LIBRAS
11h45	Thayssa Fernanda de Oliveira Nunes Fabiano Souto Rosa	LITERATURA SURDA: INICIANDO A TRADUÇÃO DE HISTÓRIAS PRETAS PARA LIBRAS
12h	Debate	

Segunda Sessão: 29 de maio - 13h30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Fabiano Souto Rosa Bruna da Silva Branco	ALFABETIZAÇÃO EM LIBRAS POR MEIO DA LITERATURA INFANTIL COM TEMÁTICA DE PÁSSAROS
13h45	João Paulo da Silva Nascimento	ADAPTAÇÕES LITERÁRIAS INFANTIS PARA COMUNIDADES SURDAS: DEBATES SOBRE LÍNGUAS, CULTURAS E LETRAMENTOS
14h	Sandro Portella	O LIVRO INFANTIL COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL ACESSIVEL: O EMPODERAMENTO DE CRIANÇAS SURDAS POR MEIO DO LETRAMENTO RACIAL
14h15	Debate	

20.1. LITERATURA DE CORDEL PARA ESTUDANTES DE 9º ANO COM DEFICIÊNCIA VISUAL: A CONDIÇÃO DA CEGUEIRA EM DEBATE

Morgana Ribeiro dos Santos

Este artigo é produto de uma pesquisa de Pós-doutorado em Língua Portuguesa, cumprido no Instituto de Letras da UERJ, cujos estudos culminaram na publicação do livro Literatura de cordel e deficiência visual: Ensino, interseções e perspectivas (SANTOS, 2024). O objetivo é relatar uma experiência realizada com estudantes de 9º ano, com deficiência visual, no Instituto Benjamin Constant, a partir de um projeto de oficina de leitura e escrita proposto ao final da pesquisa de pós-doutorado, a fim de dar continuidade e possibilitar novos desdobramentos para a investigação. Considerando os estudos desenvolvidos pela professora da turma no pós-doutorado, os educandos foram convidados à leitura de fragmentos de quatro poemas de cordel: Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho, de Firmino Teixeira do Amaral (2005); Os martírios de uma cega, de João José da Silva (s.d.); A cidade dos cegos ou história de pescador, de Antônio Francisco (2008); e Cego Aderaldo: Rei dos Cantadores ganha uma estátua em Quixadá, de Rodolfo Coelho Cavalcante (s.d.). Em seguida, os estudantes foram orientados a se posicionar, por meio de um texto escrito, sobre as representações da cegueira e da pessoa cega nos textos apreciados, podendo comentar especificamente um ou outro texto que quisessem destacar. Para compor o corpus deste artigo, selecionaram-se duas redações, uma foi composta por uma menina cega e a outra, por um menino com baixa visão. As produções são analisadas neste trabalho, a fim de observar as reflexões dos aprendizes provocadas pelas leituras.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Literatura de cordel. Deficiência visual. Leitura. Escrita

20.2. AUDIODESCRIÇÃO POÉTICA: PALAVRAS BRINCANTES NA ACESSIBILIDADE DE LIVROS-IMAGEM

Marcia de Oliveira Gomes

Para que o direito inalienável à literatura, reconhecido por Candido (2009), seja de fato exercido, é preciso garantir acesso e acessibilidade para todos, tanto do livro, como artefato cultural, quanto de seu conteúdo. No tocante a crianças cegas e com baixa visão, uma relevante barreira se estabelece: a comunicacional, uma vez que as ilustrações produzem sentidos que precisam ser compreendidos e fruídos pelos leitores. A audiodescrição, tradução intersemiótica (Jakobson, 1995) que transforma imagens em palavras, é um dos recursos que podem ser utilizados para acessibilizar o conteúdo imagético a pessoas com deficiência visual. Dentre os estudos sobre esse tipo de tradução, a modalidade denominada audiodescrição poética se destaca por empregar uma linguagem artística não só para informar, mas também para fazer sentir. Desse modo, este trabalho visa a apresentar uma proposta de audiodescrição poética para o livro-imagem “Bárbaro”, de Renato Moriconi, que se caracteriza pelo desenvolvimento visual da narrativa (Belmiro, 2014). Para isso, o trabalho se fundamenta nos estudos de audiodescrição poética, representada pelas autoras Ferreira e Gomes (2022) e Gomes (2021) e de ilustração, com destaque para Fittipaldi (2008) e Ribeiro (2008). Assim, por meio da discussão proposta, pretende-se apontar caminhos para uma acessibilidade estética do livro literário com a ludicidade adequada à fruição do público infantil.

Palavras-chave: Deficiência Visual. Audiodescrição poética. Livro-imagem

20.3. A CRIAÇÃO DE UMA OBRA LITERÁRIA ACESSÍVEL NA COMPLEXIDADE CONTEMPORÂNEA

Debora Lembi Neves

O presente trabalho visa a apresentar um recorte da pesquisa de mestrado efetivada com e para onze estudantes com deficiência visual de 10 a 13 anos do quarto ano do ensino fundamental. Percebeu-se a necessidade de valorizá-los e incentivá-los a expressar pensamentos e sentimentos, no contexto do letramento literário. De forma prazerosa, junto às árvores frutíferas, no pátio da instituição, o processo de criação literária foi corporificado na metodologia da sequência didática, em plena natureza. Dessa abertura, estabelecida, pelas histórias imaginadas e contadas, os elementos da narrativa foram sistematizados dentro da sala de aula e a produção textual ocorreu com a coparticipação da pesquisadora e da orientadora, como uma materialização artística múltipla e engajada. Logo, os discentes tiveram espaço para interagir com os colegas, ampliar conhecimentos, imergir no imaginário corroborando para o deleite do momento, de modo que a análise de dados sucedeu de três categorias: projeção e identificação, fruição e apropriação da linguagem literária. Nesse processo de aprimoramento do produto educacional, a obra literária foi apresentada, testada e validade com e para os estudantes, a consultoria da audiodescrição foi realizada por uma professora cega da instituição e tais devolutivas contribuíram para aperfeiçoar o produto, aferindo a opinião dos sujeitos. O livro em diferentes versões encontra-se disponível em fonte ampliada, braile, livro falado, com audiodescrição, QR Code e Libras, oferecendo alternativas de acesso. Nosso objetivo foi sobretudo reforçar, defender e valorizar a complexidade da produção de conhecimento na educação especial e inclusiva do mundo contemporâneo tecnológico, com equidade.

Palavras-chave: Deficiência Visual. Letramento literário. Vivências

20.4. A AUDIODESCRIÇÃO POÉTICA NA ADAPTAÇÃO DO AUDIOLIVRO *O MENINO E O MAR*, DE LULU LIMA

Laís Sauerbronn Silva Mendes

Seja pela facilidade em acessar o conteúdo através da internet ou pela praticidade de consumir uma obra inteira armazenada em um dispositivo móvel, a popularidade dos audiolivros tem crescido nos últimos anos e proporcionado para uma parcela de deficientes visuais a possibilidade de consumir literatura. No entanto, as adaptações para áudio ainda sofrem uma série de obstáculos, principalmente para livros direcionados para o público infantil, onde as ilustrações são partes essenciais da narrativa. Buscando conservar o lúdico que permeia as páginas na versão original impressa, o audiolivro "O menino e o mar", de Lulu Lima, utiliza a técnica da audiodescrição poética para recriar de forma verbal as imagens presentes em suas páginas, sem perder a essência de sua história e transportando seus leitores para uma nova experiência literária. Para abordar a temática da audiodescrição poética, serão utilizados os textos acadêmicos "Adp: Framework de Audiodescrição Poética", de Marx Menezes e "A audiodescrição poética como modalidade de tradução literária: expansões interpretativas", de Lilian Marins .Para falar sobre adaptações, o título Uma Teoria da Adaptação, de Linda Hutcheon, será utilizado como base. O texto O Direto à Literatura, de Antônio Cândido, também fará parte das referências apresentadas.

Palavras-chave: Audiolivro. audiodescrição poética. acessibilidade. O menino e o mar

20.5. OS QUADRINHOS EM AULAS DE LIBRAS

Bruna da Silva Branco

O presente trabalho propõe o uso de histórias em quadrinhos como recurso pedagógico em aulas de Libras voltadas à alfabetização bilíngue de alunos surdos, promovendo a integração entre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e o português escrito. A metodologia utilizada será a "Oficina

de Leitura: História em Quadrinhos", com foco em práticas de leitura e interpretação por meio da linguagem visual característica do gênero. A atividade tem como objetivo principal facilitar o desenvolvimento de competências linguísticas e discursivas em ambas as línguas, estimulando a leitura crítica e ampliando o vocabulário dos alunos. O corpus inclui quadrinhos acessíveis e de temática inclusiva, selecionados para promover maior identificação e engajamento dos participantes. A fundamentação teórica está embasada em autores que destacam o potencial dos quadrinhos na educação, como Ramos (2009) e McCloud (1994), além de estudos sobre bilinguismo e educação de surdos (QUADROS; KARNOPP, 2004). A oficina destina-se a alunos oriundos de escolas bilíngues de surdos na região, buscando criar um espaço de aprendizagem interativo que articule aspectos visuais, narrativos e linguísticos. Este trabalho reforça a relevância dos quadrinhos como ferramenta inclusiva e eficaz para o ensino bilíngue, contribuindo para a formação de leitores competentes e para o fortalecimento da identidade surda.

Palavras-chave: Quadrinhos. Alfabetização bilíngue. Educação de surdos. Linguagem visual. Ensino de Libras

20.6. LITERATURA SURDA: INICIANDO A TRADUÇÃO DE HISTÓRIAS PRETAS PARA LIBRAS

Thayssa Fernanda de Oliveira Nunes
Fabiano Souto Rosa

A literatura desempenha um papel essencial na expressão cultural e social, especialmente para comunidades historicamente marginalizadas, como o povo surdo preto. Apesar de avanços, ainda há escassez de materiais traduzidos para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) que representem suas vivências. "Literatura Surda: Iniciando a Tradução de Histórias Pretas para Libras" tem como foco inicial a seleção de livros relevantes da literatura preta para serem traduzidos, promovendo o acesso da comunidade surda preta a essas narrativas. O objetivo central é valorizar a identidade preta surda, promover reflexões culturais e incentivar crianças e adolescentes a explorarem suas raízes. A metodologia baseia-se em autores como Bosse (2019), que explora a literatura surda no currículo escolar; Mourão (2016), com estudos sobre experiências literárias surdas; Rosa (2017), que aborda o ensino de literatura surda em Letras Libras; e Silveira (2015), com análises sobre narrativas em Línguas de Sinais. Também se utiliza a perspectiva de Jakobson (1995) sobre tradução intersemiótica e de Pereira (2021), que estuda tradução para Libras. Com traduções interlinguais e intersemióticas, o projeto planeja criar um acervo digital acessível. A iniciativa busca ampliar o acesso à literatura, fortalecer o senso de pertencimento e autoestima dos jovens surdos pretos e estimular a produção de novas histórias, promovendo a preservação e disseminação da cultura preta surda.

Palavras-chave: Literatura Surda. preta. tradução e Literatura

20.7. ALFABETIZAÇÃO EM LIBRAS POR MEIO DA LITERATURA INFANTIL COM TEMÁTICA DE PÁSSAROS

Fabiano Souto Rosa
Bruna da Silva Branco

Propomos a criação de um projeto vinculado à disciplina de Literatura Surda, com foco na alfabetização em Libras para surdos por meio de histórias sobre pássaros, retiradas de livros infantis. Selecionamos obras como "O João-de-Barro" Autor: Flavio de Souza (2029), "Manu e o Bem-te-vi" Autor: Rogério Lima (2022) e "O Filhotão" Autora: Moina Mary Fairon Rech (2018). para este estudo. O projeto convida alunos do curso Letras Libras/Literatura Surda a participarem como pesquisadores, com foco no processo de tradução dos textos infantis para Libras. A ideia é que estudantes surdos liderem as traduções, contando com o apoio de alunos ouvintes, que auxiliariam no suporte linguístico em português. Após a conclusão das traduções, planejamos aplicar o material

em escolas da cidade de Pelotas, testando sua eficácia no processo de alfabetização de crianças surdas. Este projeto busca não apenas promover o aprendizado em Libras, mas também explorar a interseção entre a literatura infantil e a educação bilíngue de surdos, contribuindo para práticas pedagógicas inclusivas e significativas.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Libras. pássaros

20.8. ADAPTAÇÕES LITERÁRIAS INFANTIS PARA COMUNIDADES SURDAS: DEBATES SOBRE LÍNGUAS, CULTURAS E LETRAMENTOS

João Paulo da Silva Nascimento

O presente trabalho investiga as adaptações literárias infantis destinadas às comunidades surdas, com foco em suas contribuições para os debates sobre línguas, culturas e práticas de letramento. Busca-se compreender como obras bilíngues (Língua Brasileira de Sinais - Libras e Português) e narrativas adaptadas em Libras promovem o acesso à literatura, o fortalecimento do letramento visual e bilíngue, e a valorização da identidade surda. O corpus é composto por livros bilíngues publicados por editoras brasileiras e vídeos literários em Libras, que apresentam narrativas originalmente infantis adaptadas para o público surdo. A análise fundamenta-se em teorias da linguística das línguas de sinais (QUADROS; KARNOPP, 2004), estudos de letramento (STREET, 2014; SOARES, 2018) e discussões sobre adaptação literária e cultural (HUTCHEON, 2013). Também considera-se o papel da literatura na construção de identidades culturais surdas (SKLIAR, 1999; SACKS, 2010). Os resultados preliminares indicam que essas produções não apenas tornam a literatura acessível às comunidades surdas, mas também promovem a valorização da Libras enquanto língua legítima e do olhar como elemento central das práticas de letramento. Nesse sentido, o trabalho destaca a relevância de iniciativas editoriais inclusivas como meio de ampliação das políticas culturais e educacionais voltadas à inclusão bilíngue. Assim, este estudo busca contribuir para a reflexão sobre a importância das adaptações literárias na promoção de uma educação e cultura bilíngue, inclusiva e transformadora.

Palavras-chave: Comunidades surdas. Adaptações literárias. Língua Brasileira de Sinais. Letramento bilíngue. Educação inclusiva

20.9. O LIVRO INFANTIL COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL ACESSIVEL: O EMPODERAMENTO DE CRIANÇAS SURDAS POR MEIO DO LETRAMENTO RACIAL

Sandro Portella

O presente trabelho tem por objetivo contextualizar a importância da disponibilidade de livros infantis acessíveis em Libras para estudantes surdos do Ensino Fundamental, destacando a relevância da inclusão e diversidade nesse contexto educacional. Será abordado o papel fundamental da Língua de Sinais Brasileira (Libras) como ferramenta de comunicação e aprendizado para estudantes surdos, percebendo esse aluno como centro de possibilidades educacionais bilingues (Portella,2018) ressaltando a importância de promover o protagonismo e a igualdade de oportunidades no ambiente escolar. Além disso, será apresentada a estrutura da prática pedagógica bilíngue no contexto de educação pública no município de Niterói, evidenciando a necessidade de fornecer ferramentas para a inclusão e capacitação dos estudantes, visando um impacto transformador na educação inclusiva e no protagonismo dos estudantes surdos. Esta pesquisa traz como resultado contribuições e comprovações aos dois extremos da realidade educacional brasileira inclusiva e educação bilíngue para surdos, sendo o discente surdos e o docente com formação e atuação bilíngue aos surdos e/ou em libras, de igual forma se apresenta como um

trabalho de caráter inovador por contemplar um nicho de pesquisa restrito e proporcionar um olhar didático pedagógico sobre a ótica das ciências, tecnologia e inclusão. Destacando em nosso pilar teóricos BNCC, 2018, QUADROS,2016, e também VYGOTSKY. L.S, 1984.
Palavras-chave: Surdez. Inclusão. Acessibilidade. Letramento racial. Arquitetura pedagógica

SIMPÓSIO 21

Leitura, leitor e multiletramentos - Questões para o ensino e a formação

Coordenador(es): Claudia Moura da Rocha (UERJ), Jefferson Evaristo do Nascimento Silva Alves (UERJ) e Fabio André Cardoso Coelho (UFF)

SESSÕES

Primeira Sessão: 30 de maio - 8h às 9h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
8h	Izandra Alves Patricia Wonglon Marques	O AVESSO DA PELE E A (COS) POSTURA ANTIRRACISTA NA ESCOLA
8h15	Giselly Lima de Moraes Eliana Kefalás Oliveira	MULTIMODALIDADE NA OBRA TRANSMÍDIA POEMAS DE BRINQUEDOS: A AMPLIAÇÃO DOS SENTIDOS ENTRE O IMPRESSO E O DIGITAL
8h30	Aline de Azevedo Gaignoux Mariana Morais e Oliveira Guilherme de Sousa Bezerra Gonçalves	O TEXTO TEATRAL NA SALA DE AULA
8h45	Bruno Rego Diniz Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira Daniel Alves Muniz	ENSINO DE GRAMÁTICA, ENSINO DE LITERATURA: CAMINHOS A PARTIR DO DEBATE RACIAL EM PRETINHA, EU?, DE JÚLIO EMÍLIO BRAZ
9h	Raphael Lourenço de Oliveira Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira Camila de Oliveira Correa Julia Guimarães dos Reis	CRIANÇAS NA ESCURIDÃO, DE JÚLIO EMÍLIO BRAZ E A PERTINÊNCIA DA TEMÁTICA DO ABANDONO INFANTIL PARA FOMENTAÇÃO DA ESCRITA
9h15	Debate	

Segunda Sessão: 30 de maio - 11h às 12h30 (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
11h	Sandra de Melo Silva	BIBLIODIVERSIDADE LITERÁRIA: AS POSSIBILIDADES DE INTERMEDIAR A LEITURA NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO
11h15	Ranya da Silva Souza Edcarla Corrêa do Nascimento Fabrícia Vellasquez Paiva Kaio da Silva Oliveira	CONSTRUINDO RESPEITO POR MEIO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS
11h30	Kelly Lima Catarina Moro	FORMAÇÃO E AUTOFORMAÇÃO EM LITERATURA INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A CONSTRUÇÃO DO EU E DO NÓS LEITORES
11h45	Leonardo José Freire Cabó Martins Mariely Silva Rosa de Lucena Karoline Araújo Pereira	A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO COM LEITURA LITERÁRIA COM CRIANÇAS EM COMUNIDADES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: LIMITES, RESISTÊNCIAS E NARRATIVAS EM TEMPOS DE TRANSIÇÃO ENTRE IDADES

12h	Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza	AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA REVISTA VIDA JUVENIL (1949-1959): UMA RELAÇÃO CONFLITUOSA
12h15	Debate	

Terceira Sessão: 30 de maio - 13h30 às 15h (horário de Brasília)		
	Comunicadores	**Título do Trabalho**
13h30	Caroline Valada Becker Julia Lanzarini Bitelo	UMA REFLEXÃO SOBRE A EDUCAÇÃO LITERÁRIA NA LICENCIATURA
13h45	Luiz Felipe de Araújo Pereira Ana Caroline de Almeida	QUALIDADE LITERÁRIA NA INFÂNCIA: UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE ACERVOS DE BIBLIOTECAS EM ESCOLAS DE DISTINTOS CONTEXTOS SOCIOECONÔMICOS DE SÃO JOÃO DEL REI
14h	Alessandra Garrido Sotero da Silva Sarah Emanuelle Domingues de Oliveira Pedro Arthur Araújo Santana Alana de Lima Araújo	AFETIVIDADE E AUTOCONHECIMENTO NAS RELAÇÕES EDUCACIONAIS PELA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL
14h15	Bernardo da Silva Vieira Ingrid Araujo da Silva Isabel Melo Iannarella Martins	QUADRINHOS COMO FERRAMENTA POLÍTICA
14h30	Bruno Silva de Oliveira	O PERFIL DE LEITURA DOS ALUNOS INGRESSANTES E DOS CONCLUINTES NOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS AO ENSINO MÉDIO DO IF GOIANO CAMPUS IPORÁ: UMA ANÁLISE COMPARATIVA
14h45	Debate	

RESUMOS

21.1. *O AVESSO DA PELE* E A (COS) POSTURA ANTIRRACISTA NA ESCOLA

Izandra Alves
Patricia Wonglon Marques

Por reconhecer a escola como importante espaço social, democrático e de acolhimento das diferenças, torna-se extremamente necessário o trabalho a partir das culturas silenciadas no decorrer dos tempos, especialmente da cultura negra. Nesse sentido, propomos a reflexão acerca de uma experiência de leitura e arte, numa perspectiva afrocentrada, a partir de percursos propositivos nas ações, projetos e abordagens antirracistas, no espaço escolar. A partir da leitura de O avesso da pele, de Jeferson Tenório, e da conversa com o grupo religioso de matriz africana que visitou a instituição escolar, os estudantes do ensino médio integrado, teceram um bordado que dialoga com a arte ancestral do fiar. A trama que fizeram no pano deixou à mostra a palavra que significa aquilo querem, metaforicamente, preservar em seu avesso. Esses vocábulos foram costuradas em uma veste transparente que abriga todos os bordados tecidos por cada adolescente participante. A experiência estética aliada à literatura uniu ensino, pesquisa e extensão na intenção de desconstruir o colonialismo enraizado em nossa sociedade e que reverbera em práticas

pedagógicas excludentes. Para além do cumprimento da lei brasileira 10.639/2003, modificada e ampliada pela 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, é urgente uma educação antirracista e emancipatória que dialogue com distintos componentes curriculares em prol de uma sociedade mais justa.

Palavras-chave: Literatura. Arte. Bordado. Afrocentrar

21.2. MULTIMODALIDADE NA OBRA TRANSMÍDIA *POEMAS DE BRINQUEDOS*: A AMPLIAÇÃO DOS SENTIDOS ENTRE O IMPRESSO E O DIGITAL

Giselly Lima de Moraes
Eliana Kefalás Oliveira

A tecnologia digital amplia a multimodalidade dos textos a partir do uso de tecnologias multimídia aplicadas a diversos processos comunicativos. No caso da literatura, as obras do tipo transmídia estabelecem relações entre as possibilidades semióticas proporcionadas por diferentes mídias com o propósito de contribuir para a experiência de leitura, expandindo-a. interessa-nos discutir como a ampliação dos recursos multimodais no meio digital pode iluminar a leitura do impresso, servindo de mediador na produção de sentidos, tendo em vista o leitor implícito forjado nos interstícios da obra Poemas de brinquedo, de Álvaro Garcia, em dois formatos. Analisamos tanto a versão impressa, que se constitui de poemas concretos, como a versão em vídeo, com quatro poemas digitais, com recursos de áudio e vídeo, buscando identificar as contribuições da ampliação da multimodalidade, como o som e a animação, para o enriquecimento das camadas de sentido dos poemas. Realizamos uma análise das relações intermodais e da performance vocal do poeta Ricardo Aleixo, a partir da noção de vocalidade poética de Paul Zumthor. Abordamos, para isso, a noção de jogo do texto de Iser com o propósito de analisar como a performance vocal de Aleixo aciona pontos de indeterminação dos poemas, apontando para diversas possibilidades de interpretação. Os resultados apontam para, ao menos, dois tipos de contribuição da multimodalidade presente na obra digital para a leitura dos poemas impressos, qual seja: o incremento dos recursos multimodais oferecem pistas interpretativas e, simultaneamente, multiplicam os pontos de indeterminação ampliando as camadas de sentidos na leitura.

Palavras-chave: Literatura transmídia. Multimodalidade. Vocalidade poética. Poesia. Leitura

21.3. O TEXTO TEATRAL NA SALA DE AULA

Aline de Azevedo Gaignoux
Mariana Morais e Oliveira
Guilherme de Sousa Bezerra Gonçalves

A escola é o ambiente natural em que os alunos mergulham no mundo das linguagens escritas, é o espaço onde devem ter contato com textos de gêneros variados. A leitura, nessa concepção, é um caminho para a real inserção na sociedade, e o texto literário é um dos principais aliados nessa conquista. A importância do trabalho com a literatura é ressaltada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, que orientam o ensino de literatura com base em práticas voltadas para o letramento literário dos alunos de modo a ampliar as competências mais significativas para as atividades sociais, interativas e de encantamento, envolvendo atividades de fala, escuta, leitura, escrita, análise. O ensino da leitura literária envolve o exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita: o estético. Nesse contexto, defendemos aqui a importância da leitura literária na escola, em especial nas aulas de língua materna. Acreditamos que a literatura não pode, em hipótese alguma, ficar fora da escola, ao contrário: deve ser parte intrínseca das atividades desenvolvidas em sala. Com base nessa visão, escolhemos o texto teatral, um dos gêneros literários do conteúdo programático do 9º ano do Colégio Pedro II, para ilustrar o trabalho

desenvolvido com a leitura literária em sala de aula. Nessa perspectiva, apresentaremos atividades realizadas em turmas de 9º ano do Ensino Fundamental II, evidenciando o estudo do gênero, bem como as práticas de leitura literária na escola.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Texto teatral. Ensino

21.4. ENSINO DE GRAMÁTICA, ENSINO DE LITERATURA: CAMINHOS A PARTIR DO DEBATE RACIAL EM *PRETINHA, EU?*, DE JÚLIO EMÍLIO BRAZ

Bruno Rego Diniz
Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira
Daniel Alves Muniz

A importante relação entre o ensino de gramática a partir da riqueza estilística do texto literário é caminho para o desenvolvimento de pesquisa para aquisição de metodologia interdisciplinar na Educação Básica. A partir desse recorte temático, no presente resumo, postulamos ressaltar a importância da relação entre ensino de Língua e ensino de Literatura tendo como objeto as classes de sintagmas no enredo de Pretinha, eu? (2018), de Júlio Emílio Braz. Esse texto é referência para o desenvolvimento do Letramento Racial e, por isso, fomenta trabalhos que se propõem ao ensino e à pesquisa, tendo em vista sua proposta temática. A descoberta racial de "Bel" que, a partir de vários dilemas, que surgem com a entrada de uma menina negra retinta, "Vânia", tem-se um enredo rico para o debate interdisciplinar. Ambientado num colégio tradicional, o "Harmonia" as questões que surgem com o desequilíbrio da ordem social/racial gerada com a entrada de uma aluna diferente das demais crianças suscita questões ocultas pelo racismo no ambiente da escola. A riqueza narrativa pressuposta pela escrita do autor ressalta a forma simples e direta no trato do tema para adolescentes e que, por essa razão, seus sentidos constituem importante campo de estudo gramatical para o ensino de Língua na Educação Básica, também se tornando um estímulo à criação de práticas pedagógicas que relacionem literatura, gramática e outras linguagens artísticas. Tendo em vista o cotejo entre Língua e Literatura, a comunicação se apoia em autores como Travaglia (1996), Candido (1998) e Azeredo (1990).

Palavras-chave: Letramento Racial. Ensino Interdisciplinar. Literatura. Infantil. Gramática Aplicada. Educação Básica

21.5. *CRIANÇAS NA ESCURIDÃO*, DE JÚLIO EMÍLIO BRAZ E A PERTINÊNCIA DA TEMÁTICA DO ABANDONO INFANTIL PARA FOMENTAÇÃO DA ESCRITA

Raphael Lourenço de Oliveira
Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira
Camila de Oliveira Correa
Julia Guimarães dos Reis

A escrita a partir do texto literário é objeto de estudo de uma metodologia que se apoia na diversidade de tipos e de gêneros para o letramento na sala de aula da Educação Básica. Dessa forma, objetivando evidenciar a pertinência do estudo do texto literário para fomentação da escrita na Educação Básica, a presente comunicação se debruça sobre aspectos narrativos do romance Crianças na escuridão (2018), de Júlio Emílio Braz. Esse texto trata da temática do abandono infantil, explorando as vivências de "Rolinha", uma menina de 6 anos, que é abandonada pela mãe e é acolhida por um grupo de crianças moradoras de rua. O livro é ganhador do prêmio "Austrian Children Book Award", na Alemanha e, por abordar tema pouco explorado na Literatura Brasileira e, também, na Literatura Infantil, torna-se título de urgência social nos debates sobre o desenvolvimento de metodologia de ensino para estudantes, sobretudo no segundo segmento do Ensino. A partir da riqueza temática do romance, a forma de tratar o tema pode ser um caminho para o incentivo à escrita, sobretudo, pela sensibilidade gerada nas situações vivenciadas pelas

personagens, assim como se torna um estímulo à criação de práticas pedagógicas que relacionem literatura, gramática e outras linguagens artísticas. Para dar conta desse trabalho de pesquisa, exploramos como referências teóricas os pressupostos de Antunes (2010), Marcuschi (2005) e Paulo Freire (2021).

Palavras-chave: Abandono Infantil. Escrita Criativa. Literatura Brasileira. Educação Básica. Metodologia Interdisciplinar

21.6. BIBLIODIVERSIDADE LITERÁRIA: AS POSSIBILIDADES DE INTERMEDIAR A LEITURA NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Sandra de Melo Silva

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a bibliodiversidade literária que está presente nos acervos das salas de leitura da Prefeitura de São Paulo. O propósito deste estudo é examinar questões fundamentais, com o intuito de compreender os princípios subjacentes à mediação de leitura na formação do leitor literário. As escolhas de livros nos acervos devem considerar os princípios da diversidade de gêneros, autores, linguagens estéticas e obras que irão formar o repertório do jovem leitor. A bibliodiversidade literária é um sistema de múltiplas vozes que nos incentiva a contemplar diferentes visões de mundo, cultivar e experimentar novas maneiras de compreender a sociedade contemporânea. Essa análise metodológica é fundamentada no fato de que o pertencimento identitário e as questões ideológicas são fundamentais para as aulas de literatura, uma vez que, ao ler e discutir o texto literário, é possível abordar temas raciais, sexuais e de gênero. Sendo assim, a mediação da leitura requer que o mediador esteja envolvido de forma intencional, sistemática e orientada por objetivos que levem à realização de atividades prazerosas de leitura. Assim sendo, a leitura literária é defendida como uma forma de interação entre a herança cultural e uma perspectiva crítica atual. Nossa base teórica é composta pelos estudos de Leyla Perrone-Moisés, Antonio Candido e Regina Zilberman sobre o ensino de literatura, bem como pelos de Stuart Hall e Boaventura Santos sobre identidade e cultura.

Palavras-chave: Bibliodiversidade literária. Mediação de leitura. Formação leitor literário

21.7. CONSTRUINDO RESPEITO POR MEIO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Ranya da Silva Souza
Edcarla Corrêa do Nascimento
Fabrícia Vellasquez Paiva
Kaio da Silva Oliveira

Este trabalho faz parte do Projeto de Extensão “Narrativas sociais em outras histórias e novas memórias” da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, no qual estagiários de Serviço Social utilizam a contação de histórias infantojuvenis para promover arte, cultura e reflexão sobre questões sociais, como violência, gênero e sexualidade. Em 2024, as atividades foram realizadas com adolescentes do 1º ano do ensino médio da Escola Estadual Presidente Dutra, em Seropédica/RJ. A prática da contação de histórias foi abordada como uma ação estética e artística, conforme destaca Sisto (2001), que defende a interação ativa entre o contador e o espectador na construção das imagens narrativas. Essa abordagem não apenas estimula a imaginação, mas também fortalece a empatia e promove um ambiente de respeito e inclusão. Observamos que, ao longo do projeto, os alunos passaram a se expressar com mais abertura, sem o receio de julgamentos, e desenvolveram um maior senso de coletividade. As reflexões, antes voltadas para o individualismo, passaram a envolver mais a troca respeitosa de perspectivas. A experiência evidenciou que a contação de histórias é uma poderosa ferramenta no contexto escolar, contribuindo para a construção de uma convivência mais inclusiva e acolhedora. Ao integrar valores de respeito, empatia e colaboração, a

prática favorece o desenvolvimento social dos adolescentes, criando um ambiente mais saudável e propício para o aprendizado e crescimento pessoal.

Palavras-chave: Respeito. Inclusão. Contação de Histórias. Adolescente. Serviço Social

21.8. FORMAÇÃO E AUTOFORMAÇÃO EM LITERATURA INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A CONSTRUÇÃO DO EU E DO NÓS LEITORES

Kelly Lima
Catarina Moro

A formação de leitores/as é um processo contínuo e de extrema importância, tanto pela conexão inerente entre as práticas sociais e a cultura do escrito quanto pelo potencial da literatura de oferecer outros mundos e possibilidades a quem lê, refletindo diferentes maneiras de ser e estar no mundo. Ao longo desse processo, as/os docentes têm papel determinante na construção de relações significativas entre leitores/as e textos por meio de práticas, mediações e curadoria de repertório literário. Nesse sentido, nos propomos a analisar como a formação docente no curso pedagogia pode e deve ser enriquecida pela formação em literatura infantil, considerando a atuação preponderante desses/as profissionais na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, trazemos nosso relato de experiência enquanto estudantes comprometidas com a formação de leitores/as, tanto a de nossos/as futuros/as estudantes quanto a nossa própria, compartilhando reflexões relacionadas a nossa autoformação, mas também à participação em um grupo de estudos em modalidade de extensão que, ao longo de 2024, leu e discutiu obras relacionadas às temáticas da literatura infantil, formação de leitores e cultura do escrito, contemplando autoras como Cecilia Bajour, Maria Emília Lopez e Yolanda Reyes. O impacto das vivências nesse grupo em nossa compreensão a respeito da literatura infantil, suas características, funções sociais e potencial humanizador, demonstra a relevância de práticas formativas simultaneamente à formação inicial obrigatória (nosso curso, por exemplo, contempla o tema somente em disciplina optativa), particularmente quando realizadas no coletivo, com a troca intencional e sensível de experiências.

21.9. A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO COM LEITURA LITERÁRIA COM CRIANÇAS EM COMUNIDADES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: LIMITES, RESISTÊNCIAS E NARRATIVAS EM TEMPOS DE TRANSIÇÃO ENTRE IDADES

Leonardo José Freire Cabó Martins
Mariely Silva Rosa de Lucena
Karoline Araújo Pereira

A proposta de comunicação ora apresentada tem como objetivo discutir o trabalho com leitura literária na transição da Educação Pré-Escolar e dos anos iniciais do Ensino Fundamental em Instituições Educativas situadas em espaços de vulnerabilidade social da cidade de Floriano – PI/Brasil a partir de um relato de experiências. Os registros e a documentação das experiências e vivências realizadas com crianças e professoras junto ao Projeto Leitura Literária na Escola de Educação Infantil, do PIBID, Área de Pedagogia, biênio 2022-2024, Campus Amílcar Ferreira Sobral (CAFS)/Universidade Federal do Piauí (UFPI) evidenciam o modo como têm sido estruturado o trabalho leitura literária, bem como os limites impostos cotidianamente a qualidade das ações oferecidas as crianças. Ao analisarmos os acervos disponíveis nas Escolas-campo de atuação do PIBID, observamos que além da pouca oferta, a baixa qualidade literária e gráfico-editorial dos textos, a adequação dos temas, gênero literário e linguagem não atendem, ou atendem parcialmente, os critérios de qualidade a serem observados na escolha dos livros (Baptista, Petrovitch & Amaral). Soma-se a isso as dificuldades de materiais e outros recursos que permitam ampliar as oportunidades oferecidas as crianças, seja quanto ao acesso a livros de qualidade, seja no que se refere aos espaços onde são realizadas atividades de mediação e leitura literária. O trabalho realizadas nas Instituições centra-se, na Educação Pré-

Escolar, em atividades que antecipam ações próprias do processo de alfabetização. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, elas são organizadas em torno de tarefas mecânicas e descontextualizadas da vida e do cotidiano das crianças.

Palavras-chave: Leitura Literária. Mediação. Educação Infantil

21.10. AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA REVISTA *VIDA JUVENIL* (1949-1959): UMA RELAÇÃO CONFLITUOSA

Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza

O estudo deriva da tese de doutoramento da autora, em conclusão, que evidenciou aspectos concernentes à revista Vida Juvenil. Trata-se de periódico voltado para o público entre cerca de 12 e 18 anos, de ambos os sexos, cuja circulação se deu entre os anos de 1949 e 1959, em território nacional, sob responsabilidade da Sociedade Gráfica Vida Doméstica, sediada no Distrito Federal, à época. Na revista, via-se circular seções diversas, em especial, as de cunho educativo, instrutivo, moralizante e de aconselhamento profissional. Uma das principais maneiras de Vida Juvenil buscar entreter e divertir seu público era através das Histórias em Quadrinhos (HQs), que estavam em alta, no período (Lima, 2022). Contudo, nem todas as HQs pareciam ser consideradas adequadas ao público jovem, segundo o corpo editorial do periódico. Para tanto, podia-se identificar discursos em prol de determinados conteúdos veiculados nas historinhas, em detrimento de outras. Este trabalho visa, portanto, jogar luz na relação conflituosa observável em Vida Juvenil no que concernia à divulgação de HQs e seu consumo pelo jovem em formação, ao longo do ciclo de vida da revista. No que tange à metodologia, o acesso ao periódico em análise se deu através da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional. De maneira específica às Histórias em Quadrinhos, o arcabouço teórico é composto pelos estudos de Gonçalo Junior (2004), Rosa (2002), Vergueiro e Santos (2008), Souza (2019) e Lima (2022).

Palavras-chave: Revista Vida Juvenil. Histórias em Quadrinhos. Discursos

21.11. A LITERATURA INFANTOJUVENIL NO CURRÍCULO DA LETRAS UFRGS: UMA REFLEXÃO SOBRE A EDUCAÇÃO LITERÁRIA NA LICENCIATURA

Caroline Valada Becker
Julia Lanzarini Bitelo

Este trabalho busca refletir sobre o lugar da literatura infantojuvenil no currículo da licenciatura em Letras, especificamente ofertada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Essa abordagem de análise é pertinente uma vez que, na educação básica, enquanto docentes de Língua Portuguesa e Literatura, somos responsáveis por promover uma educação literária. Em outras palavras, o objetivo deste trabalho é examinar a inclusão e/ou a exclusão dessa produção literária específica (adjetividade, como sugere Andruetto) na licenciatura em Letras e, ainda, discutir suas possíveis implicações na formação dos/das graduandos/as. Nesse sentido, observa-se que a literatura infantojuvenil, ao proporcionar um primeiro contato com o universo literário, configura-se como uma experiência fundamental para a formação do leitor crítico – em especial no espaço escolar – e, assim, torna-se campo (artístico, teórico, reflexivo) indispensável para a formação docente. Essa produção literária adjetivada (Andruetto, 2012) e, por vezes, marginalizada, permite ao docente lidar com a diversidade literária e criar ambientes escolarizados que estimulam a experiência estética, possibilitando, ainda, o reencantamento da realidade escolar (Cf. Petit, 2024). O Projeto Pedagógico do curso indica a escassez da literatura infantojuvenil no atual currículo do curso de Letras – licenciatura, datado de 2004. Consequentemente, torna-se evidente a necessidade de repensar o currículo vigente, a fim de ressignificar a formação dos/as futuros/as docentes e valorizar práticas pedagógicas que considerem a pluralidade literária e as infâncias e juventudes que habitam as salas de aula da educação básica.

Palavras-chave: educação literária. literatura infantojuvenil. currículo. Letras UFRGS

21.12. QUALIDADE LITERÁRIA NA INFÂNCIA: UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE ACERVOS DE BIBLIOTECAS EM ESCOLAS DE DISTINTOS CONTEXTOS SOCIOECONÔMICOS DE SÃO JOÃO DEL REI

Luiz Felipe de Araújo Pereira
Ana Caroline de Almeida

Este texto aborda uma pesquisa em andamento que trata da qualidade literária dos acervos de literatura infantil em bibliotecas de três escolas públicas estaduais em São João Del Rei, Minas Gerais, situadas em diferentes bairros e contextos socioeconômicos. Motivada por observações realizadas durante o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) 2022-2024, a pesquisa busca compreender como a literatura disponível pode contribuir para enriquecer a experiência estética das crianças com a literatura, bem como identificar possíveis disparidades entre os acervos. Fundamentado em autores como Solé (1998), Amaral, et al. (2021) e Corsino (2015), o trabalho discute a importância de oferecer uma ampla variedade de gêneros literários, que abordam diferentes temas e perspectivas, para que as crianças tenham acesso a diversas formas de expressão literária. Metodologicamente, a pesquisa envolve visitas às bibliotecas das escolas, catalogação das obras e análise baseada em critérios pré-estabelecidos. Os livros são classificados em duas categorias: livros de qualidade e de qualidade comprometida. A pesquisa parte ainda da premissa de que, embora a literatura infantil brasileira tenha avançado qualitativamente, persistem ainda nos acervos escolares livros com textos simplórios, ilustrações estereotipadas e limitada diversidade cultural e temática, como apontam análises preliminares num dos acervos analisados, que identificou ao total 1125 livros considerados de boa qualidade, 1248 obras cuja qualidade literária estava comprometida. Entre os livros de boa qualidade, aproximadamente 725 foram enviados pelo PNLD e PNBE.

Palavras-chave: Literatura infantil. Qualidade literária. Acervos escolares

21.13. AFETIVIDADE E AUTOCONHECIMENTO NAS RELAÇÕES EDUCACIONAIS PELA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Alessandra Garrido Sotero da Silva
Sarah Emanuelle Domingues de Oliveira
Pedro Arthur Araújo Santana
Alana de Lima Araújo

Urge apreender a educação como um ato revolucionário, que se dá nas relações e é capaz de transformar o homem e, consequentemente, o ambiente em que se vive. O Laboratório de Autoconhecimento e Linguagens do Colégio Pedro II – Campus Realengo II – surge a fim de proporcionar uma autorreflexão nos diferentes agentes das práticas educativas e sugerir novos caminhos para um fazer pedagógico, no qual sejam valorizados: o autoconhecimento, o afeto, a autonomia, as linguagens artísticas, as relações e o ser humano integral. Nessa perspectiva, a literatura infantil e juvenil, enquanto arte, pode levar o indivíduo, caso este se permita ser afetado e seja realmente "fisgado" pela fruição literária, um processo de mergulho interior e, consequentemente, autoencontro e auto-observação, estendendo-se às trocas sociais e propiciando também a inter-relação e a ampliação do acervo cultural de cada pessoa. Com base principalmente em Paulo Freire e Nise da Silveira, foram desenvolvidas experiências de leituras com o livro Nisinha, de João Correia Filho, para crianças da Educação Infantil do Colégio Pedro II por estudantes do Ensino Médio da iniciação científica júnior, na 1ª Feira Literária de Realengo. A literatura infantil permitiu levar às crianças na linguagem da fantasia a vivência afetiva da grande psiquiatra, que revolucionou o lidar e suas interpretações para além da área em que atuava. A intermediação criada pelos pesquisadores foi fundamental para que eles se permitissem também se afetar, em busca de pontes dialógicas de saberes em momentos de entrega ao imaginário para se repensar e se autoconhecer.

Palavras-chave: LAL. afetividade. autoconhecimento. Nise da Silveira. arte

21.14. QUADRINHOS COMO FERRAMENTA POLÍTICA

Bernardo da Silva Vieira
Ingrid Araujo da Silva
Isabel Melo Iannarella Martins

O presente artigo pretende propor uma reflexão sobre o uso das histórias em quadrinhos como meio de estudo e reflexão sobre a história de grupos sociais invisibilizados dentro de seus contextos políticos e sociais. Para isso apresentaremos a produção do Laboratório de Narrativas Gráficas do Departamento de Arquitetura e Urbanismo do Campus UERJ/Petrópolis, que tem sua pesquisa voltada para o potencial das histórias em quadrinhos como possibilidade de fusão entre as narrativas humanas e o território habitado. Ao longo de dois anos de existência, criamos uma série de histórias em quadrinhos que buscou tornar acessível à população as narrativas que fazem parte de sua herança cultural e afetiva. A nossa produção visa potencializar o registro gráfico como elemento de transformação e comunicação de ideias e histórias que promovam uma reflexão dos fatos históricos narrados. Segundo Juhani Pallasmaa o "dever da educação é cultivar e oferecer suporte às habilidades humanas da imaginação e empatia, mas os valores prevalecentes da cultura atual tendem a desencorajar a fantasia, suprimir os sentidos e petrificar os limites entre o mundo e a identidade pessoal" (PALLASMAA,2013). Com isso esperamos estabelecer um processo dialético da construção do conhecimento, mediado pela arte dos quadrinhos, através de uma reflexão-na-ação, onde o autor ao mesmo tempo cria e se recria no processo (SCHÖN,2003).

Palavras-chave: quadrinhos. movimentos políticos. história de Petrópolis. arquitetura.literartura

21.15. O PERFIL DE LEITURA DOS ALUNOS INGRESSANTES E DOS CONCLUINTES NOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS AO ENSINO MÉDIO DO IF GOIANO CAMPUS IPORÁ: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Bruno Silva de Oliveira

Atualmente, a formação de leitores é um desafio significativo para os docente, considerando que, conforme aponta o projeto Retratos de Leitura, "quase 50% dos brasileiros, desde 2007, não são leitores". Para que esse quadro seja modificado, é fundamental compreender que a leitura não é uma habilidade inata, mas sim um processo contínuo de desenvolvimento, no qual os indivíduos se tornam leitores ao longo de sua vida, por meio do contato constante com textos e obras literárias. Desse modo, a escola desempenha um papel crucial como um dos espaços de mediação e incentivo à leitura. E, para fazer ações pedagógicas que atinjam o objetivo de fomentar o hábito de leitura, é basilar que se conheça os alunos, que são o público-alvo, suas origens, suas preferências literárias e a frequência com que leem, a fim de (re)pensar as práticas de leitura no ambiente escolar. Visando conhecer o perfil e os hábitos de leitura dos alunos ingressantes e concluintes nos cursos técnicos integrados ao ensino médio do IF Goiano Campus Iporá para fomentar ações transformadoras das práticas de leitura, aplicou-se um questionário composto por 18 (dezoito) questões objetivas para os ingressantes e de 26 para os concluintes. E a partir dos dados coletados pelos questionários, realizar uma análise comparativa para observar se há diferenças nos perfis e nos hábitos de leitura desses dois públicos. Utilizaremos como referencial teórico os textos de Azevedo & Balça (2016), Cosson (2014; 2020), Failla (2021) e Petit (2010, 2013, 2019).

Palavras-chave: Leitura. Ensino Médio. Cursos Técnicos Integrados

II CILIJ / III ENLIJ

II Congresso Internacional de Literatura Infantil/Juvenil
III Encontro Nacional de Literatura Infantil/Juvenil

"Complexidades Contemporâneas"

A obra reúne a programação do III Encontro Nacional de Literatura Infantil/Juvenil – III ENLIJ – e II Congresso Internacional de Literatura Infantil/Juvenil – II CILIJ -, que tem por tema complexidades contemporâneas. Apresenta a relação de conferências e mesas-redondas, bem como a organização de sessões que caracterizam os simpósios. O livro reúne ainda os resumos de cada simpósio, evidenciando reflexões variadas sobre textos teóricos e ficcionais, teorias e práticas, bem como possíveis relações intertextuais e revisionistas travadas entre tempos e espaços, tendo, como foco norteador, a literatura potencialmente destinada a crianças e jovens.

NELIJ-UERJ
Núcleo de Estudos em Literatura Infantojuvenil da UERJ